

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

**TRANSPONDO MUROS
SOCIOCULTURAIS: RELAÇÕES DE
GÊNERO E EMPODERAMENTO DE
MULHERES NO *PARKOUR***

Maringá
2018

ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

**TRANSPONDO MUROS
SOCIOCULTURAIS: RELAÇÕES DE
GÊNERO E EMPODERAMENTO DE
MULHERES NO *PARKOUR***

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós
Graduação Associado em Educação
Física – UEM/UEL, para obtenção do
título de Mestra em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel

**Maringá
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

Fernandes, Alessandra Vieira
F363t Transpondo muros socioculturais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no Parkour / Alessandra Vieira Fernandes. -- Maringá, 2018.
254 f. : il., figs., fotos., quadros.

Orientador(a): Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2018.

1. Gênero. 2. Mulher. 3. Empoderamento. 4. Atividade de aventura. I. Pimentel, Giuliano Gomes de Assis, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. III. Título.

CDD 21.ed. 796.08

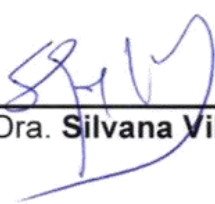
AHS-CRB-9/1065

ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

**TRANSPONDO MUROS
SOCIOCULTURAIS: RELAÇÕES DE
GÊNERO E EMPODERAMENTO DE
MULHERES NO *PARKOUR***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 01 de março de 2018.



Profa. Dra. **Silvana Vilodre Goellner**



Profa. Dra. **Larissa Michelle Lara**



Prof. Dr. **Giuliano Gomes de Assis Pimentel**
(Orientador)

Dedicatória

A todos/as aqueles/as que transpõem barreiras sociais para
afirmarem sua identidade e/ou fazerem o que amam;

Ao *parkour* que tanto tem ensinado a *tracers* e *traceuses*, sobre
a vida, as relações, os valores e as superações físicas e
mentais;

Ao público LGBTQ+ que, nessa jornada, ampliou meu olhar
para as desconstruções e as subjetividades.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus pela força e coragem para concretizar essa trajetória. Aos meus anjos guardiões e amigos espíritos pela inspiração, proteção e boas energias.

Ao meu orientador, Giuliano Pimentel, pela oportunidade de ser sua orientanda, pelos desafios propostos, pelos ensinamentos, pela autonomia e confiança para atuar nesse processo e pelas contribuições para minha carreira acadêmica.

À painho e mainha por todo suporte, dedicação, amor e educação que me proporcionaram ao longo da vida; tudo “por” e “para” vocês. Ao meu irmão, Anderson, por me inspirar a cada dia com seu crescimento subjetivo, interpessoal e profissional.

À minha irmã gêmea de “alma”, Yorrana, pelo carinho, apoio, presença, empatia, paciência em me ajudar e, principalmente, por ser uma âncora na minha vida.

Às minhas primas-irmãs, companheiras de lutas e conquistas, Dayalla, Lígia e Nathália, por compartilharem momentos de alegria e conhecimento e, sempre, mostrarem-se tão solícitas.

Às/aos minhas avós, meus avós, tios, tias, primos e primas pelo apreço e suporte.

Agradeço às parceiras de caminhada acadêmica e amigas, Silvana e Luana, por todo acolhimento, auxílio, afetividade e por me ensinarem a contornar as adversidades nessa jornada. À Giovanna pela grande parceria acadêmica e toda assistência.

À minha família *Parkour* Campina Grande/PB pela receptividade, reconhecimento, carinho, ensinamentos durante tantos anos e por contribuírem para essa jornada.

Aos grupos *Parkour Wings*, *Parkour Salvador*, *Parkour Recife* e *Parkour Amargosa* por acolherem minha pesquisa e permitirem minha inserção em seu campo de relações.

Aos/as meus/minhas amigos/as proporcionados pelo *ballet*, Andrea, Mariana, Raphael e Tatiellen. Agradeço pelos momentos de diversão, de apoio, de enfrentamentos, de superações e por se tornarem um dos melhores presentes que recebi nessa cidade.

Às minhas orientadoras da graduação, Flávia Moura e Lilian Galvão, que tanto me inspiram e contribuíram para minha formação. À minha parceira de profissão e grande amiga, Edna, pelas partilhas de conhecimento e crescimento.

Aos/às que me acolheram em seus espaços e fomentaram minha paixão pela dança, Daisa, André, Ramon e Rudy.

Às professoras, Silvana Goellner e Larissa Lara, por participarem das minhas bancas de avaliação e contribuírem, de forma valiosa, para essa pesquisa.

À todos/as do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

À todos/as que me acolheram na cidade de Maringá/PR.

Por fim, a todos/as que contribuíram, de forma direta ou indireta, para que eu concluísse mais um ciclo na minha trajetória acadêmica e existencial.

*We teach girls to shrink themselves
To make themselves smaller
We say to girls
"You can have ambition
But not too much
You should aim to be successful
But not too successful
Otherwise you will threaten the man"
Because I am female
I am expected to aspire to marriage
I am expected to make my life choices (...)
We raise girls to each other as competitors
Not for jobs or for accomplishments
Which I think can be a good thing
But for the attention of men
We teach girls that they cannot be sexual beings
In the way that boys are (...)*

(Flawless – Beyoncé, Terius Nash, Chauncey Hollis e Rey Reel)

FERNANDES, Alessandra Vieira. **Transpondo Muros Socioculturais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no *parkour***. 2018. 254f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

RESUMO

Parkour é uma modalidade de aventura comumente praticada em meio urbano e compreende movimentações e percursos para deslocamento e transposição de obstáculos. Essa prática apresenta o predomínio de homens e a ênfase do capital simbólico associado a masculinidade. Tais características possivelmente justificam a ínfima participação das mulheres nessa modalidade, o que nos permitiu atentar para a organização e construção de espaços “de” e “para” mulheres no *parkour* (grupos de treinos direcionados e eventos para a mulher no *parkour*). Esse cenário pode atrelar-se às relações de gênero vivenciadas nos grupos e, assim, representaram potenciais para o empoderamento das mulheres nessa prática. Para perscrutar esse contexto, analisamos as relações de gênero e as estratégias de empoderamento utilizadas pelas mulheres no *parkour*. Destarte, verificamos a inserção/trajetória dos/as praticantes na modalidade; as representações da participação da mulher; os fatores de motivação e desmotivação a essa participação; e, as percepções e o contexto de desenvolvimento dos treinos direcionados. A coleta foi efetivada nos espaços de treinos de três grupos da modalidade a partir de entrevista e observação participante. Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo e *software* IRaMuTeQ. As evidências empíricas revelaram que o *parkour* efetiva uma releitura do investimento viril nas atividades de aventura. A dominação “dos” e “nos” espaços de treinos pelos homens e o conjunto de elementos comportamentais e sociais atribuídos a eles, contribuíram para a representação do *parkour* como uma “prática masculina” que afetou, sobretudo, a visibilidade das mulheres praticantes e a adesão delas. A pouca exploração do espaço pelas meninas e as diferenças de tempo de treino/experiência atestaram o “espaço” e o “tempo” como categorias generificadas, as quais reforçaram as desigualdades de gênero. A participação das mulheres no *parkour* foi associada a concepções estereotipadas e a inferioridade técnica que, por sua vez, produziram atitudes de exclusão e discriminação. Logo, denotamos a posição do homem como referente “do” e “para” o desempenho e o saber no *parkour*. Em contrapartida, essa participação (da mulher) representou uma transgressão às perspectivas dominantes de gênero e uma ameaça a legitimidade dos homens nesse campo, uma vez que essa prática, diante de seu caráter (parcialmente) antidisciplinar, viabiliza o exercício da “liberdade” e, assim, oportuniza a “resistência” delas. Portanto, além da dominação dos homens, constatamos o par dialético das relações de poder a partir dos movimentos de enfrentamento produzidos pelas praticantes, os quais corresponderam aos grupos de treinos direcionados. Tais grupos configuraram-se como estratégias de resistência, visibilidade e empoderamento delas. Ademais, eles desencadearam outras relações de força entre os/as praticantes por modificarem um estado de dominação. Diante disso, percebemos o *parkour* como uma prática/cuidado de si, pois diante das relações de gênero, as praticantes transformam a si, as normas e criam novos espaços, produzindo formas particulares de pensar a “mulher” e o “corpo”. Assim, a modalidade investigada mostrou-se expressiva para transformar concepções

hegemônicas de gênero e redefinir um espaço propício ao empoderamento das mulheres e à equidade de gênero das práticas sociais.

Palavras-chave: Gênero; Mulher; Empoderamento; Atividades de Aventura.

FERNANDES, Alessandra Vieira. **Transposing Socio-cultural Walls: Gender Relations and Women's Empowerment in Parkour**. 2018. 254f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

ABSTRACT

Parkour is an adventure activity commonly practiced in urban environments and comprises movements and routes for displacement and transposition of obstacles. This practice presents the predominance of men and the emphasis of symbolic capital associated with masculinity. These characteristics possibly justify the small participation of women in this practice, which allowed us to attend to the organization and construction of spaces "from" and "to" women in parkour (groups of targeted training and events for women in parkour). This scenario can be linked to the gender relations experienced in the groups and, thus, represented potential for the empowerment of women in this practice. To examine this context, we analyze the gender relations and the empowerment strategies used by women in parkour. Thus, we verify the insertion / trajectory of the practitioners in the modality; representations of women's participation; the factors of motivation and demotivation to this participation; and the perceptions and development context of the targeted training. The collection was carried out in the training spaces of three groups of the modality based on interview and participant observation. The data were treated by Content Analysis and IRaMuTeQ software. Empirical evidence has revealed that parkour effectively re-read the virile investment in adventure activities. The domination of "the" and "in" training spaces by men and the set of behavioral and social elements attributed to them contributed to the representation of parkour as a "male practice" that affected, above all, the visibility of women practitioners and their adherence. Little exploitation of space by girls and differences in training / experience time attest to "space" and "time" as generalized categories, which have reinforced gender inequalities. The participation of women in parkour was associated with stereotyped conceptions and technical inferiority, which in turn produced attitudes of exclusion and discrimination. Therefore, we denote the position of man as a reference "of" and "for" performance and knowledge in parkour. On the other hand, this participation (of the woman) represented a transgression of the dominant gender perspectives and a threat to the legitimacy of men in this field, since this practice, in view of its (partially) antidisciplinary character, enables the exercise of "freedom" and, thus, it facilitates their "resistance". Therefore, in addition to the domination of men, we observe the dialectical pairing of power relations from the coping movements produced by the practitioners, which correspond to the targeted training groups. These groups were configured as strategies of resistance, visibility and empowerment. In addition, they triggered other relationships of strength among practitioners for modifying a state of domination. Faced with this, we perceive parkour as a practice/self-care because, faced with gender relations, practitioners transform themselves, norms and create new spaces, producing particular ways of thinking "woman" and "body". Thus, the modality investigated is expressive to transform hegemonic conceptions of gender

and to redefine a space conducive to the empowerment of women and to the gender equity of social practices.

Keywords: Gender; Women; Empowerment; Adventure Activities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Movimentos ou vaults do parkour.....	26
Figura 2 -	Análise de similitude dos corpus textuais das entrevistas com <i>tracers</i>	50
Figura 3 -	Nuvem de palavras dos corpus textuais das entrevistas com <i>tracers</i>	51
Figura 4 -	Análise de similitude dos corpus textuais das entrevistas com <i>traceuses</i>	52
Figura 5 -	Nuvem de palavras dos corpus textuais das entrevistas com <i>traceuses</i>	53
Figura 6 -	Representações sobre a inserção no <i>parkour</i> e as mudanças proporcionadas pela prática.....	66
Figura 7 -	Academia <i>Action Parkour</i> em São Paulo.....	70
Figura 8 -	Grupo <i>Parkour Wings</i> em alongamento e aquecimento no treino geral.....	72
Figura 9 -	Distribuição de praticantes em diferentes pontos do ginásio para treino de movimentação do <i>parkour</i>	74
Figura 10 -	Praticantes treinando giros nos colchões.....	74
Figura 11 -	Traceuses conversando antes de executar <i>monkey</i> e <i>lazy</i> nos plintos.....	76
Figura 12 -	Pico da Jaqueira em Amargosa (Bahia).....	80
Figura 13 -	Grafite no muro do Pico da Jaqueira.....	80
Figura 14 -	Praticantes usando sprays nos pneus do Pico da Jaqueira.....	81
Figura 15 -	<i>Traceuses</i> reunidas em um espaço do Pico da Jaqueira.....	82
Figura 16 -	<i>Traceuse</i> realizando percurso do <i>Game Alive</i>	83
Figura 17 -	Docente registrando a pontuação e o tempo do <i>Game Alive</i> no computador.....	83
Figura 18 -	<i>Tracers</i> do <i>Parkour Recife</i> realizando alongamento no Parque da Jaqueira.....	87
Figura 19 -	Praticantes treinando <i>monkey</i> e precisão no Parque da Jaqueira..	88
Figura 20 -	<i>Traceuse</i> e <i>tracers</i> treinando precisão no Parque da Jaqueira.....	88
Figura 21 -	Praticantes treinando diferentes movimentações no Parque da Jaqueira.....	89
Figura 22 -	Praticante executando <i>monkey</i> enquanto outros <i>tracers</i> esperam.....	90
Figura 23 -	<i>Traceuses</i> realizando precisão no Parque da Jaqueira.....	90
Figura 24 -	<i>Traceuse</i> executando o climb na barra.....	91

Figura 25 - <i>Traceuse</i> tentando uma precisão, enquanto outras praticantes e um tracer auxiliavam-na.....	109
Figura 26 - <i>Tracers</i> treinando no Pico da Jaqueira.....	117
Figura 27 - <i>Traceuses</i> executando movimentos com a presença e auxílio de tracers.....	154
Figura 28 - Página aberta no <i>Facebook</i> do Treino Para Mulheres.....	184
Figura 29 - Datas e locais do Treino Para Mulheres.....	184
Figura 30 - Página do blog Elas no <i>Parkour</i>	202
Figura 31 - Página do Projeto Elas no <i>Parkour</i> no Instagram.....	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos sujeitos entrevistados.....	31
Quadro 2 - Fases e estratégias da Análise de Conteúdo Temática.....	36
Quadro 3 - Unidades de Registro manifestas pelos grupos de praticantes.....	97
Quadro 4 - Dimensões e Categorias de Análise dos Conteúdos.....	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PE	Pernambuco
BA	Bahia
TPM	Treino Para Mulheres
DF	Distrito Federal
CE	Ceará
COPEP	Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
UEM	Universidade Estadual de Maringá
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
M	Média
N	Número
F	Frequência
SE	Sergipe
RJ	Rio de Janeiro
MEDS	Método de Explicitação do Discurso Subjacente
EFPK	Encontro Feminino de <i>Parkour</i>
IRaMuTeQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
UR	Unidade de registo
UC	Unidade de contexto
PR	Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
2 GÊNERO, CORPO E EMPODERAMENTO DE MULHERES	10
3 DESVELANDO O <i>PARKOUR</i>: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS	23
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	30
4.1 Sujeitos do estudo.....	30
4.2 Instrumento de coleta de dados	33
4.3 Procedimento de coleta de dados.....	34
4.4 Análise dos dados.....	34
5 NARRATIVAS SOBRE AS TRAJETÓRIAS NO <i>PARKOUR</i>	39
6 NOS PICOS, O QUE ACONTECE? A GENTE SALTA, TRANSPÕE E OBSERVA	69
6.1 <i>Parkour Wings</i> (Maringá-Paraná).....	71
6.2 VIII Encontro Feminino de <i>Parkour</i> (Amargosa-Bahia).....	78
6.3 <i>Parkour Recife</i> (Recife-Pernambuco).....	85
7 “ELA NÃO É FRACA, ELA PODE ESTAR FRACA (...) ELA VAI FICAR FORTE!”: O CENÁRIO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E VIVÊNCIAS DA MULHER NO <i>PARKOUR</i>	96
7.1 Organização do sistema de categorização da Análise de Conteúdo Temática.....	96
7.2 <i>Parkour</i> como um mundo social masculino.....	100
7.3 Construções sociais sobre a mulher.....	128
7.4 Motivação, superação e reconhecimento de <i>tracers</i>	141
7.5 Relações de poder entre <i>tracers</i> e <i>traceuses</i>	146
8 ENTRE <i>TRACEUSES</i> E <i>TRACERS</i>: ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO, VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA	179

8.1 O caso do Treino Para Mulheres – TPM.....	183
8.2 O caso do Projeto Elas no <i>Parkour</i>	200
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	219
REFERÊNCIAS.....	229
APÊNDICES.....	250

1 INTRODUÇÃO

“Transpondo muros sociais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no *parkour*” é um estudo sobre interações e grupos atravessados por relações de força, de saberes, de resistências que, por sua vez, ousa revelar como se estrutura o campo de relações no *parkour* e contribuir para as “categorias” que amplamente têm sido discutidas (ou silenciadas) na pós-modernidade, a saber, “gênero” e “empoderamento”.

Considerando as palavras de Araújo (2015, p. 15): “a definição de um objeto de pesquisa não está desvinculada da história daquele que se propõe a ele estudar, a ele compreender e, de certa forma, compreender-se um pouco mais nesse processo investigativo”. Portanto, a escolha por esse objeto de estudo atravessa meu cotidiano, minha história e minhas memórias.

O interesse em estudar “gênero” me acompanha desde o primeiro período do curso de Psicologia, momento em que, por dois anos participei de um projeto de extensão sobre violência contra a mulher. Frente aos relatos doloridos, as lágrimas e a situação de submissão de muitas mulheres, percebi que estudar gênero estava para além de uma obrigação de estudante, mas se estruturava como um dever enquanto sujeito cidadã e mulher.

Pela condição de estudante e pesquisadora me inseri, também, no campo da atividade de aventura “*parkour*”¹. Meu primeiro contato foi por meio de amigos em comum com os praticantes, pela televisão e alguns treinos sem compromisso e sem compreender o que estava fazendo. Três anos depois, minha “verdadeira” inserção se deu por intermédio de uma pesquisa sobre medo e enfrentamentos na perspectiva dos/as praticantes de *parkour*. Pelos discursos dos praticantes a quem entrevistei, surgiu a curiosidade de experimentar o que eles verbalizaram em relação à sensação de liberdade, à mudança de percepção do espaço e ao sentimento de superação individual. Assim, iniciei os treinos em 2013 e comprovei o que eles relataram diante de calos, muito suor, medos e eternos bloqueios. Por meio da modalidade viajei, conheci

¹No decorrer do texto, assim como nas falas dos/as entrevistados/as, grifamos determinados termos/frases a fim de destacar ao/à leitor/a o conteúdo abordado e/ou analisado.

muitas pessoas e estabeleci fortes vínculos. Além de uma prática gratificante, o *parkour* continuou a ser um objeto de estudo elencado em minha trajetória acadêmica.

Enquanto única menina presente na maioria dos treinos, chamava-me a atenção a quantidade ínfima de mulheres na modalidade e a rápida evasão delas. Além desse contexto, determinadas situações me direcionaram a reflexões sobre as questões de gênero dentro da modalidade. Menciono algumas dessas situações, a seguir:

- 1) Com frequência, quando as meninas demonstravam dificuldade, cansaço ou dores, os meninos falavam para elas: “seja homem”;
- 1) Comentários disfarçados de “brincadeira”, fundamentados em estereótipos e preconceito, eram verbalizados pelos meninos: “que nem menininha”; “viadinho”, entre outros.
- 2) Durante um treino, na execução e repetição de um exercício eu estava por último para realizar as repetições. Com dificuldades para efetivá-lo, minha execução foi mais lenta em comparação aos outros meninos. Na metade da repetição a qual eu estava destinada, os meninos, inclusive quem estava guiando o treino, deslocavam-se para outro espaço do parque para iniciar outros movimentos, deixando-me sozinha para finalizar a repetição. Se fosse com algum dos meninos, isso se reproduziria?
- 3) Em outro treino, no início dele o menino que estava guiando anunciou: “agora que os meninos viram homens”. Eu, enquanto a única mulher presente, questionei: “e as meninas?”. Apenas em silêncio. Já não sou/não me identifico como um “menino”, então, o que eu me tornaria?
- 4) Na comunidade da prática foram divulgadas camisas referentes a ela. Elas estampavam o termo “Caba macho”. Muitas meninas usavam e postavam fotos em suas redes sociais.
- 5) Houve a criação e expansão de grupos de treinos para as mulheres nas cidades de Recife, Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, além de outras iniciativas para reunir mulheres praticantes em outras regiões do país.

Esse cenário, de forma inquietante, motivou-me a investigar as seguintes problemáticas no campo do *parkour*. Como é representado a participação das mulheres na modalidade? Quais os elementos que estruturam as relações entre homens e mulheres na modalidade? Como ocorrem as situações de preconceito e discriminação frente a participação das mulheres? Como as meninas percebem esse cenário? Se percebem esse preconceito e discriminação, que estratégias elas usam para enfrentá-los? Por meio dessas indagações, delineamos esse estudo e, para encontrar as respostas, inserimo-nos no campo dos grupos, da intersubjetividade e da subjetividade.

Consideramos que, ao longo do processo de socialização, os sujeitos internalizam, por meio de discursos normativos, representações de masculino e feminino que buscam fixar características, atributos, comportamentos e formas de ser homem e de ser mulher (FIGUEIRA, 2008). Essas representações atestam as diferenças entre os sexos nas esferas públicas e privadas, no trabalho e nas atuações sociais.

No campo das práticas sociais, a diferença biológica se transforma em desigualdade social e preconceito, articulando uma aparência de naturalidade, o que justifica o acesso e a permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas (GOELLNER, 2010). Embora o esporte seja um espaço predominantemente masculino, ele não é um campo “naturalmente” masculino, e como qualquer outra instância social, é um espaço de generificação, não por refletir as desigualdades e diferenciações da sociedade entre mulheres e homens mas principalmente porque as produz e reproduz (GOELLNER, 2007). Esse campo articula discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades, que definem, também, posições sociais (FIGUEIRA e GOELLNER, 2013).

De acordo com Elias e Dunning (1992), o esporte rege-se por uma forma particular de reserva masculina, visto que suas características estão próximas de atributos que, discursivamente, foram associados ao masculino, tais como força, virilidade, busca por novos limites, entre outras. Assim, para Vlastuin (2013), como atividade de lazer ou ainda como prática sistemática com finalidades bélicas, o esporte unificou, desde então, o conjunto de adjetivos que representavam o mundo masculino.

Para Pociello (1995), os esportes coletivos representam os últimos reservatórios das virtudes viris, das forças camponesas ou das qualidades operárias que as culturas masculinas defendem.

Com a emergência dos esportes alternativos, como as **práticas de aventura**, esse “investimento viril e quase artesanal do corpo, que os esportistas tradicionais exercem, parece ceder o passo diante de outros tipos de investimento lúdico do corpo” (POCIELLO, 1995, p. 117). Para alguns teóricos, essa emergência representou uma nova fase no desenvolvimento do esporte (JACQUES 1997; MIDOL e BROYER, 1995). Tais práticas evoluíram em oposição às culturas esportivas dominantes, sendo caracterizadas como menos institucionalizadas, com menos regras e regulamentos formais e são propensas a se opor às formas tradicionais de competição, promovendo um *ethos* participativo (WHEATON, 2016). Além da produção de novos tipos de gestos esportivos, acreditava-se que essas práticas emergentes estariam isentas das hierarquias de gênero que demarcam os esportes tradicionais (KIDDER, 2013). Entretanto, essa expectativa pareceu superestimada pois, conforme nossas evidências empíricas, essas práticas tendem a ser “dominadas” por homens.

Kidder (2017) observa que os jovens são mais incentivados pelo seu entorno social a vivenciar atividades de risco, enquanto que a participação de mulheres é geralmente regulamentada ou inibida. Ademais, a inserção de mulheres nessas atividades predominantemente masculinas subverte a lógica normativa atribuída aos seus “corpos” e ao seu “gênero”, lógica essa que tem o poder de dizer o que elas podem e o que elas não conseguem, que ditam sobre seu desempenho e suas potencialidades. Portanto, essa participação deve ser vista como um poderoso símbolo político (KLEINDIENST-CACHAY e HECKEMEYER, 2006).

A isso, Adelman (2003, p. 462) aponta como um “conteúdo de transgressão”, pois acredita-se que as mulheres atletas contribuem para a desestabilização das definições vigentes da feminilidade e para o **empoderamento de mulheres**. Consideramos que essa perspectiva constituiu-se como fulcral para compreender as relações de gênero no *parkour*, uma vez que a corroboração da dominação masculina, a exemplo do que ocorre em outros esportes de aventura, reforçaria – na análise – o

aspecto estrutural das relações de poder sem visibilizar seu par dialético, que são as resistências organizadas “pelas” e “para” as mulheres.

O conceito de empoderamento de mulheres é produto do movimento feminista de 1975². Esse termo adquiriu reconhecimento político e econômico internacional mais amplo na II Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, quando pelo projeto DAWN (*Development Alternatives with Women for a New Era*) foi distribuído um documento que discutia um paradigma feminista alternativo, em que o empoderamento das mulheres expressava-se de forma proeminente (BIEWENER e BACQUÉ, 2015). Em geral, o empoderamento tem sido visto como um processo que envolve a auto-organização das mulheres, de forma que as capacita para se mobilizarem a fim de efetuar mudanças sociais transformadoras de subordinação. Para Biewener e Bacqué (2015), esse processo compreende três níveis: 1) empoderamento interno, psicológico e subjetivo, no qual os poderes em nível individual são desenvolvidos; 2) empoderamento interpessoal e organizacional, pelo qual um “poder com” e um “poder sobre” é estimulado; e 3) empoderamento político ou social, na qual a mudança institucional e/ou estrutural torna-se possível por meio da ação coletiva.

Nos estudos sobre atividades de aventura, observamos algumas investigações sobre o empoderamento de mulheres nessas práticas (ANDERSON, 1999; KREIN e WEAVING, 2015). Concernente às relações de gênero, encontramos pesquisas sobre a recreação de aventura (CHANG 2016; LITTLE 2002), a aventura/educação ao ar livre

²O movimento feminista é produto das inúmeras opressões que a sociedade impôs e impõe contra a mulher. Trata-se de um campo constituído fundamentalmente por mulheres que anunciam a reivindicação de seus direitos e denunciam as desigualdades de classe e etnia, mas principalmente de gênero, consolidando o processo de construção de uma identidade feminina voltada para a emancipação política e social da mulher (MENDES, VAZ e CARVALHO, 2015). Apresentado historicamente em duas “ondas”, a primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século 19, quando as mulheres, primeiramente na Inglaterra, se organizaram para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como eram denominadas, promoveram grandes manifestações e esse direito foi conquistado no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010). A segunda onda do feminismo ocorreu no fim da década de 1960 quando se iniciam as construções teóricas do campo de estudos do gênero, passando a dar visibilidade à exclusão histórica da qual a mulher era alvo, procurando a igualdade de direitos e colocando em questão os processos que colocavam as mulheres como um grupo oprimido, propondo um novo relacionamento entre homens e mulheres (JANUÁRIO, 2015). Assim, por meio do discurso feminista, as relações de gênero puderam obter relevância no debate acadêmico, já que, conforme Januário (2015), diante de tal discurso, a problemática do binômio masculino/feminino se destaca no âmbito do debate sobre o gênero.

(HUMBERSTONE, 2007), o turismo de aventura (CAVEN e RYAN, 2007), mulheres no paraquedismo (LAURENDEAU e SHARARA, 2008), *snowboard* (ANDERSON, 1999), *windsurfe* (MODROÑO e GUILLÉN, 2011), *surfe* (BANDEIRA e RUBIO, 2011) e *skate* (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013). Os estudos também analisam o preconceito de gênero (SCHWARTZ et al., 2013), a realização da masculinidade por meio das modalidades de aventura (STODDART, 2011; THORPE, 2010) e as diferenças entre homens e mulheres nessas práticas (CARDOSO; MARINHO e PIMENTEL, 2013; LITTLE e WILSON, 2013).

Particularmente na modalidade de aventura conhecida por ***parkour***, os estudos de gênero centram-se na exploração das relações de gênero (WHEATON, 2016; STAGI, 2016) e da masculinidade (KIDDER, 2013; STAPLETON; TERRIO, 2012). Este último demarca a diferença de habilidades entre homens e mulheres praticantes. Assim como outras atividades de aventura, essa prática urbana apresenta o predomínio de praticantes do sexo masculino e a ênfase do capital simbólico associado a masculinidade – diante da apropriação dos riscos e o controle do espaço físico (WHEATON, 2016). Outros estudos apontam a necessidade de pesquisas sobre questões de gênero e a participação da mulher no *parkour* (ANGEL 2011; LAMB 2011; GREENBERG, 2017).

No Brasil, as mulheres praticantes de *parkour* desenvolveram e expandiram grupos de treinos direcionados para as mulheres, destacando as iniciativas em: a) Recife/PE com o projeto *Elas no Parkour*, b) em Salvador/BA (e outros estados) com o Treino Para Mulheres (TPM) e c) em Brasília/DF com o projeto francês “*she can trace*”. Além disso, outros eventos foram desenvolvidos pelas praticantes a fim de incentivar a participação e ampliar a visibilidade do *parkour* de mulheres. Dentre eles, ressaltamos o Encontro Feminino de *Parkour* criado em 2009, realizado anualmente em diferentes cidades brasileiras. Ademais, o Estado de São Paulo sedia o Encontro Regional de *Parkour* Feminino, desde 2014, igualmente com edições anuais. Em 2016, também ocorreram o Encontro Feminino de *Parkour* do Ceará em Fortaleza/CE e o IX Encontro Pernambucano de *Parkour* em Recife/PE, com ênfase no *Parkour* Feminino. Além da expansão de estratégias para fomentar a participação de mulheres, notamos no

Diagnóstico Nacional do Esporte (BRASIL, 2015) que 162 mulheres afirmaram interesse em praticar *parkour* em comparação à quantidade nula de homens.

Diante desse contexto, é possível perceber a organização e a construção de espaços “de” e “para” mulheres no *parkour*, o que pode estar atrelado às relações de gênero vivenciadas nos grupos da modalidade. Hipoteticamente, esses espaços constituem modos de subjetivação que refletem como ferramentas de resistência e/ou empoderamento das mulheres na comunidade *parkour*. Corroborando com Bradshaw (2002), as práticas de aventura são percebidas como um espaço potencial para a construção de “identidades” de mulheres que desafiam os estereótipos tradicionais e resistem às definições e ao controle masculino.

Portanto, esse estudo tem como **objetivo geral** analisar as relações de gênero no *parkour* e as estratégias de empoderamento adotadas por elas nessa modalidade. Como **objetivos específicos** para alcançar esse fim, pretendemos: 1) verificar representações da participação da mulher na modalidade; 2) compreender a dinâmica de criação e expansão dos grupos de treinos direcionados às mulheres; 3) identificar os fatores de inserção da mulher nos grupos de treinos direcionados às mulheres; 4) verificar o posicionamento das comunidades locais sobre o desenvolvimento dos grupos de treinos direcionados às mulheres; 5) identificar as características (aspectos metodológicos e relações de grupo) dos treinos mistos/gerais e dos treinos direcionados às mulheres; e 6) verificar se existem diferenças na estrutura (metodológica e relacional) nos treinos mistos/gerais e direcionados às mulheres.

Para alcançar os objetivos propostos, tornou-se necessário apreender os conhecimentos construídos acerca da perspectiva de gênero e do empoderamento de mulheres, direcionando o foco para o campo esportivo e de lazer, especialmente, as atividades de aventura.

Também foram explorados aspectos conceituais e históricos do *parkour*, assim como outros elementos que constituem o estado da arte dessa modalidade, sendo apresentados na primeira sessão denominada “DESVELANDO O *PARKOUR*: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS”.

A seção “PERCURSOS METODOLÓGICOS” apresenta os elementos metodológicos do estudo. Empiricamente, a investigação de campo foi desenvolvida por

meio de entrevista com praticantes de *parkour* e observação de treinos mistos/gerais de dois grupos e um evento da modalidade. Os dados resultantes desses dois instrumentos foram tratados mediante Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e no software de análise textual IRaMuTeQ.

Os resultados da pesquisa são apresentados nas seções subseqüentes, os quais estão organizados em quatro seções, considerando que sua perspectiva discursiva pretende-se apoiar nas concepções de Judith Butler e Michel Foucault. Inicialmente, a inserção dos sujeitos entrevistados no campo de pesquisa é explorada na seção “NARRATIVAS SOBRE AS TRAJETÓRIAS NO *PARKOUR*”. Nessa seção abordamos as experiências iniciais dos/as praticantes e as contribuições da prática - nas dimensões físicas, psicológicas e sociais – em suas trajetórias.

Na seção “NOS PICOS, O QUE ACONTECE? A GENTE SALTA, TRANSPÕE E OBSERVA” abordamos o *locus* de efetivação da pesquisa: os espaços de treinos de *parkour*. As observações foram realizadas nos treinos mistos do grupo “*Parkour Wings*” (Maringá/PR) e “*Parkour Recife*” (Recife/Pernambuco), e no VIII Encontro Feminino de *Parkour* (Amargosa-BA). Nesses espaços, foi possível apreender as relações de gênero entre os/as praticantes, assim como os diferentes meios de apropriação e atitudes deles/as.

As demais seções abrangem a discussão das categorias analíticas decorrentes da Análise de Conteúdo. Na sétima sessão intitulada “ELA NÃO É FRACA, ELA PODE ESTAR FRACA (...) ELA VAI FICAR FORTE!”: O CENÁRIO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E VIVÊNCIAS DA MULHER NO *PARKOUR*”, são discutidas quatro categorias, as quais exploram as representações da modalidade e associação com a masculinidade, demarcações sobre o corpo da mulher, percepções e vivências das mulheres praticantes e relações e atitudes entre/de os/as praticantes. Na última seção de resultados – nomeada “ENTRE *TRACEUSES* E *TRACERS*: ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO, VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA” - são discutidas as estratégias de empoderamento de mulheres. Portanto, investigamos dois grupos de treinos direcionados para as mulheres, a saber o Treino Para Mulheres (Salvador-Bahia) e o Projeto Elas no *Parkour* (Recife-Pernambuco). Tais grupos configuram-se como meios

de empoderamento de mulheres no *parkour* devido à criação de espaços próprios de e para mulheres em um campo dominado por homens de forma “numérica” e “simbólica”.

Espera-se com esse estudo ampliar as discussões e as reflexões sobre “gênero” e o “empoderamento” de mulheres diante dos dados que exploram “como” e “por que” as mulheres constroem estratégias de resistência e visibilidade em um campo dominado pelos homens e “como” eles percebem esse “novo” cenário no interior da modalidade. Além disso, buscamos promover um outro “olhar” sobre o *parkour*: o olhar “do” e “sobre” o *parkour* de mulher, assim como das relações de “poder” e “contra-poder” que se embatem e se negociam nesse campo.

2 GÊNERO, CORPO E EMPODERAMENTO DE MULHERES

Compreender o gênero como uma categoria histórica é aceitar que o gênero, entendido como uma forma cultural de moldar o corpo, está aberto à sua reforma contínua, e que "anatomia" e "sexo" não existem sem uma marca cultural (BUTLER, 2004, p. 9).

As concepções sobre “gênero”, adotadas nesse estudo, retomam a perspectiva de Butler³ (1990, p. 200), para a qual ele consiste em “uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”. A autora propõe uma desconstrução do “gênero”, ancorando-se em pensadores como Jacques Derrida, Michel Foucault e Jacques Lacan – que também problematizam questões ligadas à normatização de gênero.

Para Butler (1990, p. 25), a distinção entre sexo e gênero é arbitrária⁴ – “absolutamente nenhuma” –, isto é, ela refuta a concepção de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído, pois aceitar esse argumento consiste em corroborar também que o gênero expressaria uma **essência** do sujeito. Portanto, ela retira da noção de gênero a ideia de que ele decorreria do sexo, uma vez que não há mais a essência do sujeito de cujo sexo natural decorre um determinado gênero. O “masculino” e o “feminino”, então, configuram-se como um efeito performativamente produzido: são artifícios flutuantes, ou seja, um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, desconectando a noção de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Assim, “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (Ibid., p. 24). Isto posto, a masculinidade e a feminilidade são

³Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista americana, considerada uma das principais teóricas contemporâneas sobre o feminismo, teoria queer, filosofia política e ética (BERKELEY RESERACH, 2018) É professora do Departamento de Literatura Comparada e do Programa de Teoria Crítica da Universidade da Califórnia (Berkeley/EUA). É autora das obras *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990); *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"* (1993); *Frames of War: When Is Life Grievable* (2009); *Senses of the Subject* (2015), entre outras.

⁴Para Butler (1990), a distinção entre sexo e gênero é injustificável, pois considera que o sexo não é apenas “natural”, mas é também discursivo e cultural assim como o gênero.

entendidas como pontos em um contínuo a representar uma identificação psicológica interna ou uma manifestação comportamental externa (ANDERSON, 1999).

O gênero produz significados diante da **repetição** de gestos, imagens, discursos e normas (PISCITELLI, 2002). Estes são determinados pelas coerções sociais que impõem a sujeição/disciplina corporal como parte das relações de poder entre os indivíduos e grupos (FOUCAULT, 1987). As repetições desses atos resultam em um conjunto de **performances** que consolidam uma determinada percepção social de “ser” homem ou mulher que, por sua vez, constituem a ilusão de um “eu” permanentemente marcado pelo gênero. Conforme Butler (1990), “ser” homem ou mulher é representar, em um esquema performativo, as características atribuídas a masculinidade ou a feminilidade. A repetição de atos demarca o **corpo** – daquele que performatiza e daquele que observa – e cria uma “realidade do gênero” que se configura em um “molde”, onde cada sujeito “deve” se encaixar. A isso, a autora refere-se a essa categoria como uma estratégia que tem como finalidade a “sobrevivência cultural”, uma vez que quem não “faz” seu gênero – não se adequa ao “molde” – é punido pela sociedade.

Nessa perspectiva, compreendemos que os conteúdos atribuídos ao masculino e ao feminino não são decorrentes da dimensão biológica dos seres humanos, mas de fatores culturais, isto é, “ser” mulher ou homem é definido a partir de relações sociais e culturais que determinam lugares, deveres e direitos distintos conforme a identidade de gênero equivalente (COSTA, MADEIRA e SILVEIRA, 2012). Para se assumir as características de gênero, há que se submeter a uma condição cultural que incita à participação no ato de criação dessa mesma condição (BUTLER, 1990).

O feminino e o masculino se constroem dentro das relações sociais – nunca separadamente, tampouco em oposição um ao outro – e em articulação com outras categorias, como classe, etnia, religião, entre outras (ALTMANN, 1998). Destarte, gênero é uma categoria que não trata de diferença sexual, mas da relação social entre mulheres e homens, de tal modo que suas normas, hierarquias e identidades são constructos praticados e repetidos no social, no cultural, no cotidiano e no temporal (LOPES, 2017).

Sob tais constructos se estabelecem “barreiras” associadas à representações sexistas fundadas em argumentos cientificistas da biologia dos corpos que são alimentados pela cultura (LUCCHINI, 2008). Por isso, Butler (1990) afirma que àquele/a que não se “encaixa” nesse molde performativo é percebido como fora da norma/padrão. Logo, criam-se padrões de feminilidade e masculinidade que são considerados normais ou desviantes, de modo que os atributos considerados femininos são positivos se encontrados nas mulheres, mas desqualificam os homens que os possuem; o mesmo ocorre com a masculinidade em relação às mulheres (TORRÃO FILHO, 2005). Consequentemente, gênero passa a ser uma repetição de normas que podem ser transgredidas e imitadas. Corroborando com Costa et al. (2012), as características da feminilidade e da masculinidade não podem ser compreendidas fixamente, aparentando que todos os sujeitos obedecem às regras desses códigos culturais, sem considerar as múltiplas formas dos indivíduos exercerem suas identidades e que estas são historicamente construídas, ou seja, passíveis de transformações.

Por conseguinte, gênero também é uma estrutura complexa (CONNEL, 1995). Scott (1990) sugere quatro elementos necessários para se entender a categoria gênero, a saber: a) os símbolos culturais que remetem a representações simbólicas, como as figuras religiosas de Eva e Maria; b) os conceitos normativos imbricados na religião, na política, na ciência e na educação, que fornecem a conceituação do feminino e do masculino; c) a educação e o sistema político; e d) a identidade subjetiva que deve ser compreendida na sua construção histórica e relacionada com as atividades, organizações e representações sociais.

Diante dessas concepções, pesquisar e refletir sobre as relações de gênero na nossa sociedade é infiltrar-se em uma teia estruturada por complexidades de dimensões diversas: política, religiosa, educacional, econômica, sexual, sociológica, ideológica, familiar, entre outras (ARAÚJO, 2015). O Brasil, no Relatório de Desenvolvimento Humano (2016), encontra-se em 92º lugar entre 159 países no ranking de igualdade de gênero pelo Índice de Desenvolvimento de Gênero (IDvG)⁵.

⁵Esse índice explora os dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – expectativa de vida, anos esperados de estudo, média de anos estudados e renda per capita (HUMAN DEVELOPMENT REPORT, 2016).

Alguns cenários permitem refletir sobre essa posição do país, como na política, cujas mulheres representam apenas 10% dos assentos do parlamento; no mercado de trabalho; 56,3% das mulheres acima de 15 anos estão presentes em relação à 78,5% dos homens. Por outro lado, em outros contextos, como a educação e a expectativa de vida as mulheres apresentam melhores desempenhos: a média de anos de escolaridade entre as mulheres é de 8,1, enquanto que a dos homens é de 7,5; e, a expectativa de vida, ao nascer das mulheres é de 78,5 frente a 71 dos homens. Por tais desempenhos a pontuação no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das mulheres (0,754) é melhor em relação aos homens (0,751) (HUMAN DEVELOPMENT REPORT, 2016). Embora a escolaridade das mulheres seja mais elevada, a renda per capita é maior entre os homens. A renda delas é de 10,672 ao passo que a deles indica 17.736, de acordo com a paridade de poder de compra (medida internacional usada que permite comparação entre diferentes moedas).

Sob esse contexto – que, geralmente, desfavorece as mulheres – as relações de gênero oferecem reflexões e explicitações sobre as práticas culturais e sociais que condicionam as formações identitárias dos sujeitos e os espaços e papéis ocupados por eles/as (COSTA et al., 2012). Tais reflexões estão atreladas à concepção de “corpo”, a qual permite problematizar como se desencadeiam essas desigualdades e seus desdobramentos.

O gênero é assumido por meio do estilo corpóreo de significados. O **corpo**, para além da materialidade biológica, desempenha um papel crucial na “construção” de gênero, uma vez que é visto como “a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (WEEKS, 2001, p. 90). O corpo é, também, o seu entorno:

“Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas” (GOELLNER 2008, p. 29).

Nessa concepção, o corpo é resultado de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura, isto é, trata-se de uma construção cultural, e, portanto, são plurais, ambíguos, inconstantes e diferentes (GOELLNER, 2010). Inconstantes porque

o corpo muda com “a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica” (LOURO, 2001, p.8).

Enquanto produto de uma construção cultural, o corpo está diretamente atravessado no campo político em prol de sua utilização econômica, na qual as relações de poder o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, o sujeitam a trabalhos, obrigam-no a cerimônias/rituais e demandam-lhe sinais (FOUCAULT, 1987). Portanto, apresentar-se socialmente é expor um corpo demarcado por signos relacionados à padrões de uma sociedade e época específicas (SABINO, 2003).

Conforme Goellner (2010, p. 75), “se os corpos são diferentes, é necessário pensar, ainda, que os gêneros e as sexualidades também o são”. Os signos, atos e discursos que indicam ser “masculino” ou “feminino” não existem naturalmente, ou seja, são resultados de uma construção e, por isso, não há uma essência determinada para uma e outra identidade (Ibid.); elas **são plurais, flexíveis e mutáveis**. A pluralidade implica admitir não somente que sociedades diferentes possuem diferentes concepções de homem e de mulher, como também no interior de uma sociedade tais concepções são diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, entre outras variáveis (LOURO, 1996). Enquanto que a ideia de flexível e mutável se refere às transformações ao longo do tempo dos conceitos de masculino e feminino.

Além de subsidiar as discussões sobre o “corpo”, a categoria gênero permite refletir as relações sociais. De acordo com Scott (1990), essa categoria é um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação social. As **relações de gêneros** são dialéticas, refletindo contradições e concepções diferenciadas de gênero internalizadas por diferentes atores sociais (COSTA et al., 2012). Assim, para Connel (1995), tais relações envolvem diferentes esferas de prática, dentre elas: as relações de poder, as relações de produção e as relações de catexia⁶. As relações de poder, por sua vez, atravessam as relações de

⁶Para compreender essas três esferas, Connel (1995, p. 200) discute a “justiça”: “buscar a justiça nas relações de poder significa contestar a predominância dos homens no estado, nas profissões liberais e na administração e terminar a violência contra as mulheres; buscar a justiça nas relações econômicas significa equalizar a renda, partilhar a carga do trabalho doméstico e equalizar o acesso à educação e ao treinamento; buscar a justiça na estrutura da catexia significa pôr fim à homofobia e reconstruir as relações heterossexuais com base na reciprocidade e não na hierarquia”.

gênero visto que uma das formas de poder se constitui/manifesta nas inter-relações que apresentam-se nas diferenças construídas entre masculino e feminino (COSTA et al., 2012). Como componente ativo das práticas sociais, o gênero implica na hierarquização entre esses constructos; de um lado o “poder” (homem forte, racional, ativo) e de outro a ausência ou o mínimo desse “poder” (mulher sensível, emotiva, passiva) (CORTEZ e SOUZA, 2008).

Costa et al. (2012) reitera que, diante dessas relações – assim como as hierarquias e desigualdades desencadeadas por elas – a categoria gênero surge a fim de discutir a condição de subalterna da mulher. Portanto, o surgimento dos estudos de gênero foi demarcado e antecedido pelos estudos sobre a mulher. Esta, por muito tempo, considerada primordialmente com a função de ser esposa ou mãe e responsável pelas tarefas domésticas e reprodutivas.

Discursos dominantes e normativos contribuíram para fomentar a **desigualdade** entre homens e mulheres nas desigualdades de socialização e da construção cultural do corpo, o que se desdobram nas diferenças de papéis, de habilidades, da apropriação de determinados espaços sociais, entre outras. A representação da mulher como “sexo frágil” sugeriu o “controle” dos seus corpos a fim de que ela estivesse “protegida” para preservar sua função reprodutiva (ALEXANDRINO, LIMA e FERREIRA, 2009). Por isso, elas foram – em parte, ainda são – proibidas e desestimuladas para participar/ocupar de determinadas práticas sociais, dentre elas o esporte e o lazer. De acordo com Summerfield (1990), muitas mulheres, como parte do processo de socialização, foram ensinadas que participar de certas práticas corporais, como esportes e atividades ao ar livre, é inadequado e inaceitável.

O campo das **práticas corporais** é um espaço permeado por intensos conflitos em torno do que “pode” ou “deve” fazer um corpo masculino e um corpo feminino, dado que ele também produz e dissemina determinadas representações de masculinidade e feminilidade que são inscritas nos corpos, marcando os modos de viver dos seus/suas praticantes (ADELMAN, 2006). Tais marcas podem ser convocadas para excluir, proibir ou silenciar mulheres (e também os homens) que ousam ou pretendem investir em práticas e/ou funções esportivas que historicamente não foram indicadas para elas (GOELLNER, JAEGER e FIGUEIRA, 2011). Assim, esse campo (do esporte e lazer)

possibilita refletir sobre a constituição das identidades de gênero circunscritas centralmente por essas representações de corpo e sexualidade, pois, sua história esteve vinculada a determinismos biológicos e estabeleceu práticas peculiares a homens ou a mulheres com base em suas características físicas, afetivas e cognitivas, assim como nas expectativas de comportamento (ARAÚJO, 2015).

Embora seja considerado um “bem público”⁷, o esporte e certas práticas de lazer foram generalizadas como “masculinas” – são práticas **generificadas** – diante das representações de um campo competitivo, público, hierárquico e “resistente” (enquanto elementos associados simbolicamente a masculinidade), o que contribuiu para que a participação das mulheres se constituísse historicamente como “marginal” para os homens (PAVLIDIS e FULLAGAR, 2014). Como sugere Cahn (1990), a identidade dos homens no esporte é reservada, enquanto que a presença das mulheres é um fenômeno marginal e contraditório, de tal modo que a inserção delas em esportes organizados no século XX foi controlada e regulada por organizadores, treinadores e líderes, os quais desenvolveram diferentes regras, vestuários e dimensões espaciais e temporais para os esportes de mulheres, tanto mais do que para a prática dos homens (ANDERSON, 1999). Além disso, a preservação “masculina” nesse campo é a medida que ambos (homens e mulheres) dependem de argumentos biológicos para justificar suas próprias estruturas sociais (BIRKE e VINES, 1987).

Corroborando com Young (2010), a representação de **incompatibilidade** entre mulheres e esporte, ainda dominante em nossa sociedade, não é um acidente social, mas uma necessidade conceitual e simbólica, considerando que o corpo feminino é “objetivado”, logo, as mulheres devem ser excluídas desse campo. Ademais, a participação delas é circunscrita pela descredibilidade; se participa ela não é considerada “realmente” uma mulher, ou o esporte que ela pratica não é “realmente” um esporte ou, ainda, sua prática não é levada a sério (KREIN e WEAVING, 2015).

Por tal contexto, analisar as práticas corporais e esportivas na perspectiva de gênero possibilita refletir sobre suas questões a fim de produzir novos/outros sentidos,

⁷Um espaço cultural para o criação e promulgação do “bom cidadão saudável” (PAVLIDIS e FULLAGAR, 2014).

desnaturalizar suas representações e estados de poder e dominação e revelar o protagonismo das mulheres e suas histórias de luta e resistência.

O esporte e o lazer, como um “sistema” dominado pelos homens que reconstrói constantemente a **masculinidade hegemônica** por meio da apresentação simbólica, tem sido o foco das pesquisas de gênero desde aproximadamente 1980, evidenciando que tais práticas (ainda) produzem e reproduzem diferenças hierárquicas de gênero (CONNELL, 1999; HARGREAVES, 1986; KLEINDIENST-CACHAY e HECKEMEYER, 2006). Portanto, compreender a participação da mulher nessas práticas é uma das formas de potencializar mudanças socioculturais no âmbito das relações e desigualdades de gênero (ADELMAN e MORAES, 2008).

Por se tratar de um espaço generificado, a inserção das mulheres no campo esportivo e do lazer expressa uma **resistência** e **transposição** aos discursos dominantes sobre a “inferioridade feminina” e do “sexo frágil”. Elas tiveram a oportunidade de participar de esportes organizados após a Guerra Civil Americana no final dos anos 1800. As modalidades como golfe, tiro com arco e *croquet* foram as primeiras a adquirirem a aceitação entre as mulheres, por não envolverem contato físico (WILDE, 2007). Como a transpiração, o contato físico e a competição não eram comportamentos de “aparência” socialmente adequados, as atividades recreativas e esportivas das mulheres e as oportunidades eram limitadas (Ibid.). Posteriormente, outras modalidades como o halterofilismo, boxe, luta livre, hóquei no gelo e *bobsled* – exclusivamente praticadas por homens – tornaram-se acessíveis para as mulheres, em nível recreacional ou profissional (KLEINDIENST-CACHAY e HECKEMEYER, 2006). Simultaneamente, a participação delas em esportes tradicionalmente “masculinos” apresentou constante crescimento, como no futebol, ciclismo e vários esportes de combate. De acordo com Simões (2003), essa participação tem aumentado na medida que o processo de globalização discute a inserção das mulheres nos espaços sociais, as quais, atualmente, são indispensáveis nas discussões e entendimentos sobre os esportes.

Alonso (2003) destaca que mediante os questionamentos emergentes com o movimento feminista na década de 1960, a participação das mulheres nas práticas esportivas e recreativas tem aumentado consideravelmente. Conforme Ferreira (2003),

o movimento representou a possibilidade de elas discutirem seus corpos, sua sexualidade e outras questões relacionadas ao gênero. As representações de que as mulheres não suam, não correm, não se sujam começaram a ser problematizadas e desafiadas (WILDE, 2007). Alexandrino et al. (2009) sugerem que o caminho da mulher no esporte é agregado com a luta feminina contra sua “fragilidade irresponsável”. Portanto, ao mesmo tempo em que as práticas esportivas e recreativas constituíram-se como espaços de exclusão e degradação das mulheres, a participação delas indicaram uma **luta cultural** travada nesse campo (THEBERG, 1987).

Parafraseando Kleindienst-Cachay e Heckemeyer (2006), tal participação exige que elas suplantem as expectativas (e os limites) sociais de gênero, não somente devido à prevalência dos homens nesse espaço, mas, sobretudo, em decorrência da estrutura dele, o qual é definido por requisitos específicos vinculados a estereótipos tradicionalmente masculinos – como tenacidade, agressividade, força, resistência, competitividade e a assunção de risco. Além disso, as mudanças físicas provocadas pelo envolvimento intenso nessas práticas e a mudança da imagem corporal relacionada a ela, as mulheres “violam” as normatividades de gênero e entram em conflito com a **imagem socialmente dominante** de uma mulher (HARGREAVES, 1997). Assim, elas desafiam os constructos culturais e tradicionais – que moldam as identidades de gênero em formas normativas – sobre a posição e o papel delas na sociedade (BRADSHAW, 2002; FULLAGAR e PAVLIDIS, 2017).

Considerando o campo esportivo e recreativo, especificamente nas modalidades de aventuras é pertinente refletir sobre a participação das mulheres, uma vez que em tais práticas as normas e os valores da cultura dominante são contestados (KREIN e WEAVING, 2015). Por se desenvolverem em oposição à cultura esportiva dominante, acreditava-se que elas estariam isentas das hierarquias de gênero que demarcam os esportes tradicionais (KIDDER, 2013; POCIELLO, 1995). Porém, essas modalidades também são circunscritas pela masculinidade hegemônica e, por outro lado, apresentam particularidades para se pensar as relações de gênero.

Conforme Miranda (1995), essas modalidades são atrativas por possibilitarem vivências diferenciadas do cotidiano, realizadas com risco controlado e proporcionando sensações de prazer e medo durante a superação de certos obstáculos, assim, atingem

as expectativas de homens e mulheres, os/as quais vão em busca de novas experiências. Por tais características, um público diverso (em termos de faixa etária, gênero, entre outros) têm aderido a elas. A “equidade” nessas práticas é corroborada por Betrán (2003), o qual afirma que elas valorizam o indivíduo como um todo, pois favorecem a “indistinção” de gênero, idade ou nível social para suas vivências. Diferentemente de muitos esportes tradicionais, essas modalidades oportunizam que homens e mulheres pratiquem/vivenciem juntos/as, compartilhando o mesmo espaço. Por isso, elas abrangem o potencial de produzir novos sentidos e promover a equidade, sobretudo, de gênero (PLATE, 2007). Ao se constituir um ambiente democrático de reflexão e participação, elas se tornam um espaço frutífero para a superação de estigmas e estereótipos de gênero (LAVOURA, BOTURA e MACHADO, 2006). Além disso, a participação das mulheres desafia as normatividades e as expectativas de gênero que limitam suas capacidades incorporadas e afetivas (PAVLIDIS e FULLAGAR, 2014).

Diante do predomínio dos homens nas práticas de aventura – justificada pelas características de risco e controle do espaço dessas atividades –, constata-se a escassez de mulheres envolvidas, o que, para Schwartz et al. (2013), revigora a tese de que ainda se percebem inúmeros equívocos e limitações preconceituosas, os quais se estruturam como barreiras impeditivas para a vivência delas nessas atividades. Tais barreiras de caráter estigmatizante promovem o desrespeito às mulheres diante das representações – baseadas em concepções dominantes e estereotipadas – vinculadas à inferioridade técnica, sendo consideradas como “incompetentes” para essas atividades.

Embora o número de mulheres ainda seja muito inferior aos homens nas atividades de aventura – cenário que se reproduz na maior parte do campo esportivo –, a participação delas vem ampliando. Pavlidis e Fullagar (2014) observam esse aumento em práticas como o *surf*, *snowboard*, *skate* e *roller derby*. Em algumas modalidades, como a corrida de aventura, a participação delas é necessária para a formação de uma equipe. Esse envolvimento mútuo de homens e mulheres em competições contribuiu para transformar e ressignificar essa prática, caracterizando uma nova forma de organização esportiva (FERREIRA, 2003). Diante desse contexto, a participação das

mulheres – enquanto praticantes, atletas ou na gestão – assim como suas lutas e enfrentamentos, permite-nos apontar essas atividades como um meio/estratégia de **empoderamento** delas (não somente nesse campo, mas transferindo para outras práticas sociais).

O empoderamento advém do termo inglês “*empowerment*”; trata-se de um conceito múltiplo e complexo, que se baseia em concepções de distintos campos de conhecimento e perpassa noções de democracia, direitos humanos e participação social (BAQUERO, 2012). Nos Estados Unidos, a Tradição do Empoderamento (*Empowerment Tradition*) emergiu na metade do século XX com raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero no século XVI, na Europa, diante do movimento de protagonismo na luta por justiça social (HERRIGER, 1997).

A utilização crescente do termo “empoderamento” deu-se a partir dos movimentos emancipatórios relacionados ao exercício de cidadania, a saber: o movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais, das pessoas portadoras de deficiência física (BAQUERO, 2012).

De acordo com Batliwala (1994, p. 129), a característica aparente desse termo reside na palavra “**poder**”, conceituado por ela como “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia”. Assim, o empoderamento, enquanto categoria, se refere a um conjunto de atividades – da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletiva – que questionam as bases das relações de poder, uma vez que indivíduos e grupos reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem e atuam no sentido de transformar as relações existentes.

Portanto, o empoderamento é “um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos” (BATLIWALA, 1994, p. 130). Para Baquero (2012), essa categoria envolve o agir, implica em processos de reflexão sobre a ação e visa uma tomada de consciência a respeito de fatores de diferentes ordens – econômica, política e cultural – que “conformam” a realidade e incidem sobre o sujeito. Para isso, um processo de empoderamento eficaz demanda articular tanto dimensões individuais quanto coletivas. Lord e Hutchison (1993) apontam que esse processo pode existir em três níveis: a) o nível pessoal, no qual o empoderamento é a experiência de

adquirir controle crescente e influência no cotidiano e na participação da comunidade; b) no pequeno nível de grupo, onde esse processo envolve a experiência, análise e influência compartilhadas de grupos em seus próprios esforços; e, c) em nível comunitário, cujo empoderamento vincula-se à utilização de recursos e estratégias para melhorar o controle comunitário.

Ademais, Stromquist (2002) discute que empoderamento consiste de quatro dimensões: a) a dimensão cognitiva (reflexão crítica da realidade), b) psicológica (sentimento de autoestima e autonomia), c) política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e d) a econômica (capacidade de gerar renda independente). A autora afirma que cada dimensão contempla igual relevância, porém não são suficientes por si próprias para que os sujeitos atuem em prol de seu benefício.

Na perspectiva do movimento feminista, esse termo surgiu da “práxis” para a “teoria”, sendo utilizado primeiro por ativistas feministas e por movimentos de base para depois se tornar objeto de teorização (SADENBERG, 2009). Por um lado, o conceito de empoderamento se inseriu na área acadêmica, adquirindo espaço nas perspectivas feministas sobre “poder”, enquanto que, por outro, foi apropriado nas discussões sobre “desenvolvimento”.

O **empoderamento de mulheres** implica na transformação das estruturas de subordinação diante das mudanças na legislação, direitos de propriedade e outras instituições que reforçam e reproduzem a dominação masculina. Conforme Sadenberg (2009), o objetivo maior do empoderamento delas consiste em questionar, desestabilizar e, assim, suprimir com a ordem patriarcal que sustenta as desigualdades de gênero. Essas mudanças demandam o “empoderar-se” que, enquanto processo, trata-se de uma ação autorreflexiva – ou seja, o empoderamento ocorre a partir de si própria (pode-se porém, “facilitar” o desencadear desse processo, criando as condições para este fim) – e refere-se à construção da autonomia (capacidade de tomar decisões e assumir o controle da vida) (MOSEDALE, 2005).

Nesse sentido, o esporte e o lazer tem promovido as condições para que as pessoas assumam o controle de suas vidas e corpos diante desse processo; essas atividades oportunizam o “poder” como algo que capacita, como competência no lugar

de dominação” (RAI, 2002). Bradshaw (2002), em análise dos esportes de aventura, afirma que, para as mulheres, essas práticas corporais, ao afetar o corpo e a identidade, contribuem para que elas experimentem a “completude” e a “competência” e, assim, reavaliem as normatividades e discursos dominantes que circunscreve seus corpos e sua posição social de subalterna. Portanto, diante dessa reflexão crítica das condições sociais à que estão submetidas elas “empoderam-se”. Além disso, essas práticas também cooperam para melhorar a posição delas na sociedade e transformar as relações opressivas de trabalho.

Sendo assim, o esporte e o lazer não só promovem a “dominação” dos homens e a afirmação de uma masculinidade mas também configuram-se como espaço propício para o empoderamento de mulheres. Essa categoria, então, pode ser compreendida como uma ferramenta para transformar as práticas sociais – e seus constructos que suscitem desigualdades, exclusão e discriminação de gênero –, constituindo-se como pertinente para se refletir sobre as relações de gênero, principalmente, por ela avultar o par dialético das relações de poder no interior do campo social.

Sob essas considerações acerca de gênero, corpo, relações de gênero e empoderamento nas práticas esportivas e recreativas (com ênfase nas modalidades de aventura) debruçamos a análise do campo “*parkour*”. Nas seções subsequentes aprofundaremos as discussões sobre essas categorias em diálogo com as evidências empíricas. Para tanto, apresentaremos, a seguir, a contextualização do objeto de estudo: o *parkour* em seus aspectos conceituais e históricos.

3 DESVELANDO O *PARKOUR*: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS

Popularizado na década de 1980, o *parkour* foi estruturado por um grupo de jovens franceses, sendo disseminado, até então, como uma manifestação da cultura corporal caracterizada pela não-competitividade, com ênfase na superação individual e no uso do corpo para superar obstáculos dentro de uma rota (ANGEL, 2011). Logo, a prática compreende as possibilidades de movimentações ou percursos por meio de técnicas próprias de deslocamento e transposição de obstáculos em qualquer ambiente (LORDÉLLO, 2011; PERRIÈRE e BELLE, 2014; THIBAUT, 2013).

Essa modalidade foi inspirada no Método Natural de Educação Física desenvolvido por Georges Hébert, particularmente no treinamento militar francês “*parcours du combattant*” (percurso dos combatentes) decorrente desse método (ANGEL, 2011; KIDDER, 2017). Hébert com base em suas viagens e o contato com diferentes povos e culturas, desenvolveu um método de educação do corpo que articulou a natureza, o altruísmo e estava baseado no *ethos* “*Etre fort pour être utile*” (Ser forte para ser útil)⁸ (SOARES, 2003). Membros da família francesa Belle, como Raymond e Jeff, vivenciaram o “*parcours du combattant*” e transmitiram suas ideias (fundamentos da prática) para David Belle (respectivamente, filho e irmão dos homens mencionados). Essas ideias favoreceram para que David e outros jovens explorassem diferentes maneiras de se apropriar e se mover no ambiente, adaptando o método natural para áreas urbanas (REHBEIN, 2013). Apesar desse método divergir a “preguiça imoral” promovida pelo urbanismo, ele não integrava a transformação de equipamentos urbanos - como corrimões, bancos de parque e escadas -, para fins de lazer, exposição ao risco ou treinamento (objetivos propostos por esse grupo) (KIDDER,

⁸A ética do *parkour* se estrutura por tais valores e, embora os/as praticantes exerçam uma estética dissonante dos “padrões” normativos da sociedade (como o uso não convencional do espaço), a modalidade funciona para o biopoder. A prática confronta-o no sentido estético, pela aparência, mas serve a ele devido sua “finalidade”.

2017). Assim, as habilidades atléticas desses jovens, associadas à apropriação espacial e ao estilo cinético, resultaram em uma prática esportiva, posteriormente denominada “*parkour*”.

O espaço de desenvolvimento dessa prática, caracterizado pela marginalização, consistia em um bairro suburbano de Evril e Lisses, circunscrito por desigualdades econômicas, violências, gangues e ausência de políticas públicas de esporte e lazer (PERRIÉRE e BELLE, 2014). Sob tal cenário, o *parkour* contribuiu, inclusive, para suprir uma demanda de socialização e atividades de lazer (ANDEL, 2011; LORDÊLLO, 2011).

A sistematização dessa prática inicia-se em 1993, quando os praticantes preocuparam-se em nomear a própria modalidade e seus movimentos básicos (LORDÊLLO, 2011). Evidenciamos uma primeira tentativa de denominação em 1995, sendo atribuído o termo “*Art du Déplacement*” (Arte do Deslocamento). No mesmo ano, o primeiro grupo da modalidade intitulou-se de “*Yamakasi*”⁹, sendo composto pelos percussores David Belle, Sébastien Foucan, Châu Belle-Dinh, Yann Hnautra, Laurent Piemontesi, Williams Belle, Katty Belle (única mulher do grupo) e outros (ANGEL, 2011). Em 1996, emerge a expressão “*parkour*”, devido à vivência de David Belle no “*parcours du combatant*”. O termo francês “*parcours*” designa percurso, circuito, caminho ou rota (Ibid.). Aos praticantes, foram denominados os termos “*traceur*” ou “*tracer*” para o praticante do sexo masculino e “*traceuse*”¹⁰ para a praticante do sexo feminino. A atribuição de um termo distinto para identificar as mulheres praticantes – “*traceuses*” – pode expressar uma conotação de visibilidade às mulheres no *parkour*, uma vez que, em outras modalidades como o *skate* ou o *surfe*, por exemplo, observamos que as mulheres praticantes são referidas de forma generalizada, sob o mesmo termo que os praticantes homens – as “*skatistas*”, as “*surfistas*”. As denominações dos/as praticantes dessa modalidade advêm do latim “*tractiare*” que significa “aquele que realiza o percurso” e foram concedidos por Belle e Foucan para dar ênfase à execução rápida e eficiente do movimento em qualquer ambiente (THIEF, 2013).

⁹A palavra *Yamakasi*, de origem Lingala, significa uma pessoa forte em corpo e espírito (KIDDER, 2017).

¹⁰Os termos *tracer* e *traceuse* serão utilizados no decorrer do texto para identificar as mulheres e homens praticantes.

A movimentação do *parkour* ou “*vaults*” consiste em técnicas utilizadas para a transposição de obstáculos (REHBEIN, 2013) e, geralmente, é efetivada durante uma corrida, caracterizando o deslocamento de modo “fluido” pelo ambiente – designado por muitos praticantes como “*flow*”. Os movimentos possuem uma denominação específica, sendo disseminados e popularizados na língua inglesa¹¹. Alguns deles serão ilustrados e descritos na Figura 1.

¹¹Alguns dos nomes técnicos das movimentações variam em função dos países.

	<p>Fonte: <i>Parkour Feminino</i></p> 	
<p>Termo: <i>Lazy</i>. Objetivo: Transpor obstáculos que se encontram na lateral do corpo. Execução: As pernas são lançadas sobre os obstáculos e o quadril aponta a direção em que deseja ir.</p>	<p>Termo: <i>Monkey</i> ou <i>Kong</i>. Objetivo: Transpor obstáculos altos ou longos. Execução: Com o corpo de frente ao obstáculo, as mãos apoiam-se nele e as pernas passam entre os braços.</p>	<p>Termo: <i>Speed</i>. Objetivo: Ultrapassar os obstáculos (de altura média) de forma rápida. Execução: Uma mão se apoia no obstáculo para transpor o corpo lateralmente.</p>
 <p>Fonte: <i>Parkour Feminino</i></p>	 <p>Fonte: <i>Full Parkour</i></p>	
<p>Termo: <i>Quadrupedal</i>. Objetivo: Mover-se em lugares altos e utilizado como exercício de condicionamento. Execução: Na posição de quatro apoios, os braços e as pernas avançam de forma alternada.</p>	<p>Termo: <i>Dash</i>. Objetivo: Transpor obstáculos de forma rápida quando o obstáculo está próximo ao corpo. Execução: Salta-se de frente sobre o obstáculo e apoia as mãos para baixo, de modo a lançar o corpo para longe do obstáculo.</p>	<p>Termo: <i>Reverse</i> ou <i>Reverso</i>. Objetivo: Usado principalmente para remover o impulso, enquanto o corpo ainda se move para frente do obstáculo. Execução: Com o apoio das mãos, o corpo gira no ar e passando por cima do obstáculo.</p>
 <p>Fonte: <i>Full Parkour</i></p>	 <p>Fonte: <i>Parkour Feminino</i></p>	<p>Termo: <i>Salto de precisão</i>. Objetivo: Saltar de um ponto para outro. Execução: Os braços auxiliam na impulsão do corpo e para aterrissar com equilíbrio, usa-se meia ponta de pé e os joelhos flexionados.</p>
<p>Termo: <i>Rolamento</i>. Objetivo: Absorção do impacto. Execução: Ao pousar, apoia-se as mãos no chão e uma das pernas impulsiona o corpo para rolar, na direção diagonal, sobre o ombro.</p>	 <p>Fonte: <i>Parkour Feminino</i></p>	<p>Termo: <i>Climb up</i>. Objetivo: Alcançar a parte superior da parede/muro. Execução: Da posição do cat leap, os pés e as mãos empurram o corpo para cima ao mesmo tempo.</p>
 <p>Fonte: <i>Parkour Feminino</i></p>	<p>Termo: <i>Cat leap</i>. Objetivo: Escalar paredes/muros altos depois de um salto. Execução: Os pés apoiam-se na parede e as mãos alcançam o topo.</p>	

Figura 1 - Movimentos ou vaults do parkour.
 Fontes: Descrições – adaptadas de Edwards (2009);
 Imagens – Full Parkour (2017) e Parkour Feminino (2017).

Após a sistematização do *parkour*, a prática se popularizou mediante a participação dos praticantes em peças teatrais, vídeos na internet e programas de televisão (LORDÉLLO, 2011). Ao longo da década de 1990, as técnicas e os fundamentos filosóficos difundiram-se pela Europa e Estados Unidos. No Brasil, constatamos indícios de que o *parkour* surgiu em 2004 por meio da internet e de esforços de praticantes que viajaram para o exterior e conheceram a modalidade, propagando-a em diferentes regiões do país (ABPK, 2016). Em razão de suas características e aparente radicalidade, a prática no país causou polêmica e seus praticantes foram, frequentemente, confundidos como vândalos por utilizar diferentes ambientes urbanos de maneira não convencional (STRAMANDINOLI, REMONTE e MARCHETTI, 2012).

Durante essa expansão, os/as praticantes de língua inglesa começaram a imputar distinções filosóficas e cinéticas entre *parkour* e *free running*. O surgimento do *free running* é atribuído ao documentário *Jump London* (2003), que contou com a participação de Sébastien Foucan, o qual passou a priorizar em sua movimentação saltos de ginástica e elementos das artes marciais a fim de impressionar o/a espectador/a (LORDÉLLO, 2011). Nesse contexto, o produtor do referido documentário, Guillaume Pelletier, sugeriu o nome *free running* (corrida livre) em detrimento ao termo *parkour* que, por sua vez, visava ao uso mais eficiente do movimento e, portanto, menos hedonista e estético (KIDDER, 2017). Ambas as modalidades apresentaram um desenvolvimento paralelo e, geralmente, são apresentadas em conjunto nos treinos ou competições. Todavia, vale ressaltar que a proposta da movimentação entre *parkour* e *free running* é distinta.

Em decorrência de sua expansão e popularização, o *parkour* e o *free running* têm incorporado características dos esportes tradicionais, e em nível mundial, expandem-se as academias de *parkour/free running*, as instituições de regulamentação da prática, supervisão e profissionalização de instrutores e eventos de competição. Esse processo de transformação pode ser reconhecido por esportivização (ELIAS e DUNNING, 1986).

A organização *Parkour Generations* é representada como a primeira e maior organização profissional de *parkour* do mundo, sendo fundada em 2005, quando os

membros da primeira e da segunda geração do *parkour* se uniram para constituí-la. Composta por praticantes de diversos países, essa organização propõe mediar ensino, consultoria, demonstrações públicas, representações artísticas, trabalho de mídia e pesquisas acadêmicas (PARKOUR GENERATIONS, 2017). Essa equipe também desenvolveu o primeiro programa de qualificação de instrutores de *parkour*, o ADAPT (*Art du Deplacement and Parkour Teaching*), o qual foi oficializado e criado a partir da demanda do governo britânico, tornando a certificação obrigatória para instrutores e para a fiscalização de políticas públicas de investimento público no *parkour* na Inglaterra (LORDÉLLO, 2011). Notamos que tal programa certificou mundialmente cerca de 584 instrutores/as de *parkour* (ADAPT, 2018).

Ademais, no período semelhante, desenvolveu-se a *American Parkour* (APK), uma comunidade americana de *parkour* que atualmente oferece academias para a prática e o ensino da modalidade e uma rede de mercado. Essa organização também construiu um sistema que oferece certificação de instrutores de *parkour*. Mais recentemente, a APK se inseriu em clubes universitários nos EUA e no Canadá a fim de propagar uma imagem positiva da prática, uma vez que, imersa em uma universidade, a organização acredita que pode criar uma geração de praticantes responsáveis e melhora a visão do público sobre a modalidade (APK, 2014).

Já em 2007, foi fundada a *World Freerunning and Parkour Federation* (WFPF), que, por sua vez, em 2013 contribuiu para a criação da Federação Internacional *Parkour*, uma organização sem fins lucrativos que estabelece um corpo administrativo para o *parkour*. O WFPK também inclui um programa de certificação de ensino da modalidade e consta a qualificação de aproximadamente 800 instrutores/as da prática (WFPF, 2017).

No Brasil, praticantes de diferentes regiões do país fundaram, em 2005, a Associação Brasileira de *Parkour* (ABPK), uma associação sem fins lucrativos criada para disseminar a prática “correta” da modalidade (ABPK, 2016). Essa organização também tem como projeto a realização do Encontro Brasileiro de *Parkour*, que acontece anualmente desde 2005 em cidades diferentes – as quais concorrem a um edital divulgado pela associação. Além da ABPK, alguns estados brasileiros possuem sua própria associação consolidada ou em desenvolvimento.

As organizações apresentadas também desenvolveram projetos voltados especificamente para as mulheres no *parkour*, o que se configura em uma possível demanda de ampliação ou visibilidade para esse público. A WFPF desenvolveu o projeto “*Lady WFPF Parkour*” em 2013 com o objetivo de atender às necessidades do treinamento de outras mulheres (WFPF, 2016). Já, em 2015, uma das atletas do *Parkour Generations*, Shirley Darlington-Rowat, foi responsável pelo projeto “*She Can Trace*”, visando aumentar a quantidade de mulheres praticantes de *parkour* (PARKOUR GENERATIONS, 2016). Ademais, a APK vem expandindo “pontos de acesso” para as mulheres praticantes por meio de encontros de mulheres (APK, 2016). Outro projeto nesse sentido foi desenvolvido pela pesquisadora britânica Julie Angel, em 2013, conhecido por “*See & Do*”. Esse projeto promove e incentiva o *parkour* de mulheres por meio de imagens, documentários, cursos online, *workshops* e encontros (SEE & DO, 2017).

No Brasil, a prática de mulheres tem sido incentivada por meios virtuais (redes sociais) e também por iniciativas de grupos locais e do projeto “*Parkour Feminino Brasil*”, o qual consiste em um blog, criado em 2010, para divulgar e fomentar a participação das *traceuses* (PARKOUR FEMININO BRASIL, 2017). Assim como a ABPK, esse projeto é responsável por mediar a realização do Encontro Feminino de *Parkour*. Além disso, praticantes de Brasília promoveram uma atividade inspirada no projeto “*See & Do*” e destacaram outros encontros de mulheres (regionais e locais, mencionados anteriormente), assim como os grupos de treinos voltados à participação delas. Nesse cenário, percebemos a **disseminação** e a **promoção** de espaços “de” e “para” mulheres no *parkour*, mobilizando o desenvolvimento desse estudo.

A partir dessa apresentação do *parkour* e os “movimentos” apresentados em sua popularização, discutiremos a modalidade sob o “olhar” dos/as praticantes entrevistadas, além dos elementos centrais desse estudo (relações de gênero e o empoderamento). Na seção subsequente discutiremos sobre os caminhos metodológicos adotados nessa pesquisa que reflete nos instrumentos e fontes que produziram os dados.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são descritas as informações associadas aos procedimentos de seleção, coleta e análise de dados referentes à pesquisa de campo sobre as relações de gênero e a participação das mulheres no *parkour*.

Esse estudo configura-se como uma abordagem exploratória de natureza qualitativa, cujo trabalho de campo articula a efetivação de observação participante e entrevista semiestruturada. O tratamento do material orienta-se pela Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). A pesquisa exploratória, parafraseando Gil (2008), propõe contribuir para uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno, portanto, objetiva desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de possibilitar a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Por se tratar de uma pesquisa de campo, os procedimentos éticos obedeceram a Resolução 466/12 que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. Portanto, o estudo foi submetido e aprovado pelo Conselho Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP/UEM)¹². Os sujeitos que participaram da entrevista semiestruturada assinaram previamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), sendo assegurados de seus direitos, como a desistência da pesquisa, a confidencialidade e a privacidade das informações coletadas, dentre outros esclarecimentos relevantes.

4.1 Sujeitos do estudo

A amostra da pesquisa compreende 18 praticantes de *parkour* com faixa etária entre 19 a 31 anos de idade (M=21,6 anos), que participaram de uma entrevista semiestruturada. Tais praticantes identificaram-se em nove mulheres (50% *traceuses*) e nove homens (50% *tracers*). Esses sujeitos estavam distribuídos em três diferentes estados do país, a saber: Bahia (quatro mulheres e cinco homens), Pernambuco

¹²CAAE: 59826016.5.0000.0104

(quatro mulheres e quatro homens) e Rio de Janeiro (uma mulher). O quadro 1 apresenta as características dos sujeitos entrevistados. A fim de omitir a identificação deles/as, os nomes foram modificados em pseudônimos¹³.

Quadro 1 – Características dos sujeitos entrevistados.

Pseudônimo	Estado residente	Gênero que se identifica	Idade	Tempo de prática do parkour	Frequência de treino/semana	Prática de outra atividade corporal
CINTIA	Bahia	Feminino	24 anos	1 ano	2 vezes	Dança
DEMI	Bahia	Feminino	23 anos	5 anos	1 vez	-
IORRANA	Bahia	Feminino	20 anos	4 anos	3 vezes	-
FRANCINE	Bahia	Feminino	19 anos	2 anos	3 vezes	-
TERRY	Bahia	Masculino	22 anos	7 anos	4 vezes	<i>Jiu Jitsu</i>
FELIX	Bahia	Masculino	27 anos	9 anos	1 vez	Vôlei
JORDAN	Bahia	Masculino	20 anos	4 anos	3 vezes	<i>Calistenia</i>
JHON	Bahia	Masculino	23 anos	5 anos	3 vezes	Capoeira, ginástica, karatê e <i>slackline</i>
OLIVER	Bahia	Masculino	22 anos	6 anos	3 vezes	-
MAX	Bahia	Masculino	23 anos	9 anos	3 vezes	-
ELIS	Pernambuco	Feminino	19 anos	4 anos	2 vezes	-
SARA	Pernambuco	Feminino	22 anos	3 anos	3 vezes	-
DAPHNE	Pernambuco	Feminino	23 anos	2 anos	2 vez	Tecido acrobático
VIVIAN	Pernambuco	Feminino	24 anos	4 anos	3 vezes	-
ALEX	Pernambuco	Masculino	27 anos	8 anos	4 vezes	<i>Calistenia</i>
HENRY	Pernambuco	Masculino	21 anos	6 anos	2 vezes	<i>Jiu Jitsu</i> e Musculação
BRUCE	Pernambuco	Masculino	26 anos	7 anos	5 vezes	Escalada, corrida de rua, de obstáculos e em trilhas
HANA	Rio de Janeiro	Feminino	31 anos	7 anos	1 vez	<i>Calistenia</i> e caminhada

Fonte: a autora.

As *traceuses* possuíam faixa etária variante entre 19 a 31 anos de idade ($M=22,7$ anos), com tempo de experiência no *parkour* entre um a sete anos ($M=3,5$ anos) e participavam dos grupos “*Parkour Salvador*” (BA), “*Treino para Mulheres*” (BA e RJ) “*Physes Freerun*” (BA), “*Parkour Recife*” (PE) e “*Projeto Elas no Parkour*” (PE). Elas treinavam de um a três dias por semana ($M=2,1$ vezes por semana) e a maioria ($N=9$; $F=66\%$) não apontou a prática de outras modalidades associadas ao *parkour*. Apenas três meninas indicaram a vivência da dança, *calistenia*, caminhada e tecido acrobático.

¹³Os pseudônimos foram atribuídos pela autora e, posteriormente, os/as entrevistados/as foram informados e questionados sobre sugestões de outros nomes de suas preferências.

Os *tracers* caracterizavam-se pela faixa etária entre 20 a 27 anos de idade (M=23,4 anos), com tempo de prática no *parkour* de quatro a nove anos (M=6,6 anos) e integravam os grupos “*Parkour Salvador*” (BA), “*Parkour Camaçari*” (BA), “*Physes Freerun*” (BA), “*Parkour Amargosa*” (BA), “*Grupo Ibyanga*” (SE) e “*Parkour Recife*” (PE). A frequência de treino variava entre um a cinco dias por semana (M=2,8 vezes). A maioria deles (N=17; F=94%) praticava outras atividades paralelas ao *parkour* e foram citadas as práticas de artes maciais (*jiu jitsu*, *karatê* e capoeira angola), vôlei, *slackline*, escalada, corrida de obstáculos, corrida de rua, *calistenia*¹⁴ e musculação.

Esses sujeitos foram incluídos no estudo, conforme os seguintes critérios: apresentar mais de 18 anos de idade e, no mínimo, um ano de experiência no *parkour*. Além disso, foram considerados os/as praticantes que estariam presentes no VIII Encontro Feminino de *Parkour* (BA) e no treino geral do grupo *Parkour Recife* (PE). Ademais, priorizamos as *traceuses* que protagonizaram nos grupos de treinos direcionados para as mulheres, o TPM e o Projeto Elas no *Parkour*, haja vista apreender dados relacionados à constituição e expansão desses grupos.

A observação participante ocorreu em quatro momentos distintos nos treinos do *Parkour Wings* (PR)¹⁵, *Parkour Recife* (PE) e em dois dias do VIII Encontro Feminino de *Parkour* (BA). Nesses treinos, o total de praticantes variou entre 24 a 40 sujeitos, dentre eles adolescentes e adultos de ambos os sexos, porém com predominância do sexo masculino (acima de 60% de praticantes em todos os treinos). Para a realização da observação foi considerado a presença de, no mínimo, cinco praticantes presentes nos treinos e não foram reputados o tempo de prática e a faixa etária.

No decorrer da apresentação dos resultados e análises dessa pesquisa, os nomes dos sujeitos participantes foram modificados em pseudônimos, a fim de omitir a identificação dos mesmos. Na seção 8, os/as praticantes¹⁶ mencionados/as nas falas, não foram substituídos/as por pseudônimos para garantir sua protagonização no

¹⁴*Calistenia* (por vezes conhecido/associado à modalidade *Street Workout*) é um método de treinamento muscular com base no peso do próprio corpo e exercícios da ginástica (THOMAS et al., 2017).

¹⁵A observação do treino do grupo *Parkour Wings* constituiu um “piloto” para esse estudo, por isso os/as praticantes desse grupo não participaram das entrevistas. Além disso, o público alvo dessa pesquisa situava-se nos estados de Bahia e Pernambuco diante do surgimento dos treinos direcionados para mulheres nessas regiões.

¹⁶Os/as praticantes mencionados foram consultados sobre a citação de seus nomes e os/as mesmos/as permitiram.

desenvolvimento dos treinos direcionados. Por sua vez, os/as autores/as das falas permanecem com pseudônimos¹⁷.

4.2 Instrumento de coleta de dados

Como citado anteriormente, a coleta de dados foi efetivada por meio de entrevista semiestruturada e observação participante. A entrevista semiestruturada orientou-se no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) que se refere a um método qualitativo que tem como base um roteiro de itens a partir do qual as perguntas são formuladas durante a entrevista (COSTA, DIAS e LUCCIO, 2009). Esse método foi utilizado para os/as praticantes de *parkour* a fim de apreender percepções e avaliações individuais. O roteiro de itens da entrevista foi elaborado com base nos objetivos desse estudo e possibilitou a expressão das trajetórias individuais na modalidade, as perspectivas frente as habilidades no *parkour* e as relações de *tracers* e *traceuses*, a participação das mulheres e a constituição dos grupos direcionados para as mulheres (Apêndices B e C). Ademais, foi aplicado um roteiro semelhante para os/as praticantes.

O MEDS também possibilita a efetivação de entrevistas *online*. De acordo com Costa et al. (2009), a entrevista pode ser aplicada *online* desde que entrevistados/as e entrevistadores/as estejam intimamente familiarizados/as com os ambientes nos quais elas/es serão conduzidas/os. No caso desse estudo, apenas duas entrevistas foram realizadas nos mecanismos disponibilizados pelo *Facebook* e do *Skype*. Ambas entrevistadas foram consideradas, nesse estudo, importantes protagonistas nos grupos direcionados para as mulheres e a ausência delas, no campo de coleta de dados, impossibilitou a aplicação presencial.

A observação participante realizou-se por meio do contato direto da pesquisadora com o fenômeno observado, a fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos (MINAYO, 2001). Para sistematizar essa

¹⁷Nas fotos, registradas nas observações e apresentadas nesse estudo, os/as praticantes podem ser identificados por suas imagens. Todavia, optamos por usar pseudônimos e ocultar suas identidades nas falas deles/as uma vez que algumas verbalizações podem comprometê-los/as.

técnica, foi construído um roteiro de observação (Apêndice D) que contemplou informações e características gerais dos treinos de *parkour* (vestimenta, atitudes e interações entre os praticantes), assim como, permitiu organizar e distribuir informações sobre os treinos conforme momentos específicos.

4.3 Procedimento de coleta de dados

Os sujeitos participantes da entrevista semiestruturada foram selecionados de forma intencional, constituindo um tipo de amostragem não probabilística, a qual seleciona um subgrupo da população com base nas informações disponíveis, que possa ser considerado representativo de toda a população (GIL, 2008).

A aplicação das entrevistas ocorreu nos espaços do VIII Encontro Feminino de *Parkour* (EFPK), em Amargosa (BA), nos dias 14 e 15 de janeiro de 2017 e durante o treino geral do grupo *Parkour* Recife, em Recife (PE), no dia 21 de janeiro de 2017. Previamente, os sujeitos foram contatados por meio da rede social Facebook e questionados sobre sua presença nos espaços mencionados, assim como seu interesse e disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Durante o VIII EFPK, em Amargosa/PE, como todos/as praticantes contatados/as estavam no mesmo alojamento durante três dias, eles/as eram consultados para a efetivação da entrevista em determinados momentos, a depender de sua disposição, pois devido aos treinos que geralmente são intensos durante os encontros de *parkour*, eles/as poderiam estar cansados/as e indispostos/as. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas no período da manhã, antes dos treinos, no turno da tarde e à noite, após as refeições. Em Recife/PE, as entrevistas foram efetivadas quando os/as praticantes estavam disponíveis durante o treino e, ao final dele, o que contribuiu para realizar a observação do/a mesmo/a.

Nas entrevistas realizadas de forma online, nas redes sociais, as praticantes também foram contatadas previamente, sendo estabelecido um horário para aplicação desse instrumento. No dia de aplicação, horas antes, elas foram consultadas, também por meio das redes sociais, sobre a confirmação da entrevista, e, no momento de aplicação, foi questionado em qual rede social elas gostariam e poderiam conversar, a

depender da qualidade de conexão da internet e das redes virtuais que elas estavam adaptadas a utilizar.

Todas as entrevistas foram coletadas em gravador de áudio disponibilizado por smartphone *android* e, posteriormente, transcritas na íntegra em documento do *Word* com auxílio de áudio do programa *Dictation Pro 0.9*. A duração das entrevistas variou entre 17 a 61 minutos.

Para a realização das observações, os responsáveis pelos VIII EFPK e pelos grupos *Parkour Wings* e *Parkour Recife* foram consultados sobre o interesse em contribuir com esse estudo e a possibilidade de participação da pesquisadora nos espaços utilizando smartphone e câmera fotográfica para registro. As observações ocorreram com datas e horários estabelecidos e conforme a programação do VIII EFPK. Os dados foram registrados por meio de fotografias, vídeos e diários de campo, os quais eram compostos por anotações realizadas de forma discreta durante os treinos e dos roteiros construídos para essa técnica. Posteriormente, os dados foram descritos e analisados, confrontando imagem e texto.

4.4 Análise dos dados

Além dos dados acumulados, o processo de campo leva à reformulação dos caminhos da pesquisa por meio das descobertas de novas pistas (MINAYO, 2001). Nessa dinâmica investigativa, Minayo (2001) aponta que o/a pesquisador/a torna-se agente de mediação entre a análise e a produção de informações, reduzindo um possível desencontro entre as bases teóricas e a apresentação do material de pesquisa. Assim, a delimitação e a condução das ferramentas de análise configuram-se alicerces nessa mediação

As ferramentas de análise utilizadas nesse estudo consistem na Análise de Conteúdo Temática, proposta por Bardin (2011), e no software de análise textual “*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*” (IRaMuTeQ).

A Análise de Conteúdo Temática refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitem a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011). Essa análise organiza-se em três polos cronológicos (Quadro 2): 1. Pré-análise, 2. Exploração do material e 3. Tratamento dos resultados.

Quadro 2 – Fases e estratégias da Análise de Conteúdo Temática

ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA	
Fases de Análise	Estratégias
PRÉ-ANÁLISE	Leitura flutuante dos dados Seleção e organização Formulação de hipóteses, objetivos e indicadores
EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	Codificação dos dados em unidades de registro Identificação das unidades de contexto Classificação das unidades de registro em categorias Identificação das dimensões analíticas
TRATAMENTO DOS RESULTADOS	Síntese e seleção dos resultados Inferências e interpretações dos resultados

Fonte: Elaborado a partir de Bardin (2011).

A fase inicial de pré-análise objetiva a organização, embora ela seja composta por atividades não estruturadas. Essa fase compreende uma leitura flutuante, que consiste em estabelecer contato com os dados a analisar e em compreender o texto se permitindo invadir por impressões e orientações (BARDIN, 2011). A leitura se torna precisa em função das hipóteses e da projeção de teorias sobre o material, tornando possível a transversalidade da análise, ou seja, fazer recortes nas entrevistas em torno de cada tema. Esse recorte, seleção e organização depende dos objetivos preestabelecidos e de cinco critérios (BARDIN, 2011): a) a exaustividade, isto é, esgotar todo o assunto referente à temática da pesquisa; b) a representatividade, que reflete na seleção das amostras que representem o universo; c) a homogeneidade dos dados para que eles associem o mesmo tema, sendo coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; d) a pertinência das informações a serem adaptadas aos objetivos da pesquisa; e) a exclusividade no qual um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Sobre as mensagens recortadas e organizadas formulam-se hipóteses, objetivos e elaboram-se indicadores que norteiem a interpretação final dos dados. Esses dados constituem o *corpus* da pesquisa, ou seja, o conjunto de informações para serem submetidos a procedimentos analíticos (BARDIN, 2011).

A fase da exploração do material compreende a codificação e categorização dos dados. Nessa fase, os dados brutos do texto são transformados em unidades de registro (UR), permitindo atingir uma representação das características pertinentes ao conteúdo. Para Bardin (2011), uma unidade de registro pode consistir em um tema, uma palavra ou uma frase. O sentido completo dessas unidades é explorado e mediado pelas unidades de contexto (UC) que correspondem ao segmento da mensagem, ou seja, mostra o contexto de onde cada unidade de registro provém.

Com a seleção das UR, estas são classificadas e agregadas constituindo a escolha de uma categoria. Por sua vez, as categorias são formas de pensamento e refletem a realidade, sinteticamente, em determinados momentos. Na perspectiva da análise de conteúdo, as categorias são vistas como classes que agrupam determinados elementos que compartilham características comuns (BARDIN, 2011). O sistema categorial é organizado em dimensões analíticas com a finalidade de estabelecer uma correspondência entre o nível empírico (categorias) e o teórico (dimensões).

Por fim, o tratamento dos resultados compreende a síntese e a seleção dos resultados, a inferência e a interpretação que sugerem, conforme Bardin (2011), orientações para uma nova análise ou a utilização dos resultados com fins teóricos ou pragmáticos.

Outra ferramenta de análise de dados consiste no IRaMuTeQ, que equivale a um *software* de *corpus* textual gratuito e desenvolvido em 2009 sob a lógica da *open source* e ancora-se no ambiente estatístico do *software R*, permitindo diferentes processamentos e análises estatísticas de textos produzidos (LAHLOU, 2012). Apesar de ter sido desenvolvido na língua francesa, atualmente ele possui dicionários completos em outras línguas, inclusive a portuguesa. A versão utilizada para esse estudo foi a 0.7 *alpha 2*.

Esse programa viabiliza cinco tipos de análises: estatísticas textuais clássicas, pesquisa de especificidades de grupos, classificação hierárquica descendente, análises

de similitude e nuvem de palavras (CAMARGO e JUSTO, 2013). Vale ressaltar que o uso do software não é um método de análise de dados, mas uma ferramenta para processá-los, sendo a interpretação de responsabilidade do/a pesquisador/a (LAHLOU, 2012).

Nesse estudo, utilizamos a análise de similitude e a nuvem de palavras. Nesse tipo de análise, o programa organiza a distribuição do vocabulário de forma compreensível e visualmente clara. A análise de similitude possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado mostra indicações da conexão entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura de um *corpus* textual, enquanto que a nuvem de palavras as agrupam e as organizam graficamente em função da sua frequência. Trata-se uma análise lexical mais simples, porém graficamente interessante, na medida em que possibilita uma identificação das palavras-chave de um *corpus* (CAMARGO e JUSTO, 2013).

Diante da descrição dos caminhos metodológicos traçados nesse estudo, partiremos, nas seções seguintes, para a apresentação e interpretação dos dados coletados, em diálogo com a literatura científica. A princípio, abordaremos os espaços de efetivação da pesquisa para, posteriormente, discutir os dados apreendidos das entrevistas e observações participantes.

5 NARRATIVAS SOBRE AS TRAJETÓRIAS NO PARKOUR

Nessa seção introduzimos a história dos/as entrevistados/as no *parkour*, suas experiências e as contribuições da modalidade à vida deles/as. Compreender a inserção dos sujeitos desse estudo no campo de pesquisa analisado implica demarcar suas trajetórias e refletir sobre as relações estabelecidas entre sujeito-objeto, tornando possível atribuir sentido às suas atuações e discursos, os quais pousam sobre o que Foucault (2004) nomeia como “jogos de verdade”¹⁸. Reconhecemos, a priori, que o conhecimento não emana nem do polo concreto, representado pelo objeto (realidade), nem do polo abstrato, equivalente ao sujeito (pensamento), concentrando-se no movimento entre ambos, na relação entre a realidade e a consciência sobre ela (ABRANTES e MARTINS, 2006).

Nas narrativas dos sujeitos desse estudo, o campo de pesquisa, o *parkour*, foi apresentado, introduzido e mediado por outros sujeitos e objetos virtuais (internet e filmes), como apresentam as falas a seguir:

*“Conheci o parkour através do meu **namorado**” (Sara).*

*“Conheci o parkour através de uns **amigos** lá de Salvador” (Iorrana).*

*“**Gustavo** me falava (...) eu não tinha muito interesse não, porque eu sou uma pessoa que gosta de ficar em casa. Aí me chamou, aí eu disse: ‘ta bom, eu vou pra experimentar viu, porque **se eu não gostar eu vou embora**’. Peguei e fui pra um treino daqui com ele” (Elis).*

*“Conheci através de um **colega** meu que treinava na época (...) então ele me chamou pra um treino e eu fiquei observando, aí trouxe um primo meu mais novo que queria treinar e fiquei vindo com ele” (Vivian).*

*“Eu conheci o parkour por um **amigo** de faculdade, que treinava (...) foi um trabalho da faculdade, eu tava no quinto período de administração, era a disciplina de marketing e era pra falar sobre tribos urbanas e a decisão de falar sobre tribos urbanas e usar o*

¹⁸Regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso (FOUCAULT, 2004).

parkour pra fazer esse trabalho. (...) Ele me apresentou foi o 'racha man'. Foi a primeira pessoa que eu entrevistei. Daí eles me convidaram pra vê-los treinar, aí eles me chamaram pra passar um sábado com eles" (Hana).

*"Eu comecei com um **amigo** me enchendo a paciência. Ele treinava já há um tempo, aí ele começou a me chamar pra treinar, só que eu não queria, porque tinha medo de me espatifar" (Demi).*

*"Eu comecei o parkour através de uma **menina**, porque ela fazia pela Ondina que é um bairro lá em Salvador. Aí eu vi uma menina treinando, achei aquilo muito da hora. Por ironia, ela estudava no mesmo colégio que eu, aí eu puxei assunto com ela e foi um incentivo, até hoje eu considero ela uma professora de parkour" (Jordan).*

Essas afirmações revelam a influência de amigos e familiares à adesão ao *parkour*, os quais já praticavam e mediaram o primeiro contato com a modalidade aos/as participantes dessa pesquisa. Essa influência de amigos/as e familiares na iniciação da prática esportiva têm sido amplamente investigada (WEINBERG e GOLD, 2008). No campo das práticas de aventura, constatações similares foram verificadas nos estudos de Tahara (2004) com praticantes de 07 modalidades de aventura, de Gouveia (2013) com surfistas e Paixão e Kowalski (2013) com praticantes de *mountain bike*.

Além da mediação derivada das relações sociais dos/as entrevistados/as, a mídia também esteve, de forma recorrente, associada à adesão ao *parkour*, como destacam essas verbalizações:

*"Eu vi na **televisão**, (...) nos filmes. Quando eu vim pra Salvador eu procurei no Facebook Parkour Salvador, achei logo a página. Liguei pra dois meninos, (...) o responsável dos meninos e conversei com ele sobre o local, porque eu não conhecia direito" (Cintia).*

*"Conheci o parkour através de um **amigo**, na época a prática tava muito famosa entre as pessoas (...) ele me mostrou alguns **vídeos**, porém eu tava muito vidrada no skate e aí eu não me interessei à primeira vista. No ano retrasado eu tive a oportunidade de ir pra um treino porque eu tava muito em casa deprimida e eu só estava estudando um turno, então as coisas conspiraram a favor, eu queria fazer uma coisa nova e o parkour parecia uma boa alternativa. Fui para o meu primeiro treino e eu fui me enturmado com todo mundo. Eu tinha feito um trato comigo, no meu primeiro treino eu vou chegar, **se a galera for receptiva eu continuo**, pra minha alegria todo mundo bem legal (...) eu gostei muito, e hoje em dia o parkour é uma coisa essencial pra mim" (Francine).*

*“Eu já tinha ouvido falar e visto o parkour que se mostra na **mídia** e sabia que o namorado de uma amiga minha praticava. (...) Anos mais tarde, estudei teatro na mesma escola em que Rebeca, David e Kid estudaram, porém não sabia que eles praticavam. E aí, na semana de teatro da escola, Rebeca e Kid deram uma oficina de parkour. Depois disso, em janeiro, **eu e David começamos a namorar e foi aí que pude entender o que é essa atividade**. Comecei a praticar mais com ele e sozinha, depois com outras pessoas também” (Daphne).*

*“Eu já tinha conhecimento do parkour através de **filmes**, como o B13, e com isso eu vi algumas cenas no **YouTube**. Ai meu **primo** me chamou pra prática, disse que viu a galera praticando aqui na Jaqueira. A partir daí, semanas depois eu vim e comecei a praticar” (Henry).*

*“Eu conheci por conta do **filme**, o B13¹⁹. Daí eu tinha **colegas** que moravam no meu bairro e que fazia, e teve um dia, me chamou tal. Sabe quando rola a química? Era tudo que eu queria sem nem saber o que era que eu queria. E aí eu conheci e fiquei vislumbrado com os movimentos, mais com a prática mesmo do que com a filosofia” (Max).*

*“Eu comecei a praticar porque meu **primo** começou a me enviar **vídeos**, enviar textos e tal. Chegou um período eu quis colocar aquilo que eu tava lendo em prática” (Jhon).*

Nessas falas reconhecemos que o campo midiático constituiu uma ferramenta crucial para a disseminação da modalidade, com seus fundamentos e características. Esse papel da mídia em influenciar o contato com as atividades de aventura é indicada por Marinho (1999) ao apontar que a exibição de imagens “sedutoras” impulsionam os sujeitos à prática. Kidder (2017) destaca que a internet tornou-se o meio pelo qual o treinamento do *parkour* foi codificado, explicado e disseminado.

*“Quando eu comecei tinha 14 anos, tava bem criança assim, e um **amigo** meu uma vez ele viu na **internet** uma galera pulando assim e disse: ‘tem um negócio ali pra brincar’. Aí a gente foi tipo de brincadeira mesmo, só que ai com o tempo a gente foi brincando e foi melhorando. Ficou uma brincadeira um pouco mais séria. A gente passou quase um ano e pouquinho em lugar meio restrito onde a gente morava. A gente descobriu depois de muito tempo que tinha a comunidade de Salvador também, a gente foi conhecer a galera, aí se deu bem com todo mundo” (Felix).*

*“Eu tava no colégio, ai tinha um **menino** que treinava taekwondo e o pessoal começou a usar a academia dele pra fazer treinos de giros e tal. Ele começou a ter contato com o pessoal e começou a treinar com o pessoal nas praças. Aí me chamou, eu fui umas duas três vezes, aí acabei me mudando, só que ficou naquela euforia de querer*

¹⁹B13 – 13º Distrito (2004).

*continuar assim e tal, aí eu me mudei pra cá e comecei a treinar sozinho e encontrei o pessoal treinando em Camaçari. O grupo que eu conhecia era uma pessoa que tava vendo **vídeo** na internet e tava imitando e tal. E aí a gente começou a desenvolver assim, a gente aprendia algumas coisas e aí ia aplicando, pesquisava na **internet**, via vídeo e imitava” (Terry).*

Nas falas de alguns/as praticantes, notamos que os vídeos e as redes sociais mediaram informações sobre a prática, em conformidade com estudo de Kidder (2017), no qual ele percebe que, particularmente os tutoriais do *YouTube* serviram como introdução inicial de *tracers* a técnicas adequadas de *parkour*. Até 2007 tais informações eram escassas e o treino consistia em “imitar” os movimentos abordados em vídeos online e nos filmes. Além disso, o acesso à internet era limitado a pessoas com um volume de capital econômico e cultural. A falta de informações e conhecimento contribuía para uma prática inadequada com uma execução arriscada dos movimentos. Entretanto, é possível encontrar cerca de 1.780.000 vídeos²⁰ pelo descritor “tutorial de *parkour*” em busca simples no *YouTube*. Além das redes sociais na internet, o campo cinematográfico disseminou a modalidade, a exemplo da divulgação do filme *Rush Hour* (2002), uma das primeiras representações do *parkour* na mídia, além dos projetos como *Jump London* (2003) e *Jump Britain* (2005), também tematizando diretamente essa prática corporal. Além dessas inserções, o *parkour* foi divulgado ainda nos filmes *Yamakasi* (2001) dirigido por Luc Besson, *13º Distrito ou B13* (2004; 2014) com David Belle e *007 Cassino Royale* (2006) com participação de Sébastien Foucan.

A adesão ao *parkour* também foi demarcada pela afinidade, presentes na história de vida dos praticantes, com as habilidades do *parkour*. Identificamos essa perspectiva nas falas apresentadas a seguir:

*“Quando era criança **sempre gostei de pular e brincar**, essas coisas, **me aventurar**. Então, quando eu conheci o *parkour* eu meio que identifiquei logo. Não comecei a treinar mais cedo porque eu tinha 14 anos, eu não tive tanta liberdade, ai depois de um tempo eu descobri o pessoal aqui na Jaqueira” (Oliver).*

“Eu admirava papai muito. Papai pra quem não sabe é Jackie Chan. Eu via muito filmes dele e gostava muito, mas eu não entendia muito o que era ainda aquilo que ele fazia. Eu andava muito com uns amigos meu que eram metaleiros e ai uma vez, a gente foi

²⁰Busca realizada na data 28 de maio de 2017.

*em um lugar aqui perto chamado Sítio Trindade e começamos a treinar lá, parkour mesmo. **Subia na árvore, pulava de um negócio pro outro.** Eu ficava olhando: “isso é negócio de doido”. Aí um deles pegou pulou de uma árvore levou uma queda e eu **achei interessante, aí eu vou fazer. Treinei com eles um tempo**” (Alex).*

*“Desde **criança gostava muito de praticar** atividades físicas, brincar de pega-pegou, esconde-esconde, subir em árvores e nas coisas. Mas, durante a adolescência, durante algumas brincadeiras fui constrangido por outras pessoas dizendo que aquilo era coisa de criança, que deixasse de ser imaturo e crescesse. Isso acabou criando uma barreira para as brincadeiras que gostava de fazer e comecei o processo comum na sociedade de deixar de fazer o que gosta para fazer o que os outros dizem. Após anos sedentário, comecei a fazer academia, nesse período ouvir falar do parkour, achei irado, mas eu nunca procurei saber se tinha na cidade. Um **amigo** que conheci na academia falou que treinava, marcamos uns treinos e começamos a se jogar na doida. Procurei no **Orkut** praticantes em Recife e conheci o pessoal, formamos um grupo, nos envolvemos com a organização de encontros, criei e participei de alguns projetos sociais, fui um dos fundadores da Associação Pernambucana de Parkour e Presidente dela, desde então” (Bruce).*

As falas evidenciam que a inserção desses/as praticantes no *parkour* foi influenciada: 1) pela **mídia** (vídeos e redes sociais na internet e filmes); 2) por **pessoas** que conheciam ou já praticavam o *parkour*, como amigos/as e familiares. Vale ressaltar que, à exceção de Jordan, todos/as outros/as praticantes foram mediados/as por homens; 3) pela **afinidade** e interesse de brincar e experimentar o “novo” e a “aventura”. Notamos, ainda, que duas praticantes (Elis e Francine) afirmaram a receptividade do grupo como elemento influenciador para elas permanecerem na modalidade após o primeiro contato. Além disso, denotamos que tanto na história daqueles/as que desenvolveram a modalidade (seção 3), quanto nos relatos anteriores, tratam-se de homens protagonistas, em maioria, que apresentaram e mediaram a modalidade, exceto na entrevista de Jordan, que cita uma praticante. Tal contexto nos leva a inferir a “presença” e o “domínio” dos homens como uma realidade posta no *parkour*. Assim, a prática das mulheres se constitui “com” e “apesar” deles; pois, eles demarcaram esse campo sob o conjunto de características e vantagens que os favoreceram ao longo do processo histórico e cultural.

O contato e as experiências iniciais no *parkour* contribuíram para a percepção de identificação com a prática e, conseqüentemente, a permanência nela, considerando o tempo de prática dos/as participantes desse estudo. Nas falas dos *tracers* e *traceuses* é possível verificar semelhanças nas vivências dos primeiros treinos:

*“Primeiramente, aquela questão de você fazer **“loucuras”**, começar a pular de qualquer jeito, subir de qualquer forma, e aí eu fui fazendo isso e vendo, percebendo que eu tava me machucando. Depois que eu fui no meu primeiro encontro, em Camaçari, é que eu realmente **eu descobri o que realmente era o parkour**. A leveza, a fluidez, as coisas bem simples que sejam rápidas, a forma que o seu corpo desliza no meio dos obstáculos. Por um bom tempo eu treinei sozinho, **levou um tempão pra vir adeptos também** e aí teve muito **preconceito da sociedade**, o pessoal fala que era ladrão” (...)* (Jhon).

*“**Há quase 8 anos atrás não tinha quase nada**, não tinha coisa no YouTube, a gente só reproduzia o que via no filme B13 e pronto, eu tentei procurar grupos, tinha um grupo na época do Orkut ainda, marquei treino com um rapaz chamado Selva, ele me deu um cano ele não veio acabei ficando sozinho aqui. Aí apareceu Marcílio Victor, ele chegou lá no grupo do Orkut também que ele tava procurando, marcando treino, aí ele acabou me encontrando aqui. **Com o tempo foi chegando o pessoal**, foi chegando Duracell, foi chegando outros meninos, Toni, e assim foi. A gente acabou treinando junto, ficou aquela amizade e um vício também. A gente treinava bem dizer a semana inteira aqui e as pessoas foram começando a aparecer. A gente sentiu a necessidade de fazer um **treino mais voltado a ensinar**, porque aparecia pessoas constantemente e não dava mais pra gente mais ficar ignorando até que: vamos organizar isso aqui, vamos puxar treino e chegou a hora”* (Alex).

Esses praticantes relataram sobre o **treino imprudente** que caracterizaram suas primeiras experiências no parkour, o qual era decorrente, em grande parte, das informações escassas a respeito das técnicas e objetivos da modalidade. Além disso, no período que as informações começaram a se disseminar pela internet, muitos/as praticantes não tinham acesso a ela.

Diante das afirmações dos tracers, o parkour foi adquirindo mais adeptos/as diante de sua popularização e, em consequência, surgiu o **preconceito** social à prática. Na pesquisa de Angel (2011), os/as praticantes afirmaram que são mal interpretados pelo público diante de suas ações consideradas destrutivas pela sociedade. Fernandes e Galvão (2016) evidenciaram relatos de praticantes associados a ladrões, pichadores, macacos, entre outros termos que fomentam o preconceito vinculado àquele/a que pratica o *parkour*.

O treino imprudente, a ampliação de praticantes e o preconceito apresentam-se marcantes nas experiências iniciais no parkour indicadas nessas falas. Ademais, destacamos a necessidade do desenvolvimento uma pedagogia do parkour, percebida por Alex. Tal necessidade pode ter configurado como resposta ao aumento do número

de adeptos e à demanda da transmissão de uma prática “segura”, a partir de técnicas e habilidades que evitassem lesões, considerando que trata-se de uma modalidade que provoca impactos às articulações do corpo. Assim, o ensino das técnicas dos movimentos e o condicionamento do corpo contribuem para evitar lesões e permitem que o sujeito pratique a modalidade a longo prazo, conforme o *ethos* “Ser e Durar” enfatizado por ela. Por tais aspectos, o *parkour* como transgressão é relativizado; de um lado, ele apresenta o uso incomum do corpo e do espaço; de outro, ele compreende uma sistematização de movimentos e técnicas para garantir a segurança dos/as praticantes. Como desdobramento da prática sistematizada, em fevereiro de 2017, o Comitê Executivo da *Fédération Internationale de Gymnastique* (FIG), associado a membros do *Mouvement International du Parkour, Freerunning et l'Art Du Déplacement* (FRA), bem como à *APEX School of Movement* (EUA) e *JUMP Freerun* (NED), aprovou o desenvolvimento de uma nova disciplina da FIG baseada no *parkour* (FIG, 2017).

Em outra perspectiva, Angel (2011) analisa a dimensão transgressora ou antidisciplinar do *parkour*. Os corpos são disciplinados para, inclusive, mover-se no espaço, tornando-se úteis ao funcionamento social (FOUCAULT, 1993). A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, isto é, corpos dóceis, ampliando “as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuindo essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1987, p. 119). No *parkour*, observamos que os/as praticantes redefinem esse corpo e renegociam esse espaço, utilizando este último para criar oportunidades de movimentação e superar obstáculos físicos e psicológicos (como o medo). O modo com eles/as se apropria do espaço público converge com o uso convencional e normativo da sociedade. O/a praticante não é limitado/a pelos medos incorporados em uma sociedade avessa ao risco, tampouco os movimentos e as rotas são definidos pelo Estado (ANGEL, 2011). Assim, podemos considerar que, pela estética dos/as praticantes, a modalidade confronta com o biopoder²¹. Todavia, pela ética imbricada nos valores da prática, o *parkour* “serve” a ele, uma vez que a premissa “ser forte para útil” – enquanto valor/princípio da comunidade –

²¹Biopoder é “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3). O autor considera-o (biopoder) como uma das configurações da governamentalidade que transforma a vida em objeto de poder (STOLZ, 2008).

implica que a finalidade do treino/prática seja tornar-se produtivo à sociedade. Logo, nessa modalidade o biopoder é exercido nessa complexidade que confronta o estético, mas o convém pelo ético. E, na mediação com o biopoder, os/as praticantes concebem o *parkour* como cuidado de si, ou seja, como uma ferramenta transformadora para criar e entender a si próprios/as e afastar-se das noções fixas de identidade e comportamento (ANGEL, 2011).

As experiências iniciais nessa prática foram verbalizadas pelos/as praticantes. Como memória das primeiras vivências no *parkour*, as *traceuses*, por sua vez, referiram-se as dores musculares e as dificuldades desencadeadas pelos treinos iniciais, conforme esses relatos:

*“Fiz o primeiro treino, eu fiz muita coisa (...) ai **eu fiquei no outro dia bem acabadinha**. Depois disso eu fiquei um tempinho me recuperando aí um colega meu de dança que eu conheci, eu soube que ele também fazia, já teve a prática antes e a gente combinou de ir junto na noite. A gente foi duas noites e foi muito legal. Com cerca de dois meses, três meses de treino vim pra Amargosa, foi meu primeiro encontro, (...) fui para o encontro em Aracaju, agora tô vindo pro terceiro encontro em Amargosa” (Cintia).*

*“Foi tão legal, **eu voltei pra casa quebrada**. Passei a semana toda que não podia nem andar. Aí eu gostei, misteriosamente eu gostei. Eu tive a sorte que bem que eu comecei a treinar teve o (encontro) Brasileiro em Salvador, aí mesmo que você já se apaixonou. O que ajudou muito foi o grupo, o grupo era muito forte na época que comecei” (Demi).*

*“Ele começou a me ensinar precisão, **eu tinha medo**, eu tava tremendo, porque eu sou uma pessoa nervosa. Os treinos dos meninos aqui era sempre muito pesado, e assim eu fazia o que eu podia, mas quem é que quer só fazer o que pode? Queria fazer era mais, aí eu fazia o treino com eles. **No começo foi muito difícil**, pra me acostumar assim a rotina de treino deles. No (encontro) de Caruaru foi onde eu aprendi a subir num muro que tinha lá. Eu aprendi o monkey numa árvore. Quando você pulava o galho meio que abaixava. Aí depois eu vim pra barra, antes eu passava em árvore e bloquinho de concreto. Treinava muita precisão. Quando eu comecei a treinar, Gustavo ficava no meu pé pra eu treinar precisão, não fazia mais nada além de precisão (...) passei um bom tempo treinando precisão, ai depois eu fui pro lazy na barra, depois eu fui pro monkey, depois outras movimentações assim, wall spin, que aprendi com Brooke” (Elis).*

As falas dessas praticantes remetem as dores musculares como lembranças dos primeiros treinos, além das dificuldades e inseguranças da movimentação. Parafraseando Marques (2010), o corpo que guarda as memórias de como acessar novos territórios lúdicos, isto é, ele próprio é o lugar da memória. A dor muscular do

primeiro treino de parkour também foi relatada na obra de Angel (2016)²². Para Moura et al. (2013), a dor física na prática esportiva pode ser considerada tanto um critério de avaliação da intensidade do treinamento, como elemento de valorização da vitória e ambas constituem situações geradoras de prazer.

As dores, lesões e feridas vivenciadas pelas mulheres foram investigadas por Pavlidis e Fullagar (2014) no contexto da modalidade de aventura *roller derby*. As autoras evidenciaram que as dores são celebradas com orgulho, de modo que as feridas são fotografadas e postadas pelas praticantes em suas redes sociais. Elas sugerem que a experiência pública da dor desencadeia afetos compartilhados que conecta as mulheres. Além disso, a dor expande a feminilidade além dos ideais impostos sobre ela, construindo espaços de gênero que desafiam os limites e as possibilidades atribuídos ao corpo das mulheres no esporte, ou seja, desafiam o equívoco dominante de que elas são subordinadas e fracas e, por meio da “dor” e do “prazer” nessa modalidade elas se constituem como mulheres “diferentes” e “difíceis”, mostrando-se resistentes à medida que negam/mascaram/transcendem a dor. Para essas praticantes de *roller derby*, experimentar (e em alguns casos infligir) a dor não implica somente em adquirir ou melhorar habilidades físicas, mas principalmente refere-se ao rompimento dos limites subjetivos incorporados às mulheres, possibilitando assim, uma “reimaginação” da corporeidade das mulheres (PAVLIDIS e FULLAGAR, 2014).

Essa dinâmica de resistência à dor e a exposição dela pode nos direcionar às lembranças relatadas pelas praticantes de *parkour*. Notamos que elas vivenciaram e afirmaram a “dor” do primeiro treino, mas retornaram nos treinos seguintes, demonstrando a superação e resistência às dores que, possivelmente, se desencadearam em outros momentos. Nessa relação com a dor e a exposição dessa relação ao outro/ao grupo, as praticantes buscam suplantar as perspectivas dominantes sobre seu corpo e suas atitudes: ou seja, resistir às dores implica em resistir às concepções normatizadas de fragilidade.

²²A autora relatou: “(...) a aparente “dor muscular” de início tardio após a minha primeira aula de *parkour*. Se as pestanas pudessem doer, as minhas teriam feito” (ANGEL, 2016, p. 74).

Diante das experiências iniciais no *parkour*, desvelamos, na linguagem corporal dos/as participantes, uma fala permeada de afetos e perspectivas positivas, apesar de que muitos/as chegaram à modalidade com certa desconfiança e descredibilidade. Essas percepções positivas possivelmente são decorrentes das próprias sensações de prazer e superação vivenciadas pela prática, que possibilita uma apropriação não usual do meio. Além disso, a “recepção” do grupo também pode ter influenciado na identificação do/a praticante com a modalidade, uma vez que o acolhimento interpessoal contribui para um sentimento de pertencimento (ANDRADE, 2000). Quanto ao sentido grupal, as *traceuses* afirmaram que a **representação feminina** da modalidade foi um fator relevante para sua inserção no *parkour*, isto é, a visibilidade de mulheres contribuiu para despertar e ampliar o interesse e a coragem nas entrevistadas em conhecer o grupo ou realizar um treino. Essas representações se manifestam nas seguintes verbalizações:

*“Tinha uma menina que treinava aqui, Rebeca. Ela era uma das mais antigas (Sara). Quando ela bateu um papo comigo no Facebook eu: ‘não, vou topa ir!’. **Ela quem me convenceu a ir realmente**” (Sara).*

*“Fiquei analisando os meninos e olhando também se tinha mulheres dentro, porque **minha vontade era ver as mulheres pra eu poder fazer também**” (Cintia).*

*“Eu conheci o grupo só tinha menino, **quando eu cheguei só tinha menino**, eu fiquei assim: ‘Meu deus e agora o que eu faço aqui?’. No segundo ano eu conheci Rebeca (...) ela me falou algumas coisas assim que era bom, tinha menina também, mas que pararam, aí só ficou ela, aí ela vinha treinar com meninos também, tinha mais duas meninas ou três. Aí **depois foi aparecendo as meninas**. No primeiro Encontro Pernambucano que eu fui em 2013, eu não sabia fazer nada fiquei assim ‘cri, cri, cri’. Teve o encontro de João Pessoa que eu fui, eu ficava frustrada porque eu não conseguia fazer nada e tinha um monte de coisa legal pra fazer e eu olhando, aí foi quando te conheci, conheci Krisnara, Juliana (...) depois eu conheci Alice, no pernambucano que teve, depois veio Ray, Mariana veio depois, e tinha as outras meninas” (Elis).*

*“Em 2009 teve um projeto e o JJ e o JC **queriam muito que tivessem mais mulheres** treinando no Rio e aí ele conhecia a Angélica, que é uma chilena que morava aqui no rio e tava perto de completar 50 anos, então **eles queriam juntar mais mulheres pra chamar atenção de outras mulheres**. E daí começou a ideia dos treinos femininos em 2009, que quando a Angélica foi embora isso acabou meio que morrendo, deu uma desanimada. Já tinha muita menina treinando naquela época, então a gente acabou*

achando que não tinha necessidade de continuar com esses treinos femininos, que foi um arrependimento, porque depois o número de mulheres caiu” (Hana).

Notamos que algumas praticantes relataram uma resistência maior para participar de treinos, mas ao identificar outras mulheres, elas se expressaram mais à vontade para se inserirem na modalidade. Essa presença também estimulou a evolução das praticantes e contribuiu para atrair outras mulheres, uma vez que por meio dessa representação é possível elas perceberem a modalidade como uma prática (também) de mulheres. No relato de Elis, torna-se evidente o sentimento de não-pertença ao grupo diante da ausência de mulheres praticantes e o predomínio de homens na modalidade. Estudo de Plate (2007) com mulheres praticantes de escalada identificou que a prática com outras mulheres foi considerada “altamente motivadora” para outras mulheres.

A presença das mulheres no cenário das práticas de aventura para fomentar a participação de outras mulheres é observado por Scopel e Couto (2013). A autora percebe a preocupação constante das praticantes de *skate* no Parque da Juventude (São Paulo) em incentivar a permanência de mulheres na modalidade, de modo que elas não vão para a pista apenas para andar de *skate*, pois muitas delas compreendem sua presença como um dever em manter um número significativo de mulheres frequentando o espaço.

Nas verbalizações das praticantes de *parkour*, podemos inferir que a participação e a visibilidade de mulheres nessa prática fomentam não somente a **adesão** de outras mulheres, como influenciam na **permanência** delas na modalidade, no sentimento de **pertença** ao grupo e na melhoria de **desempenho** delas. Entretanto, Figueira (2008) atesta a pouca visibilidade que se confere às mulheres no âmbito de determinadas práticas corporais e esportivas.

Diante do exposto, foi possível discutir sobre a adesão dos/as entrevistadas no *parkour* e os fatores de influência, assim como, as experiências iniciais deles/as na modalidade. Essas trajetórias também expressaram diferentes contribuições do *parkour*, as quais foram verbalizadas por eles/as frente as dimensões físicas, psicológicas e sociais. Essas informações, previamente, foram analisadas por meio do *software* IRaMuTeQ a fim de identificar de forma precisa os conteúdos que se

destacaram nas falas. Os elementos textuais referentes às questões 1 e 2 da entrevista semiestruturada (Apêndices B e C) constituíram o *corpus* textual analisado pelo *software* a fim de se obter as análises de **similitude** e **nuvem de palavras**. Os dados de *tracers* e *traceuses* foram analisados de forma separada.

A análise de similitude (Figuras 2 e 4) possibilitou identificar as coocorrências entre as palavras, a fim de trazer as indicações da conexidade entre as mesmas, contribuindo na identificação da estrutura da representação sobre as contribuições do *parkour*. Enquanto que o método de nuvem de palavras (Figuras 3 e 5) agrupou as palavras, organizando-as graficamente em função da sua frequência. Notamos na figura que as palavras são posicionadas aleatoriamente à medida que as palavras mais frequentes aparecem maiores que as outras, demonstrando assim, seu destaque no *corpus* de análise da pesquisa.

Nas análises referentes às falas dos *tracers*, a figura 2, apresentada na interface dos resultados, aponta a conexão entre os termos centrais “físico”, “mais”, “muito” e “força”.

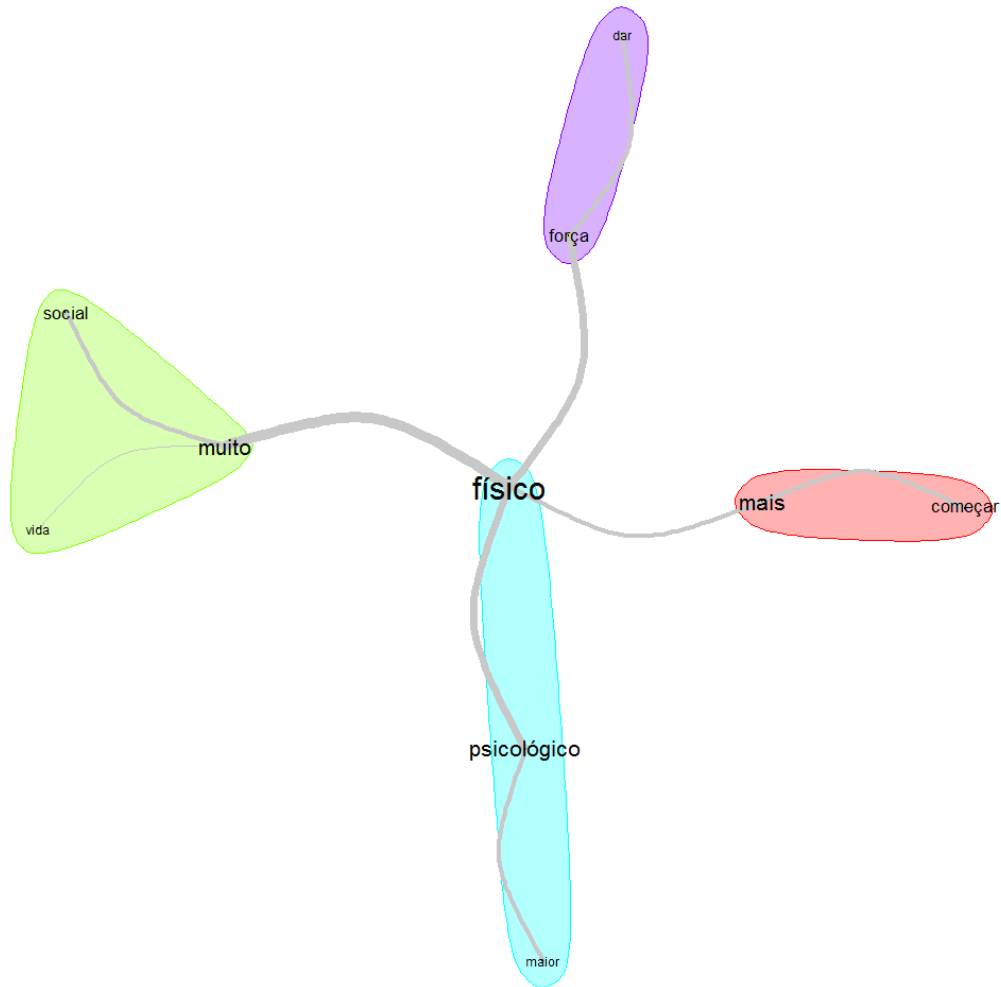


Figura 2 – Análise de similitude dos *corpus* textuais das entrevistas com *tracers*.
Fonte: organizada pela autora com base no software IRaMuTeQ.

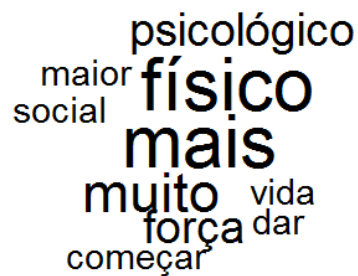


Figura 3 - Nuvem de palavras dos *corpus* textuais das entrevistas com *tracers*.
Fonte: organizada pela autora com base no software IRaMuTeQ.

Os termos “físico”, “muito” e “força” estão associados com espessura atenuante da linha, considerando os outros termos, o que denota maior correlação entre eles. Corroborando com a figura 3, em que as palavras “físico” e “mais” tiveram maiores

frequências no *corpus* (cada qual foram mencionadas 7 vezes), seguidas de “muito”, “físico” e “psicológico”. Na figura 2, ainda, se observa a correlação entre “físico”, “psicológico” e “maior”, assim com “vida”, “social” e “muito”. Tais correlações indicam que a força física está relacionada com mudanças significativas no *parkour* na percepção dos *tracers*. Em menor frequência, tais mudanças também estão associadas à vida social e aos aspectos psicológicos relacionados ao corpo físico.

Concerne aos relatos das *traceuses*, a figura 4 evidencia a conexão entre os termos centrais “muito”, “mais”, “quando” e “*parkour*”.

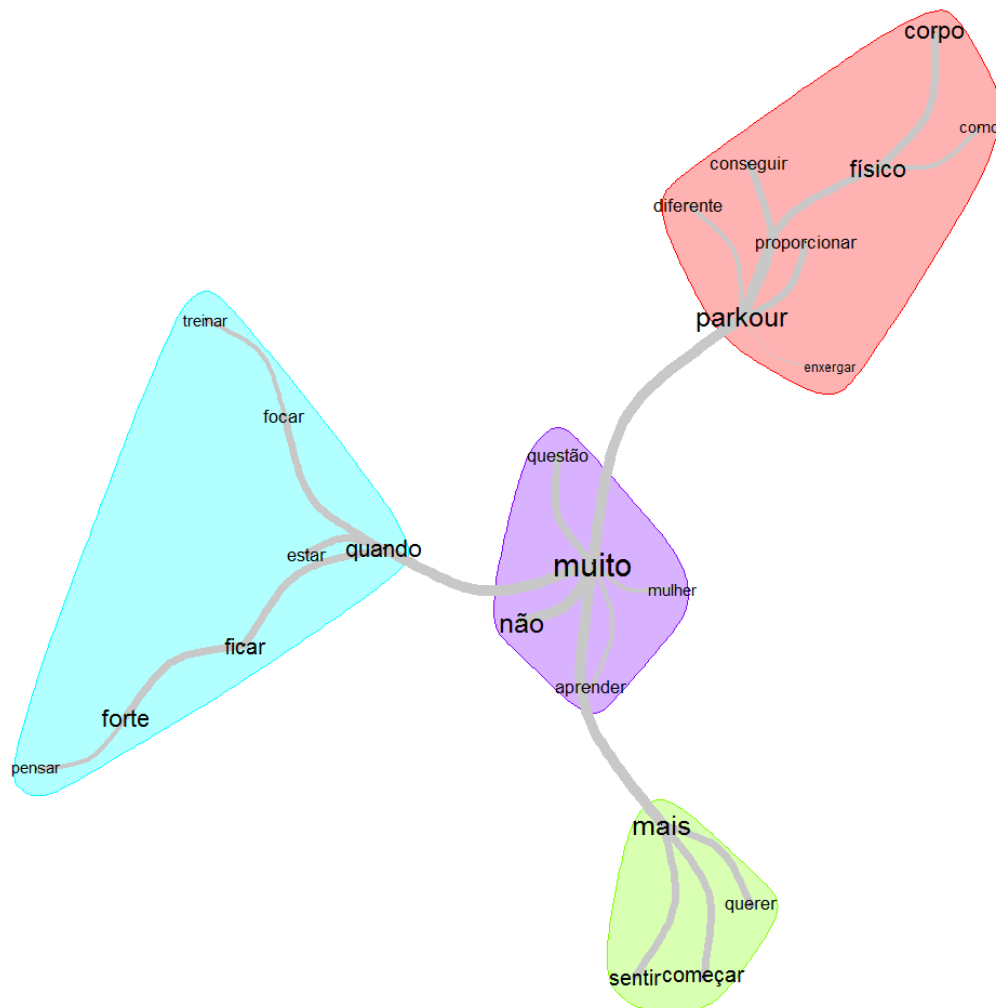


Figura 4 – Análise de similitude dos *corpus* textuais das entrevistas com *traceuses*.
Fonte: organizada pela autora com base no software IRaMuTeQ.

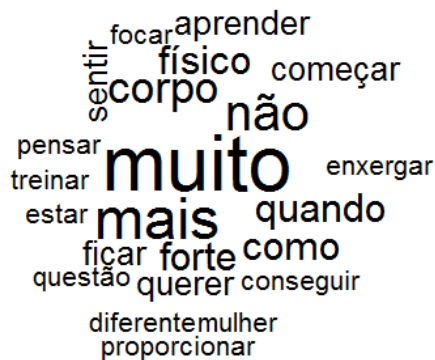


Figura 5 - Nuvem de palavras dos *corpus* textuais das entrevistas com *traceuses*.
Fonte: organizada pela autora com base no software IRaMuTeQ.

Destacam-se também as correlações entre “muito”, “*parkour*”, “físico” e “corpo”, “consequir”. Além de “muito”, “aprender”, “mais”, “sentir”, “começar” e “querer”. E ainda no tocante a “muito”, “quando”, “ficar”, “forte”, “focar” e “treinar”. Também denotamos a conexão na região central em relação ao termo “muito”, “não”, “mulher”, “questão” e “aprender”. Na figura 5, as palavras com mais frequência são “muito” (relatadas 11 vezes) e “mais” (relatadas 8 vezes), seguidas das expressões “não”, “físico”, “forte”, “corpo”, “como” e “quando”.

As correlações e frequências evidenciadas nessas análises inferem que as contribuições do *parkour* às *traceuses* são atravessadas por uma “intensidade” (recorrência das palavras “muito” e “mais”. Possivelmente, elas perceberam muitas mudanças que são afetadas pelo modo que estão articuladas a modalidade, como ilustra a frequência dos termos “como” e “quando”. Assim como em relação aos *tracers*, a questão da aquisição de força associado ao físico e ao corpo também emergiu no corpus textual. Outros elementos, como a “sensação”, o “aprender”, o “focar” e a “vontade” são referidos pelas *traceuses* diferentemente dos *tracers*.

Frente aos relatos das mulheres, o *parkour* e suas contribuições são percebidos de modo discrepante em relação ao que é percebido pelos homens. Diante das características do *parkour*, podemos sugerir que os elementos apontados pelas praticantes como mudanças proporcionadas pela modalidade estejam associados ao ser “mulher” e ao contexto social que infere sobre seu corpo, suas habilidades e suas

condutas nas práticas sociais, ou seja, são mudanças vinculadas às barreiras sociais e às possibilidades de desafiar os discursos dominantes em torno delas.

A fim de aprofundar esses apontamentos, serão descritas e analisadas as falas expressas pelos sujeitos frente as percepções de contribuições do *parkour* para sua vida nas dimensões físicas, psicológicas e sociais, respectivamente. No **âmbito “físico”**, como averiguado na análise anterior, as mudanças corporais foram mencionadas pelos/as praticantes:

*“Você fica **mais forte**, mais disposto” (Vivian).*

*“Eu fiquei muito forte, tô ficando **muito forte**, assim, rapidamente. Tô aprendendo rápido e ficando forte **rápido**. Tá me ajudando muito na faculdade” (Cintia).*

*“Eu nunca me senti tão **forte** hoje em dia. O *parkour* meu deu uma **resistência** muito boa, exemplo, na academia, eu fazia 20 apoio, aí com o *parkour* eu consegui fazer 100 sem parar. Isso é muito gratificante”! (Jordan).*

*“Eu me tornei mais forte, hoje eu consigo carregar o peso do meu próprio corpo. E também tenho um pouco mais de **consciência corporal** e conhecimento da mecânica do meu corpo” (Daphne).*

*“Eu me sinto muito **mais forte**” (Hana).*

*“*Parkour* me deu **muita força física** em relação ao peso do corpo, devido os treinamentos serem subindo e descendo muros, fazendo barras, agachamentos” (Bruce).*

*“Eu ganhei muito na questão física, comecei a **criar músculos** que eu não conseguia trabalhar antes jogando bola ou fazendo qualquer outra prática” (Jhon).*

*“Muita resistência eu ganhei a partir da prática, eu era uma pessoa mais fraca, mais magrinha, então desenvolvi **mais minha força física**, minha resistência melhorou bastante” (Henry).*

*“Eu era meio gordinha (...) com o tempo eu **emagreci**, eu ganhei **massa muscular**, eu fiquei **muito forte**, foi uma realização porque não era algo que eu tava focada, não era algo que eu imaginava chegar a aquele ponto” (Iorrana).*

A noção de “força” nessas falas se refere à capacidade física que se manifesta de diferentes formas sob os aspectos força geral e força específica, entendendo a primeira como a força produzida por todos os grupos musculares e a segunda, como a

força produzida por um grupo muscular específico para o desempenho de uma modalidade (WEINECK, 2003). As verbalizações desses/as praticantes enfatizam a aquisição de “força” nos treinamentos do *parkour* e, elementos diretamente relacionados a ela, também foram citados como o ganho de massa muscular, o emagrecimento, a consciência corporal e a melhora nas habilidades de resistência e agilidade. Essas percepções corroboram com as constatações de Andrade Junior et al. (2016) em pesquisa com 18 praticantes verificou baixos níveis de percentual de gordura nos praticantes de *parkour*, sugerindo níveis de massa magra apropriados para uma desejada aptidão física, o que provavelmente proporcionará bons níveis de força e melhora da eficiência mecânica. Outros aspectos referentes à dimensão “física” são apontados nas falas a seguir:

*“Eu vi muita diferença, porque eu não fazia nada quando eu comecei (...) era um vegetal e enquanto eu tava fazendo parkour, eu já corri, já fiz jiu jitsu, fiz capoeira. Peguei um pouco essa coisa de **reflexo**. Você aprender a cair, eu achei genial isso” (Demi).*

*“Minhas mudanças físicas foram **absurda**, porque eu era bem sedentário, bem gordinho, não fazia nada, no máximo jogava bola uma vez por semana na escola” (Felix).*

*“Quando eu entrei logo no parkour eu comecei a sentir uma diferença, tava muito difícil fazer várias coisas, coisas as quais eu conseguia fazer antes de parar (o skate), antes de ficar temporariamente sedentária. Eu perdi minha força, perdi meu equilíbrio, várias coisas. E com o parkour eu vim **recuperando** isso, então ele me proporcionou e me proporciona ainda **várias mudanças físicas**” (Francine).*

*“**Fisicamente eu melhorei**. Eu sempre tinha muita alergia, eu sou asmático também, então eu acho que depois que eu comecei a treinar parkour um pouco meio que diminuiu essas coisas” (Oliver).*

Das falas é possível depreender que os/as praticantes identificam como mudanças “físicas” a **aquisição de força** que refletiu na aptidão física e na composição corporal; e, as interferências no **estilo de vida** (como sair do sedentarismo, auxílio no emagrecimento), inclusive, alguns/mas praticantes reconhecem que tais mudanças têm auxiliado na saúde e no desempenho. Esses achados convergem com as evidências de Tahara (2004), cujos praticantes de diferentes modalidades de aventura perceberam aumento nos níveis de força muscular, melhora do condicionamento físico e da estética

corporal, diante do emagrecimento e definição muscular. Por sua vez, Tahara e Carnicelli Filho (2009) denotaram que a expectativa em melhorar a questão estética emergiu como motivação para a prática de atividades de aventura. As mudanças estéticas como resultado das práticas de aventura foram constatadas, ainda, por Capuano (2000) e Paixão e Kowalski (2013).

Na **dimensão “psicológica”** percebemos uma relevância maior atribuída aos/as praticantes nas mudanças ocorridas nessa dimensão em comparação às mudanças físicas e sociais. Identificamos essa relevância nas seguintes falas:

*“Eu sou **outra pessoa completamente por causa do parkour**” (Felix).*

*“O parkour é um aliado para muitas mudanças que aconteceram na minha **mente** ao longo dos últimos anos” (Daphne).*

*“A forma com que você passa a enxergar a vida após você ser um praticante de parkour é extremamente diferente. Você lida com **desafios pessoais** e é você contra você mesmo, tentando se superar cada vez e isso eu amplio pra vida” (Max).*

*“**Você sente que você pode**, antes eu não sentia que eu podia, agora eu sinto que posso, só que ainda tenho uma travinha” (Sara).*

*“Você começa a se **sentir mais preparado pra qualquer coisa**, pra qualquer obstáculo” (Vivian).*

*“Eu acho que me senti um pouco mais **confiante** com algumas coisas (...) essa questão de você conseguir, ter a noção de seu corpo, o que o seu corpo consegue fazer, pra mim foi muito útil” (Demi).*

*“Através do **fortalecimento mental** que consegui atingir objetivos físicos que eu não imaginava fazer, como fazer 1 km de quadrupedia, fazer um treino do caba macho²³ completo, fazer saltos de precisão em mais de 5 metros de altura e por aí vai” (Bruce).*

*“O parkour ele traz esse movimento e **conhecimento necessário do nosso corpo**. O grande ponto para mim é como o parkour nos põe para brincar, para ser, durar e testar” (Daphne).*

As verbalizações dos/as praticantes expressam as transformações proporcionadas pelo *parkour*, as quais transcendem a própria prática, ou seja, são

²³O treino do caba macho é uma rotina de treinos de condicionamento físico para o *parkour* e foi criado pelo Grupo *Ibyanga* (Aracaju/Sergipe). Ver: <http://duddupk.blogspot.com.br/2009/09/o-treino-do-caba-macho.html>

“aquisições” e mudanças que os/as auxiliam nas demais esferas da vida (sejam dificuldades e desafios vivenciados na subjetividade, no ambiente familiar, de trabalho, entre outros). O seguinte relato ilustra a transferência dos valores/habilidades “mentais” vivenciados no *parkour* para outras vivências/âmbitos do sujeito:

*“Eu não sabia nadar, eu tinha muito medo de entrar na água, eu tinha pânico e então foi por conta do parkour e por conta das pessoas que estavam envolvidas com o parkour naquela época que eu acabei tomando um pouco de vergonha na cara e me inscrevi numa aula de natação. Meu amigo mestre, ele falava o seguinte, não tem como eu pregar que parkour que você aprende a **superar obstáculos** se você não quebra o que existe em você” (Hana).*

Nessa fala, Hana remete à superação de obstáculos no sentido da subjetividade, nesse caso, seu medo e limitação que a impedia de “entrar” na água. Parafraseando Marinho (2009), a “aventura” contempla uma estreita relação com obstáculos, não apenas físicos, mas também simbólicos e imaginários, a serem ultrapassados, que, não necessariamente são os mais arriscados e difíceis, mas que, de alguma forma, agregam o novo, o desconhecido e o não-explorado. Assim, Hana, ao superar obstáculos na prática do *parkour*, conseguiu transferir essa “habilidade” para outra experiência da sua vida, “desbloqueando” e “solucionando” um de seus traumas.

Ademais, nos relatos dos/as praticantes foram citadas a mudança na forma de “pensar” e se “relacionar” com o mundo e a ampliação dos sentimentos de confiança e autoeficácia. Os desafios e as superações intrínsecos à modalidade estimulam a sensação de autoeficácia que, por sua vez, contribui para modificar a percepção de si próprio, do meio e das dificuldades. Em consonância com esses aspectos, o *parkour* é concebido no estudo de Angel (2011) como uma jornada de autoconhecimento, pois, o treino pode oferecer ao/a praticante um *feedback* sobre si próprio.

Corroborando com Schwartz et al. (2010), as práticas que envolvem aventura, mesmo com risco controlado, demandam tomadas de decisão com consequências reais, que implicam no reconhecimento que o sujeito faz de si próprio e da sua capacidade de superar limites, assim, os desafios inerentes nessas atividades estimulam/fomentam os níveis de autoconfiança e autoeficácia. Os autores também afirmam que esses diferentes estados psicológicos, como, aumento de confiança, autoestima e capacidade de resiliência, por exemplo, podem ser motivados ou

reforçado pelos papéis e responsabilidades assumidas pelo/a praticante perante o grupo/tribo em que ele/a está inserido/a.

Outros aspectos ainda foram expressados pelos/as praticantes no que concerne ao processo psicológico de concentração e ao desenvolvimento de “disciplina”, indicados nessas falas:

*“Eu aprendi muito a **enfrentar** as coisas de outras formas, a não desistir tão facilmente e a acreditar mais em mim, acreditar que com disciplina, com esforço e dedicação eu posso conseguir o que eu quiser, porque eu sou capaz de tudo. Mais **concentração**, mais compromisso (...) o parkour me deu uma visão muito diferente de tudo” (Francine).*

*“Praticar o parkour, acima de tudo, ter **concentração** em tudo. Era muito desleixado assim em muitas coisas, mas o parkour me guiou mostrando que há um ponto de seriedade. Consegui um **foco** muito maior, uma percepção, na verdade, do espaço onde eu tô. Eu consigo pensar o que aquele algo físico tem e eu posso fazer naquilo ali” (Jhon).*

*“Eu era um pouco mais desleixado, sem foco, sem objetivo, o parkour me deu uma certa **disciplina**. Meus objetivos daí focar no trabalho, nos estudos (...)” (Henry).*

Constatamos que comportamentos como organização, concentração, foco e responsabilidade foram mencionados por eles/as. A disciplina adquirida no *parkour*, discutida por Tahara (2004), direciona o praticante à compreensão de que seu treinamento gera um maior conhecimento de si mesmo e suas limitações. Esse autoconhecimento ajuda na superação de medos e traumas, possibilitando para que os desafios encontrados pelo caminho sejam superados, não só nos treinos, mas na vida como um todo.

Além da concentração e da disciplina, a percepção de liberdade promovida pela prática também foi relatada:

*“Esse sentimento de **liberdade** e assim o parkour veio junto com minha maturidade, eu fui me libertando pro mundo assim, saindo de casa mais, (...) comecei a ser mais independente” (Oliver).*

*“O parkour me proporcionou sensações diferentes, coisas que eu não sentia só com a luta, aquela sensação de **liberdade** que o parkour dá, sensação de realização quando você consegue acertar o movimento” (Iorrana).*

A sensação de liberdade promovida pelo parkour está associada à autonomia que a prática desencadeia diante das interações criativas entre pessoa-meio (ANGEL, 2011) e da exploração não-usual do corpo e do espaço físico. Nesse sentido, a modalidade é considerada como uma "prática da liberdade", cujos/as praticantes, por meio das interações com o ambiente, experimentam o corpo enquanto "veículo autônomo", descolado da noção dominante de bipoder (Ibid.). Por essa característica, o *parkour* apresenta o potencial para que as mulheres se empoderem, exercendo a liberdade e a resistência no interior da própria modalidade e transferindo-as para outras práticas sociais.

Para os/as praticantes, notamos que os principais fatores estimulados/desenvolvidos mediante a prática em relação à dimensão psicológica, consistem na aquisição/ampliação de autonomia e confiança, nos sentimentos de superação, na concentração, na disciplina e na percepção de liberdade. Diante desses elementos, podemos verificar a aquisição de "força", em um outro sentido, por meio do *parkour*, como a noção concebida pelo povo *Kaingang*, cuja força é associada ao aspecto mental, sendo mais valorizada do que a força física. Essa força se relaciona com a disposição, a iniciativa, a perseverança e o altruísmo (FASSHEBER, 2010). Sob essa perspectiva, "não basta à pessoa ser forte fisicamente se não tiver este outro atributo. A força física é apenas complementar à coragem" (ALMEIDA, 2004, p. 199). Assim, a aquisição de força no *parkour* se mostra implicada na dimensão "física" e "psicológica", sendo esta última referenciada com maior ênfase, cujas "aquisições" e "mudanças" nessa dimensão promoveram transformações na vida/história deles/as.

Os aspectos psicológicos promovidos pelo *parkour* nos relatos dos/as praticantes corroboram com resultados de Machado (2004) em investigação com praticantes de *rafting*, os quais consideraram que a atividade representou a superação do medo, superação de limites pessoais e a elevação da autoconfiança. No estudo de Pereira Neto et al. (2016), praticantes de *surfe* afirmaram as sensações de liberdade desencadeadas pela atividade, em consonância com nossos achados. Tahara (2004) e Marinho (2008) também verificaram diferenças na satisfação pessoal, na liberdade, na coragem e na autoestima de praticantes de diferentes modalidades de aventura. Esses aspectos psicológicos explicitados pelos/as praticantes de *parkour* e corroborados com

a literatura revelam a motivação intrínseca dos/as adeptos às práticas de aventura. De acordo com Marinho (2008), tais práticas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, articulam condições particulares de prática, de objetivos, a própria motivação dos/as praticantes e os meios utilizados para o seu desenvolvimento.

Assim como outras atividades que se apropriam do espaço urbano, o *parkour* desencadeia, inclusive, uma mudança de percepção do espaço físico, como apontado por alguns/mas praticantes. Os elementos do espaço passam a ser vistos com suas potencialidades e possibilidades de movimentação. Trata-se do que Angel (2011, p. 107) denomina de “(re)apropriação imaginativa do espaço”. Em conformidade, estudos de Ameel e Tani (2012a), Liu et al. (2012) e Saville (2008) declaram que os *tracers* possuem uma maneira específica de perceber o ambiente que anteriormente não era visto como atraente ou interessante para revelar oportunidades de uma prática criativa. Assim, o espaço urbano, por meio do *parkour*, é redefinido diante da apropriação pelo/a praticante dos bancos, trilhos, paredes, muros, entre outras estruturas presentes no espaço coletivo (ANGEL, 2016).

Diferentemente de outras atividades de aventura/risco no meio urbano, o *parkour* no Brasil ainda não contempla espaços próprios e popularizados²⁴ à sua prática, como dispõe as práticas de *skate*, BMX, entre outras. A maior parte da prática dessa modalidade acontece nas ruas, praças e parques do ambiente citadino, ou seja, nos espaços onde os praticantes identificam oportunidades de movimentação. Essa prática tem transcendido a cidade diante da criação e expansão de academias de *parkour*, como a *Tracer Parkour*, *Action Parkour*, Ponto B. Em 2016 foi inaugurado um *Parkour Park* no Centro de Esportes Radicais em São Paulo/SP (REIS, 2016) e outro em Fortaleza/CE. Além disso, constatamos iniciativas de grupos da modalidade na construção de “picos” de *parkour* (como o Pico da Jaqueira em Amargosa/BA, relatado na seção 6).

²⁴Espaços popularizados no sentido de reconhecer que tal espaço é direcionado à determinadas práticas, mesmo que não seja usado exclusivamente para uma modalidade. Por exemplo, é comum identificar pistas de *skates*, associando-as ao *skate*, o que não acontece, ainda, com o *parkour*.

A **dimensão “social”** das mudanças proporcionada pelo *parkour* esteve associada, com maior recorrência, nas relações interpessoais ressaltadas pelos/as praticantes. Algumas falas identificam essa perspectiva:

*“Por eu ser **tímida**, eu não socializava muito, eu era muito na minha, não era de puxar muito assunto e aqui não, aqui eu arrumei várias pessoas, você acaba convivendo com elas e aprendendo a lidar com elas. Foi uma escola (...) pra eu aprender a ouvir muitas coisas e também saber que eu tenho o direito de falar” (Vivian).*

*“Interagir muito mais no social mesmo, passei a ser uma pessoa **menos tímida**” (Henry).*

*“Aqui a **amizade** que eu fiz ela não se desfez. Mesmo quando eu fiquei afastado - eu tive lesões -, mesmo assim a amizade com a galera continuava. Eu vejo muitos amigos aqui principalmente, é a coisa que mais me marca aqui no parkour” (Oliver).*

*“Basicamente meu **círculo de amigos** hoje é só do parkour, eu não tenho amizades fora do parkour, eu tenho alguns colegas da faculdade, mas não é amizade. Minha amizade mesmo está centrada toda no parkour. Então o parkour, hoje em dia, basicamente é o centro da minha vida” (Felix).*

*“Conhecer novas culturas, **conhecer novas pessoas**, o parkour te proporciona isso. Você tem essa facilidade de viajar, porque tem vários praticantes, é uma rede (...)” (Max).*

Das verbalizações, identificamos a construção de laços de amizades como forte componente no círculo social do *parkour*. A prática também foi percebida como mediador para a socialização entre os/as praticantes. A construção de vínculos e a socialização em práticas de aventura foram asseveradas, inclusive, por Machado (2004) e Ringer (2002).

Quanto à possibilidade de conhecer pessoas de outras culturas e regionalidades por meio do *parkour*, Ringer (2002) também identificou essas afirmações entre os praticantes de diferentes modalidades de aventura. Schwartz et al. (2010) asseguram que essas atividades promovem a oportunidade de aprendizado de novas maneiras de vivenciar o lazer e de saber valorizar outras culturas, etnias e nacionalidades, desenvolvendo os elementos cognitivo, social, físico e psíquico e relacionamentos saudáveis.

Diante das construções de vínculos, alguns praticantes relataram às mudanças na forma de se relacionar com o outro. Essas mudanças podem ser visualizadas nos trechos abaixo:

*“Eu era muito orgulhoso e meio arrogante, aí no parkour, na vivencia, eu já quebrei esse orgulho. Aprendi a me **preocupar mais com as pessoas** e com o meio ambiente. Aprender a trazer das pessoas aquilo que eu queria pra mim, os sentimentos dela, por exemplo, se eu quero receber bom dia eu tenho que dar bom dia também. Então, eu aprendi isso também a tentar extrair das pessoas aquilo que eu também quero pra mim, faz o bem pra acolher o bem” (Alex).*

*“A cultura do parkour é muito bonita, ela te ensina a usar o que você tem em excesso e **dividir com outras pessoas**, sua força, seu conhecimento, seu tempo, sua boa vontade” (Bruce).*

Denotamos que a empatia e a cooperação foram estimuladas nos vínculos desenvolvidos por meio do *parkour*. Com resultados similares, a pesquisa de Tahara (2004) ressaltou as diferenças vivenciadas pelos praticantes ao aderirem às atividades de aventura em relação ao espírito de equipe, à cooperação e respeito ao próximo. Diante das diferenças identificadas nas relações interpessoais, uma praticante relatou sobre a mudança em sua percepção sobre as relações e papéis sociais de homens e mulheres nas práticas corporais e na sociedade, no sentido de desconstruir os discursos dominantes naturalizados. Esse posicionamento está presente na seguinte fala:

*“Melhorou na verdade minha **forma de pensar**, porque por conta de contato com os meninos e com as meninas, eu já tinha uma forma de pensar assim tão natural acerca de práticas de força pra homem e mulher (...) são coisas que a gente faz quando é criança e todo mundo faz, independente de qualquer coisa, naturalmente é homem e mulher. Então eu já pensava nisso, quando eu entrei eu pensava mais ainda, porque eu faço tudo. Eu acho que tem que ser a mesma coisa” (Cintia).*

A partir das verbalizações dos/as praticantes destacamos a **interação social** promovida pelo *parkour*, as **amizades** construídas no grupo, o sentimento de pertença, o aprender a **compartilhar** e as percepções sobre as **relações sociais**. Em consonância, no estudo de Angel (2011) com precursores do *parkour* foi evidenciado que a amizade e o trabalho em equipe constituíram-se como “prazeres” inerentes ao treino dessa modalidade. Na pesquisa de Pereira Neto et al. (2016) com surfistas, a

amizade aparece como fator que favorece a adesão e à permanência dos praticantes na modalidade

No contexto dos/as praticantes entrevistados/as, o *parkour* promoveu uma socialização e constituiu uma rede de apoio atravessada pelo sentido de pertencimento. Para Schouten e Alexander (1995), esse sentido de pertencimento consiste no principal motivador para que as pessoas se unam em comunidades ou tribos, nas quais elas compartilham afinidades, experiências e reforcem valores. Assim, os grupos/tribos possuem formas de linguagem, vestimenta e comportamentos que os unem (UVINHA, 2001).

Ao se inserir em um determinado grupo, as pessoas podem sofrer uma alteração em seu funcionamento mental, como também, da sua identidade (FREUD, 1921/1996). Portanto, podemos inferir que as mudanças de atitudes e percepções mencionadas pelos/as praticantes estão relacionadas ao grupo e seus valores que, por sua vez, acabam por afetar suas identidades. Conforme Maffesoli (2005), no processo grupal essa “lógica da identidade”, essencialmente individualista, torna-se uma “lógica da identificação”, no sentido coletivo em direção ao sentido de pertencimento.

Sob outra perspectiva social, um praticante expressou as possibilidades de atuação social por meio do *parkour*:

“Na parte social é que hoje eu consigo ter uma movimentação com o parkour, onde eu tento guiar as pessoas que não conhecem ou não praticam o parkour. Consegui ensinar, não de forma, de forma correta ou de forma excelente, mas do meu jeito e que as pessoas elas consigam entender tudo que eu tô passando. Então, hoje em amargosa eu consigo muita coisa pelo parkour. As pessoas, os pais colocam os filhos pra treinar. Nós temos uma turma de crianças aos domingos que a gente desenvolve atividades aqui. A gente também faz oficinas em escolas” (Jhon).

Nesse relato, Jhon afirma que, por meio do ensino do *parkour*, ele consegue ampliar seu papel dentro da modalidade – deixa de ser apenas um praticante. Essa atuação social nos remete ao que Stebbins (1992) apresenta como “lazer sério”. Essa categoria implica na

[...] prática sistemática de uma atividade central por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora, que em casos típicos, lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e

expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS, 1992, p. 3).

No caso mencionado, a atividade central refere-se ao *parkour*, o qual se configura como lazer, trabalho e obrigação não profissional.

Além dos aspectos sociais apresentados, evidenciamos nas falas de *tracers* e *traceuses* elementos que particulares à modalidade, como a concepção do *parkour* enquanto uma prática não competitiva. Por essa concepção, alguns/mas praticantes apontaram identificar-se com a prática e aderirem a ela. Verificamos essas ideias nos seguintes trechos:

*“Eu não me achava assim muito boa, não tinha muito desenvolvimento físico, eu não fazia nada, já tinha praticado esporte assim. (...) **no parkour foi dando certo** eu fui fazendo as coisas, fui me empolgando” (Elis).*

*“Sempre tive muito **problema com a coisa da competitividade** (...) e o parkour traz justamente essa coisa que mais se adequa a mim, porque eu sentia que eu podia crescer, que eu podia dividir com as pessoas que eu sempre acreditei nisso (...) parkour ele proporciona isso, e você faz o que você quer, você pode melhorar a cada dia” (Hana).*

*“Eu já fiz taekwondo, eu já fiz kung-fu, não gostei por eles terem a **tendência à competição**, acho que isso não me atraiu e quando eu comecei a vivenciar o parkour, a viver ele de verdade, cabosse, gostei muito” (Alex).*

Nessas expressões, os/as praticantes indicaram a identificação e a atração pelo sentido não-competitivo do *parkour*. Perspectiva similar foi constatada por Wheaton (1997) ao investigar praticantes de *windsurfe*, os quais afirmaram que a natureza anticompetitiva do esporte constituíram fatores de adesão a ele. Em consonância, Marinho (2008) aponta que para os praticantes de atividades de aventura na natureza, a cooperação, além de ser um estímulo, apresenta-se, também, como uma questão que envolve a segurança do outro e de si mesmo. A autora sugere que o “espírito de cooperação” prevalece em tais práticas, fazendo com que a distinção entre o melhor ou o menos capacitado não seja, na maioria das vezes, um fator de exclusão.

A cooperatividade associada às práticas de aventuras atribuem a elas um significado singular e, é por meio dessa singularidade que, autores/as como Birke e

Vines (1987), já ressaltavam o potencial dessas práticas em promover relações de equidade de gênero.

Os estudos de Angel (2011) e Guss (2011) evidenciam que o *parkour* geralmente é praticado em um espírito de cooperação, cujos grupos compartilham a busca por um objetivo comum, a superação individual nas dimensões físicas e psicológicas. Portanto, inicialmente, não foi um esporte de competição. Essencialmente, essa modalidade idealizou-se através de valores opostos ao consumo de bens materiais (SILVA, COSTA e CARVALHO, 2011), e a não competição assegura o princípio de durar respeitando os limites do corpo prezando por sua longevidade (ANDRADE e CUNHA, 2009). Entretanto, nos últimos anos a modalidade vem adquirindo contornos espetaculares que se devem à sua crescente exposição na mídia e intensificaram-se com a expansão de eventos competitivos. A primeira competição da modalidade ocorreu em 2007, o *Art of Motion* (idealizado pela empresa *Red Bull*) e, desde então, foram ampliadas, aperfeiçoadas e popularizadas em muitos países. Já em 2017, a *Fédération Internationale de Gymnastique* (FIG) aprovou o desenvolvimento de uma disciplina inspirada no *parkour* e promoveu eventos competitivos do mesmo. Esses elementos que atravessam o desenvolvimento da modalidade atestam seu processo de esportivização. Tal processo já foi consolidado por diferentes modalidades de aventura (como o *skate*), as quais, perpassaram por um histórico similar.

Diante desse processo de esportivização, as mulheres têm ocupado espaços²⁵ nas competições, academias, organizações e programas de certificação de instrutores/as, sejam como gestoras (TRACER, 2017), instrutoras certificadas²⁶ (ADAPT, 2018) e atletas (WFPPF, 2016).

²⁵A proporção de homens e mulheres nesses espaços ainda é discrepante, com acentuada predominância deles.

²⁶O ADAPT (Art du Deplacement And Teaching Programme) é um dos programas de certificação de instrutores de *parkour* mais reconhecido no mundo. O programa contempla três níveis *coach*. Dentre eles, evidenciamos que no Brasil, 03 mulheres adquiriram certificados no nível 1 *coach assistant*, em relação a 27 homens certificados no mesmo nível. No nível 2 *fundamentals coach*, encontramos 03 praticantes certificados e nenhum/a no nível 3 *master coach*.

As discussões dessa seção remeteram à trajetória e às experiências dos/as praticantes de *parkour*, assim como foi possível identificar fatores de adesão e permanência na modalidade e mudanças promovidas diante da prática. Para sintetizar os dados discutidos, a figura 6 distribui as representações atribuídas ao *parkour* concernente aos fatores de **inserção** dos sujeitos à modalidade e às **mudanças** percebidas por eles/as nas três dimensões verificadas nos relatos.

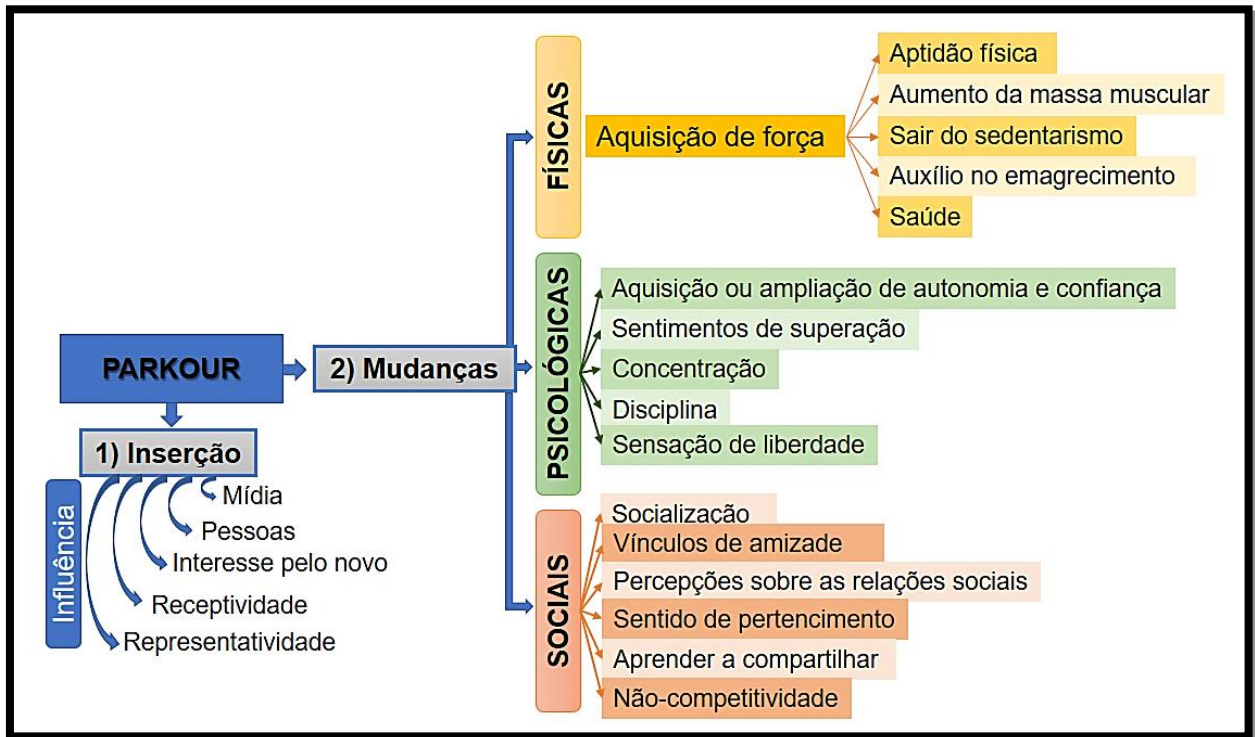


Figura 6 – Representações sobre a inserção no parkour e as mudanças proporcionadas pela prática.
Fonte: construída autora com base nas falas dos sujeitos entrevistados.

Nas verbalizações analisadas nessa seção, a inserção dos sujeitos entrevistados no *parkour* foi influenciada pelo campo **mediático** diante de filmes, vídeos disponíveis na internet e redes sociais, onde são exibidas imagens dos movimentos efetuados por praticantes e, também, se encontram informações sobre a modalidade. Alguns/mas praticantes foram apresentados/as ao *parkour* por intermédio de **amigos/as, familiares e parceiros** que já praticavam. Outros praticantes se identificaram com a modalidade devido seu histórico de vivências e brincadeiras que estimularam o **interesse pelo “novo” e pela “aventura”**.

Como facilitadores da permanência dos/as praticantes no *parkour*, foram mencionados a receptividade do grupo e a representatividade das mulheres praticantes. Esses fatores foram citados principalmente pelas entrevistadas. A **recepção positiva** do grupo tornou-se condição para que elas retornassem aos treinos após uma primeira experiência. Ademais, a **presença e a visibilidade** de mulheres praticantes fomentam a adesão de outras mulheres, por contribuir na “desconstrução” da imagem do *parkour* como uma “prática de homens” (devido a predominância dos homens nos espaços de treino). Essa representatividade, inclusive, esteve vinculada ao sentimento de pertença ao grupo e à melhoria do desempenho das praticantes.

As trajetórias dos/as entrevistas no *parkour* estiveram circunscritas por mudanças promovidas pela prática. Tais mudanças foram organizadas em três dimensões. Na **dimensão física**, as principais mudanças relatadas por eles/as referiram-se à aquisição de “força” que, conseqüentemente, contribui para a percepção de melhorias na aptidão física, na composição corporal e no estilo de vida saudável. Na **dimensão psicológica**, os/as praticantes enfatizaram diferenças na percepção de si, do outro e do meio, assim como, pontuaram mudanças na autoconfiança, na concentração, na disciplina e indicaram as sensações de liberdade e superação vivenciadas nos treinos. Na **dimensão social**, o *parkour* influenciou especialmente as relações interpessoais diante da construção de vínculos, da ampliação da socialização e do desenvolvimento da empatia e do altruísmo.

Por meio dessas representações, foi possível identificar além da história, a relação dos sujeitos entrevistados com a própria modalidade e os significados atribuídos a ela, os quais, por sua vez, atestam o *parkour* como “**prática/cuidado de si**”. Essa categoria discutida por Foucault (2006) implica uma conversão do olhar – do exterior, dos outros, do mundo – para si: trata-se de “ocupar-se consigo”, de estar atento ao que se pensa, de transformar-se. Portanto, o cuidado de si é concebido como uma arte da existência, pela qual o sujeito é constituído em meio às leis e normas, técnicas discursivas (saber) e técnicas de dominação (poder). Assim, no *parkour*, os praticantes constituem a si – enquanto tal – e se transformam a partir desse investimento (físico, psicológico e social) sobre si, diante da transgressão relativa do uso do corpo e do espaço, modificando-o e criando novos códigos e comportamentos.

A partir da exposição das representações e significados do *parkour*, assim como a influência dele na constituição da subjetividade dos/as praticantes, apresentaremos, na próxima seção, o *locus* de realização dessa pesquisa diante da observação dos espaços de treino. Por meio das descrições analisadas, introduziremos as discussões sobre as relações de gênero.

6 NOS PICOS, O QUE ACONTECE? A GENTE SALTA, TRANSPÕE E OBSERVA...

Inicialmente, torna-se necessário situar o *lócus* de efetivação da pesquisa: o cenário de observação e entrevista que é o espaço onde *tracers* e *traceuses* treinam. Nessa seção, realizamos uma descrição dos elementos que caracterizam esses espaços de treino, mais conhecidos pelos/as praticantes como “picos”. Os picos de treinos do *parkour*, em geral, constituem elementos urbanos como praças, parques, entre outros. Essa modalidade foi desenvolvida e codificada em áreas urbanas, enraizando um conjunto de princípios associados a uma maneira particular de mover-se dentro do ambiente (PERRIÈRE e BELLE, 2014). Portanto, ela pode inserir-se no conjunto de práticas recreativas e desportivas que, assim como *skate*, patins e BMX, possuem o ambiente urbano como cenário (FERRO, 2007). Como indicado por Pimentel (2013, p. 696), trata-se de uma “prática urbana de exploração não-usual da arquitetura cidadina” que, para Marques (2010), possibilitam uma (re)apropriação lúdica desse espaço.

Além do espaço público, a prática do *parkour* tem se apropriado, mais recentemente, de ginásios com equipamentos da ginástica. O treino nesses espaços possibilita que os riscos sejam gerenciados, devido aos equipamentos de apoio e segurança. Desse modo, têm sido desenvolvidas academias próprias da modalidade (Figura 7), contemplando um cenário projetado para sua prática.



Figura 7 – Academia Action Parkour em São Paulo
Fonte: <http://actionparkour.com.br/dubles>

O *lócus* do trabalho de campo desse estudo consistiu em parques urbanos e ginásio de ginástica artística e rítmica, os quais serão retratados posteriormente.

Nessa modalidade é comum, em alguns grupos de praticantes, a distinção de dois tipos de treinos: os treinos físicos e os treinos da própria movimentação do *parkour*. Os treinos físicos consistem em repetições de exercícios que objetivam o condicionamento muscular para o *parkour*. São exercícios como agachamentos, barra fixa, apoio de frente, abdominais, etc. Os treinos propriamente de *parkour* contemplam as movimentações básicas da modalidade e os “*flows*” que envolvem percursos ou circuitos com essas movimentações, articulando a ideia de eficiência do *parkour*.

Os treinos também são classificados pelos/as praticantes em treinos guiados ou livres. Nos treinos guiados há um/a ou mais praticantes, geralmente o/a que possui mais tempo de experiência, que direciona uma movimentação específica e suas repetições para todo o grupo. Enquanto que nos treinos livres os/as praticantes podem se apropriar de qualquer espaço para treinarem a movimentação que desejam.

Com o desenvolvimento de treinos de *parkour* orientados para as mulheres, torna-se possível ainda identificar dois direcionamentos distintos em relação a eles: o treino geral e o treino direcionado para as mulheres. O treino geral implica na participação conjunta de homens e mulheres no mesmo espaço, treinando de forma livre ou guiada. Ao passo que o treino direcionado reflete uma prática organizada e direcionada para as mulheres no *parkour* e, geralmente, configuram-se como guiados.

Todas as observações realizadas e descritas nesse estudo referem-se a treinos gerais da própria movimentação do *parkour* e variam em livres ou guiados para todo o

grupo ou subgrupos. Na maioria dos treinos observados, a parte inicial de alongamento e aquecimento era guiada, enquanto que a parte técnica era livre para todo o grupo ou guiada para subgrupos. Também foram considerados os conteúdos dos treinos em relação a movimentação de *tracers* e *traceuses*, caracterizadas em treino de flexibilidade, alongamento, resistência, força dinâmica, força explosiva, isometria, isotônico, velocidade, agilidade, equilíbrio, coordenação e *pliométrie*.

Os nomes dos/as praticantes presentes nos treinos observados também foram substituídos por pseudônimos, a fim de omitir a identificação dos sujeitos. Pontuamos, ainda, que no decorrer do texto os termos “mulher(es) praticante(s)” e “homem(s) praticante(s)” serão referidos como *traceuse(s)* e *tracer(s)*, respectivamente.

6.1 *Parkour Wings* (Maringá-Paraná)

Uma observação piloto foi efetivada no treino do grupo *Parkour Wings*²⁷ que ocorreu no Ginásio do Departamento de Educação Física (UEM/Maringá)²⁸ no dia 01 de dezembro de 2016 às 19h30 às 21h20. Participaram desse treino 24 praticantes, sendo 6 mulheres e 19 homens, a maioria com idade inferior a 18 anos (apenas 4 praticantes possuíam mais de 18 anos). Uma das mulheres, que também é responsável pelo grupo, apenas acompanhou o treino, pois estava em uma gestação avançada. O meu primeiro contato com esse grupo foi em maio do mesmo ano e apenas duas meninas faziam parte do mesmo. Para minha surpresa, no contato seguinte, mais quatro meninas inseriram-se no grupo.

Em todo o treino os/as praticantes apresentaram um comportamento regulado principalmente pelo líder do grupo (chamado pelos/as praticantes de “pai”) e também à outra líder, sua esposa (chamada de “mãe”). Ambos controlam a organização, o excesso de barulho e o uso adequado do material (plintos, colchões, entre outros). De forma respeitosa, denotamos obediência aos chamados e às ordens dele/a.

²⁷Grupo de Sarandi-PR – cidade próxima à Maringá/PR.

²⁸O grupo *Parkour Wings* tem realizado treinos no ginásio do DEF/UEM, o que viabilizou a efetivação de uma observação piloto desse treino misto/geral. Para os/as praticantes, o treino nesse espaço favorece a aprendizagem e o aprimoramento de técnicas e movimentos, uma vez que o espaço dispõe de equipamentos como colchões, plintos, cama elástica, entre outros.

Apesar de o grupo ter um/a líder, o direcionamento do treino foi distribuído entre diferentes praticantes, dos quais três foram responsáveis pela parte inicial (alongamento e aquecimento) e outros auxiliaram os/as praticantes em movimentações diversas que aconteciam simultaneamente em determinados pontos do ginásio.

O início do treino, com efetivação de alongamento e aquecimento, foi conduzido por três praticantes (uma menina e dois meninos) que se centralizaram numa grande roda onde estavam distribuídos os *tracers* e as *traceuses* (Figura 8). Tais praticantes apenas demonstravam os movimentos, sem verbalização, enquanto os/as outros/as seguiam. Inicialmente foi realizado alongamento de membros superiores e inferiores e posteriormente, como aquecimento, os/as praticantes executaram repetições de apoio de frente e polichinelo.



Figura 8 – Grupo *Parkour Wings* em alongamento e aquecimento no treino geral.
Fonte: arquivo pessoal

Notamos que eles/as se ajudam nos movimentos, como se apoiando no outro para adquirir equilíbrio. O comportamento altruísta é um elemento marcante na filosofia

do parkour, como indica o *ethos* “Ser forte para ser útil”, apropriado pela modalidade. Em outros momentos relatados nesse estudo é possível identificá-lo.

Para finalizar a parte inicial do treino, os/as praticantes efetuaram uma corrida diante do círculo que formavam. Como configurava uma “regra” ou “costume” entre eles/as a não verbalização durante essa parte, um dos praticantes que conduzia essa corrida acenava com o braço para que ela fosse interrompida. Com a finalização desse momento, aos/às praticantes foi informado o início do treino da movimentação do *parkour*. Enquanto eles/as se organizam para pegar o material (colchões e plintos) e distribuir em diferentes pontos do ginásio, outros começaram a fazer movimentos aleatórios, como parada de mão. As meninas, por sua vez, que estavam espalhadas durante a parte inicial em círculo, agruparam-se para aguardar o que seria designado ao treino.

Foram agrupados três pequenos grupos para a realização de movimentos em diferentes pontos específicos, onde fixaram o material. Os/as praticantes de cada grupo e as movimentações a serem treinadas por eles/as foram designados pelo responsável do *Parkour Wings* e, assim, atentamos para uma demarcação de poder e de espaço que é influenciada pelo tempo de experiência. A movimentação foi distribuída da seguinte forma entre os grupos: 1) um grupo composto por iniciantes e pelas meninas realizava o *lazy*, o *speed* e o *monkey* em plintos (na altura de quatro plintos juntos) (Figura 9); 2) um grupo constituído por praticantes com mais tempo de experiência efetivava o *dash* em plintos (na altura de cinco plintos juntos) e na mesa de saltos (Figura 9); 3) outro grupo composto por praticantes com mais tempo de experiência realizava movimentos de giros²⁹ (*free running*) em colchões (Figura 10).

²⁹Os giros são movimentos comumente utilizados no *free running*, os quais compreendem características acrobáticas, como alguns movimentos da ginástica.



Figura 9 – Distribuição de praticantes em diferentes pontos do ginásio para treino de movimentação do *parkour*.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 10 – Praticantes treinando giros nos colchões.

Fonte: arquivo pessoal

Em todos os grupos, os/as praticantes se organizavam em uma ordem, respeitando-se o tempo de execução do outro. No ponto inicial de cada fila encontramos um praticante para auxiliar e ensinar os movimentos. Primeiramente, ele demonstrava o movimento, e quando algum/a praticante apresentava dificuldade ele desintegrava o movimento (apresentando passo a passo), assim como também indicava alguns momentos no chão que os auxiliaram para entender e efetivar o movimento principal. No decorrer do treino, esses facilitadores permaneceram apenas no grupo de iniciantes e onde estavam a maioria das meninas e no grupo que treinava giros. Percebemos uma atenção maior em relação a esse grupo de iniciante e das meninas, pois quando o facilitador desejava treinar em outro espaço, ele solicitava outro para guiá-los.

Apesar da definição dos grupos, no decorrer do treino, os/as praticantes poderiam explorar os espaços e movimentos de outros grupos ou treinar em outros aparelhos que não estavam sendo utilizados, como as barras paralelas e colchões. No mesmo sentido, os grupos de praticantes mais experientes avançavam nas movimentações à medida que um praticante realizava algo diferente e os outros tentavam em seguida, emergindo novos movimentos e formas de abordar o mesmo obstáculo.

Como citamos, todas as meninas situaram-se num único grupo (Figura 11), destinado aos/às iniciantes, para efetivação do *lazy* e do *monkey*, mas isso não implicava que todas eram iniciantes³⁰. Exceto duas meninas com poucas semanas de treino, as outras possuíam mais de três meses de experiência. Após repetições do *lazy* e *monkey* na altura de quatro plintos, duas meninas decidiram executar esses movimentos na altura de cinco plintos. Em seguida, uma delas, Mari³¹, pediu permissão para o responsável do grupo para treinar giros na mesa de saltos, obstáculo que estava desocupado, enquanto a outra, Dani¹⁸, – a menina com mais tempo de treino nesse espaço (oito meses) - preferiu treinar o *dash* na mesa e, posteriormente, giros nos

³⁰A maioria dos grupos de *parkour* considera iniciante os/as praticantes com até 3 ou 6 meses de treino.

³¹Pseudônimos utilizados para melhorar a descrição das observações.

colchões. Dani permaneceu um tempo sozinha na mesa tentando o *backflip*³², depois Mari tentou esse movimento e, conseguindo, foi aplaudida por todo o grupo. Ao conseguir, ela deu dicas para Dani, que estava receosa e insegura. Os aplausos e a vibração dos/as praticantes são condutas comuns nos grupos de *parkour* que emergem no sentido de incentivar e saudar o/a outro/a pela realização do movimento e/ou superação do medo. Podemos considerar esse tipo de conduta como uma dimensão estética na modalidade, que também atravessa outras práticas de aventura, como o *skate* (NEIRA, 2014).



Figura 11 – *Traceuses* conversando antes de executar *monkey* e *lazy* nos plintos.
Fonte: arquivo pessoal

Pelo tempo de treino, Dani demonstrou ter autonomia no grupo, o que não foi expressado nas outras meninas. Além de conduzir algumas partes do treino, como o alongamento e aquecimento (nesse treino específico), ela também possui uma liberdade maior para se inserir nos outros espaços de treino, “dominado” pelos

³²O *back flip* se refere ao salto para trás acrobático.

meninos. Todavia, ela não apresentou muita interação com os/as outros/as praticantes, pois geralmente estava treinando sozinha. Diferentemente das outras, como citado em relação à Mari, ela não precisa consultar alguém mais experiente para se apropriar de outros movimentos ou espaços. A Mari, de início não apresentava tanta autonomia; por um tempo permaneceu nos plintos executando o *lazy* e o *monkey*, mas após ser permitida para treinar os giros e conseguir o *backflip* que tentava, ela passou a explorar movimentos mais arriscados e outros giros, também nos espaços ocupados pelos *tracers*.

O treino finalizou a partir do chamado do líder do grupo em decorrência do horário que eles/as precisavam pegar o transporte para retornarem à sua cidade.

Nesse grupo, podemos observar que não houve grandes diferenças de gênero em relação à movimentação realizada por eles/as que compreendeu o treino de coordenação, equilíbrio, agilidade, força dinâmica e explosiva, agilidade e *pliometria*. Todavia, notamos diferenças individuais, não de gênero, em relação ao que cada praticante treinou, pois algumas meninas e meninos permaneceram na mesma movimentação.

Os espaços e papéis assumidos pelos membros do grupo diferenciavam de acordo com o tempo de experiência deles/as na modalidade. Notamos que há uma praticante na posição de líder, juntamente com seu companheiro, apesar de que ele delineou todo o curso do treino e os praticantes que se posicionaram como “treinadores” das movimentações para cada espaço designado no ginásio. Também constatamos que essa função de “treinador/facilitador” foi estabelecida apenas para alguns praticantes. Como argumenta Connell (1995), as performances corporais no esporte são usadas para efetivar e simbolizar as relações sociais de gênero que incluem a hierarquia entre os homens e a exclusão das mulheres. Notamos que uma praticante auxiliou somente na parte inicial do treino e, no decorrer dele, algumas delas ofereceram dicas aos/às praticantes, mas essa posição de “saber” esteve atribuída aos meninos diante de sua designação para ensinar/auxiliar em determinados pontos.

Diante dessas considerações sobre a observação piloto do treino do grupo *Parkour Wings*, a seguir descreveremos um outro contexto abordado na cidade de Amargosa/Bahia por meio do VIII Encontro Feminino de *Parkour*.

6.2 VIII Encontro Feminino de *Parkour* (Amargosa/Bahia)

O Encontro Feminino de *Parkour* (EFPK) possui edições anuais e as cidades interessadas em sediar o evento candidatam-se por meio de inscrição no website *Parkour* Feminino Brasil³³. Para concorrer à sede do EFPK, os/as praticantes participam de uma votação em uma enquete na página do Facebook do grupo *Parkour* Feminino Brasil³⁴. Esse encontro acontece no mês de janeiro e comumente tem a participação de mais homens do que mulheres.

A oitava edição do EFPK ocorreu em Amargosa (Bahia) nos dias 13 a 15 de janeiro de 2017. Essa cidade se destaca pelo número de mulheres praticantes. São cerca de 7 mulheres para 3 homens que treinam, cenário distinto nas outras cidades do país, pois como indica os dados do DIESPORTE (BRASIL, 2015), há uma prevalência de homens nas atividades de aventura. Em modalidades como o skate, o surf e o montanhismo a relação é de 6 homens para cada mulher praticante no país.

Por essa característica local, os eventos de *parkour* nessa cidade enfatizam a participação das mulheres, seja por meio de rodas de conversa³⁵ durante eles ou na divulgação deles associado à imagem de mulheres. No VIII EFPK participaram cerca de 40 praticantes, dentre eles, 14 mulheres e 26 homens. Eles/as estiveram alojados/as de forma gratuita em uma escola pública - como é típico nos eventos de *parkour*. Ficarem aglomerados/as facilita a comunicação, o compartilhamento de experiências e conhecimentos e a efetivação das atividades/treinamentos propostos pelo encontro. Geralmente, todos/as praticantes estavam juntos, ou seja, acordavam, alimentavam-se e treinavam em conjunto.

O EFPK constituiu-se de treinamentos livres nos espaços externos da própria escola (pátios, quadras etc.), no auditório onde estavam dispostos colchões e plintos usados na ginástica e nos picos da cidade. Além disso, também foram oferecidas, por não praticantes de *parkour*, oficinas de capoeira angola, yoga e “*game alive*”³⁶. Outras

³³<http://feminino.parkour.com.br>.

³⁴<https://www.facebook.com/ParkourFemininoBrasil>.

³⁵ As rodas de conversa são comuns nos treinamentos e nos encontros de *parkour*. Nesses momentos se promovem discussões que objetivam identificar problemas, sugestões e reflexões sobre elementos do próprio treino ou evento.

³⁶O *Game Alive* é uma espécie de jogo de *parkour* inspirado na série de videogame “Mário” e trata-se de

atividades estavam previstas como os treinos guiados e o sociodrama (que iria compor essa pesquisa), todavia fatores como cansaço e dispersão dos/as praticantes impossibilitaram a realização delas. Toda programação com horário, espaços e responsáveis, estava preestabelecida pela organização do evento e nos encontros dessa modalidade é comum que todos/as se ajudem, ou seja, não apenas os/as organizadores/as do evento que se responsabilizam pelo alojamento, limpeza, alimentação e cumprimento de horário, os/as outros/as praticantes também se dispõem a contribuir para que o evento aconteça.

O segundo dia do VIII EFPK (14/01/2017) foi destinado ao treino livre no alojamento pela manhã e no Pico da Jaqueira pela tarde. No alojamento constatamos dois grupos de praticantes: 1) um grupo que treinava *parkour* no pátio da escola, onde havia bancos e árvores; 2) um grupo que treinava movimentos de *parkour* e giros no auditório, em colchões e plintos. Percebemos que as meninas estavam distribuídas em ambos os grupos em interação com os meninos que auxiliavam-nas com dicas ou proteção para os movimentos.

Por volta das 14 horas, todos/as praticantes direcionaram-se para outro pico. O Pico da Jaqueira (Figura 12) foi um espaço equipado pelos/as próprios/as praticantes durante o II Encontro de *Parkour* em Amargosa, que utilizaram de materiais providenciados por eles como pneus, caixotes e pedaços de madeira. Esse pico encontra-se em espaço público, localizado por trás de uma quadra poliesportiva aberta no centro da cidade. Uma peculiaridade são os desenhos de grafite nos obstáculos (Figura 13). Três aglomerados de pneus ficaram em branco para que os/as praticantes do EFPK deixassem sua “marca” (nome da sua cidade, do seu grupo, etc.) com *sprays* no início do treino (Figura 14).



Figura 12 – Pico da Jaqueira em Amargosa (Bahia).
Fonte: arquivo pessoal



Figura 13 – Grafite no muro do Pico da Jaqueira
Fonte: arquivo pessoal



Figura 14 – Praticantes usando *sprays* nos pneus do Pico da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal.

Nos primeiros momentos, algumas meninas se reuniram no local, onde possuíam pedaços de madeira, para treinar precisões e permaneceram ali maior parte do treino (Figura 15), enquanto outras estavam sentadas ou fazendo alongamento com outros meninos.



Figura 15 – Traceuses reunidas em um espaço do Pico da Jaqueira
Fonte: arquivo pessoal

No último dia do EFPK foi realizado o *Game Alive* no final da manhã no auditório e, posteriormente, alguns/mas praticantes fizeram um treino livre nesse espaço. O *Game Alive* é uma espécie de jogo de *parkour* inspirado na série de videogame “Mário” e trata-se de uma atividade coordenada por docentes e alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O jogo consiste em um percurso preestabelecido com obstáculos (colchões, plintos, barras, etc.) em que o/a praticante deve transpor com agilidade, além disso, ele/a deveria tocar em partes específicas do obstáculo que representavam os objetos de bônus do próprio jogo do Mário (Figura 16). O tempo de realização do percurso e o total de bônus resultavam em uma pontuação.

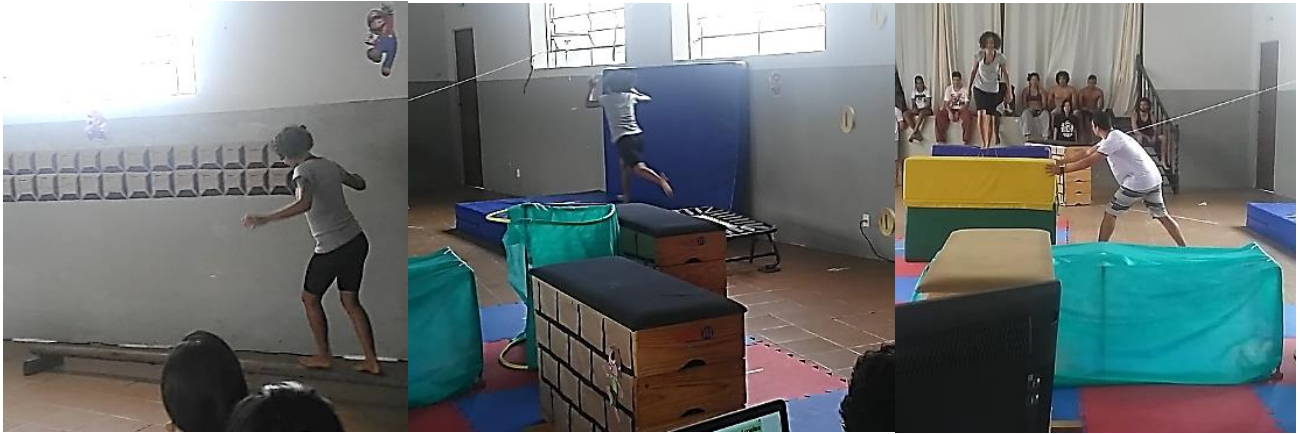


Figura 16 – Traceuse realizando percurso do *Game Alive*.
Fonte: arquivo pessoal

Todo o percurso foi fiscalizado pela equipe que contabilizou o tempo e a pontuação em um computador (Figura 17).

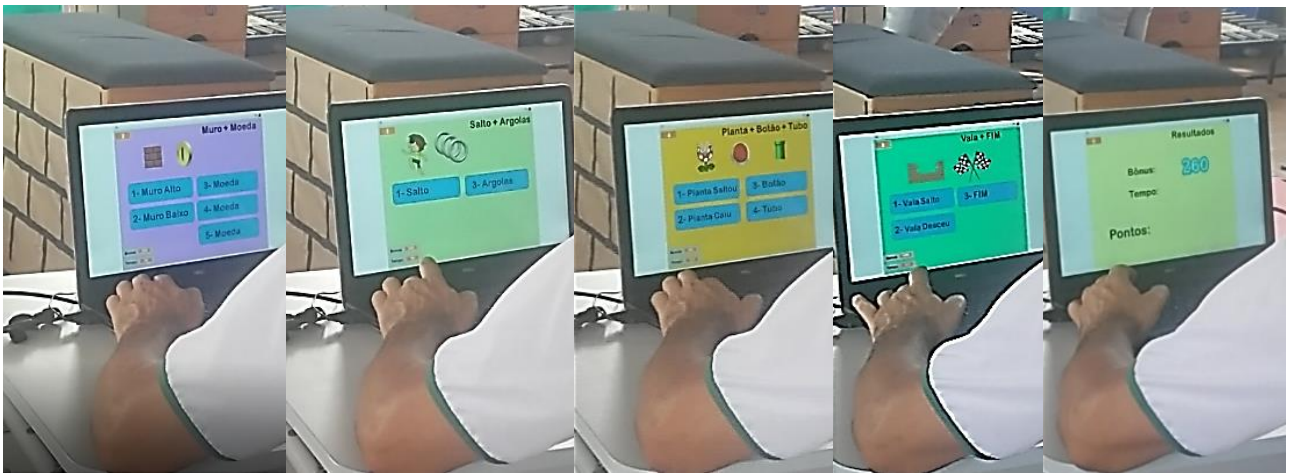


Figura 17 – Docente registrando a pontuação e o tempo do *Game Alive* no computador.
Fonte: arquivo pessoal

Nesse percurso, os/as praticantes deveriam transpor os obstáculos considerando a sua ordem. O percurso iniciava em uma superfície de equilíbrio, depois ele/a tocava em três moedas na parede em distintas alturas, em seguida pulava em uma pequena cama elástica para tocar em arcos suspensos posicionados acima do colchão. Após transpor os plintos e dois colchões (por meio de *monkey* ou precisão), era necessário subir em outro plinto para descer em um tubo vertical e transpor em *quadrupedal* outro

cubo horizontal. Para finalizar o/a praticante deveria ultrapassar mais dois plintos em precisão e parar em um quadrado riscado no chão.

Para participar os/as praticantes informavam seu nome à equipe coordenadora, a qual entregava uma ficha para registro do tempo e da pontuação, conforme as sequências de repetições. Participaram dessa oficina 03 meninas e cerca de 16 meninos e foi possível que todos/as repetissem o percurso de três a quatro vezes com vistas ao aperfeiçoamento das pontuações. Tais participantes se organizaram em uma ordenação, que foi respeitado pela maioria, mas alguns/mas passavam a frente.

Atentamos que a maioria dos/as participantes competia consigo mesmo/a, na tentativa de superar sua própria pontuação nas repetições subsequentes. Para isso, eles/as consideravam outros movimentos para transpor os obstáculos com mais agilidade, utilizando passadas e rolamentos. Além disso, os/as praticantes expectadores/as incentivavam o/a participante no percurso, apoiando e sugerindo outros movimentos e formas de abordar o obstáculo e também com vibrações (aplausos e elogios), principalmente quando ele/a realizava algo inovador (por exemplo, durante uma queda realizava um rolamento etc.) e alcançava o obstáculo ou ao chegar ao final do percurso.

Por constituir um trajeto padrão para todos/as, não foi possível observar diferenças do conteúdo da movimentação de *tracers* e *traceuses*, tampouco no incentivo e na vibração dos/as expectadores/as. Apesar de diferenças individuais frente as habilidades, as movimentações do percurso contemplavam treino de equilíbrio, coordenação, resistência, força dinâmica e explosiva e *pliometria*. Ademais, o conteúdo principal desse jogo foi a agilidade e a velocidade, que são características cruciais para garantir a eficiência da movimentação como objetivos da modalidade (KIDDER, 2017).

Durante o VIII EFPK, notamos a diferença de gênero concernente à movimentação no treino no pico da Jaqueira, cuja movimentação das meninas referiram-se ao treino de equilíbrio, coordenação, força dinâmica e *pliometria*. Ao passo que os *tracers* indicavam além desses conteúdos mencionados, o treino de agilidade, velocidade, força dinâmica e explosiva. Os treinos realizados na escola (local do alojamento) e na oficina game alive não apresentaram grandes diferenças. O treino no

pico da Jaqueira também demarcou a discrepância na ocupação de espaços por *tracers* e *trauceses*, o que discutiremos na subseção 7.3.

As descrições realizadas nesse segundo momento de observação nos permitem traçar aspectos particulares ou gerais do *parkour* e das relações entre os/as praticantes nos espaços de treino. A fim de verificar esses aspectos, apresentaremos a seguir o último *locus* de efetivação da pesquisa: o treino do grupo *Parkour Recife*.

6.3 *Parkour Recife* (Recife/Pernambuco)

O *parkour* em Recife é caracterizado pelo grande número de adeptos/as e um treino pode ter cerca de 40 praticantes. Apesar da predominância de praticantes do sexo masculino, há considerável presença de *traceuses* e por tal aspecto que essa cidade foi cenário do projeto “Elas no *Parkour*” (abordado na seção 8). Nessa cidade, almejamos observar um treino misto e um treino direcionado para as mulheres – associado ao projeto mencionado. Entretanto, somente foi possível observar o treino misto do grupo *Parkour Recife*, pois os treinos direcionados para as mulheres sofreram desdobramentos que contribuíram para seu enfraquecimento e término. Tornamo-nos cientes do fim desses treinos no decorrer da viagem para essa cidade.

Os treinos do grupo *Parkour Recife* acontecem aos sábados às 14 horas no Parque da Jaqueira. No dia 21 de janeiro de 2017 estavam presentes cerca de 24 praticantes, sendo 20 *tracers* e 04 *traceuses*. O treino começou com 17 praticantes e, aos poucos, outros/as chegavam. Inicialmente os/a praticantes sentaram-se em um grande círculo e realizaram um diálogo – conduta tradicional nesse grupo. Nesse momento, o grupo informa sobre eventos da modalidade, oportunidades, outros treinos, assim como expressam vivências, angústias e conquistas individuais e coletivas. Como existiam novatos nesse treino, foi solicitado que todos/as se apresentassem por meio do nome e do tempo de prática. Posteriormente, um dos praticantes falou sobre a ausência de desafios diante da percepção dos treinos dele próprio e do grupo. Para ele, os treinos estavam na “zona do conforto”, na qual os/as praticantes não se desafiavam mais, propondo novos movimentos ou experiências que ultrapassassem o “básico” (não desconsiderando sua relevância para a evolução na modalidade) e desencadeasse a

sensação de superação. O praticante que conduzia o diálogo, Alex, compartilhou da mesma percepção e informou que tal perspectiva foi assunto de reuniões anteriores. Outro praticante verbalizou sobre as experiências positivas com o *parkour*, às quais trouxeram contribuições para sua vida, como a superação dos medos e a transferência dessa “habilidade” para outros âmbitos da vida, os laços de amizades mediados pela modalidade, a determinação, a disciplina, entre outros. Também enfatizou o altruísmo, a busca pelo aperfeiçoamento pessoal e as superações de habilidades físicas como elementos necessários de atenção e esforço pelo grupo.

Para finalizar a discussão, foi sugerida a realização de um diálogo no final dos treinos, de modo que os/as praticantes compartilhassem suas vivências e os conteúdos absorvidos no mesmo (sobre a movimentação e o relacionamento). Além disso, foi questionado para Elis se era do seu interesse conduzir a parte inicial do treino - ela também costumava direcionar os treinos direcionados para as mulheres na cidade. Conforme Alex, o direcionamento de todos os treinos gerais é definido previamente entre os/as próprios/as responsáveis pelo grupo (os/as que possuem mais tempo de experiência), a depender das pessoas que estão disponíveis no local. A maioria dos treinos ou a maior parte deles é livre, pois devido a quantidade de participantes torna-se difícil manter um treino dirigido.

O grupo permaneceu em círculo para realizar o alongamento e o aquecimento das partes superiores e inferiores do corpo (Figura 18). Elis se posicionou na extremidade no círculo para conduzir essa parte, ela demonstrava o movimento e, com poucas instruções, os outros a seguiam. Os exercícios variavam de 5 a 50 repetições, envolvendo flexibilidade, alongamento, equilíbrio, coordenação e agilidade. Durante esse momento houve pouca verbalização e quando alguém demonstrava erros ou dificuldades, Alex aproximava-se para ajudar.



Figura 18 – Tracers do Parkour Recife realizando alongamento no Parque da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal

Posteriormente, a maioria dos/as praticantes se distribuiu espontaneamente, constituindo dois grupos: 1) um grupo de meninos treinando *monkey* ou *lazy* e precisão da barra para uma pedra no solo (Figura 19); 2) um grupo com duas meninas e quatro meninos (três eram novatos e outros dois meninos mais antigos no grupo se aproximaram depois), treinando precisão do meio-fio para outra superfície (Figura 20). Os meninos mais antigos ensinavam aos novatos. Outros praticantes estavam dispersos treinando apoio de frente, *monkey* ou precisão (Figura 21). Nesse treino, as movimentações treinadas pelos/as praticantes emergiam quando um/a deles/as fazia uma movimentação (ou inovava e acrescentava outra) e os/as outras tentavam a mesma em seguida. Assim se constituíam os grupos e, com eles, a ordenação da vez de cada praticante.



Figura 19 – Praticantes treinando *monkey* e precisão no Parque da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal



Figura 20 – *Traceuse* e *tracers* treinando precisão no Parque da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal



Figura 21 – Praticantes treinando diferentes movimentações no Parque da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal

Com um tempo, a maioria dos praticantes do grupo 1 e os mais antigos do grupo 2 migraram para outro espaço, a fim de tentar uma movimentação mais complexa (um *monkey* seguido de uma precisão para uma barra) (Figura 22), enquanto que os novatos do grupo 2 passaram a treinar *monkey* em outro local. Mais duas meninas se aproximaram do ponto do grupo 2 e iniciaram um alongamento individual para treinar precisões com as outras *traceuses*, que já estavam nesse ponto (Figura 23). Elas, que chegaram depois, também treinaram precisões mais distantes e de outras superfícies, assim como também realizaram algumas tentativas de *climb* em barras e outros exercícios (Figura 24).



Figura 22 – Praticante executando *monkey* enquanto outros *tracers* esperam.
Fonte: arquivo pessoal



Figura 23 – *Traceuses* realizando precisão no Parque da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal



Figura 24 – *Traceuse* executando o *climb* na barra.
Fonte: arquivo pessoal

As *traceuses* permaneceram treinando em **tempo** menor comparado com o tempo de treino dos meninos. Algumas delas se dispersaram pelo parque e outras estavam sentadas, a conversar e observar o treino dos meninos. Vários fatores podem justificar a menor duração de treino das meninas, seja no âmbito biológico (como a resistência), psicológico (a motivação) e social (organização do treino, sendo de caráter “livre”). No meio da tarde, elas e alguns meninos praticantes que a acompanhavam no treino se deslocaram para outra região do parque para treinar tecido acrobático, ao passo que outros *tracers* continuavam treinando *parkour*.

Nesse treino do grupo *Parkour Recife* verificamos que a movimentação e a ocupação de espaço entre homens e mulheres se distinguiam, sendo possível afirmar, no decorrer do mesmo, segregação de um treino entre as meninas e um treino entre os meninos. No tocante ao conteúdo da movimentação, o treino das *traceuses* refletia sobre equilíbrio, força dinâmica, coordenação e *pliometria*, enquanto que o treino dos *tracers* possuía, além desses conteúdos, o treino de agilidade e força explosiva.

Por meio dos aspectos descritos nos três contextos de observação participante podemos identificar particularidades em relação à **dinâmica de treino** e elementos comuns frente aos a) **conteúdos da movimentação** entre homens e mulheres, b) **ocupação do espaço e tempo** de treino e c) **relações** entre os membros.

No tocante à dinâmica de treino, no grupo *Parkour Wings* ela foi direcionada por um praticante líder e, em diferentes pontos do espaço de prática, a movimentação foi guiada e auxiliada por diferentes praticantes. No decorrer do treino, alguns/mas praticantes passaram a realizar um “treino livre” nos demais pontos do ginásio. Esse caráter guiado do treino e a separação da movimentação em determinados pontos do espaço de treino assemelha-se ao treino do grupo *Parkour Recife* que também dividiu (de forma espontânea) o espaço de treino de acordo com a movimentação e entre homens e mulheres. No VIII EFPK, à exceção da oficina *Game Alive* que constava um percurso de movimentação predeterminado, os demais treinos não foram guiados, ou seja, os/as praticantes sozinhos ou em pequenos grupos se dissipavam pelo espaço de treino a fim de realizar determinadas movimentações.

Elementos comuns, compartilhados pelos grupos, identificam e caracterizam a própria modalidade. Dentre eles, verificamos condutas como o auxílio ao/a próximo/a, os diálogos, os aplausos ao/a outro/a e as vestimentas. Outros elementos comuns se referem ao conteúdo da movimentação e a ocupação do **espaço de treino** que, por sua vez, revelaram uma diferença de gênero nos treinos do VIII EFPK e do *Parkour Recife*. No treino do *Parkour Wings* não foram observadas diferenças de gênero em relação à movimentação, mas diferenças individuais em decorrência do **tempo de prática** na modalidade. Enquanto que nos contextos mencionados, as diferenças da movimentação situam-se nos conteúdos de agilidade, velocidade, força dinâmica e explosiva que caracterizavam o treino dos *tracers* e não estavam presentes no treino da maioria das *traceuses*.

Na ocupação do espaço, as meninas, geralmente, encontravam-se agrupadas, enquanto os meninos estavam espalhados em todo o espaço de treino. Embora no treino do grupo *Parkour Wings* as meninas aparecessem agrupadas em um determinado espaço, essa característica não ocorreu de forma espontânea, como nos demais contextos. Consequentemente, essa desproporção na ocupação do espaço acabava

por afetar as relações entre eles/as na modalidade, no sentido de que elas se relacionavam mais entre si e no tocante ao apoio e a segurança para realização do movimento, na qual os meninos eram os protagonistas na maioria das vezes, tanto nos espaços ocupados pelas *traceuses*, quanto nos espaços ocupados pelos *tracers*. Tais aspectos serão aprofundados na seção 7.

Por tal cenário, além dos fatores socioculturais que se sobrepõe sobre os corpos e a socialização de homens e mulheres, interferindo, de forma desigual, nas interações³⁷ e no desempenho deles/as no *parkour*, as categorias “**tempo**” e “**espaço**” também legitimam as diferenças entre homens e mulheres na modalidade: eles e elas concebem e usam o tempo e o espaço de forma particular. Portanto, tempo e espaço aparecem como **categorias generificadas**, pois verificamos as desigualdades de apropriação e uso do espaço por homens e mulheres, assim como, as diferenças entre o tempo de treino e experiência na modalidade (destacadas nos treinos dos grupos *Parkour Wings* e *Parkour Recife*).

Tempo e espaço para a Teoria da Relatividade, desenvolvida por Einstein, são interdependes/relativos (com denominação de espaço-tempo) e constituem um universo quadrimensional³⁸ com propriedades análogas, cuja medição é feita a partir das condições de movimento (isto é, a partir do ponto de vista) do observador (XIMENES e MATOS, 2013). Logo, a noção de espaço e tempo é unificada, referindo-se a um parâmetro do sistema de coordenadas, as quais são formuladas por estruturas matemáticas (FALCIANO, 2009).

Além dessa perspectiva, a concepção de espaço considerada nessa análise transcende a noção de posição/lugar, ou seja, ele é o meio onde as estruturas físicas são incorporadas à ação social (KIDDER, 2013). Para Soja (1999), trata-se de uma categoria social em si, produzida nas práticas sociais. E por isso, não se baseia somente em escolhas livres dependentes, mas, principalmente, é produto das relações de poder (KOSKELA, 1999).

A relevância do tempo e do espaço para o desenvolvimento humano é abordada na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1996), a qual considera a dimensão do

³⁷Interações frente ao “onde posso estar – onde não posso estar”, ao “poder-saber” e ao “poder-falar”.

³⁸Composto não apenas pelas direções espaciais usuais, mas também por uma direção de carácter temporal (XIMENES e MATOS, 2013).

tempo e a interação entre a pessoa e o contexto³⁹. Os elementos “pessoa”, “processo”, “contexto” e “tempo” constituem o modelo PPCT, sendo central nessa teoria. Compreende-se que o ser humano está em uma relação dialética com o psicológico e o social, e nenhum fenômeno pode ser compreendido de forma isolada dos demais (BENETTI et al., 2013). A interação entre pessoa e contexto é primordial e entendida como processos proximais que ocorrem regularmente em longos períodos de tempo. Os processos proximais são considerados os motores do desenvolvimento, diferindo de acordo com as características individuais e as características do contexto, tanto espacial quanto temporal (BRONFENBRENNER, 2005). Em suma, a “pessoa” se desenvolve a partir da relação com seu contexto, sendo este delineado pelo espaço e o tempo. No contexto do “*parkour*”, os/as praticantes interagem, inclusive, com e sobre ele a partir do uso desigual do espaço e do tempo, o que favorece para um desenvolvimento também desigual, seja no âmbito do desempenho ou identitário. É sobre o plano de fundo espaço-temporal que essas diferenças são construídas, reforçadas e legitimadas.

Conforme Harvey (1992), o tempo e o espaço não podem ser compreendidos independentemente da ação social. Assim, as desigualdades do tempo relativo e do uso do espaço no *parkour* reforçam a hierarquia de gênero e influenciam a) na atuação deles/as frente aos papéis exercidos na modalidade (como a função de instrutor/facilitador dos movimentos), b) no modo de praticá-la⁴⁰, c) nas diferentes representações atribuídas ao *tracer* e a *traceuse*, e, conseqüentemente, d) no desempenho apresentado por eles/as.

Embora reforcem seu uso desigual, é por meio do “tempo” e do “espaço” que decorrem os processos de produção e transformação das relações sociais (REIS, 2015). Isso sugere que por meio de tais elementos, enquanto plano de fundo das práticas sociais, as atuações/interações de mulheres e homens na sociedade se modifiquem, almejando uma equidade.

³⁹O contexto pode ser considerado o “espaço” que apontamos em nossa análise.

⁴⁰Concernente às oportunidades de explorar o espaço e outros obstáculos presentes nele. Pelo espaço ser generificado, os homens têm maior acesso à essa exploração.

A discussão dessa seção demarcou o *parkour* e o espaço de treino, atravessadas por relações hierárquicas afetadas pelo tempo e espaço, subsidiando as discussões posteriores. A partir dessas informações, seguiremos para as discussões sobre as relações de gênero, apresentando os dados referentes às entrevistas em interface com os elementos da observação participante. Nas seções apresentadas, constatamos elementos que atravessam essas relações e, estes serão explorados a seguir.

7 “ELA NÃO É FRACA, ELA PODE ESTAR FRACA (...) ELA VAI FICAR FORTE!”⁴¹: O CENÁRIO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E VIVÊNCIAS DA MULHER NO *PARKOUR*

Nas seções anteriores identificamos, por meio da observação, como se configuram os espaços de treino no *parkour*. Posteriormente, exploramos as representações dos/as praticantes acerca da inserção e das mudanças proporcionadas pela prática, nas quais verificamos algumas diferenças entre as percepções de *tracers* e *traceuses*. Estas informações traçam um cenário geral do *parkour* e nos oferecem suporte para as análises a seguir.

Portanto, essa seção compreende 1) a organização, a descrição e a análise de conteúdo temática, no sistema categorial, dos dados das entrevistas de *tracers* e *traceuses* sobre as relações de gênero e a participação das mulheres no *parkour*; associadas à 2) descrição e análise da apropriação, organização e disposição de *tracers* e *traceuses* nos espaços de treino.

Apresentaremos, como subtópico inicial, a organização e estruturação da análise de conteúdo⁴² utilizada nesse estudo para, posteriormente, abordar a fase de interpretação dos significados e das características do texto das entrevistas e dos dados identificados nas observações.

7.1 Organização do sistema de categorização da Análise de Conteúdo Temática

Na análise de conteúdo, adotada nesse estudo, ressaltam-se as variáveis de inferência, ou seja, as empíricas, e as variáveis inferidas que implicam nos elementos

⁴¹Recorte da fala de uma *traceuse*, apresentada na entrevista semiestruturada.

⁴²Optamos por apresentar esse procedimento na seção de resultados (ao invés da seção sobre a metodologia) para aproximar o leitor da estrutura derivada da análise de conteúdo, a qual norteia a exposição dos resultados a partir dessa seção.

presentes nas mensagens (BARDIN, 2011). Como mencionado na seção dois, os dados das entrevistas são codificados em unidades de registros (UR) correspondente a unidade de contexto (UC). Nesse estudo, as unidades de contexto foram classificadas em dois grupos de participantes, a saber: o Grupo I (correspondente pelas *traceuses* entrevistadas) e Grupo II (referente aos *tracers* entrevistados). Essa classificação permite identificar melhor de onde procedem as percepções acerca do objeto de estudo.

As UR (temas/categorias empíricas) geradas nas entrevistas de *tracers* e *traceuses* estão apresentadas no quadro 3, resultando em 18 temas de expressão apreendidos pelas falas. As UR são temas derivados das falas dos sujeitos que sintetizam a ideia principal delas e os temas foram identificados durante a fase de exploração do material (ver Quadro 1). Todas as UR foram identificadas em ambas as unidades de contexto (Grupo I e Grupo II).

Quadro 3 – Unidades de Registro manifestas pelos grupos de praticantes

Unidades de Registro nos Grupos I e II
O histórico das mulheres de privação e ausência de vivência das práticas corporais
Dificuldades e barreiras socialmente impostas sobre o corpo das mulheres
A diferença naturalizada entre os corpos e as habilidades no <i>parkour</i>
Cobranças e comentários de <i>tracers</i> sobre a prática das <i>traceuses</i>
Percepções de avanços na participação das mulheres
O acolhimento das mulheres no <i>parkour</i>
Fatores motivacionais do <i>parkour</i> de mulheres
Aspectos desmotivadores da participação das mulheres no <i>parkour</i>
Estereótipos vinculados ao “ser” feminina
Sentimentos de empoderamento
A visibilidade dos <i>tracers</i> e a prática associada ao masculino enquanto característica exclusiva do homem
Representações sobre o “ser mulher” e a “mulher que treina”
Criação e expansão de treinos direcionados para as mulheres
Repercussões dos treinos direcionados para as mulheres nas comunidades locais de <i>parkour</i>

Demarcações sobre a dinâmica metodológica e relacional dos treinos gerais e dos treinos direcionados para as mulheres
Reconhecimento e apoio dos <i>tracers</i>
Atitudes e sentimentos de <i>traceuses</i> nos espaços de treino
Exclusão, assédio e atitudes discriminatórias

Fonte: a autora.

Com as UR geradas, foram delimitadas as categorias de análises. As categorias classificam-se em: a) categorias analíticas, que emergem do próprio objeto de estudo, dos objetivos e problemática apresentados e são base para a análise dos conteúdos; e b) categorias empíricas, as quais se originam dos textos das entrevistas (ARAÚJO, 2015). Ao delimitar as categorias, as UR foram agrupadas conforme a identificação de assuntos abordados.

O quadro 4 apresenta o sistema categorial e as respectivas unidades de registros que correspondem a cada categoria.

Quadro 4 - Dimensões e Categorias de Análise dos Conteúdos

Dimensões de Análise	ATIVIDADES DE AVENTURA E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO	MULHER E PRÁTICAS CORPORAIS	GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER	PROCESSOS GRUPAIS E EMPODERAMENTO NAS PRÁTICAS CORPORAIS
Categorias Analíticas Variáveis Inferidas	<i>Parkour</i> como um mundo social masculino	Construções sociais sobre a mulher	Motivação, superação e reconhecimento de <i>traceuses</i>	Relações de poder no <i>parkour</i>	Estratégias de empoderamento das mulheres no <i>parkour</i>
Categorias Empíricas Variáveis de inferência					
UR (Temas de expressão)	A visibilidade dos <i>tracers</i> e a prática associada ao masculino enquanto característica exclusiva do homem	O histórico das mulheres de privação e ausência de vivência das práticas corporais	Percepções de avanços na participação das mulheres	Cobranças e comentários de <i>tracers</i> sobre a prática das <i>traceuses</i>	Criação e expansão de treinos direcionados para as mulheres
	A diferença naturalizada entre os corpos e as habilidades no <i>parkour</i>	Dificuldades e barreiras socialmente impostas sobre o corpo das mulheres	Fatores motivacionais do <i>parkour</i> de mulheres	Exclusão, assédio e atitudes discriminatórias	Repercussões dos treinos direcionados para as mulheres nas comunidades locais de <i>parkour</i>
	Atitudes e sentimentos de <i>traceuses</i> nos espaços de treino	Estereótipos vinculados ao “ser feminina”	Sentimentos de empoderamento	Aspectos desmotivadores da participação das mulheres no <i>parkour</i>	Demarcações sobre a dinâmica metodológica e relacional dos treinos gerais e dos treinos direcionados para as mulheres
		Representações sobre o “ser mulher” e a “mulher que treina”	O acolhimento das mulheres no <i>parkour</i>		
			Reconhecimento e apoio dos <i>tracers</i>		

Fonte: a autora.

O sistema categorial, ilustrado no quadro 4, orienta a análise dos conteúdos das entrevistas na fase de tratamento dos dados, por meio de inferência e interpretação dos significados das falas de *tracers* (homens) e *traceuses* (mulheres). Com base nesse procedimento, cinco dimensões de análise foram identificadas, a saber:

- I) Atividades de Aventura e Performatividade de Gênero;
- II) Representações Sociais de Gênero;
- III) Mulher e Práticas Corporais;
- IV) Gênero e Relações e Poder;
- V) Processos Grupais e Empoderamento nas Práticas Corporais.

Dessas dimensões expressaram-se as categorias analíticas:

- A) *Parkour* como um mundo social masculino;**
- B) Construções sociais sobre a mulher;**
- C) Motivação, superação e reconhecimento de *traceuses*;**
- D) Relações de poder no *parkour*;**
- E) Estratégias de empoderamento das mulheres no *parkour*.**

Por meio dessas categorias, as falas/unidades de registro/temas de expressão dos/as praticantes serão descritas e analisadas a seguir. Vale ressaltar que as falas serão identificadas pelos pseudônimos descritos no Quadro 1.

7.2 *Parkour* como um mundo social masculino

A categoria “*Parkour* como um mundo social masculino” está articulada à dimensão analítica “Atividades de aventura e performatividade de gênero”. Essa dimensão expressa as performatividades de gênero que, na maioria das atividades de aventura estão direcionadas a masculinidade, considerando que essas práticas são representadas pelo envolvimento com o risco, a dor, a virilidade, a ousadia, a apropriação do espaço público, potência entre outros (KIDDER, 2017; WHEATON, 2016).

Tais características estão socialmente associadas a masculinidade, influenciando na diferença de participação entre homens e mulheres. Conforme o Diagnóstico Nacional do Esporte de 2013 (BRASIL, 2015), para as modalidades de aventura *surf*, *skate* e montanhismo a relação é de seis homens para cada mulher praticante no Brasil.

Todavia, a masculinidade não é algo inerente ou inato no indivíduo, tampouco é a única província dos homens (KIDDER, 2017). Por meio da perspectiva de Butler (1990), a feminilidade e a masculinidade são performances, as quais foram, de modo cultural, articularam determinados elementos que as representam. Entretanto, tais performances podem se dar em qualquer corpo, isto é, um corpo não corresponde a somente um gênero, então ele pode expressar o que foi designado como gênero feminino e masculino. Desse modo, dizer que o gênero é performativo implica dizer que ninguém pertence a um gênero (BUTLER, 1990).

O *parkour*, como esporte ou atividade de lazer, circunscrito por sua identificação com a aventura ou o radical, também articula o conjunto de elementos que contribuem para uma representação de “prática masculina”. Podemos identificar essas representações nas seguintes falas:

*“Quando uma pessoa fala em parkour, já imagina ver o esporte assim: aquela coisa, que traz **dor**, que se **machuca**, vai fazer isso, vai quebrar, já imagina que precisa de muita **força**. Aí já associa a **imagem de um homem**” (Vivian).*

*“Por mais que tenha menina também no local, elas (as meninas de fora) atribuem logo que é **algo masculino**. De certa forma quem tá vindo de fora num vai ver como algo feminino. E as meninas que tiverem, vai ter algum **preconceito** ali atribuído a elas” (Sara).*

*“É um esporte que teoricamente é mais masculino. Quem está de fora vai logo dizer que isso é **coisa de macho**” (Demi).*

*Uma coisa acho que desmotiva é ela ver tipo “isso é **coisa de homem pra mim**” (Jordan).*

*“Elas vêm no parkour assim e ela só **vê homem**: ‘então melhor não ir mesmo’ (Felix).*

*“Quando você vai em um lugar que **só tem homens**, você como mulher tem aquela dúvida inicial: ‘será que eu vou, será que eu não vou, eles vão ficar me assediando, eles vão ficar em cima de mim’.” (Alex).*

Nesses trechos, os/as praticantes reconhecem que, além da predominância de homens, o *parkour* é associado ao “mundo masculino”, essencialmente, pelo que é visto dentro da prática como a “dor”, o “risco”, a “força” – elementos vinculados, de forma cultural, ao “ser homem”. Monteiro (2013), ao inserir experiências pedagógicas de *parkour* nas aulas de educação física, constatou a insegurança e o preconceito advindos das meninas sobre a participação do público feminino nessa modalidade. Esse domínio “viril”, a coisa de “macho” e a “masculinidade” percebidos nessa prática e na maioria das práticas esportivas e de aventura estabelecem – culturalmente – restrições que contribuem para que meninas e mulheres evitem participar de tais práticas (WILDE, 2007).

Souza e Knijnik (2007) verificam as expectativas de modalidades esportivas que, no imaginário coletivo, devem ser praticados apenas por homens e outras que devem ser praticados apenas por mulheres. Essas representações sociais

configuram-se como automatização da generificação social normatizada e, também, enraizada na memória social. Essa automatização pode ser identificada no estudo de Araújo (2015), a qual evidencia que muitos/as estudantes afirmam que as mulheres “não gostam de futebol” somente porque são mulheres.

Os/as praticantes ressaltam a predominância de *tracers* por meio da comparação da quantidade de *traceuses*, conforme esses relatos:

*“Você vai num treino têm 20 pessoas, **uma é menina**. Vai no encontro feminino, a maioria é homem. Geralmente tem essa dificuldade de se sentir minoria” (Max).*

*“As meninas que treinam **dão pra contar nos dedos**, numa mão talvez, e as que frequentam(...). Têm as que treinam e as que frequentam” (Max).*

*“Quando eu comecei os meninos estavam num processo de transição, questão de **aceitação das meninas** no meio. Têm meninas fazendo, só que poucas” (Jordan).*

Nesses relatos, notamos a discrepância apontada pelos *tracers* em relação a quantidade de mulheres e homens praticantes na modalidade. Araújo (2015) verificou que muitas meninas atribuem ao “preconceito” a falta de interesse à prática do futebol por elas e, por isso, não há mulheres em quantidades significativas que pratiquem futebol em comparação com a quantidade de homens, considerando também que a motivação para as mulheres praticarem futebol é muito inferior à motivação dos meninos. Como destacamos nas falas, esse preconceito da prática vinculada ao “masculino” pode ser atribuído às diferenças de participação de homens e mulheres no *parkour*.

Esse domínio dos homens e os elementos associados ao “mundo masculino”, citados anteriormente, estão vinculados à percepção da “brutalidade” na prática. Essa ideia pode ser destacada nos trechos a seguir:

*“A **brutalidade** do esporte acho que não chama muito a atenção das mulheres” (Jordan).*

*“Como é aquela coisa mais **bruta**, acho que isso influencia bastante de não ter mais menina” (Demi).*

*“**Homens tendem a ser** muito **fortes**, muito **brutos** no movimento que fazem e acabam **inibindo** as meninas que estão iniciando e fala: ‘não, isso não é pra mim!’” (Jhon).*

Das falas, depreendemos que a grande quantidade de homens na modalidade e elementos como “dor”, “força”, “risco”, inclusive a “brutalidade” decorrente da movimentação, influenciam na disseminação de uma imagem *parkour* associada ao **masculino**, que é pertencente aos homens. Em conformidade com Wheaton (2016), os aspectos de tomada de riscos, a dor duradoura, a proeza física e o controle do espaço físico subsidiam o domínio masculino da comunidade *parkour* e a centralidade do capital simbólico associado a masculinidade. Nessa perspectiva, de acordo com Kidder (2017), o uso (quase dominante) dos espaços de treino pelos *tracers* influencia no significado que esses lugares têm para si e para outros/as. Por conseguinte, as pessoas passam a ver essas partes da cidade como um ambiente “para” os homens que se colocam em risco (KIDDER, 2013). Como expresso pelos/as praticantes, esse cenário acaba por distanciar as mulheres por um receio – em relação ao assédio – ou por considerarem o *parkour* como algo “inadequado” aos papéis e performances sociais atreladas ao seu corpo, pois trata-se uma atividade codificada culturalmente como “viril”. Por outro lado, as *traceuses* são vistas como “transgressoras” das atribuições sociais circunscritas ao seu corpo.

Como pontua Figueira (2008) em relação ao *skate* – perspectiva que pode ser transferível ao *parkour* – o fato dessa prática ser representada e identificada como um espaço “de e para meninos” pode, não só desencorajar a adesão das meninas, como também promover a elas a sensação de que seus corpos e seus comportamentos estão sob suspeição, pois confrontam-se com as fronteiras entre o que é permitido ou não para homens e mulheres. Tal concepção subsidia que a presença das meninas nessa modalidade constituísse, para além de uma conquista, quase uma “invasão” (FIGUEIRA, 2008).

Na própria comunidade *parkour*, a adesão delas é concebida de forma diferenciada com maior atenção, conforme aponta a *traceuse*: “Quando uma menina entra no *parkour*, apesar de toda essa desmitificação já conquistada: ‘cara entrou uma menina no *parkour*!’. **Não é como se um menino tivesse entrado, justamente por essa cultura ainda tá enraizada**” (Francine). Sob essa ótica, ao analisar o *skate*, Figueira e Goellner (2013, p. 244) evidenciam que a adesão e a permanência de

homens nesse esporte “são de tal modo naturalizadas que não precisam ser ditas, nomeadas ou chamadas a ver”, e favorecem, sobretudo, para que eles sejam considerados os protagonistas dessa prática. Torna-se viável considerar esse cenário como o que Foucault (2003, p. 71) chama de **estado de dominação**, que implica quando um “indivíduo ou um grupo social consegue bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir uma reversibilidade do movimento”.

A movimentação apresentada pelos/as praticantes é representada pela “brutalidade” citada nas falas. Esse “comportamento”, desde a infância, é aprendido como algo “pertencente” aos meninos por meio da educação do corpo. Para Goellner (2010), o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação compreende formas de ser, de parecer e de se comportar; “educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização. Assim, educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais” (GOELLNER, 2010, p. 74). Por meio dessa socialização, as normas e regras, as visões e divisões de mundo são incorporadas, inscritas nos corpos, formando um sistema de disposições que classifica-os em hierarquias (SABINO, 2003).

Nesse processo de socialização e internalização de normas, a Psicologia Social compreende que as relações grupais mediadas pelas instituições sociais exercem uma mediação ideológica na atribuição de papéis sociais e representações decorrentes de atividades e relações sociais tidas como “adequadas, corretas, esperadas” (LANE, 1984). Assim, quanto mais solidificados e definidos forem esses “padrões”, mais eficiente se torna o controle da sociedade sobre os indivíduos que desempenham esses papéis. O estabelecimento desses papéis a serem desempenhados leva à sua cristalização. Para Lane (1984), tal cristalização permite que os papéis sociais sejam vistos como uma realidade própria (tornam-se naturais, dados), exterior aos indivíduos que têm de se submeter a eles, incorporando-os.

Parafraseando Finco (2003), as características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil. O fato de pedir para uma menina auxiliar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas e dicotomizadas, construindo os gêneros como opostos:

cultura feminina diferente da cultura masculina (ALTMANN, 1998; VIANNA e FINCO, 2009). As expectativas sociais vinculadas ao gênero são semelhantes ao que Derrida interpreta sobre a lei: as pessoas que esperam a lei, se sentem diante da porta e atribuem uma certa força a essa lei (BUTLER, 1990). O mesmo acontece com o “gênero”, no sentido de que se espera que uma essência interior seja exposta. Conforme Butler (1990), “a antecipação de uma essência fornecida por gênero origina o que ela representa como externa a si mesma” (p. 17).

Em nossa cultura, os meninos são incentivados a expressar, cotidianamente, sinais que produzem uma representação da masculinidade, como “brincadeiras agressivas, práticas esportivas masculinizadoras, piadas homofóbicas, narrar suas aventuras sexuais com as meninas, etc” (GOELLNER, 2010, p. 31). Esses são comportamentos atrelados ao ser “macho” e a corresponder às expectativas sociais de um menino. Conforme Butler (1990), ao se comportar de determinada forma, um indivíduo pode reivindicar a identidade de gênero “apropriada”. O significado social desses comportamentos está historicamente situado dentro de uma determinada cultura e as identidades resultantes não são estáticas nem totalizantes, devendo ser renegociadas continuamente.

Para reforçar essa percepção de “brutalidade” do *parkour*, os/as praticantes reconhecem-no como campo que é representado como intrínseco e naturalizado aos homens e inadequado ao corpo das mulheres:

*“A ideia do que a maioria das pessoas tem do parkour é aquela **ideia dos vídeos** do pessoal girando, correndo, pulando de prédio, aqueles vídeos assim **mirabolantes**. Isso aí (parkour) anima mais os meninos a fazerem” (Demi).*

*“Os **meninos** fazem umas precisões **cabulosas**, uns monkeys **assustadores**, umas precisões altas. São poucas meninas que já tem um preparo pra fazer a maioria dessas coisas; a maioria das meninas não fazem, até meninas que treinam há mais tempo. **Difícilmente você vai ver as meninas fazendo as mesmas coisas que os meninos**, tem algumas meninas foderas no universo. Mas na maioria das vezes quem que faz aquelas coisas “uau” nos treinos? Normalmente são os meninos” (Demi).*

*“Na prática em si, os **meninos treinam mais**, treinam mais intensivamente, então assim, chega uma menina, uma novata pra treinar com um cara que ela vai olhar, ele vai fazer uma coisa que pra ela vai ser **absurdo**” (Max).*

*“Quando você olha pra um treinamento de parkour, quando você olha pra **movimentação de parkour**, a galera fazendo, você pensa: ‘nunca vou fazer isso na minha vida’. Homens falam isso, quem dirá mulheres” (Cintia).*

Termos como “mirabolante”, “assustadores”, “intensivamente” e “absurdo” descrevem a movimentação demonstrada pelos *tracers* durante os treinos, reforçando a impetuosidade deles. Esse cenário contribui para adesão e motivação de homens à modalidade, pois, como analisa Kidder (2017), o *parkour* permite atos de masculinidade, logo, eles podem se utilizar da modalidade para reforçar suas identidades masculinas. A pesquisa de Anderson (1999) com *snowboarders*, também identificou que, embora os praticantes dependam de diferentes práticas sociais para construir e afirmar a sua masculinidade, essas práticas contribuem, inclusive, para fomentar noções de dominação masculina e suas diferenças com as mulheres.

Uma praticante ainda citou que pelo fato dos homens demonstrarem esse tipo movimentação, ela também esperava perceber isso nas *traceuses*: *“Por ter muito homem, **achei que ia ver as meninas tudo voando**” (Cintia).* Nesse relato, observamos que as expectativas em relação ao desempenho das meninas no *parkour* não se igualava à performance deles na modalidade. Em consonância, um praticante reconheceu que esse desempenho de homens e mulheres não se comparam: *“Não tem uma quantidade muito elevada das mulheres que praticam e que você fala: ‘caramba, ela faz isso’, que nem você fala: ‘**esse cara é massa**’. Não tem!” (Max).* Esse trecho sugere que a movimentação dos homens na modalidade é melhor/superior à apresentada pelas mulheres.

Concernente às percepções de diferenças nas movimentações de *tracers* e *traceuses*, destacamos os seguintes relatos:

*“Você vê que os **meninos em muita coisa são mais brutos**, vão por força mesmo, mete força e vai e consegue fazer mais longe. Já as meninas têm mais dificuldade em questão de força normalmente” (Demi).*

*“O **homem ele é um pouco mais bruto**, no sentido de fazer os movimentos, ele se joga mesmo e não tá nem aí pra nada e a mulher ela se recua um pouco, porque ela tem medo de se machucar, ou algo do tipo, não generalizando. Por mais que ele caia, por mais que ele se machuque, **ele é mais grosseiro**, ele é dá uma de machão e tal” (Jhon).*

*“Os meninos se jogam, vão mesmo, com vontade, e as meninas elas param um pouquinho, pensam e aí depois se ela se sentirem muito segura elas vão. Os meninos **se jogam mais**, e as meninas elas param pra observar, olham, fala que não vai e tudo mais” (Jhon).*

*“Quando os meninos chegam nos treinos eles **se jogam mesmo** e as meninas não, até porque elas têm uma insegurança de cair” (Francine).*

“Os meninos conseguem mais porque tem aquela coisa: ‘ah vou conseguir!’. E o pessoal consegue” (Demi).

*“A maioria dos meninos que chegam aqui, chegam muito menino afoito, tem menino que chega afoito já querendo pular tudo. E menina chegar afoita assim, é um pouco raro elas chegam mais precavidas, **mais reservadas**” (Henry).*

“Ela precisa ter mais tempo pra se preparar, aí os caras não respeitam isso” (Felix).

Essas falas, baseadas nas concepções naturalizadas sobre gênero, ressaltam os termos “bruto”, “grosseiro”, “machão” e “afoito” correspondentes aos meninos, enquanto que outras palavras como “recua”, “medo” e “precavida” referem-se às mulheres. Denotamos que tais comportamentos são pontuados enquanto opostos, nos quais o feminino constitui-se como desvio construído a partir do masculino (ALTMANN, 1998). Essa naturalização de traços de comportamentos, para Bourdieu (2002), se instalam no inconsciente coletivo e passam a ser imperceptíveis, configurando-se também em estereótipos⁴³ de gênero fomentados desde à infância.

No estudo de Schmalz e Kerstette (2006), elas verificaram como as crianças concebiam a participação em práticas esportivas de acordo com as especificidades de gênero. As autoras obtiveram três achados significativos: 1) As crianças restringem seus comportamentos e participação no esporte para se adequarem às normas sociais de comportamentos apropriados com base no gênero; 2) Os esportes declarados como neutros em termos de gênero (natação, corrida e ciclismo) apresentaram as maiores taxas de participação para meninos e meninas; 3) Crianças de até oito anos estão conscientes e afetadas por estereótipos de gênero nas atividades esportivas e físicas.

⁴³ O estereótipo indica um modelo rígido a partir do qual se interpreta o comportamento de um sujeito social, sem se considerar seu contexto e a sua intencionalidade, assim, representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais (FLEURI, 2006).

Essas evidências ressaltam que as diferenças de espaços e papéis são internalizadas afetando a escolha e adesão de meninos e meninas em determinadas práticas, essencialmente, àquelas que correspondem às expectativas designadas pela sua categoria sexual.

Os estereótipos de gênero são percebidos pelas atletas do estudo de McClung e Blinde (2002), diante das representações de que a prática de mulheres é secundária a dos homens e a prática de mulheres realmente não importa. Corroborando com Costa, Madeira e Silveira (2012), dizer o que é “ser homem”, o que é “ser mulher” e atribuir significados, papéis e funções diferenciadas a partir dessas condutas naturalizadas, estabelece relações de poder que, por vezes, colocará os sujeitos em polos opostos e desiguais.

A diferença de desempenhos de homens e mulheres no *parkour* também esteve vinculada ao fator “confiança”, o qual é percebido maior nos homens, diante de representações baseadas nas dicotomias e hierarquia de gênero. Por outro lado, as mulheres são relacionadas a maior cautela, como salientam as seguintes falas:

*“O **medo de se machucar** ou coisa do tipo geralmente as meninas têm muito mais que os meninos” (Jhon).*

*“Eu vejo que as meninas tomam **mais cuidado** pra algumas coisas, elas são mais coerentes. Tem muitos meninos que consegue fazer as coisas, mas são inconsequentes. Eu vejo as meninas mais assim evoluindo num passo de ter certeza realmente das coisas” (Demi).*

Por essas concepções, o comportamento de “cautela” externalizado mais pelas mulheres pode constituir como produto da socialização delas, que, no que lhes concerne, por permanecerem maior tempo restritas à “casa” e pelos/as pais/mães disporem de maiores cuidados com a menina (VIANNA e FINCO, 2009). Logo, há uma expectativa de que elas se tornariam mais ponderadas, evitando lançar-se às experiências da forma como a maioria dos meninos se dispõem.

Nos cenários de observação participantes foi possível verificar essa diferença do fator “confiança” nos treinos. No VIII EFPK, alguns meninos chegavam nos pontos, onde as *traceuses* permaneciam, para dar dicas e servir de apoio caso a menina se sentisse insegura de realizar os movimentos. Em um caso, uma praticante tentava uma

precisão para um pedaço de madeira mais alto, o que era mais arriscado de escorregar e cair, e a maioria das meninas estava próxima a ela, encorajando-a e também afirmando que iriam segurá-la. Ela estava muito insegura para tentar até que um dos meninos, que estava treinando em um ponto vizinho, se aproximou e lhe pediu para permanecer em frente ao obstáculo para segurá-la (Figura 25). Ainda com receio, ela pediu para segurar em sua mão, conseguiu chegar ao obstáculo e, depois de várias tentativas, ela conseguiu efetivar o movimento sozinha.



Figura 25 – Traceuse tentando uma precisão, enquanto outras praticantes e um tracer auxiliavam-na.
Fonte: arquivo pessoal

Nesse espaço, os meninos, externalizavam mais confiança em comparação às meninas, ou seja, demoravam menos para tentar o movimento mesmo diante de sua complexidade e risco. Eles também não verbalizavam seus receios como observamos em relação às meninas e demonstravam-se mais concentrados frente ao obstáculo.

Além desses aspectos comportamentais (brutalidade) e psicológicos (confiança), para alguns/as praticantes, as diferenças do “corpo” de homens e mulheres fundamentam a “desigualdade” de suas habilidades desempenhos. Esse posicionamento está presente nos relatos a seguir:

*“O **corpo masculino** é mais predisposto a coisas do que o **corpo feminino**. A capacidade masculina é um **abismo** da capacidade feminina” (Francine).*

*“**Muscularmente os meninos são mais fortes** mesmo e foram feitos pra correr, vamos dizer assim né, pra caça (...)” (Hana).*

*“É obvio que **existe diferenças**. Os homens são diferentes das mulheres, isso não vai mudar nunca. A **genética** de desenvolver força é mais pro homem” (Max).*

*“Geralmente os homens tem um desafio a mais, uma força a mais, talvez porque a gente também seja **mais desenvolvido**” (Henry).*

*“Se você quer um treino mais **intenso**, é um treino mais com os garotos” (Terry).*

*“Eu sei que tem **limitações** em certas coisas ou pode ter uma variação diferente para o modo de fazer feminino ou masculino, sei lá, depende do movimento, a gente tem um **corpo um pouquinho diferente**, eles conseguem se desenvolver muito mais rápido por terem uma estrutura física maior” (Cintia).*

Nessas representações, o corpo do homem é considerado mais “forte”, “desenvolvido” e suporta treinos “intenso”, a medida que os/as praticantes reconhecem o corpo da mulher com o oposto dessas caracterizações. A diferença desses “corpos” também esteve vinculada às representações das habilidades de *tracers* e *traceuses*, nas quais a flexibilidade está mais relacionada à mulher, como destacam esses trechos:

*“As meninas elas tendem a ser mais **flexíveis** pra alguma coisas e ai elas conseguem quando você passa coisas que precisa um pouco de flexibilidade. O homem é pela questão de força mesmo” (Demi).*

*“Mulher tem **alongamento** melhor que homem, isso facilita alguns movimentos” (Henry).*

As verbalizações destacadas indicam as diferenças entre homens e mulheres em referência ao aspecto biológico, isto é, ao corpo. Entretanto, o corpo da mulher geralmente é representado em parâmetro com o corpo do homem e visto em sua negatividade. A flexibilidade, como mencionado, pode ser atribuída como um aspecto “positivo” nessa relação.

Na literatura, sobre múltiplos aspectos, encontramos evidências das diferenças entre homens e mulheres no tocante à participação no esporte e taxa de sedentarismo (BRASIL, 2015; SANTOS e LEIRO, 2015), à motivação (VÁGULA et al., 2008), à auto eficácia (NAZARIO et al., 2013), às estratégias de *coping* (COIMBRA, 2013), à ansiedade no momento competitivo (GONÇALVES e BELO, 2007), à abordagem da mídia esportiva (SOUZA e KNIJNIK, 2007), ao desempenho motor (FERREIRA e BÖHME, 1998), à flexibilidade e força muscular (CARVALHO et al., 1998), ao percentual de gordura corporal (MASCARENHAS, 2005), às brincadeiras infantis (LUCCHINI, 2008), aos aspectos cognitivos (MACCOBY e JACLDIN, 1974), à

participação na política (WORLD ECONOMIC FORUM, 2015), ao salário e rendimento econômico (GIUBERTI e MENEZES-FILHO, 2005), ao uso dos serviços de saúde (TRAVASSOS, 2002), à auto percepção do estado de saúde (VINTÉM, 2008), às taxas de internação (PINHEIRO et al., 2002), entre outros elementos.

Essas diferenças resultam desdobramentos sociais, culturais e comportamentais: de naturais tais diferenças entre mulheres e homens passaram a ser culturais (REIS, 2015). Assim, embora elas sejam evidenciadas por inúmeros estudos, torna-se necessário problematizar como são justificadas para reforçar, sobretudo, estereótipos de gênero e discriminação, pois, de modo naturalizado, se transformam em desigualdades que entende a condição feminina, e toda sua caracterização, como inferior a masculina.

Assim, as características consideradas “de mulher” estão vinculadas a condição inferior, ao fraco, interno, sutil, submisso, sendo as características masculinas o contrário, representando domínio, autoridade, excelência, força, entre outras (SABINO e LUZ, 2007). Sob essa perspectiva, a maioria das pessoas acredita que as “mulheres” são herdeiras de uma série de desvantagens biológicas (BIRKE e VINES, 1987).

Para Sousa e Altamnn (1999), diante da “aparência” das diferenças biológicas entre homens e mulheres se ocultaram as relações de poder, marcadas pela dominação masculina que manteve a separação e a hierarquização entre homens e mulheres. São essas relações de poder que, culturalmente constituídas, permeiam as práticas sociais e as relações de gênero, influenciando significativamente na constituição do campo representacional (ARAÚJO, 2015) e dele emergem os discursos de preconceito e as situações de discriminação. Para ilustrar tais discursos, remetemos ao estudo de Louzada, Votre e Devidé (2007, p. 60), os quais identificaram a seguinte afirmação de uma professora de educação física: “Os meninos são mais habilidosos que as meninas. Então tem que ensinar para as meninas, porque os meninos a gente não precisa ensinar, **já vem prontos**”. Atentamos nesse trecho a discrepância atribuída às potencialidades entre meninos e meninas.

Desde a infância, por meio da socialização, as relações entre corpo, sexo, gênero e sexualidade são concebidas como “naturais” e ensinadas na forma de padrões de comportamento, atribuições, aptidões, papéis e lugares sociais de gênero

que, uma vez internalizados, tornam-se dados e fixos, logo “aprende-se” que menino joga bola e não deve chorar e menina brinca de boneca e é muito sensível e frágil (ARAÚJO, 2015). Esses papéis, por meio de estímulos, incentivos ou repreensões, refletem nos hábitos corporais de meninos e meninas que, ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornam um sexo mais hábil que o outro em termos motores (DAOLIO, 1995). Para Castellani Filho (1988), os fatores ambientais, operando continuamente através das idades, que vão, pouco a pouco, determinando capacidades diferentes em homens e mulheres. Essas capacidades, segundo Butler (1990), se refletem em performances – elementos de agência do gênero, que devem ser inscritos no espaço social geral, tornando naturais tais apresentações corporais.

Alguns praticantes expressaram compreender as diferenças entre o “corpo” de homens e mulheres, na perspectiva de que são diferenças produzidas e reproduzidas pelas relações culturais ao longo da socialização. Essa perspectiva, de certa forma, neutraliza a discrepância de habilidades entre eles e elas no *parkour*, como atentamos nas seguintes falas:

*“É comum que você perceba essa diferença quando você bate o olho no homem e na mulher, e você ver que a mulher se movimenta, assim, pior do que o homem, só que o que a gente vê basicamente é que **as mulheres não são estimuladas**. E quando você pesquisa as mulheres que têm playground de ginástica quando era pequena, mulheres que foram bailarinas quando eram pequenas, você vê que elas têm uma facilidade muito maior” (Felix).*

*“Existem diferenças nas habilidades (no parkour), é tanto porque a maioria dos garotos que entram **já tem praticado esportes**, tinha alguns que vieram de outros esportes” (Hana).*

*“Pra mim o grande problema na verdade é que as pessoas não entendem essas **diferenças**” (Hana).*

Em contrapartida, alguns praticantes verbalizaram, em comparação ao desempenho de homens e mulheres no *parkour*, que não percebem discrepâncias entre eles/as. Dentre as falas, destacamos as que seguem:

*“As meninas que treinam há mais tempo, eu não vejo diferença né em relação ao treino, principalmente porque **as meninas treinam tão forte** ou até mais forte que alguns meninos que eu conheço” (Demi).*

“Já vi **muita mulher fazer coisas** do mesmo jeito que os machos fazem” (Alex).

“Essas **diferenças não impedem** muitas coisas, não deveriam impedir, na verdade” (Max).

“Depois do parkour, depois de ver todas essas traceuses maravilhosas que conseguem **fazer coisas que nem homem consegue fazer**. Eu acho que apesar de tá comprovado cientificamente que os homens são mais forte que as mulheres, eu fico muito confusa porque é uma coisa que tá na minha cara: ‘não, não!’.” (Francine).

Sob esse ponto de vista, um praticante relatou que se inspirou nas demonstrações da movimentação de uma mulher no parkour. “Quando eu fui pra um evento no Rio de Janeiro eu conheci uma menina; ela faz uns negócios, uma movimentação e a força física que ela tem: **‘eu quero ser assim também!’**” (Terry).

Dos relatos, os *tracers* apontaram a ausência de diferenças entre o treino ou as habilidades das mulheres em comparação aos homens na modalidade, o que não foi mencionado pelas *traceuses* – por sua vez, elas verbalizaram apenas sobre as percepções das diferenças entre o corpo de homens e mulheres e suas respectivas movimentações apresentadas no cenário do parkour. Essas percepções dos *tracers* sugerem que a atuação das mulheres nos espaços de treino, ao desafiar os papéis sociais, possivelmente contribui para a desnaturalização e superação das representações sociais e estereótipos de gênero que circunscrevem e delimitam os corpos dessas mulheres.

Nos contextos observados, podemos verificar grupos que apresentaram diferenças significativas da movimentação de homens e mulheres e um grupo que não apresentou, corroborando os relatos apresentados anteriormente. No treino do grupo *Parkour Wings*, percebemos que não houveram grandes diferenças no tocante ao conteúdo da movimentação de *tracers* e *traceuses*, que compreendeu o treino de coordenação, equilíbrio, agilidade, força dinâmica e explosiva, agilidade e *pliometria*. Todavia, notamos diferenças individuais, não de gênero, em relação ao que cada praticante treinou, pois, algumas meninas e meninos permaneceram na mesma movimentação. No VIII EFPK, o treino das *traceuses* no pico da Jaqueira ficou restrito às precisões em pedaços de madeira e pneus. Os *tracers* efetivaram precisões, *monkeys*, *lacheys*, *big jump*, giros e *flows* (união de movimentos durante uma corrida).

Todavia, também percebemos *tracers* que treinavam apenas precisões de curta distância. Destarte, constatamos diferenças de conteúdo dos treinos entre os gêneros, cuja movimentação das meninas referiram-se ao treino de equilíbrio, coordenação, força dinâmica e *pliometria*. Ao passo que os praticantes indicavam, além desses conteúdos mencionados, o treino de agilidade, velocidade, força dinâmica e explosiva. Ademais, algumas meninas treinaram pouco e, por vezes, sentavam e conversavam, assim como alguns dos meninos, porém com menor frequência. Já no treino do *Parkour Recife* foi possível visualizar uma separação entre o treino das meninas e o treino dos meninos (mesmo com a presença de alguns meninos e a realização de precisões no mesmo espaço que as meninas se apropriaram). Por sua vez, o treino realizado pelas meninas, em grande parte, ficou restrito às precisões⁴⁴. Assim, verificamos a distinção de conteúdos da movimentação de *traceuses* e *tracers*. O treino das meninas refletia sobre equilíbrio, força dinâmica, coordenação e *pliometria*, enquanto que treino dos *tracers* possuía além desses conteúdos, também o treino de agilidade e força explosiva.

As descrições do conteúdo dos treinos observados nos permitiram constatar a diferença de gênero nas habilidades e movimentações do grupo *Parkour Recife* e nos treinos do VIII EFPK (contavam com praticantes do grupo *Parkour Salvador*, *Parkour Camaçari* e *Parkour Amargosa*), por outro lado, não verificamos tais diferenças no treino do grupo *Parkour Wings*. Esses achados indicam que as diferenças de gênero no *parkour* podem ser influenciadas pelos contextos de inserção dos grupos de treino e também pelas variáveis como tempo de prática, vivências de outras práticas corporais, sentimento de pertencimento ao grupo, entre outros fatores individuais, coletivos e das relações estabelecidos pelo sujeito e o grupo.

Em consonância com essa concepção e retomando a percepção das habilidades entre homens e mulheres no *parkour*, alguns/as praticantes indicaram que fatores como “tempo de prática” e “dedicação” promovem a diferença de desempenho entre ambos. Essas concepções são apresentadas a seguir:

⁴⁴Essas *traceuses* do grupo *Parkour Recife* possuem alguns anos de experiência na modalidade e também costumam demonstrar suas habilidades em vídeos nas redes sociais que transcendem a retração apresentada por elas no treino observado.

“Conforme o tempo quando eu fui ficando **mais forte**, eu percebi que não faria muita diferença, claro que sempre tem diferença de força, mas não é algo que interfira muito se a gente focar” (Iorrana).

“Eu acho que é mais em questão de **tempo de prática**. Tem muita menina que faz muita coisa que os caras que tem mais ou menos algum tempo aqui não fazem” (Terry).

“Alguns meninos eles têm, talvez pela **aptidão física**, facilidade de fazer algumas coisas, mas nada que impeça das meninas também fazerem, mas assim, o tempo e a forma de fazer que as vezes diferencia” (Vivian).

“É só fazer o que elas lembrem que elas podem tanto quanto eles sim, só **bastar dedicação igual**” (Alex).

“Ela consegue chegar naquilo ali, mas **ela precisa se permitir mais**” (Jhon).

Em relação ao tempo de treino apontado nas falas, observamos na característica da amostra desse estudo que os *tracers* possuem o dobro de tempo de treino em relação às *traceuses*. É possível sugerir que fatores como a evasão das mulheres e a adesão mais rápida dos meninos (principalmente quando a modalidade chegou ao país) influenciem nos números de praticantes. Concernente à prevalência dos homens na modalidade, além dos desdobramentos discutidos anteriormente, essa presença deles contribui para uma **dominação “dos” e “nos” espaços de treinos**. Essas representações se manifestam nos trechos a seguir:

“Os homens estão lá, em **todos os lugares** (...). Os meninos estavam voando por lá (...)” (Cintia).

“Sabe como é homem, né? **Eles se sentem o centro do universo**, você sendo mulher você fica meio sem espaço pra você” (Elis).

“As meninas querem fazer aquilo também e aí eles chegam lá, **dominam o lugar**. Aí elas vão pra outro canto” (Max).

“**Cadê meu espaço?** A gente ia treinar lá do outro lado” (Elis).

“Ele chega pra fazer uma coisa e está uma mulher, aí chega outro cara pra fazer a movimentação, aí o homem vai, o outro cara também vai e a **mulher fica esperando**. O cara as vezes volta e vai de novo, e a mulher ainda tá esperando” (Felix).

“Num treino é muito fácil **os homens quererem se sobressair** sobre o que as mulheres estão fazendo” (Felix).

Nos relatos apresentados, a dominação “dos” e “nos” espaços de treino pelos *tracers* resultou na sensação de **falta de espaço** vivenciados pelas *traceuses*. Essa dominação deles foi percebida de forma contundente nos cenários observados: os *tracers*, sozinhos ou em pequenos grupos, ocupavam quase todo o espaço de treino, enquanto que as *traceuses* presentes geralmente estavam reunidas em um único espaço. Poucas meninas, e em ínfimos momentos, se deslocavam para se apropriar de outros espaços.

De acordo com Smith (2002), o espaço encontra-se intensamente hierarquizado de acordo com divisão de gênero – assim como a divisão de classes, raças, etnia – o que configura a sua diferenciação política dinâmica e multifacetada. A desigualdade de gênero de ocupação dos espaços foi investigada por Thorne (1993), o qual investigou o pátio de escolas fundamentais norte-americanas e constatou que os meninos ocupavam dez vezes mais espaço do que meninas nos recreios da escola e, enquanto eles controlavam espaços maiores e principalmente destinados a esportes coletivos, elas permaneciam em espaços menores. Vago (1993) e Monteiro (2013), em pesquisa com estudantes, também observaram que as meninas restringiam suas ações ao pátio central, enquanto os meninos usufruíam de outros espaços.

Analogamente, no *parkour*, essa forma de apropriação do espaço se reproduz, o que pode sugerir uma tendência geral. As explicações para os homens serem mais bem sucedidos em termos espaciais enfatizam o acesso dos meninos à rua para brincadeiras enquanto as meninas se sociabilizam mais intensamente em espaço privado (COSTA, 1998; LUCCHINI, 2008). Também se recorre à ontologia, situando que a condição humana se desenvolveu com o macho caçando enquanto a fêmea cuidava da prole (HARRIS, 1999). Por outro lado, Cardoso et al. (2013) apontam que são as experiências durante a infância, no que se refere à sexualidade, agressividade e descoberta espacial, que interferem no desempenho de homens/mulheres. Como, historicamente, tais vivências para experimentar o corpo e ocupar o espaço público são mais assentidas e encorajadas aos meninos, torna-se viável que eles apresentem melhores desempenhos e sintam-se empoderados para se apropriar da maior parte do espaço de prática em relação às meninas. Em consonância com Araújo (2015), aos meninos e homens foram destinados as atuações e o empoderamento “dos” e “nos”

espaços públicos e às meninas e mulheres a atuação nas esferas privadas. No *parkour*, os homens comumente definem, usam e controlam o espaço (WHEATON, 2016).

Essa dominação dos espaços pelos homens, para Monteiro (2013), acaba impactando ao longo do tempo as construções identitárias dos sujeitos, gerando uma identificação entre os indivíduos que ocupam o mesmo espaço (central ou periférico), assim como uma diferenciação daqueles que ocupam o espaço menor, pois tal divisão passa a ser o seu referencial de ordenação do mundo, o que pode provocar a criação e/ou aumento de estereótipos e preconceitos. Como exemplo, o fato das meninas não ocuparem o local principal da aula de educação física terá desdobramentos para outros aspectos de suas vidas: passarão a acreditar que também não merecem ocupar o melhor lugar na sociedade, no trabalho, em relação ao seu salário, entre outros aspectos (MONTEIRO, 2013).

Diante da movimentação e da ocupação dos espaços de *tracers* e *traceuses*, foi possível perceber que os meninos se sentiam com mais liberdade para transitar pelo pingo e ocupar outros obstáculos (Figura 26).



Figura 26 – *Tracers* treinando no Pico da Jaqueira.
Fonte: arquivo pessoal

A ocupação dos espaços pelos *tracers* reflete a perspectiva de Kidder (2017), a qual considera que o *parkour*, assim como outras práticas sociais, proporciona aos

juvens a oportunidade de reafirmar o significado das performances masculinas. Por meio das demonstrações de poder e controle, os praticantes se “mostram” detentores dos atributos culturalmente valorizados da masculinidade. E, associando à concepção de Butler (1990), tais “atos” permitem que as normas de masculinidade sejam internalizadas criando um efeito de ‘eu’ com o gênero correspondente.

Essa apropriação e dominação “dos” e “nos” espaços de treino pelos *tracers* foi reclamada por algumas meninas. No cenário que se reproduzia – os meninos espalhados em todo o pico, enquanto que as meninas geralmente encontravam-se ocupando em pequeno espaço nele –, em certos momentos, evidenciamos o incômodo em relação aos *tracers* por iniciar movimentações em locais ocupados pelas *trapeuses*, no sentido de uma “**invasão**” que, como consequência, impossibilita que elas continuem treinando nesses espaços. No treino do VIII EFPK, uma das meninas, que estava treinando no auditório do evento, reclamava que os meninos dominavam os obstáculos onde elas treinavam, ou seja, ela estava tentando uma determinada movimentação nos colchões e os meninos tomavam o obstáculo para treinar. Em outros momentos se repetiram essas atitudes de apropriação do espaço. Porém, as meninas apenas saíam e procuravam outro espaço, ou seja, essa “invasão”, muitas vezes, não é confrontada, o que corrobora com o “domínio” deles sobre esses espaços. Altmann (1998) ao investigar estudantes também verificou que os meninos, além de ocuparem mais espaço, invadiam e interrompiam as meninas em seus jogos e práticas.

No *parkour*, como os homens constituem a maioria dos praticantes, é possível pensar que, por isso, eles demandam mais espaço, o que justificaria a dominação e apropriação dele. Todavia, o que se percebe nas falas e nas observações é que eles não possibilitam que as meninas também ocupem outros espaços, onde eles treinam, além de, por vezes, dominarem os espaços ocupados por elas.

O cenário do *parkour*, em consonância com outros estudos da literatura, demonstra a apropriação/ocupação desigual do espaço entre homens e mulheres, o que se reproduz nos demais âmbitos da sociedade. O espaço, enquanto produto social, por ser generificado contribui para que eles e elas se “situem” de modo diferente no mundo, assim como suas relações com os lugares nos quais desenvolvem suas vidas (REIS, 2015).

Conforme Souza (1996), para além da noção de lugar, o espaço é um suporte para a vida em sociedade – um referencial simbólico e afetivo – e para a organização política, constituindo-se como uma arena de luta e uma fonte de recursos. Portanto, toda sociedade é “espacial”, ou seja, não é possível pensar o desenvolvimento humano desvinculado do espaço. É, por isso, que a mudança social demanda ao mesmo tempo alterações na organização espacial que suportavam/amparavam as relações sociais (Ibid.). Nas relações de gênero, por sua vez, o espaço está em questão, pois, não é apenas um meio de interação, mas também é produzido por essa interação (KOSKELA, 1999). Como verificamos no *parkour*, mulheres e homens constroem/usam um lugar diferenciado, por vezes disputam/negociam por ele, e, assim, vivenciam a prática sob diferentes lógicas espaciais de organização; assim, o espaço é configurado a) pela dominação dos homens, b) pelo agrupamento e ocupação restrita das mulheres e c) pela disputa de espaço. Tratando-se especificamente do espaço urbano, alguns autores (KOSKELA, 1999; REIS, 2015) declaram que as mulheres não têm escolha em relação ao seu próprio comportamento espacial, ou seja, a pouca apropriação das *traceuses* decorre da dinâmica social que se reproduz nas práticas cotidianas.

Nesse sentido de ocupação/apropriação do espaço de treino, os/as praticantes expressaram a inibição externalizada pelas meninas nesses espaços:

*“Eu conheci o grupo, **só tinha menino**, eu fiquei assim: ‘meu Deus e agora o que eu faço aqui?’” (Elis).*

*“Algumas meninas ficam mais **acanhadas**, porque a maioria é homem” (Terry).*

*“Eu ficava **meio constrangida** de parar e tentar fazer” (Cintia).*

*“As meninas, principalmente as iniciantes, tem muita **vergonha** de tentar porque tem muita gente vendo” (Francine).*

*“Primeiro fator que desmotiva é o mesmo fator que faz com que elas nem cheguem, a **vergonha**” (Alex).*

***Timidez** bate forte (Bruce).*

Das falas destacadas, o domínio dos espaços de treino pelos meninos promoveu o desconforto e a vergonha vivenciados pelas mulheres que se inserem na modalidade.

Ademais, esses sentimentos foram indicados como fatores de desmotivação e distanciamento das mulheres ao *parkour*. Resultados similares são constatados por Loeffler (1997) em pesquisa com praticantes de atividades ao ar livre, indicando que as mulheres manifestam sentimentos de intimidação e inadequação nessas práticas.

Esses sentimentos foram identificados, inclusive, nos treinos observados. No grupo do *Parkour Wings*, a maioria das praticantes do grupo demonstrava-se tímida e realizou poucas repetições dos movimentos nos plintos, permanecendo nesse espaço durante todo o treino, assim como outros dois meninos iniciantes. Na maior parte do treino, elas encontravam-se paradas e conversando. Também observamos que elas reclamavam do colchão que estava à frente do plinto para aterrissagem, por ele escorregar, mas como todos/as estavam seguindo uma ordenação, ocasionalmente, por receio ou vergonha, elas pediam para a/o outra/o ir na oportunidade delas. Quando o espaço estava mais vazio, ausente de olhares, elas sentiam-se confiantes para tentar/repetir o movimento mais vezes.

Em relação às condutas de intimidação e agrupamento das *traceuses*, Kidder (2017) evidenciou comportamentos semelhantes, constatando que as praticantes eram mais reservadas e metódicas em seus treinamentos e, frequentemente quando mais de uma mulher estava presente, elas se juntavam e treinavam por conta própria, longe da vista dos homens e do público em geral. Para alguns *tracers*, o autor pontua que isso pode ser interpretado como timidez, considerando que eles se inseriam na visão pública. Wheaton (2016) também verificou que *traceuses* preferiam treinar em espaços mais reservados, onde havia poucas pessoas ao redor. Esse cenário também foi percebido por Altmann (1998), constatando que durante a ausência dos meninos, as meninas aumentavam a sua área de atuação.

Corroborando com Louro (2011), desde a infância, tradicionalmente as meninas aprendem, no processo de “docilização dos corpos”, não somente a proteger seus corpos, como também a ocupar um espaço corporal pessoal muito limitado, desenvolvendo assim, ao longo da vida, uma espécie de timidez corporal. Notamos, assim, a ambiguidade que atravessa a participação das mulheres no *parkour*, as quais, embora estejam inseridas em uma prática usualmente urbana (pública), tem sua

participação afetada pelos fatores psicológicos e culturais que “controlam” e/ou “docilizam” seus corpos.

O comportamento espacial restrito, além de ser decorrente da “vergonha”, do “desconforto” e do “receio” das mulheres, é considerado um meio de precaução (KOSKELA, 1999), ou seja, elas evitam determinadas áreas pelo medo do assédio, da violência, do constrangimento e da exclusão de gênero. A pesquisa da ActionAid (2014) com mulheres moradoras de áreas periféricas em diferentes estados brasileiros demonstrou que a falta de segurança das mulheres restringe sua mobilidade na cidade devido ao assédio que acontece, na maioria das vezes, no espaço público. Grande parte das participantes afirmaram que evitam e/ou desviam de becos, praças, paradas de ônibus e vias públicas.

Por essas evidências, devido ao *parkour* ser praticado, geralmente, no espaço público, a insegurança atrelada a ele contribui, também, para o baixo número de mulheres praticantes. De tal modo que é percebido maior adesão das mulheres às modalidades consideradas urbanas, quando estas são ensinadas e praticadas em um âmbito institucionalizado, isto é, fora das ruas, pois assim é concebido como espaço “seguro” (AMARAL e DIAS, 2008).

O fato das mulheres perceberem os homens explorando o espaço público no *parkour* – os quais foram incentivados a esse comportamento no processo de socialização – condicionam elas a limitar sua configuração espacial, desde àquelas que estão treinando até as que estão observando e/ou se interessam pela modalidade. E, como constata Koskela (1999), diante desse receio e desconforto em estar presente em determinados espaços, as mulheres evitam-nos, o que favorece para a reprodução da dominação dos homens sobre ele.

Vale ressaltar que a exploração do espaço público é reforçada aos homens na dinâmica sociocultural, e, especialmente a cidade configura-se como um recurso estrutural usado nas performances de gênero, cujos homens constroem e reforçam uma “masculinidade” (KIDDER, 2013). Assim, eles “dominam” esses espaços e as mulheres reforçam essa dominação pelo medo e pela vergonha. Nesse caso, podemos refletir sobre a relevância dos espaços “de” e “para” as mulheres, que são produtoras para

aproximá-las da modalidade e, posteriormente, inseri-las, de forma empoderada, nos espaços mistos, a fim de elas disputarem e neutralizarem esse “domínio”.

Nas entrevistas com as *traceuses* identificamos, ademais, os sentimentos de frustração, vergonha e/ou inferioridade vivenciados por elas por não conseguirem realizar os movimentos com a mesma “espetacularidade” apresentada pelos *tracers* ou diante da dependência do auxílio do outro para aprender a movimentação, como afirma uma *traceuse*: “*Eu não já cheguei fazendo porque os meninos já estavam fazendo outros (movimentos) que não sei: ‘eu vou fazer o quê ali?’ **Eu não sei!** Eu vou acabar atrapalhando eles porque eu vou ter que parar, alguém tem que me explicar*” (Cintia).

Sob essa concepção, é possível remeter à Altmann (1998) ao abordar a distinção entre competência e sensação de competência das mulheres. Em sua pesquisa a autora verifica que a percepção de competência das mulheres em atividades realizadas ao ar livre nem sempre coincide; muitas mulheres consideram-se menos competentes do que de fato o são. As mulheres tendem a ver a sua competência pessoal através de um filtro composto por percepções e respostas que, por sua vez, influenciam suas auto percepções (STERNBERG e KOLLIGAN, 1990). Consequentemente, o senso de competência das mulheres e a competência real pode não ser congruente, resultando na percepção de que elas são menos competentes do que na realidade. Como resultado, o senso de competência se torna uma força cada vez maior na vida das mulheres pois ele é um componente fundamental da autoestima (WHITE, 1975). O autor sugere que percepção subjetiva de competência tende a ser mais importante para a autoestima do que a exibição objetiva de competência. Assim, a percepção de competência das mulheres no *parkour*, em decorrência dos fatores culturais e do predomínio dos homens na prática, pode não corresponder à competência real, o que acaba promovendo sentimento de inibição e a baixa autonomia, como relatado por Cintia.

Além das meninas geralmente estarem juntas e ocupando poucos espaços nos treinos, a ínfima apropriação do espaço de treino por elas também se revela em outros momentos. Essa percepção pode ser visualizada a seguir:

*“As meninas **treinavam pouco**, apareciam pouco e algumas quando apareciam ficavam mais **sentadas conversando**, pela falta de tempo que viam o pessoal, do que treinando” (Jhon).*

*“Eu vejo que as **meninas estão paradas**, mas sei que elas estão querendo fazer. As meninas assim olhando e os meninos lá fazendo. Parece que elas ficam meio desfocadas” (Cintia).*

Dos relatos sobre as atitudes de treinar pouco, conversar ou permanecerem paradas durante os treinos percebemos que estes acabam contribuindo para uma **representação das traceuses**, ou melhor, das mulheres que treinam *parkour*, principalmente por elas estarem em menor número nesses espaços. Assim, tais atitudes, percebidas de forma negativa e depreciativa, tornam mais explícitas a elas, de modo que as mulheres são consideradas como as que “não treinam” ou “treinam pouco”. Essas representações, associadas às concepções naturalizadas sobre o corpo e as habilidades delas, reforçam a descrença vinculada à mulher nas práticas corporais.

Assim como discutimos sobre a menor duração do treino das meninas em relação aos meninos no grupo *Parkour Recife*, a “apresentação passiva” das *traceuses*, mencionada nessas falas, podem ser justificadas por questões psicológicas (como a motivação, timidez, insegurança, etc.), biológicas (como a resistência) e sociais (interações, organização do treino, espaço de prática, etc.). Todavia, inferimos que tal apresentação advém, quase exclusivamente, pela apropriação desigual do espaço e do tempo entre homens e mulheres no *parkour*, o que afeta a diferença de “**mobilidade**”⁴⁵ deles/as. Pelas falas, em consonância com o contexto observado, denotamos a menor mobilidade das *traceuses* no espaço-tempo de treino. Por outro lado, essa mobilidade é identificada nelas na busca/luta por explorar e conquistar seu próprio espaço, o que desencadeou o surgimento dos treinos direcionados.

A mobilidade é responsável pela evolução do ser humano, no sentido biológico e social. De acordo com Bramble e Lieberman (2004), os seres humanos evoluíram de antepassados semelhantes a macacos porque precisavam percorrer longas distâncias – para caçar animais ou escavar carcaças na África – e essa capacidade de deslocar-

⁴⁵ Compreende-se por mobilidade os deslocamentos realizados por indivíduos nas suas múltiplas (MAGAGNIN e SILVA, 2008).

se moldou nossa anatomia e permitiu a exploração/conquista do espaço. Logo, a mobilidade representava a sobrevivência e, atualmente, ela reflete na “liberdade”. Entretanto, enquanto condição humana, ela é maior aos homens do que às mulheres.

Diversos fatores culturais, para além dos anatômicos e biológicos, justificam essa diferença, seja em decorrência das interações sociais e das atividades exercidas por eles/as. Assim, as relações de gênero interferem na mobilidade; desde a infância, a rua, em grande parte, é “assentida” aos meninos mais que às meninas, isso favorece para que eles se desloquem mais e possuam uma capacidade adaptativa no espaço urbano; o receio do assédio e da violência, também derivado do processo cultural de objetificação da mulher, contribui para que elas limitem sua mobilidade (KOSKELA, 1999); e, algumas ocupações favorecem que os homens se desloquem mais. Oliveira (1998) ressalta que eles têm mais chances de mobilidade, em vista de que estes ainda apresentam participação no mercado de trabalho superior às mulheres.

Por esses fatores, a mobilidade das mulheres no tempo e no espaço conferem a elas esse caráter totalmente passivo (PEREIRA, 2009), como percebemos em relação às *traceuses*. A ínfima exploração do espaço e a desigualdade de tempo (de treino e de experiência), interferem na pouca mobilidade delas e, conseqüentemente, acaba por reproduzir a dominação dos homens sobre o espaço-tempo. Para modificar tal cenário, compreendemos a relevância da inserção das modalidades de aventura, como o *parkour*, na escola. A literatura ressalta que essas atividades articulam-se às dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do sistema escolar (PAIXÃO, 2017), constituindo-se como viáveis e producentes nesse contexto.

Compreendemos o *parkour* como um dispositivo⁴⁶ de mobilidade no tempo e no espaço. Portanto, sua inserção nesse contexto oportuniza as crianças, principalmente às meninas, a exploração e apropriação do espaço-tempo no ambiente externo – favorecendo, inclusive, a mobilidade –, uma vez que, como parte do processo de socialização, elas aprendem que também “podem” e são “capazes” de ocupar qualquer

⁴⁶ Foucault (1979, p. 244) define dispositivo como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”.

espaço e papel social, inclusive, àqueles dominados pelos homens – e isso, de modo internalizado, constituem suas identidades. Sob um recorte das práticas sociais, verificamos a inserção de mulheres como técnicas e gestoras no meio esportivo (FERREIRA et al., 2013; GOMES, 2008; GOMES e MOURÃO, 2005). Tais funções em décadas anteriores eram constituídas exclusivamente por homens, e, observamos que as mulheres vêm rompendo tais barreiras diante da ocupação no espaço-tempo – antes – dominado por eles.

O estudo de Cardoso, Marinho e Pimentel (2013) discute que esse estímulo de brincar e explorar o corpo, incentivados às meninas desde cedo, contribui para que elas se equiparem com os meninos diante da vivência da prática de aventura. Portanto, oportunizá-las à exploração do corpo e do espaço-tempo implica em empoderá-las, o que pode ser introduzido e viabilizado pela escola enquanto *lócus* de socialização secundária, e, por esta compreender a função de “fazer” refletir sobre os modos de compreender o mundo construído pelas gerações anteriores, como esses valores se materializam no cotidiano e como podemos desnaturalizar o que não mais notamos (GONZÁLEZ e FRAGA, 2012).

Esse domínio dos homens e a representação do *parkour* enquanto “prática masculina” afetam, inclusive, a visibilidade das *traceuses*. Além de dominar nos espaços de treino, eles também dominam o campo midiático, seja nos cinemas⁴⁷, programas de televisão, *reality show* e vídeos na internet. As praticantes entrevistadas referiram-se à falta de visibilidade que, conseqüentemente, influencia na representação do *parkour* de mulheres. As verbalizações abaixo destacam essas percepções:

“Você *nunca vê os vídeos de uma menina*. Existe. Mas, a maioria dos vídeos você os meninos correndo, fazendo isso, fazendo aquilo” (Demi).

“Se não tiver vídeo pra falar de mulher é complicado você ver em encontros, mulheres treinando, a não ser que seja ultra top. Muitos dos vídeos que são feitos de treinos em conjunto *nunca aparecia mulher treinando*, porque só apareciam os fantásticos, os caras que voavam” (Hana).

⁴⁷ No campo cinematográfico, o *parkour* é protagonizando, quase exclusivamente, por homens, a saber os filmes de maior circulação mundial: 007 *Casino Royale* (2006), B13-13º Distrito (2004, 2009, 2014), Fuga Alucinante (2011), *Jump London* (2003), Príncipe da Pérsia (2010), *Tracers* (2015) e *Yamakasi* (2001).

“Quando eu entrei (no parkour), **todos os vídeos** que eu já tinha assistido eram de **homens**” (Francine).

“Até na TV quando vão demonstrar **geralmente não são mulheres**. Se você for realmente pesquisar na internet, em vídeo, aí você encontra garotas, mas televisão assim, geralmente os que eu vi na TV aberta só homem” (Vivian).

As *traceuses* reclamaram da visibilidade, principalmente, em relação aos vídeos que são divulgados na internet por enfatizarem o desempenho dos *tracers*. Resultados similares são conferidos por Krein e Weaving (2015), ao indicarem que os vídeos de esportes radicais geralmente são dominados por homens e as mulheres raramente são destacadas. Em consonância, Figueira (2008), ao recorrer fontes diversificadas como entrevistas, sites, revistas, *blogs*, imagens, vídeos sobre as mulheres *skatistas*, ela percebe que circulam poucas informações sobre elas, suas histórias e suas conquistas, referindo-se a um “silêncio” que não implica ausência, pois desde as origens da modalidade as mulheres estiveram deslizando nas ruas, pistas, piscinas e *skateparks*. Conforme Fernandes (2014), “as luzes são projetadas sobre os homens enquanto as imagens das mulheres são ocultadas” (p. 67).

No *parkour* não é diferente. Desde o início da popularização da modalidade nota-se a presença de *traceuses*, embora, no Brasil, em muitos grupos e cidades, ainda não existam mulheres praticantes. Na história do *parkour*, uma única mulher, Katty Belle, foi membro do primeiro grupo da modalidade conhecido por “*Yamakasi*”. Katty faz parte de uma das famílias que disseminou a modalidade (a família francesa “Belle”) e cresceu com *parkour* desde quando tinha 7 ou 8 anos (ANGEL, 2011).

Como analisado por Kidder (2017), no *parkour*, os/as praticantes se utilizam dos vídeos para a transmissão de habilidades corporais e, assim, ele percebe que muitos dos *tracers* moldaram suas experiências de treinamento pessoal em torno de sua própria produção de vídeos. Constatamos, em busca⁴⁸ no *YouTube* com os descritores “*traceuse*” e “*parkour*”, aproximadamente 124.000 resultados, para “*woman*” e “*parkour*” resultam cerca de 650.000 vídeos e para “*female parkour*” por volta de 275.000 resultados. Já em relação aos descritores “*tracer*” e “*parkour*” denotamos cerca de

⁴⁸Busca efetivada na data 20 de junho de 2017.

75.300 resultados, para “*man*” e “*parkour*” encontramos aproximadamente 3.580.000 de vídeos, e “*male parkour*” está por volta de 148.000 resultados. Apesar de considerar que alguns vídeos podem se repetir nos outros descritores utilizados, ao considerar que a soma desses números constitui um percentual de 100% dos vídeos disponíveis de *parkour* nessa plataforma, percebemos que apenas 21% deles se referem às *traceuses*, o que corrobora com as falas das *traceuses* descritas anteriormente.

A pouca visibilidade e a escassez de referências das mulheres praticantes de esportes culturalmente considerados masculinos não implicam sua ausência (GOELLNER, JAEGER e FIGUEIRA, 2011). No estudo sobre obras consideradas referência do fisiculturismo e *skate*, as autoras analisam a pouca visibilidade das mulheres atletas e constatam que, desde seus primórdios, elas vêm protagonizando diferentes formas de vivenciar tais práticas, em que pese o silêncio narrativo sobre essa presença.

A imagem radical do *parkour*, disseminada em vídeos e apresentadas pelas habilidades de alguns homens, favorece para que outras mulheres concebam o *parkour* como uma prática não “adequada” às mulheres, sobretudo, pelo fato de que há uma exaltação sobre a movimentação apresentada de forma extraordinária por alguns *tracers*. Isso contribui para que o *parkour* também seja representado como uma atividade “extrema”. Essas percepções e a falta de representatividade das mulheres acabam por contribuir para que essa imagem “extrema” seja predominante sobre as concepções da modalidade.

Logo, a visibilidade das *traceuses* está diretamente atrelada à representatividade da mulher na modalidade. Consequentemente, a pouca representatividade configura-se, ademais, como fator desmotivador à adesão e permanência das mulheres. Os trechos a seguir retratam esse aspecto:

*“Teve uma época que eu tava muito desmotivada de vir pra cá treinar, não estava me sentindo mais em casa assim, **as meninas tinham parado de treinar**” (Elis).*

*“O que me **desanima** só é o fato de **eu estar crescendo sozinha**, estar adquirindo isso e eu acho que eu queria ter mais mulheres aqui do lado. (...) tivesse voando juntas” (Cintia).*

“Pouca divulgação da participação feminina nos grupos. Acho que seria bom ter o pessoal se empolgando mais em ver as meninas treinando, postar em páginas para as pessoas ter uma referência. Para as meninas quererem vir tem que mostrar uma força da participação feminina” (Elis).

A fim de fomentar essa participação, os *tracers* ressaltaram a necessidade liderança das meninas nos treinos:

“Falta mais meninas ativas liderando. Se na maioria das vezes ela ficasse puxando já ia começar aquela liderança; acaba surgindo, ela começa a ter mais respeito, a ouvir mais, é isso que tá faltando acontecer, elas tem que aparecer mais” (Alex).

“Dar mais espaço para as meninas atuarem nos treinos, guiando alongamentos, aquecimentos, quando tiverem o **conhecimento necessário assim como os homens para transmitir e também estimular que ela sempre tenha espaço se expressar quando sentir vontade (Bruce).**

Dos relatos acima, as *traceuses* percebem a pouca participação das mulheres e a desmotivação promovida por esse fator, enquanto que os *tracers* apontam que para ampliar essa participação é necessário que as meninas demonstrem “liderança” nos treinos, mas se elas reclamaram, anteriormente, sobre a ausência de espaço para treinar e se fazer “ver” na prática, como elas terão espaço para liderar? Nessas considerações, destacamos a **ambiguidade** que se faz presente nas negociações do espaço de treino entre *tracers* e *traceuses*.

7.3 Construções sociais sobre a mulher

A categoria “Construções sociais sobre a mulher” corresponde à dimensão analítica “Representações sociais de gênero”. Como discutimos anteriormente, as representações sociais, diferenciadas sobre homens e mulheres, são produtos de construções culturais assentadas nos discursos bio-fisiológicos que resultam em uma “naturalização do fato social”, ou seja, a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas, quase exclusivamente, pela influência das suas características biológicas, serve de anteparo à ideia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino, sendo afastada qualquer alusão de que tal superioridade é calcada essencialmente em determinantes sócio culturais e não bio-fisiológicos (CASTELLANI

FILHO, 1988). Portanto, a construção de imagens de homens e mulheres é estereotipada, como se as diferenças entre eles fossem reais e "naturais" (HARGREAVES, 1994).

Mais do que as diferenças biológicas entre meninos e meninas, são as diferenças culturais e sociais que incidem na determinação do que é mais ou menos adequado para um e outro sexo (SILVA, MARINHO e SCHWARTZ, 2005), que acabam por interferir em suas escolhas, como em relação às práticas corporais. Entretanto, como salienta Goellner (2007, p. 189),

[...] não é o corpo "em si" que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher nem mesmo se ela tem ou não capacidade para dirigir uma federação esportiva ou para treinar uma equipe de alto rendimento, mas é a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações.

Parafraseando Goellner (2005), esse "corpo" é mais do que uma construção biológica e social: ele é produto da cultura, das tecnologias, de uma dimensão linguística, de tal modo que suas performatividades posicionam os sujeitos nos limites das normatividades corporais e de gênero instituídas. Assim, o corpo adquire sentido socialmente.

A inscrição dos gêneros – feminino e masculino –, nos corpos é realizada no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dela (LOURO, 2001). Conhecer o significado dos corpos e dos gêneros viabiliza a redefinição e ampliação de tais significados. Assim, ao refletir sobre o corpo da mulher, podemos pensar sobre as marcações corporais atreladas às normatizações sociais e as relações de gênero, considerando que o corpo dela é ainda mais exposto à dominação do que o corpo do homem.

Diante do contexto sociocultural, para os/as praticantes, as habilidades das mulheres estão afetadas diretamente pelo seu histórico de exploração do corpo e vivências de práticas corporais. Para muitas mulheres, esse histórico é cercado de privações e limitações que colaboram para que elas vivenciem maiores dificuldades ao buscar explorar atividades como o *parkour*. Essas percepções podem ser visualizadas nos seguintes relatos:

*“A maioria das meninas que eu conheci não vinha de esporte nenhum, então já tinha uma diferença, não tinha aquela coisa do uso do corpo, então as habilidades viravam outras. Eu tive que desenvolver **força no braço** porque eu não tinha, elas (as meninas do parkour) começaram a correr por conta do parkour porque não corria” (Hana).*

*“As mulheres são desestimuladas a se movimentar desde cedo, então pra elas começarem a ter algum desempenho no parkour assim, de sentirem mais livres pra fazer as coisas, de fato, demora muito porque foi toda **uma vida de bloqueio**. Quando criança você pode brincar, você conhece seu corpo, você vai crescendo e entendendo seu corpo. E aí o que falta hoje é só essa estimulação do movimento das mulheres” (Félix).*

*“Eu fiquei muito presa, não fazia nada, então minha **dificuldade é muito maior**. Quando a gente chega a gente tem que começar do zero a atividade, já é mais uma dificuldade” (Sara).*

*“Geralmente tem mais **dificuldade pra pegar as coisas** do parkour aquelas meninas que não treinavam nada” (Alex).*

*“Algumas meninas também **já começam fazendo algumas atividades** que também ajudam quando elas entram no parkour” (Sara).*

Nessas falas, constatamos percepções de dificuldades dentro da modalidade que estão relacionadas às experiências corporais antecedentes. Em consonância com Goellner (2010), consideramos que essas dificuldades resultam não de uma anatomia distinta entre homens e mulheres, mas, sobretudo, de vivências e experiências de movimento diferenciadas desde o nascimento. Lucchini (2008) propõe que o fato da menina não saber jogar, por exemplo, na maioria das vezes, está relacionado às condições desiguais que elas tiveram para desenvolver as suas habilidades, uma vez que às mulheres foi destinado, geralmente, o espaço privado da casa, e aos meninos o espaço público, a rua. Diante dessas condições, a exclusão dos menos habilidosos atinge as meninas, que historicamente não construíram uma corporeidade ativa.

Nos relatos, algumas *traceuses* pontuaram a necessidade de buscar outros tipos de treinos, como corrida, treino físico repetitivo (flexões, agachamentos, barras, etc.) para suprir a falta de força e as habilidades que são exigidos pelos movimentos do *parkour*. Em contrapartida, por meio da observação dos treinos, foi possível evidenciar que as meninas que possuíam um histórico corporal com vivência de práticas corporais (como dança e ginástica artística), manifestam mais facilidade e confiança ao tentar

executar os movimentos em relação às meninas que não tinham praticado ou explorado outras atividades corporais.

Em consonância com Abreu (1995, p. 163), a falta de habilidades das meninas geralmente origina-se da falta de prática, que por sua vez é decorrente de fatores culturais, como “tipos de brincadeiras infantis, divisão de tarefas entre irmãos e irmãs, desinteresse provocado pela família em incentivar uma vida mais ativa às meninas, reforço da mídia ou outras esferas de influência na educação formal e informal”. O incentivo (ou não) da família tem uma influência significativa na prática de atividades físicas (GOELLNER, 2010; NEVES, 2008). Assim, meninas e meninos aprendem desde cedo que a participação desportiva é valorizada de forma mais positiva para os homens do que para as mulheres (FASTING, 1987). Esse cenário influencia, inclusive, nos níveis de sedentarismo entre homens e mulheres. Tenório, Tassiano e Berreza (2009), com base em dados de uma intervenção escolar randomizada sobre a prática de atividade física de jovens e adolescentes adultos, observou que os rapazes são significativamente mais ativos que as moças. Resultados similares foram identificados em outras pesquisas (SOUZA e DUARTE, 2005; TENÓRIO, 2005). No Diagnóstico Nacional do Esporte (BRASIL, 2015) constatamos que 50% das mulheres são sedentárias, enquanto que os homens constituem 41% dos participantes sedentários. Quanto à participação das mulheres, a pesquisa destaca que apenas 16% das mulheres participantes da pesquisa praticam esportes em relação a 36% dos homens. Em outro cenário, nos estados-membros da União Europeia também notamos uma diferença significativa na participação de homens e mulheres no esporte e nas atividades físicas, sendo uma disparidade entre 65% de homens e meninos para 56% das mulheres e meninas que praticam modalidades esportivas ou atividades físicas (SANTOS e LEIRO, 2015). Essas evidências empíricas corroboram com a associação entre esporte e masculinidade – no sentido de que eles vivenciam mais oportunidades esportivas que as mulheres. Ao passo que justifica a contradição complementar entre esporte e feminilidade diante da exclusão/desvalorização delas nesse campo (THEBERG, 1987).

Ao longo do tempo, a maioria das mulheres passou por um processo de internalização e de socialização que demarcou o que elas podem ou não; o que elas

são capazes ou não; e, o que elas conseguem ou não. Essas “normas” acabam contribuindo para que elas se depararem com transposições sociais e corporais⁴⁹ demandados pelo *parkour*, portanto, experimentem “bloqueios”⁵⁰, os quais são produtos da insegurança sobre suas capacidades corporais e da falta do conhecimento do corpo. O discurso dos/as praticantes remete à essa insegurança das mulheres em decorrência do processo de socialização, como expressam os seguintes trechos:

“Bloqueio que foi criado dentro da cabeça da gente, daí a gente já não consegue, daí trava nossa execução. Você mulher, você acaba não fazendo tantas coisas assim” (Sara).

“As meninas já pensam: ‘como eu vou pular isso daqui? Não consigo nem fazer nada’ (...)” (Demi).

“Desde cedo as mulheres são meio que: ‘você não consegue isso porque você é fraca!’” (Alex).

“O fato de eu ser mulher parece que têm as *questões das dificuldades*, mas ao mesmo tempo não tem. Não tem que ter dificuldade por ser mulher” (Sara).

“Quando você vê um monte de homem treinando, brutalmente, muito forte, muito alto, muito rápido, muito longe e tudo mais, as *meninas acabam se fechando* porque a sociedade vai ver que elas não fazem essa distância, mas elas não pensam que tipo elas não precisam fazer naquela distância” (Jhon).

“Algumas mulheres talvez não tenham essa compreensão de que elas não conseguem fazer algumas coisas hoje em dia porque foram *desestimuladas* antes, então quando elas veem um cara fazendo as coisas absurdas e ela tipo: ‘não consigo nem fazer isso aqui, nunca vou chegar ali’” (Félix).

As percepções de insegurança das *traceuses* manifestadas nessas falas configuram-se como fatores desmotivadores à participação das mulheres. Tais percepções são afetadas pelo senso de competência e a competência real, que, nesse

⁴⁹Transposições sociais e corporais remetem ao desafio e superação dos papéis sociais e das “capacidades corporais” atrelados aos sexos.

⁵⁰A palavra “bloqueio” é comumente usada pelos/as praticantes de *parkour* e compreende um componente psicológico para designar dificuldades em executar um movimento. A depender do nível de dificuldade, o praticante as vezes não conseguem nem tentar executar o movimento. Esse bloqueio pode ser causado pela complexidade do movimento ou obstáculo, por algum trauma do movimento ou medo de cair/machucar pela falta de conhecimento do corpo.

campo, poder divergir na percepção dessas mulheres. Indícios similares foram evidenciadas no estudo de Bradshaw (2002).

O sentimento de insegurança foi mencionado, inclusive, em relação ao próprio desenvolvimento na prática, por tentar e não conseguir atingir o objetivo ou não atingir da forma que elas gostariam. Podemos verificar essa ideia nos relatos a seguir:

“Balança muito isso de eu sou capaz, eu não sou capaz, isso confunde muito a gente” (Francine).

*“Você chega e **você não vê coisas possíveis pra começar**, eu acho que é **desmotivador** (...). Tem umas coisas que a pessoa faz tão fácil e você tão ridículo, aí você fica lá, tentando, tentando. Você tenta, tenta, aí a pessoa chega lá primeiro e faz, você queria fazer também” (Demi).*

*“Ela acaba percebendo que o grupo que ela tá, de homens no caso, vai desenvolver mais rápido e **ela vai ficando um pouquinho pra trás**” (Terry).*

*“Pra ela, ela treina, mas não conseguiu chegar no objetivo ainda: “poxa em um mês ele conseguiu e eu que tô treinando há um ano não consigo”. Isso acaba retraindo, acaba fazendo com que ela **não se sinta a vontade com o parkour**” (Jhon).*

*“Pelo fato dos **meninos** terem condicionamento físico melhor e conseguirem realizar os movimentos de **forma mais fácil**, as meninas veem aquilo e acabam **desistindo**” (Iorrana).*

Dessas falas destacamos a desmotivação frente às dificuldades que as mulheres vivenciam na modalidade. Wheaton (2016) verificaram que nos ambientes mistos, as mulheres não possuem “confiança”, especialmente nos espaços que os homens tendem a dominar. Em atividades ao ar livre, Loeffler (1995) também constatou que as mulheres se percebem como menos qualificadas, competentes e afirmam falta de confiança em suas habilidades.

Em contrapartida, algumas praticantes reconheceram a necessidade de desconstruir as expectativas associadas ao corpo da mulher nas práticas corporais. O *parkour*, com sua ênfase filosófica na superação individual (ANGEL, 2011; THIBAULT, 2013), pode contribuir para a compreensão de que cada indivíduo possui seu tempo e seus meios de evoluir na movimentação, ou seja, as *traceuses* não precisam ser iguais aos homens ou vice versa (iguais no sentido de performance da movimentação), como reconhece essa praticante: *“Eu tinha na mente que era assim: ‘não, **você tem que***

fazer o seu, não tem que se importar com o dos outros” (Vivian). A modalidade em questão, embora articule valores coletivos, como o altruísmo e a coletividade, ela também integra esse caráter individual, na perspectiva de que cada um é responsável pelo seu desenvolvimento na modalidade, retirando de centro a noção da competição com o próximo e a comparação. Entretanto, como toda prática social, o *parkour* acaba sendo afetado por esses aspectos.

Retomando a discussão do histórico de vivências corporais, enquanto fator de influência da diferença de desempenho entre homens e mulheres nas práticas corporais, considera-se que o contexto, já mencionado, de incentivo e estímulo à participação de meninas e meninas é atravessado pela visão binária, dicotômica e fixa a marcação das identidades de gênero. Em consequência, meninos e meninas aprendem como “podem” usar seus corpos. Entretanto, Araújo (2015) enfatiza que o corpo e, portanto, o sexo dos indivíduos, não é suficiente para determinar o gênero masculino e feminino e, tampouco, sua sexualidade e as práticas sociais adequadas a cada um deles.

Nesse sentido, alguns/mas praticantes reconhecem e demarcam a concepção de que aos meninos é permitido e incentivado, em maior intensidade pelas instituições sociais⁵¹, a exploração desse corpo. Os trechos a seguir viabilizam essa reflexão:

*“Muitas vezes, quando a gente tá em alguma praça treinando parkour e alguma menina se interessa pra chegar ali perto, querer brincar de pular, a primeira coisa que a mãe faz é tentar **proibir** a menina. Uma vez a gente estava numa praça tinha dois irmãos gêmeos, um menino e uma menina, os dois quiseram treinar, e a mãe falou: ‘**não, você pode!**’ com o menino, e puxou a menina”* (Félix).

*“Geralmente os meninos já começam **jogando bola**, já começa fazendo alguma atividade”* (Sara).

*“Os meninos como já tão desde sempre, a **questão cultural** mesmo: ‘bora subir em árvore, vamo pular isso’. (Eles) Já tem aquela ideia do que fazer”* (Demi).

*“Homem é acostumado a **mexer com peso**, coloca logo pra **jogar futebol**, pra fazer exercício”* (Alex).

⁵¹Família, escola, instituições religiosas, mídia, entre outros.

*“Acho que os meninos são criados **mais soltos**, as meninas ficam **mais em casa**. Os meninos já são mais soltos pra subir em arvores, essas coisas. As meninas têm mais essa repressão” (Oliver).*

*“Elas serem educadas de uma forma **em casa**: ‘você não pode fazer isso, isso é coisa de menino. Você não pode pegar peso, isso é coisa pra homem’” (Alex).*

*“Elas são estimuladas o tempo todo a **brincarem de boneca**, a cuidar da **casa**, a ajudar a mãe” (Félix).*

*“Os homens e meninos são **mais livres**. As mulheres e meninas são **mais presas**” (Daphne).*

“A criação das mulheres em nossa sociedade prejudica e muito o desenvolvimento físico e mental delas” (Bruce).

Os relatos dos/as praticantes demarcaram o **binarismo** presente nas atividades e as possibilidades designadas historicamente conforme o “sexo” (feminino ou masculino) das pessoas: o menino jogar bola e a menina brincar de boneca; o menino na rua e a menina em casa. Essa diferenciação que divide meninos e meninas em brincadeiras e espaços distintos geralmente está relacionada com as normas sociais, que têm origem na desigualdade entre os gêneros (LUCCHINI, 2008). Especialmente o “jogar bola” e o “futebol” integra, na construção cultural brasileira, um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história, sendo assim, referenciada como uma prática esportiva identitária de construção do masculino. De acordo com Araújo (2015), é comum, e ‘quase que natural’ que o homem goste de jogar futebol (como ressaltado nas verbalizações dos/as praticantes) assim como a mulher, não gostar.

Dessa binarização de gênero, identificada nas falas, derivam marcações objetivas e subjetivas na constituição das masculinidades e feminilidades, o que justifica comportamentos e atitudes, jeitos de ser, de estar e de se relacionar (ARAÚJO, 2015). Tais comportamentos, mediados pelas instituições sociais, reproduzem a ideologia dominante, em termos de frequência observada, considerando-os como “naturais” e, muitas vezes, “universais” (LANE, 1984), de tal maneira que estereótipos e atitudes de discriminação e preconceito passam “desapercebidos” dentro das relações.

No campo do esporte, por ser um espaço generificado, essas marcas afetam os corpos e as atitudes, e traduzem construções discursivas atreladas às redes de

significação e poder, reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas (AITCHISON, 2007).

Nesse estudo, os/as praticantes reconhecem que essas marcações afetam o desempenho das *traceuses* no sentido “limitador”. As meninas, assim como os meninos, que foram “oportunizados” a explorar e permanecer explorando seus corpos diante dessas vivências, conseguem apresentar um desempenho melhor no *parkour*. Essa concepção é verificada nas falas desses praticantes:

*“As meninas que foram criadas sem esses **“limites”** na infância/adolescência possuem um **desenvolvimento igual** e as vezes até melhor que alguns meninos” (Jhon).*

*“Quando eu vejo uma menina se movimentando, tipo que tem um histórico do break dance e tal, ela se movimenta muito bem, perfeitamente, **não vejo nenhuma diferença** da movimentação dela pra um homem” (Félix).*

Concepções semelhantes foram atestadas pelo estudo de Cardoso, Marinho e Pimentel (2013) com 302 estudantes universitários. Os resultados apontaram que a predominância dos homens nos esportes e, especificamente, nos esportes de aventura está associado a um forte componente histórico, em relação às condições que cada sexo teve para experimentar seu corpo, no que se refere à sexualidade, agressividade e descoberta espacial. Constataram, inclusive, que as meninas que obtiveram as condições para brincar no ambiente externo e explorar o corpo em igualdade com os meninos parecem também quase que equiparadas aos homens praticantes, concernente à vivência da aventura. Desse modo, conforme os/a autores/a, o predomínio masculino na aventura é injustificável do ponto de vista de uma predisposição natural.

A diferença de incentivo entre meninos e meninas para explorarem seus corpos são resultantes de instrumentos de controle que, principalmente associam a fragilidade à mulher. Historicamente, elas foram destinadas ao lar e à função materna, pois sendo consideradas fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação e da gravidez, precisavam se proteger dos perigos do espaço público (MATOS, 2003). Enquanto isso, pelas conjunturas sociais, os meninos são mais oportunizados e encorajados a vivências corporais desde a infância (DAOLIO, 1995). Tal contexto também interferiu na ocupação de espaços públicos pelas mulheres, de tal modo que a maioria das crianças

que brincam nas ruas ainda são os meninos. De acordo com estudo de Santos e Dias (2010) com crianças que brincavam na rua em Sergipe, das 32 crianças observadas 69% eram meninos e apenas 31% meninas.

Sob esse contexto de exploração do corpo, podemos nos referir ao que Daolio (1995) denomina de **construção cultural do corpo**: o corpo é construído a partir de suas vivências, do que lhe é permitido e estimulado à vivenciar. Assim, Jaeger e Canfield (1984) revelam que é possível, por meio do corpo, compreender a sociedade, suas normas e seus valores; a linguagem corporal torna possível a identificação do grupo social a que pertencem os indivíduos e seus pensamentos, sentimentos e ações denunciam os valores por estes considerados. No corpo estão registradas todas as regras, normas e convicções de uma sociedade, por ser ele o meio de contato primário de um indivíduo com o ambiente que o cerca (DAOLIO, 1995).

A falta de compreensão sobre essa construção cultural do corpo fomenta estereótipos sobre as mulheres e, conseqüentemente, atitudes de discriminação e exclusão, como verificado na fala de um *tracer*: “*No início eu tinha um pouco de preconceito porque eu não entendia muito bem e hoje em dia eu ainda vejo muitos homens repetindo esse preconceito de que as mulheres não conseguem fazer as coisas direito, que as mulheres não conseguem treinar direito e o que eu percebi foi que as mulheres não são estimuladas desde pequena a se movimentarem*” (Félix). O preconceito, reconhecido nessa fala, integrado às representações sobre as mulheres – e sua descredibilidade nas práticas corporais – está relacionado aos preconceitos mais amplos relativos à sexualidade e gênero de homens e mulheres (ARAÚJO, 2015).

Percepções similares foram apresentadas pela maioria dos/as praticantes, todavia outros afirmaram que as *traceuses* não possuem desempenhos e habilidades melhores no *parkour* por serem “preguiçosas” ou “falta de coragem”, assentando sobre o fator motivacional como o principal mediador para as mulheres não serem “tão boas” na modalidade. Tais posicionamentos podem refletir a não inteligibilidade das limitações físicas e psicológicas decorrentes da falta de incentivo de práticas corporais para as mulheres. Os discursos subsequentes permitem refletir sobre esse contexto:

“Nós fomos, ao longo do tempo, sendo inutilizados. Todas as máquinas criadas por nós e toda a exploração que alimentou e alimenta o sistema social é parte da inutilização do

*nosso corpo. Os animais fazem coisas incríveis com o próprio corpo, eles se locomovem de uma maneira invejável por nós. Mas, nós poderíamos ser como eles se não tivéssemos acomodados. As crianças são a prova de como poderíamos ser mais incríveis com nossos corpos. O parkour, ele traz esse conhecimento necessário do nosso corpo. O grande ponto para mim é como **o parkour nos põe para brincar, para ser, durar e testar**. Se os corpos humanos, em geral, já são inutilizados, **os corpos femininos sofrem essa freada ainda mais cedo**. Não é só biologicamente que as mulheres amadurecem mais cedo, socialmente e comportamentalmente também. E esse segundo amadurecimento é imposto, e isso é muito danoso” (Daphne).*

*“A mulher é constantemente **repreendida no conhecimento do próprio corpo**” (Hana).*

A fala dessa *traceuse* nos direcionam à pensar como a modalidade pode contribuir para desconstruir as normatividades impostas sobre os corpos das mulheres – construídos pelas desigualdades. Por outro lado, as normatividades relacionadas ao “feminino” se fazem presentes diante das dificuldades e bloqueios vivenciados pelas mulheres nessa modalidade.

Ademais, na verbalização de Daphne observamos que o *parkour* está atrelado ao **conhecimento de si** e ao uso do corpo de forma lúdica, reforçando-o enquanto cuidado de si: o ocupar-se consigo implica no “conhecer-se”. Para Foucault (2006), o cuidado de si tem como forma principal o conhecimento de si diante do qual o sujeito se constitui; ele toma a si mesmo como objeto de conhecimento e ação. No *parkour*, a prática não se reduz aos saltos e movimentos, sugerindo também a reflexão de si próprio, suas habilidades e competências dentro e fora da modalidade. E, isso é ainda mais intensificado nas meninas diante das restrições impostas e seus desdobramentos pelo processo sociocultural. Por tais aspectos, podemos conceber o *parkour* como cuidado de si.

Pelos relatos citados anteriormente, baseados em argumentos biológicos que naturalizam a fragilidade das mulheres, as próprias *traceuses* acreditam e reconhecem que suas diferenças são unicamente justificadas pelos aspectos bio-fisiológicos do corpo, ao invés de compreender tais diferenças em relação às construções culturais e em sua individualidade. Das nove *traceuses* entrevistadas, apenas duas (mencionadas no parágrafo anterior) salientaram a compreensão das limitações que foram impostas durante seu desenvolvimento. De forma semelhante, as *snowboarders* analisadas por Anderson (1999) declararam que apenas algumas mulheres podem praticar essa

modalidade, que são aquelas que, assim como elas, são capazes de lidar com a dor e a dificuldade de aprender a andar.

Diante das diferenças de habilidades apresentadas pelos homens e mulheres nas práticas corporais, emergem estereótipos com base nas representações sociais de inferioridade e descrença em relação ao potencial das mulheres no esporte. Nesse caso, corroborando com Goellner (2006), aos homens são reconhecidos a aventura, a potência, o desafio e a força; às mulheres são pertinentes a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada e o desafio ameno. As seguintes verbalizações revelam as concepções de fragilidade e inferioridade associada às *traceuses* que, por sua vez, resultam em atitudes de preconceitos e exclusão:

*“Eu sofri alguns preconceitos: ‘você é **muito fraca** porque não sabe fazer isso, porque você não faz assim, você não se movimenta, você não é forte’. Não é isso! Eu tenho que ser o que eu quero ser e não o que o outro quer que eu seja” (Elis).*

*“Comentários que a mulheres são muito **mais lentas**: ‘não vou chamar ela pra treinar porque ela não vai fazer isso, é um nível muito hard pra ela’. (...) não vou chamar pra treinar porque mulher é mais fraca, vai atrapalhar o treino” (Sara).*

“Eles achavam que no treino, se as meninas fossem participar, tinha que ser leve ou as meninas não iam conseguir. Já botavam assim a expectativa” (Vivian).

*“É muito melhor que ela treine com uma menina que faz coisas boas e interessantes, mas que não seja **tão intenso**” (Max).*

“(As mulheres) Tem aquela fragilidade natural” (Alex).

*“As pessoas têm essa ideia de que **mulher não treina de verdade**. Quando alguém fala isso eu vejo assim: ‘você que não sabe treinar de verdade, você que não tá sabendo o que é parkour’” (Félix).*

Os trechos demarcados fomentam a concepção de que a performance feminina em geral é associada à **inferioridade técnica**, considerando que é a partir do referente (masculino) que o feminino é designado como mais frágil (FIGUEIRA e GOELLNER, 2013). Ao investigar praticantes de escalada, Cottman (2002) constatou que as mulheres são contestadas pelos homens, pois eles tendem à competição para provar a si mesmo que são melhores. De modo que, uma das participantes do estudo, afirmou que ao escalar com um homem, as pessoas assumem que ele fez todas as partes

díficeis. Heckemeyer (2005) também discutiu sobre a falta de reconhecimento das mulheres em esportes tradicionalmente dominados por homens, cujo desempenho e a competência das mulheres recebem pouca atenção da mídia e do público em geral e, por vezes, são depreciados pelos colegas e funcionários.

Essas representações contribuem para o imaginário coletivo de ineficiência e descredibilidade no tocante à mulher no campo esportivo. A naturalização dessa inferioridade das mulheres foi construída desde os anos 1930 diante do contexto de crescente participação da mulher em atividades físicas no Brasil, o que desencadeou argumentos científicos que foram elaborados e colocados a serviço da construção da representação da inaptidão feminina para a atividade física e o esporte (MOURÃO, 2000). Tais discursos de cunho biológico estão ancorados na ideia de que mulheres e homens têm características distintas e inatas e imutáveis e, ainda induzem a acreditar que são estas características que determinam traços de caráter e comportamento, funções sociais, espaços de pertencimento e possibilidades de socialização para eles e para elas (GOELLNER, 2006). Por meio desses discursos, conforme Foucault (1987), fabricam-se indivíduos submissos, e constitui-se sobre eles um “saber” em que se pode confiar. Trata-se de um poder que trabalha o corpo de homens e mulheres, manipula seus elementos, produz seu comportamento e fabrica o tipo de homem e mulher necessários ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial capitalista (FOUCAULT, 1979).

Desse modo, o “saber” posto sobre o corpo das mulheres não só contribuiu para regular e normalizar sua situação no campo esportivo, como influenciou na representação social de desvalorização de sua participação. A desvalorização do corpo feminino no *parkour*, em especial, permite denotar o quanto esta prática é marcada por hierarquias de gênero e, assim como como qualquer outra prática corporal e esportiva, é atravessada por relações de poder, promovendo espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres (FIGUEIRA, 2008).

Em consonância com as verbalizações anteriores, Anderson (1999), ao analisar *snowboarders*, identificou que ao tentaram patinar com os homens, as mulheres, muitas vezes, foram rotuladas de forma depreciativa. O estudo de Bandeira e Rubio (2011) também evidenciou que, no *surfe*, espera-se das *surfistas* o *surfe* de “*morey*”, que

corresponde a uma prática menor e também como prática feminina, tanto que, quando a *surfista* afirma que surfa de pranchinha, os praticantes exprimem admiração e surpresa. Essas autoras apontaram que as mulheres são vistas com descredibilidade ou pelo deboche acerca da capacidade de sua performance. Na pesquisa de Wheaton (2016) com windsurfistas, as mulheres praticantes também apontaram que eram percebidas como "*bods*" (termo depreciativo para descrever aqueles que eram menos qualificados que "entraram no caminho" de windsurfistas mais qualificados), independentemente da sua capacidade de windsurfe.

De acordo com Bryson (1994), as expectativas e avaliações negativas das capacidades das mulheres estão implícitas na hegemonia masculina, na qual o esporte, fornece apoio e combustível para atitudes negativas dos homens em relação às mulheres. Além disso, as próprias mulheres acabam aceitando que os homens são mais capazes do que elas (como também constatadas em falas anteriores das *traceuses*).

Embora as mulheres estejam conquistando cada vez mais espaços nas modalidades hegemonicamente masculina, a performance delas - a forma que elas deveriam praticar - ainda são permeadas por diferenças hierárquicas, ou seja, como observado nas falas, se atribui às mulheres o treino "leve" e aos homens o treino "pesado/intenso", corroborando com a natureza do sexo historicamente construída. A vivências motoras das mulheres são associadas ao ideário de "mais fraca" (PRADO e RIBEIRO, 2014). Por tais representações, identificamos como o biopoder⁵² age, de forma diferente, no corpo do homem e da mulher, sendo esta última considerada "fraca" e, portanto, devendo ser submetida a um treino "mais leve" para preservar suas funções vitais e reprodutivas – concebida, de forma cultural, como o papel mais importante da mulher, uma vez que, por muito tempo, ela esteve proibida de participar de determinadas práticas corporais para "evitar", inclusive, que tal função fosse comprometida.

Vale ressaltar que na maioria dos treinos de *parkour*, *traceuses* e *tracers* dividem o mesmo espaço e participam do mesmo treino. Essa modalidade, como poucas

⁵²O conceito de biopoder foi abordado na página 41, nota de rodapé 21.

práticas, permite que homens e mulheres treinem juntos. Entretanto, nos treinos livres observados, como descrevemos, as meninas geralmente estavam agrupadas com as outras meninas compartilhando um único espaço, enquanto que os meninos estavam distribuídos em outros grupos ou sozinhos. Essa apropriação do espaço pode justificar a diferença do treino de homens e mulheres no *parkour*, em que cada qual ocupa um espaço de acordo com a percepção de suas capacidades⁵³, de modo que um não atrapalhe o outro em seu desempenho, atestando uma relação de poder evidente. Já nos treinos guiados, algumas mulheres percebem que os exercícios do treino – que deve ser o mesmo para todos/as – são indicados para elas com execução diferente, a fim de que o movimento esteja adequado às representações que fomentam a fragilidade e a descrença de suas capacidades, como relata essa *traceuse*: “Os meninos faziam flexão e falavam que as meninas podem colocar os joelhos no chão e fazer a flexão. Eu falava: **‘não gente, vamos fazer flexão normal, se colocar o joelho no chão não vai trabalhar quase nada’**. Talvez, naquele momento elas não tivesse a força necessária pra fazer dez flexões, mas dava pra elas fazerem pelo menos três flexões normais” (Cintia).

Diante do exposto, reforça-se a representação da mulher como “mais frágil” e “mais fraca”. No treino observado do grupo *Parkour Wings*, um fato chama atenção durante o transporte de um colchão para o tablado do ginásio quando uma praticante tenta auxiliar outros quatro meninos que estavam com dificuldade de locomoção e um deles verbaliza: “*Tem que ter uma menina pra levar, **que vergonha!** Com quatro machos para fazer o serviço*”. Essa fala oculta uma contradição frente ao cenário em que ela é emitida, pois revela uma demarcação das performances de gênero, cujo corpo feminino está associado a atividades “leves”, uma vez que esse mesmo corpo externaliza uma transposição dessas performances ao efetuar as movimentações arriscadas e complexas do *parkour*. Contradição similar também foi discutida por Oliveira (2006) diante das crenças de que as mulheres eram frágeis para participar, por exemplo, dos Jogos Olímpicos. Todavia, essa crença não correspondia com a realidade

⁵³É possível que as meninas, ao se considerarem inferiores em relação aos desempenhos dos homens, segreguem-se em um espaço em conjunto com outras pessoas, para não interferir e atrapalhar o treino dos meninos que, por sua vez, podem ser concebidos como melhores.

das mulheres que, em seu trabalho doméstico e no campo, exerciam em suas rotinas de trabalho atividades físicas tão extenuantes, ou mesmo superiores, às cargas de treinamento a que eram submetidas as atletas nesta época.

Tais crenças, mediante um “saber” imposto e naturalizado, ainda atravessa o corpo social e, nas práticas corporais, o homem é colocado como **referente “do” e “para” o desempenho e o saber** no *parkour*. Podemos verificar essa concepção nos trechos a seguir:

*“Uma das meninas propôs ensinar um garotinho que estava curioso e o pai do garotinho falou: ‘não, **se for menina que for ensinar eu não quero**, eu quero que um menino ensine”* (Alex).

*“Acho que quando elas tão treinando sozinhas aqui ficam muito alheias sem saber o que vai fazer, mas se estiver um cara ali do lado dela (...). **Eu acho a presença de um homem nos treinos para as mulheres essencial** pra elas perderem medo, o cara vai estar lá incentivando, e eu acho que é muito diferente com mulher, na minha visão”* (Jordan).

*“Eu acho muito foda quando tem um cara pra ensinar as mulheres, porque mesmo que a gente tenha uma certa experiência no parkour, **a gente não vai saber passar toda as dicas**. E como os homens pegam muito mais fácil a movimentação eu acho que é muito mais fácil explicar”* (Iorrana).

As falas apresentadas referenciam o homem como um **detentor do “saber”** nessa prática: ele saberá ensinar, direcionar e passar confiança. O poder aparece como uma forma de saber, permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber e produz discursos (FOUCAULT, 1993). Esse campo de saber sustenta as relações de poder, assim, o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1987).

A “detenção” desse poder-saber foi verificada, inclusive, nos treinos observados. Percebemos que algumas meninas, ao tentar um movimento novo, preferiam que os meninos estivessem por perto para segurá-las. Elas também os questionavam sobre a capacidade delas para executar a movimentação. Assim, podemos inferir sobre tal atitude que a palavra (saber) do menino promovia uma confiança nelas. Para Solnit (2017a), o contexto sociocultural “treina” as mulheres para duvidar de si próprias e a

limitar suas próprias possibilidades, sendo ao homem o portador da “certeza/verdade”. Ao invés das meninas se utilizarem da própria percepção e do autoconhecimento de seu corpo e de suas habilidades para “calcularem” a probabilidade de acerto ou erro do movimento, elas dependiam, em algumas vezes, do que os meninos verbalizavam.

Ademais, foi identificado o valor atribuído à mulher que apresenta características sociais articuladas ao masculino, como denuncia essa fala: “*Cintia é um grande exemplo pra gente, ela parece homem*” (Jordan). Esse relato reforça os homens enquanto “referente” no esporte e as mulheres, quando se mostram boas atletas, se parecem com eles (GOELLNER et al., 2009). Logo, retomando Souza e Knijnik (2007), no imaginário social coletivo, as performances e os corpos dos homens são colocados como metas para a medição de toda conquista atlética, enquanto que as performances e corpos femininos servem como uma referência negativa.

Diante das representações sociais atreladas à mulher, com a fragilidade, a pouca participação delas no *parkour* foi associada, também, à “ vaidade”. Os/as praticantes expressam os argumentos a seguir:

*“(Parkour) É uma coisa urbana, você sabe que vai ficar **suada**, que vai ter **roxo**, sempre vai se bater em alguma coisa, você acaba **arranhando**. Você fica com calo na mão, bagunça cabelo, não poder ter unha grande, tem gente que tem unha grande, mas na teoria não dá muito certo”* (Demi).

*“É uma atividade que você se abre muito, você faz algumas posições. É uma coisa bem aberta, **liberdade corporal** mesmo, então já diz: ‘você vai se expor, vai se abrir todinha pra fazer isso’”* (Sara).

*“Não sei se a maioria das mulheres gostariam de praticar parkour. Eu acho até **sujo** as vezes. No parkour a gente bola no chão, bota a mão no chão, na areia, na grama”* (Oliver).

*“Eu não sei as meninas que se dispõem a ficar **suada na rua, andar sujo**. Tem muita menina que não se dispõe assim a ficar fazendo isso. Acho que as meninas já têm um pouco esse toque assim, aí é difícil achar as meninas que não se sentem incomodadas de tá participando do grupo com essas condições”* (Terry).

*“Tem mulher que não quer **se sujar**, tem homem também que não quer”* (Oliver).

*“O parkour em si, **você não vê muita menininha** mesmo. A maioria são as que não ligam, que senta em qualquer lugar”* (Demi).

“Você pega a maioria das meninas, a cultura mesmo, **as meninas são mais delicadas**” (Demi).

Nesses trechos, denotamos uma **noção do corpo no *parkour*** que, para os/as praticantes a modalidade demanda que elas suplantem a imagem idealizada da mulher – aquela que cuida da aparência, não se expõe suja ou desarrumada, entre outras concepções. Percepções semelhantes foram identificadas por Figueira (2008), ao verificar que um dos argumentos utilizados pelos *skatistas* é de que o *skate* pode provocar machucaduras e ferimentos no corpo, o que não ficaria bem para as garotas. Conforme essa autora, representações como essas são utilizadas pelos homens para garantir o status de que esse é um esporte masculino.

De acordo com Sant’anna (2005), a ideia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino atravessa os séculos e as culturas. Logo, corroborando com Goellner (2010), notamos uma ênfase na beleza e, conseqüentemente a higiene, como uma obrigação para as meninas e mulheres, desconsiderando que existem diferentes formas de viver as masculinidades e feminilidades. Logo, a “imagem idealizada da mulher” expressa pelos/as praticantes apresenta-se como se houvesse alguma essência ou uma forma única de viver a condição de feminilidade. Para Anderson (1999), os ideais de beleza também são “generificados” pois, de um lado, se conhece muito mais sobre padrões de beleza feminina em outras culturas do que sobre padrões de beleza masculina, o que se deve, em parte, por esses padrões serem criados pelos homens, e sua avaliação derivada de outros aspectos, como a saúde e poder.

Em contrapartida, as representações da mulher que treina *parkour* referem-se àquela que não se importa em transgredir ideais de higiene e corporalidade. A *traceuses* que observamos não se incomodaram em estar sujas ou suadas, em circular pelos espaços da cidade (como shoppings, parques, entre outros) e até mesmo postar fotos nas redes sociais sob tais condições. Elas se mostraram despreocupadas quanto aos constructos sociais da feminilidade retratados por eles/as nos relatos anteriores (limpeza, integridade do corpo, higiene, etc.). Isso indica a pluralidade dos meios de vivenciar e expressar a feminilidade que, possivelmente, não foi percebida por elas

como a forma que elas externalizam sua “feminilidade”, pois, diante das falas, elas revelam que tais condutas se distanciam do “ser feminino”.

Assim, constatamos que os/as praticantes reforçam, de forma naturalizada, as características construídas sobre o “ser mulher”, tais como delicadeza, fragilidade, beleza, entre outros. Esses aspectos que, de certa forma, atravessam a participação das mulheres nessa modalidade, serviram/serve para se obter “controle/domínio” sobre os corpos das mulheres.

7.4 Motivação, superação e reconhecimento de *tracers*

Por ser um campo generificado, demarcado por diferenças, preconceito e exclusão, observamos que nas práticas corporais a inserção das mulheres é atravessada por “lutas” e “resistências/enfrentamentos”. Conforme Ferreira, Salles e Mourão (2015), o envolvimento das mulheres com os esportes se deu de forma lenta e conflituosa, diante de concessões e negociações, de modo que elas transitaram de uma atuação como expectadora do “espetáculo masculino” para inserção em grandes eventos, como os Jogos Olímpicos. O cenário das práticas esportivas, como o *parkour*, foi pensado, arquitetado e constituído sem a participação das mulheres (FERNANDES, 2014). Por isso, para conquistar um lugar neste espaço coube à elas se identificarem, adequarem e transformarem o que esteve posto de forma simbólica, histórica e cultural pelos homens.

Isto posto, na dimensão analítica “Mulher e práticas corporais” articulamos a categoria denominada “Motivação, superação e reconhecimento de *tracers*”. Nessa categoria abordamos percepções de conquistas e resistências e enfrentamentos que compõem o cenário de participação das mulheres no *parkour*.

Como ponto inicial das percepções de **conquistas** frente à participação da mulher no *parkour*, destacamos as falas referentes à ampliação do número de mulheres praticantes:

*“Na época que eu entrei muita menina estava entrando também (...). As meninas começaram a **ganhar seu espaço** quando eu entrei” (Sara).*

No começo foi muito difícil pra me acostumar com a rotina de treino deles, depois foi **aparecendo as meninas**, aí a gente se juntou, começou a treinar junta no 13 de maio, pra fortalecer um pouco da gente” (Elis).

“Eu acho que já entrei numa fase boa para as meninas no parkour. Hoje em dia **as minas se sentem mais empoderadas e à vontade**” (Daphne).

Nessas falas, o “ganho de espaço” e o “empoderamento” apresentam-se como conquistas devido ao aumento do número de *traceuses*. Outras/os praticantes ressaltaram que a visibilidade e representatividade das mulheres no *parkour* pode favorecer à **adesão** e **estabelecimento de vínculos** no *parkour*. Esse posicionamento pode ser visualizado nos trechos seguintes:

“Quando a gente chegou não tinha menina nenhuma. Seria interessante pras meninas chegar e ter um **grupo** (de meninas) **que recebam elas**” (Sara).

“**Contato de menina pra menina ajuda bastante**” (Elis).

“Essa convivência mais aberta de menina pra menina ela torna **atraente a prática**” (Jhon).

As/os praticantes referiram-se, até mesmo, sobre a relevância do que podemos denominar de “**coletivo de mulheres**”: o agrupamento/união das praticantes. Para tanto, foram verbalizados as iniciativas e o incentivo para que as *traceuses* se reúnam. As falas a seguir evidenciam esse aspecto:

“Acredito que deveríamos **pensar em conjunto**, pensar nessas iniciantes e pensar em como já foi difícil pra gente também e trabalhar junto pra que elas se sintam bem vindas, que as façam ver que sim, que ela pode fazer” (Francine).

“As mulheres que estão e que treinam é que deveriam **tomar a frente** porque eu acho que as meninas iam se sentir muito **mais abraçadas**. As meninas do parkour que têm que se movimentar, como tá acontecendo” (Sara).

“A participação das mulheres no parkour é muito importante, então eu acho que **todo mundo devia se juntar pra poder incentivar**, pra poder dar mais visibilidade” (Francine).

“A melhor maneira de você incentivar a participação dessas mulheres, pra que comecem e continuem a treinar é incentivar que elas se reúnam, é necessário que as

peças comecem a **cutucar as meninas de cada região pra que elas mesmas se organizem**, comecem a puxar (os treinos)” (Hana).

“Para as mulheres frequentarem mais, **tem que ser uma decisão mais delas**, elas quererem mudar esse visual, ter uma certa determinação” (Henry).

“**Juntar-se com outras meninas** é um ponto essencial pra elas. Começa a treinar com elas, entender um pouco da outra” (Jhon).

“Através de mídia, de incentivo das próprias mulheres **a não desistirem tão fácil**, elas podem trazer amigas pra conhecer, convidar (...)” (Henry).

“Eu fico muito feliz que hoje em dia tem **muita menina fazendo vídeo** e não tá nem aí se tá fazendo certo ou não, e elas fazem justamente pra incentivar as outras” (Francine).

Essas falas expressam 1) a necessidade de representatividade, 2) a organização e iniciativa de mulheres para reunir outras mulheres a fim de constituir coletivos e grupos, 3) e o uso da mídia e internet como mediadora para fomentar a visibilidade das mulheres. Para os/as praticantes, esses aspectos configuram-se como potenciais para visibilidade, ampliação e fortalecimento do número de mulheres no *parkour*. Essa **representatividade** de *traceuses* vinculada ao **sentimento de pertença** ao grupo indicaram mecanismos de estímulos à prática, como destacam os relatos a seguir:

“Na intenção de treinar *parkour* eu fiquei analisando os meninos e olhando se tinha mulheres dentro, porque **minha vontade era ver as mulheres pra eu poder fazer também**” (Cintia).

“O que me motiva é **ter muita menina treinando** que gosta e quer aprender” (Elis).

“O que me motiva são as outras pessoas, ver toda a trajetória das pessoas do *parkour*, **ver de onde elas começaram até onde elas estão**, porque assim eu vejo que todo mundo tem seu tempo” (Francine).

“Quando a gente vê uma **mulher se desenvolvendo tão bem**, você se sente inspirada por ela, então muitas vezes é uma oportunidade de você desenvolver mais” (Hana).

“O fato delas **estarem juntas**, mulheres juntas, realmente fazendo” (Cintia).

Corroborando com essas verbalizações das *traceuses*, constatamos que a maioria dos *tracers* também indicaram que o sentimento de pertença ao grupo decorrente da representatividade das mulheres no *parkour* é significativo para motivar

as mulheres na modalidade. Identificamos essas percepções pelas falas destacadas a seguir:

*“As meninas elas percebem **a segurança das outras**, então quando uma percebe que uma colega, por exemplo, consegue fazer aquilo e ela sempre falava: ‘nunca consigo fazer isso, nem vou tentar’. A colega fala: ‘não, vamo lá fazer um treino, pra você ver!’ E aí você passa detalhes por detalhes como se faz, como é o movimento todo, completo e como são as partes pra você chegar aquilo lá, elas **se sentem confiantes e começam a se sentir mais à vontade**, e isso vai até cativando praticantes” (Jhon).*

*“Se tem um grupo, mesmo que pequeno de garotas, querendo treino acho que isso **incentiva**. Não que aquilo vá atrair mais mulheres, mas pelo menos aquele grupo que tá interessado” (Oliver).*

*“Ela conseguir ter um **grupo de pessoas** fazendo as mesmas coisas que ela consegue fazer, porque aí ela se **sente à vontade**” (Terry).*

Nessas falas, os *tracers* assinalam o sentimento de confiança e a sensação de conforto, vivenciadas pelas *traceuses* nos espaços de treino, promovidos pela representatividade e reunião das mulheres no *parkour*. Por outro lado, um praticante apontou, como motivador, a mulher se perceber atingindo o nível de habilidades dos “homens” na modalidade: *“Uma coisa que motiva é ver outra mulher conseguindo fazer o que um cara faz, que é ainda melhor” (Jordan)*. Essa fala reforça a posição do “homem” como parâmetro no desempenho e aptidão no campo esportivo, considerando que é a partir do referente (masculino) que, inclusive, o feminino é designado como mais frágil (FIGUEIRA e GOELLNER, 2013).

Além do coletivo e da representatividade de mulheres, o **apoio e reconhecimento dos tracers** também revelaram-se como fatores de incentivo à adesão e permanência das mulheres no *parkour*. As seguintes falas das meninas apontam sobre o auxílio dos *tracers* na prática:

*“Eu sempre **recebi muito apoio**, eu sempre vejo o pessoal ajudar as meninas. Não só as meninas, todo mundo” (Demi).*

*“A **atenção (deles) só aumenta, só melhora**” (Cintia).*

*“Eu **peço pra eles ficarem me incentivando**. Acho que elas querem isso também ou elas precisam. Me incentiva que eu vou, porque isso é muito bom, e, não sei, talvez seja bom pra elas” (Cintia).*

*“Pra **eles era empolgante** verem meninas tentando se esforçar pra treinar” (Iorrana).*

Diante dos relatos, os *tracers* tendem a auxiliar e apoiar as *traceuses*. Tal apoio parece aumentar quando as praticantes demonstram mais esforço, desencadeando mais incentivo e reconhecimento, como observamos nessas verbalizações:

*“Depois de um tempo, quando a galera começou a perceber que eu conseguia fazer algumas coisas, que eu me esforçava pra fazer. Eu senti que eles começaram a me **incentivar mais** e me empurrar mais pra fazer as coisas e apoiar e falar: ‘não você consegue’” (Iorrana).*

*“Por eu tá querendo muito fazer o movimento, eu vou atrás com minha ousadia mesmo. Às vezes eu não quero atrapalhar os meninos que já estão fazendo e estão tentando evoluir. Ai quando **eles me ensinam**, eu vou lá e faço mais, eu tento dar o melhor de mim, porque se eu der o melhor de mim, **talvez ele se sinta bem com isso**: ‘poxa, não tá chato eu ensinar ela’” (Cintia).*

Nas percepções dessas praticantes, aos *tracers* apresentam uma satisfação e apoiam mais as meninas ao perceber que seu auxílio/incentivo resulta na melhoria de desempenho mostrado por elas. Corroborando com a percepção das *traceuses*, os meninos também apontaram sobre o suporte que eles oferecem a elas:

*“Se eu vejo uma menina fazendo um movimento que precise de um **auxílio**, chego lá e falo: ‘olha tenta fazer assim’” (Jhon).*

*“A gente homem vê uma mulher se dedicando aquilo e se **eu apoio ela** vai fazer muito mais” (Jordan).*

*“**A gente incentiva bastante** por querer que tenha bastante mulher praticando e tal. E isso a gente quer que tenha a imagem feminina dentro do grupo, então a gente busca incentivar” (Terry).*

*“Ao longo do tempo de todo o grupo, a quantidade maior eram meninas que treinavam. Então, eu comecei a desenvolver uma forma, não sei se específica pra isso, mas eu **consegui passar para as meninas uma forma com que elas sintam seguras** eu passando o treino e que elas se sintam seguras após aquilo passar pra outras pessoas” (Jhon).*

*“Eu fico muito feliz, **fico muito besta quando eu vejo que Cintia faz um movimento**. Eu grito, porque é uma conquista coletiva” (Max).*

“Hoje se eu observar a qualidade técnica de um menino que pratica há muito tempo sozinho e pra uma das meninas que treina há pouco tempo comigo, a técnica é muito

*diferente, então isso já me satisfaz porque eu **tô sentindo que eu passo de uma forma que elas sabem que tá chegando perto do bom*** (Jhon).

Nessas falas, atentamos para a disponibilidade em ajudar e o incentivo expressados pelos *tracers*. Além disso, alguns deles ressaltaram a satisfação em ajudar e perceber “resultados”. Nessa perspectiva, dois *tracers* descreveram como auxiliam as praticantes a obterem melhores desempenhos na modalidade:

*“Por ter mais meninas no grupo, comecei a ter uma visão de como as meninas praticam, de quais os limites e **começar a adaptar** isso não só pra elas, mas pras pessoas perceberem enquanto suas dificuldades. Tipo, as meninas elas não são limitadas a isso, você é limitada a isso quando seu corpo não consegue fazer”* (Jhon).

*“Mulher desenvolve menos força no braço, mas desenvolve força na perna mais fácil e aí acaba que **a gente adapta** isso. No caso, direcionar uma movimentação um pouco mais puxada pra perna, mas incluindo o braço assim de uma forma não que ela vai se sentir oprimida. Botar pra fazer 50 flexão, eu vou fazer, mas não sei quem é a menina que vai acompanhar, e ela vai se sentir desmotivada por não tá conseguindo”* (Terry).

Os relatos dos *tracers* evidenciam a “adaptação” de treinos e movimentações para as mulheres, de modo a corresponder com suas dificuldades e limitações. Hipoteticamente, a percepção da melhora de desempenho das mulheres por meio do auxílio dos *tracers* pode fomentar o sentido de “detenção do poder” que atravessa as relações de gênero na modalidade. Observamos, ainda, que elementos referentes às dificuldades/limites das meninas e ao desenvolvimento de força são apontados pelos meninos enquanto pontos centrais para o *parkour*.

Os praticantes também enfatizaram a diferença ou não de incentivo às mulheres em comparação aos homens. Um deles afirmou que dispõe mais atenção às mulheres nos treinos: *“Eu tento dar uma **atenção muito especial** para as mulheres”* (Felix). No entanto, outro praticante declarou o incentivo às *traceuses* de forma igualitária aos *tracers* nos grupos: *“A gente incentiva muito, **trata normal** as mulheres aqui, **de igual pra igual**. E nosso treino não são diferenciados, são iguais, pra ambos os sexos, eu acredito que tem que ser assim”* (Henry). Desses relatos, identificamos que incentivar de forma diferenciada pode atender as dificuldades e limitações das mulheres na modalidade, (como discutimos nas seções anteriores, elas foram anunciadas pela maioria das praticantes), além de considerar os fatores como falta de representatividade

e a ínfima presença de mulheres na prática, que acabam desmotivando as *traceuses*. Por outro lado, o incentivo de forma igualitária presume uma equidade dentro das relações na modalidade.

Concernente ao auxílio de *tracers* à prática do *parkour* de mulheres, identificamos que na cidade de Amargosa (BA) – um dos locais de efetivação dessa pesquisa –, o praticante, que conduz os treinos e outras atividades relacionadas ao *parkour* na cidade (oficinas em escolas, aulas para crianças, entre outras), possui um método particular de ensinar a modalidade, o que contribui para a adesão das mulheres à prática, de modo que essa cidade possui um número maior de mulheres praticantes em relação ao número de homens. Essa particularidade foi mencionada nas entrevistas, onde alguns/mas praticantes da Bahia atribuíram relevância à metodologia de ensino desse *tracer* frente aos treinos para as mulheres, como destacamos a seguir:

*“Aqui em amargosa que tem um número grande de mulheres, acho que **a maioria é mulheres** assim, não sei se é por causa do jeito do Jhon assim, de **lidar com o treino**, as **meninas se sentem mais acolhida**, eu acho que influencia bastante por ele ser o cabeça assim e tal” (Terry)*

*“Aqui tem mais meninas do que homens treinando. **Jhon é muito bom pra puxar treino para as meninas**. Em todo encontro que eu vou, que Jhon puxa treino, todas as meninas vão. Até menina que não está treinando, brota. Ele puxa pra todo mundo, mas misteriosamente só as meninas vão. Ele puxa as meninas, um ímã assim” (Demi).*

A partir desses relatos, nota-se que o praticante mencionado consegue desenvolver um “método” de ensinar as mulheres de forma que elas se sentem confiantes para enfrentar suas limitações e efetuar o movimento. Esse *tracer* manifestou sobre a quantidade de mulheres na cidade e como transmite confiança a elas por meio do treino. O relato é descrito a seguir:

*“Ao longo do tempo de todo o grupo a **quantidade maior eram meninas** que treinavam. A todo momento, em todas as vezes que o grupo estava subindo assim de pessoas, era só mulheres que entrava no grupo. Então, eu comecei a desenvolver uma forma, não sei se específica pra isso, mas eu consegui passar para as meninas uma forma com que elas sintam seguras eu passando o treino e que elas se sintam seguras após aquilo passar pra outras pessoas. Então eu comecei, por ter mais meninas no grupo, **comecei a ter uma visão de como as meninas praticam**, de quais os limites, e*

começar a adaptar isso não só pra elas, mas pras pessoas perceberem enquanto suas dificuldades” (Jhon).

Dessa fala, depreendemos que Jhon, ao conviver, identificar e compreender as dificuldades e bloqueios vivenciados pelas mulheres no *parkour* – os quais são produtos do seu processo de socialização e da construção cultural do corpo – desenvolveu estratégias para elas “lidarem” com tais dificuldades.

O auxílio dos meninos às *traceuses* foi verificado nos treinos observados. No treino do VIII EFPK, em vários momentos do treino, identificamos a **presença** de um menino quando as meninas tentavam algum movimento (Figura 27). Assim, denotamos que há um sentimento maior de segurança na presença de uma figura masculina, uma vez que as outras meninas também se dispunham para apoiar e segurar. O contrário não foi observado: a presença de meninas nas tentativas dos meninos – mesmo apenas para acompanhar. Elas solicitavam apoio a eles/as, mas eles, quando solicitavam, era para outro *tracer*. Entretanto, foi percebido no treino do *Parkour Wings*. Além de auxiliar algumas meninas para a realização do *lazy* e do *monkey*, uma praticante também encorajou alguns meninos e ajudou um deles no reverso (*reverse vault*). Já no grupo No Parkour Recife, percebemos pouco auxílio dos *tracers* às *traceuse*, assim como pouca comunicação entre eles e elas no decorrer do treino.



Figura 27 – *Traceuses* executando movimentos com a presença e auxílio de *tracers*.
Fonte: arquivo pessoal

O auxílio dos meninos, identificado, na prática das *traceuses* e a ausência desse suporte pela via contrária nos remete às relações de poder que se inscrevem no interior da modalidade que, por sua vez, configura-se como um meio simbólico de negociação dos espaços de treino e da inserção das mulheres nessa modalidade. Assim, corrobora-se ao homem a posição de “poder-saber” no interior da modalidade.

Todavia, também podemos constatar um caso em que o auxílio do *tracer* não promovia resultados. Durante o treino do *Parkour Wings*, uma das praticantes estava com medo de executar o *speed*, conseguindo algumas vezes com o auxílio do facilitador. Porém, as dicas dele não eram válidas, pois não se adequavam ao corpo ou ao medo dela, ou seja, não funcionavam. Diante disso, o encorajamento foi o meio que ele utilizou para ajudá-la. Ademais, quando as meninas conseguiam ele comemorava com um toque na mão e aplausos (meio tradicional se parabenizarem e incentivar os/as praticantes).

Nesse sentido, três meninas verbalizaram que os *tracers* não conseguem auxiliar as mulheres no *parkour*. Dentre os relatos, destacamos os que seguem:

*“Na verdade, o que eles querem é que elas façam, mas **nem todos eles sabem lidar com isso, com o fato de ajudar com que elas façam**” (Cintia).*

*“Os meninos podem **tentar** (ajudar), mas por não sentir ou não passar por aquela **dificuldade** não sabem como é” (Vivian).*

*“Quem começava a treinar as mulheres eram os homens, **então faltava um pouco desse entendimento** que ela precisava desenvolver força, que ela precisava aprender a correr. Faltava esse entendimento de achar que ela tava sendo preguiçosa no desenvolvimento dela, na verdade ela tava aprendendo ainda, tava engatinhando nesse sentindo” (Hana).*

As verbalizações das meninas indicam a falta de compreensão dos *tracers* sobre as dificuldades das mulheres e o contexto sociocultural que resultam essas dificuldades. Tal cenário, de acordo com as *traceuses*, impossibilita que o auxílio deles produza efeito/resultado apesar de seu interesse e apoio. Em consonância, um praticante também expressou sobre essa ausência de compreensão das dificuldades e limitações vivenciadas pelas mulheres, conforme o relato a seguir: *“Esse fato dos meninos se jogarem mais e as mulheres se recuarem um pouco antes de fazer o movimento, na cabeça de um menino: ‘ela tá com medo, eu faço’. Mas cada um sabe o seu limite, cada um sabe a sua consequência. Então quando um menino chega e fala: ‘você não faz isso aqui!’, **ele não tá observando o limite da pessoa**, da menina em si, ele tá observando que ela tá com medo de uma coisa que ele sabe fazer” (Jhon).*

O oposto, a falta de auxílio e incentivo dos *tracers* foram referidos por duas *traceuses*. Denotamos essas percepções nas verbalizações seguintes:

*“Eu fui muito incentivada, aí passou um tempo e eu estava bem íntima do pessoal, e eu me **senti tipo num tava ali**” (Francine).*

*“Eu **não me sinto muito incentivada** a treinar, mas sinto muito apoio e disponibilidade quando preciso e busco” (Daphne).*

Embora não percebam incentivo dentro do grupo, elas reconhecem a disponibilidade do mesmo para ajudar. Corroborando com essas percepções, um praticante citou uma circunstância que evidencia a **falta de interesse** dos *tracers* para auxiliar as mulheres, principalmente iniciantes, como revela esse trecho: *“Quando ela*

chegou ninguém queria parar pra ensinar ela uma precisão que ia demorar muito” (Jordan). Nesse contexto, alguns praticantes justificaram esse desinteresse e falta de disponibilidade para ajudar as mulheres diante da concepção de que ajudar ocuparia seu tempo e atrapalharia seu treino.

Diante desses posicionamentos, outros dois praticantes apontaram **condições** para incentivar as meninas no *parkour*:

*“Pra parte de incentivo, elas tem que tá **primeiro agregada**, tá junto, não adianta incentivar alguém que não tá perto. Eu acho que o primeiro incentivo é treinar junto” (Alex).*

*“No local onde eu pratico incentivamos que as novatas sejam **treinadas pelas meninas** que tem competência pra treinar” (Max).*

Nessas falas verificamos percepções opostas: Um *tracer* declara que o incentivo demanda uma **integração** ao grupo, enquanto que outro praticante relata o incentivo de **segregação**, ou seja, para que as mulheres treinem entre si.

Das percepções e observações a respeito do auxílio e reconhecimento dos praticantes às mulheres, evidenciamos, em maioria, posicionamentos e atitudes que atestam esse **suporte** deles. Apesar do interesse e disponibilidade, esse suporte torna-se “eficaz” a depender da compreensão das dificuldades/limitações inscritas nas mulheres.

Destacamos que o coletivo e da representatividade de mulheres, assim como o **apoio e reconhecimento dos tracers** configuraram-se como fatores de motivação à adesão e permanência das mulheres no *parkour*. Além deles, a diversão e o acolhimento foram referidos pelos praticantes, enquanto elementos que incentivam a prática, independente do gênero. Verificamos essas concepções nos trechos seguintes:

*“Acho que todo mundo tem o mesmo motivo assim, então quando vem acha aquilo radical, acha aquilo **divertido**” (Oliver).*

*“O **acolhimento** permite que o iniciante, a iniciante, se interesse mais pela prática, ver aquele ambiente harmônico, agradável e queira voltar também” (Max).*

No tocante ao acolhimento, as praticantes entrevistadas expressaram um acolhimento positivo ao se inserirem no *parkour*. Essa percepção é revelada nas falas abaixo:

*“Eles eram **receptivos**, tornava confortável continuar ali naquele meio” (Sara).*

*“Eu só não desisti do *parkour* quando comecei porque eu tive eu **boa recepção** pelo grupo” (Iorrana).*

*“Quando eu cheguei o pessoal me **recebeu muito bem** e eu já cheguei abraçando eles e eles me abraçando, então foi muito tipo família” (Cintia).*

*“Eles **recebem bem**, as vezes com segundas intenções, mas recebem” (Elis).*

*“Fui **bem recebida**, facilitou muito eu estar namorando com um dos coroados do *parkour*” (Daphne).*

Desses relatos, o acolhimento às meninas no *parkour* apresentou-se como crucial para sua adesão e permanência na prática. Esse acolhimento favorece a identificação e ao sentimento de pertença a um grupo, uma vez que as relações interpessoais estabelecidas em grupos/tribos constituem como motivação à prática (GOUVEIA, 2013; MARINHO, 2008; PAIXÃO e KOWALSKI, 2013; TAHARA, 2004).

Algumas *traceuses* também apontaram outros aspectos que contribuíram para um acolhimento positivo:

*“O pessoal recebeu muito bem, ensinou, falou sobre a **história do parkour**, porque traz, aproxima a teoria também. Não é só pular, é chegar e te trazer uma base, dar sentido ao que você tá fazendo” (Cintia).*

*“Quando eu cheguei lá eu procurei alguém e Oliver me ajudou muito, ele não me ajudou de forma individual, **ele chamou todo mundo** que tava fazendo coisas separadas, e foi aí que eu vi que eu estava num meio legal, porque todo mundo quis participar do treino que seria feito para um iniciante. E nos outros dias o pessoal me chamou pros treinos já da galera avançada” (Francine).*

Percebemos que apresentar os fundamentos do *parkour* e “convocar” o grupo à recepção mediaram a percepção desse acolhimento positivo pelas *traceuses*. Os meninos também comentaram sobre esse acolhimento às mulheres, como pode ser verificado a seguir:

*“Aqui na jaqueira a gente sempre faz uma **boa recepção**, a gente procura ajudar” (Oliver).*

*“No grupo que ajudo a coordenar, tentamos manter **o clima do grupo** o mais agradável e respeitoso possível. Percebemos que isso ajuda muito na não desistência delas. As meninas são sempre **recebidas das melhores maneiras**, mas evitamos superproteção para não gerar um mal costume. Incentivamos que sejam independentes. Orientamos, mas não sufocamos” (Bruce).*

*“Eu procuro tratar as **meninas como eu trato qualquer homem**” (Alex).*

*“Eu acho que **eles acolhem mais as mulheres** até, do que os homens de modo geral. Mas não é mais aquela recepção calorosa. Os novos que foram surgiram com o tempo, que foram abraçados e tal, então hoje eles não fazem mais a mesma coisa do que foi feito com eles” (Max).*

*“Essa recepção inicial faz elas acabarem desistindo, seria bom que elas se sentissem **mais acolhidas**. Se você conseguir incluir a mulher, fazer ela se sentir participando do treino, eu acho que elas conseguem se sentir mais bem-vinda” (Félix).*

*“Quando aparece alguma mulher no treino, eu sempre tento **fazer com que elas participem**. Sempre tento fazer o máximo para que elas não se sintam frustradas, porque pras coisas principais de início, que elas não se sintam tão frustradas. Essa recepção inicial fazem elas acabarem desistindo” (Félix).*

Corroborando com as falas das *traceuses*, os meninos também percebem o acolhimento favorável às mulheres, seja de forma diferenciada dos homens ou de modo “igualitário”. Nesse cenário, verificamos que a relação entre mulheres e homens no *parkour*, desde início, se constitui em um misto de “acolhida” com “dominação”, o que se revela na dimensão complexa das-micro relações de poder. Notamos, que desde o “como” acolher e o “como” incentivar a participação das mulheres, os homens estão posicionados na função de poder-saber. Assim, essas micro relações de poder como relações disciplinantes, exercem efeitos positivos e negativos sobre os/as praticantes, visando transformá-las em corpos dóceis e úteis. Diante dessas relações, estabelecidas e negociadas no “acolhimento”, demarcam-se, de forma simbólica, os espaços e papéis ocupados pelas mulheres na modalidade.

Além do acolhimento, no âmbito da motivação, fatores como superação e percepção de evolução na prática foram apontados como elementos de encorajamento à participação das mulheres, como notamos a seguir:

“O que me motiva é eu superar. É estar vendo que **você está conseguindo executar** aquilo ali que você **nunca pensou em executar**. Quanto mais você fazia mais você queria ir além, queria sempre superar aquilo mais” (Sara).

“Essa questão de você conseguir fazer uma coisa que você **não conseguia**, você vê sua **evolução** é o que motiva a tentar fazer outras coisas” (Demi).

“O que me motiva é o fato de eu sempre querer realizar coisas novas, **melhorar a** movimentação, sentir a sensação dos movimentos que eu **não consigo** realizar ainda” (Iorrana).

“O que me motiva é sentir a movimentação, é saber que eu posso **desenvolver**, notar que eu **consigo** passar por determinados medos, que eu posso passar adiante, que um dia eu tô sendo aluna e no outro eu vou ser professor de outro” (Hana).

“O que me motiva no parkour é que eu posso **evoluir**, que eu posso cuidar da minha saúde, que eu me sinto bem praticando, que eu posso me relacionar com as pessoas, conversar, ter amizade (...)” (Elis).

“Você mostrar que não precisa se cobrar tanto, mostrar que o parkour pode ser uma coisa **evolutiva** que você vai **conseguir** viver seus limites, que você não precisa fazer aquilo tudo de vez, você não precisa ser aquilo tudo” (Demi).

Nessas falas, se destacam o “conseguir”, o “sentir a movimentação”, o “desenvolver-se” e a “evolução”. Tais termos manifestaram-se atrelados ao sentimento de **superação** e **desenvolvimento** vivenciados pelas mulheres na modalidade. Além disso, as praticantes expressaram a **liberdade** de explorar o meio e o próprio corpo. Denotamos posicionamento nas seguintes verbalizações:

“A **liberdade** física que você tem (...). Só de tá pulando um banco, fazendo uma precisãozinha pequenininha ali já senti que eu vou me soltando aos poucos” (Sara).

“Aquela sensação de **liberdade** que o parkour dá, sensação de realização quando você consegue acertar o movimento” (Iorrana).

“O que motiva é toda a **filosofia** e a ideia de que isso vai me fazer cada vez melhor e mais livre, fisicamente e mentalmente” (Daphne).

Nesses relatos, observamos a liberdade experienciada no *parkour* e articulada aos “valores” da modalidade. Achados empíricos atestam a sensação de liberdade diante do envolvimento em atividades de risco (LOIS, 2005). Nessa prática, estudos realizados em diferentes contextos têm demonstrado a sensação de liberdade

prevalente entre os/as praticantes (AMEEL e TANI 2012b; CLEGG e BUTRYN, 2012; LAMB, 2012). Para Lamb, a legitimidade do *parkour* é encontrada por meio do poder de promulgar a liberdade pessoal. A vivência dessa liberdade, mencionada pelas praticantes, torna-se um aspecto produtor da participação das mulheres na modalidade, uma vez que, por um processo histórico e cultural, elas têm sido privadas e menos incentivadas a explorar o corpo e o meio público. Assim, o *parkour*, como outras modalidades de aventura, oferece esse potencial para que as mulheres experimentem essa sensação de liberdade diante do uso desse corpo e do espaço de forma “não convencional”, descolada das configurações padrões sob as quais esse corpo foi “educado”⁵⁴.

Além da percepção de superação e da sensação de liberdade, atentamos para os relatos das praticantes sobre a percepção de **empoderamento** que atravessam suas competências e sua atuação no *parkour*. Essa percepção pode ser visualizada nos trechos a seguir:

*“Ela não é fraca, ela pode estar fraca, mas **ela não é**. Ela vai ficar forte!” (Cintia).*

*“Não é uma coisa impossível de fazer, pode conseguir! **A gente pode!**” (Iorrana).*

*“**Eu faço tudo**, eu vou me enfiando em tudo mesmo, é muito legal!” (Francine).*

As falas das *traceuses* revelam a auto percepção sobre seu desempenho e suas potencialidades no *parkour*. Essas percepções indicam um rompimento das naturalizações atribuídas à mulher no sentido que ela “não pode”, “não é”. Os *tracers* também sugeriram a desconstrução das concepções naturalizadas sobre a mulher e seu corpo mediante à participação das mulheres. As falas a seguir ilustram esse posicionamento:

⁵⁴No *parkour*, é comum que os praticantes se utilizem de bancos, escadas, muros que estão dispostos no espaço público para efetivar seu treino e as movimentações. Com isso, os/as praticantes “mostram-se” suados, lesionados e, ademais, os movimentos exigem “posturas corporais” que as meninas foram incentivadas a evitar. Tais aspectos foram, por vezes, são considerados incompatíveis a uma representação de feminilidade normatizada (GOELLNER, 2005), o que podemos remeter à transposição dessas “normas” pela vivência das mulheres nessa modalidade.

*“Acho que todas as mulheres hoje em dia que praticam parkour **são mulheres revolucionárias**, que meteram a cara e falaram: ‘não, vou sim!’. Tipo é quebrar todos os padrões sobre a sociedade (...). E eu acho que as mulheres são meio assim as revolucionárias, assim, as que tem muita força pra poder falar não **eu vou fazer sim**, mesmo que todo mundo diga pra eu não fazer eu vou fazer” (Félix).*

*“Elas **conseguem mostrar confiança** na hora que tá fazendo o movimento, outra pessoa olha e vê tipo nossa ela fez aquilo ali: ‘eu achava que mulher não fazia aquilo” (Jhon).*

Nessas falas notamos que os *tracers* percebem que a resistência das *traceuses* na modalidade e sua participação transpõe representações sociais atribuídas às mulheres e também ao *parkour* – enquanto uma prática atrelada ao “mundo masculino”. Pelas características da modalidade e diante dos relatos e aspectos observados, inferimos que as *traceuses* desafiam as representações sociais e os estereótipos de gênero associados às mulheres. Tal concepção nos remete à Goellner (2006, p. 4) ao se referir sobre as mulheres no esporte,

(...) transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles.

A participação das mulheres em diferentes modalidades esportivas tem contribuído para ressignificar as atribuições que naturalmente lhes foram designadas, principalmente, no que concerne aos seus corpos e à sua “natureza” (GOELLNER, JAEGER e FIGUEIRA, 2011). Nas práticas dominadas pelos homens e pelas representações associadas ao “mundo masculino”, para Ferreira (2003), as mulheres ao lidar com o machismo, preconceito e situações discriminatórias, redimensionam sua participação na sociedade por meio da criação de novas formas de “ser”, suprimindo os estereótipos associado às diferenças biológicas e anatômicas que define as mulheres como mais fracas (frágeis) do que os homens. Essa ressignificação corrobora com a perspectiva de Butler (1990), a qual desconstrói uma “essência” de gênero, como podemos observar em relação à essas mulheres que rompem – colocam em suspeição – com as concepções naturalizadas dos seus corpos e habilidades.

A desconstrução dos discursos normativos vinculados à mulher e ao corpo, em conjunto com a auto percepção das *traceuses* sobre suas competências e potencialidades configuram-se elementos cruciais para estimular o empoderamento

entre as mulheres. Diante dessa auto percepção de competência e do empoderamento, as mulheres podem produzir momentos de resistência e enfrentamento frente as normatividades impostas sobre elas presentes, inclusive, dentro da comunidade *parkour*. Nas falas abaixo denotamos essa resistência:

*“Só não desisti do parkour por estar focada pra fazer aquilo e por sempre **ser teimosa** e querer passar na cara dos outros que um dia eu iria conseguir” (Iorrana).*

*“Uma amiga nossa do grupo quis treinar com os meninos e ela fez um movimento que o menino não **conseguia fazer** e ele ficava transtornado e irritado porque ela chegou pra fazer e ele não tinha conseguido ainda, tipo: ‘ela é mulher e consegue então eu tenho que conseguir’. Como se fosse tão impossível pra mulher assim: ‘então, não vou deixar por isso mesmo, ela é mulher, isso é inadmissível!’” (Sara).*

A resistência das mulheres percebidas nesses relatos refere-se às condutas de “insistência” e do “conseguir”. Tais condutas suplantam as normatividades vinculadas à mulher e as representações de descredibilidade da participação delas nas práticas corporais. Casos similares como o relatado por Sara foram verificados por outros estudos. Lim (2015) identificou que os meninos recusam e não “levam a sério” as dicas das meninas sobre sua prática, pelo fato de advirem das “meninas”, o que foi considerado “absurdo” alguém com habilidades inferiores (mulheres) opinar/ajudar a prática de alguém com habilidades superiores (homens). Schwartz et al. (2013) ao estudarem as mulheres em diferentes modalidades de aventura, também constataram que quando elas apresentam melhores desempenhos que os homens, o preconceito se tornava mais explícito. Diante dessas considerações, podemos perceber que as mulheres ao se colocarem na posição de “saber” e apresentar uma performance superior à dos homens, representam uma “**ameaça**” a eles, a medida em que essa posição de “saber” e “domínio” nas práticas esportivas garantem os homens uma legitimidade (ALTMANN, 1998) e corresponde as expectativas sociais de gênero.

A própria presença das mulheres nessas práticas desestabiliza o “terreno masculino”. Nesse contexto, podemos remeter à Lessa (2006), ao pontuar que a resistência é a marca maior das mulheres no campo esportivo, devido sua inserção em um espaço de domínio e exercício da superioridade social do homem. Em consonância, Goellner (2005) e Kleindienst-Cachay e Heckemeyer (2006) sugerem que a participação da mulher no esporte constitui uma **ameaça** ao domínio masculino – o que é

denunciado na fala de Sara –, de modo que a desvalorização (e atitudes como a relatada por essa praticante) constitui uma maneira de resistir ao “abalo” que a presença das mulheres promove no campo esportivo, pois tal inserção e o desempenho apresentado por elas representam um rompimento das fronteiras estabelecidas pelos argumentos biológicos que, historicamente, fomentaram a naturalização das diferenças sociais entre homens e mulheres.

7.5 Relações de poder entre *tracers* e *traceuses*

A categoria analítica “Relações de poder entre *tracers* e *traceuses*” está inserida na dimensão “Gênero e relações de poder”. Conforme Monteiro (2017), as relações de gênero são, essencialmente, relações de poder⁵⁵, pois no interior delas são instituídas as desigualdades: trata-se de um poder historicamente enraizado (WEEKS, 2001). Em nossa sociedade, observamos que homens e mulheres exercem um “poder” uns sobre os outros⁵⁶ enquanto grupo (WHEATON, 2016)⁵⁷, mas esse exercício se dá em estruturas, contextos e níveis diferenciados. De acordo com Foucault (2012), o poder não possui um titular, no entanto ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro. Não é possível saber quem o detém, entretanto se sabe quem não o possui (Ibid.). deve-se supor que o poder é exercido pelos sujeitos e tem efeitos sobre suas ações. Portanto, as relações de poder atravessam a relações de homens e mulheres, porém, em diferentes graus e dimensões desiguais, numa **relação contraditória** (TORRES, 2001).

Esse poder exercido produz corpos dóceis⁵⁸ e reduz a força política dos sujeitos. Sobre esses corpos produz-se verdade. Essas produções de verdade não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, pois são eles que tornam possíveis e induzem essas produções de verdade. Para Foucault (2003), tais produções têm efeitos de poder que nos unem, nos atam: são relações verdade/poder, saber/poder.

⁵⁵De acordo com Foucault (1977, p.79), “uma sociedade sem relações de poder só pode ser uma abstração”.

⁵⁶Os poderes são exercidos por homens e mulheres no dorso do tecido social e proliferam, criando relações pessoais, interpessoais, coletivas e hierárquicas (TORRES, 2001).

⁵⁷ Além disso, alguns homens e mulheres - privilegiados por virtude de raça, classe, etnia, sexualidade, etc. - têm poder sobre outros grupos (WHEATON, 2016).

⁵⁸ O corpo dócil é submetido, utilizado, transferido e aperfeiçoado, tornado útil e possível de controle, possibilitando ter domínio sobre ele (FOUCAULT, 1987).

Sob essas produções de verdade, os constructos “femininos” e “masculinos” são efeito de disposições adquiridas socialmente por intermédio de uma “gramática” do corpo que diz o que “os homens de verdade” devem fazer, como devem parecer e aparecer, e como as mulheres devem agir (SABINO, 2003).

O exercício do poder se constitui por manobras, técnicas, disposições, as quais são “resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas” (LOURO, 2011, p. 39). Na concepção de Foucault, o exercício desse se dá entre sujeitos que são capazes de resistir; o outro sobre o qual a relação de poder é exercida, é um outro que se mantém, até o final, como um sujeito de ação, o outro responde, reage, contesta, aceita (LOURO, 2002). Assim, retomando Sabino (2003), as relações de poder e dominação (das quais a dominação masculina é uma das vertentes), sendo constitutivas do social, demandam contra-dominações e contra-poderes – resistências e enfrentamentos – que atuem na busca da expansão do poder feminino.

Diante dessas considerações, verificaremos nessa categoria analítica como se constituem essas relações de poder entre homens e mulher no *parkour* e identificamos os elementos que as estruturam. Na percepção das *traceuses* observamos que as relações entre eles e elas na modalidade são atravessadas por **cobranças** e **comentários** contraproducentes dos *tracers* sobre o treino e as habilidades delas. As falas seguintes revelam essas percepções:

*“Os meninos eram chatos, **pegavam no pé, falavam mal** e isso me deixou bem desanimada. Fica falando um monte de coisa e não ajuda” (Iorrana).*

*“Ele estava falando mal de mim, **dizendo que eu não treinava**, que eu era fraca, que não fazia isso, aquilo (...) Eu me arretei com ele: ‘porque você tá falando isso de mim, você não me conhece!’. Mas eu acho que ele entendeu o recado, porque ele tratava muita gente assim, querendo botar a pessoa pra baixo” (Elis).*

*“A gente tava num lugar e a gente falou assim: ‘vamos pra outro lugar pra poder fazer outra coisa lá’. Quando a gente chegou tinha as meninas treinando, aí falei: ‘eita, não vai dar porque tem as meninas treinando ali’. Aí tipo uma pessoa foi falou ‘**elas nem estão treinando de verdade**, vamos pra lá!’” (Félix).*

*“Tava todo mundo treinando, a pessoa chegava e sentava, aí dizia: ‘**fulana não vai treinar** não, só veio passear’. Isso o tempo todo. Se você fosse uma pessoa que não treinasse como eles, eles diziam: ‘fulana só vem pra passear, só vem pra conversar’” (Vivian).*

*“Comentários: ‘**deixe de preguiça**, tu não tá querendo, levanta faz isso’. Algumas vezes, pode ser que a gente não queira e outras vezes é porque realmente não estamos conseguindo” (Sara).*

*“Eles falam que é **“mimimi”**, porque não entendem” (Hana).*

*“Tem outras pessoas que vê você treinando e **pensa que você não tá fazendo nada**, e aquilo pra você é o maior esforço. Eram movimentos simples que pra mim eram muito difíceis, pra eu fazer o monkey eu demorei vários meses tentando, ai chegar alguém e dizer: ‘tu não consegue fazer isso porque tu é fraca’” (Elis).*

*“Eles diziam que ela **deveria treinar que nem homem** e isso complica muito” (Hana).*

Outros tipos de comentários aparecem disfarçados de “brincadeira” na verbalização dos *tracers*, como evidenciam essas falas:

*“Tinha um **tom de brincadeira** nesse negócio que eles falavam” (Sara).*

*“Os meninos podem falar e dizer que é brincadeira, mas **me incomodava, irritavam bastante**” (Vivian).*

*A gente usando certos **insultos de brincadeira** que possam ofender de certa forma as meninas, como por exemplo: ‘tu não faz isso, tu é uma mulherzinha!’. Não querendo dizer que as mulheres são inferiores, mas quando tem aquela brincadeira entre homem e mulher acaba acontecendo isso e talvez aos ouvidos delas possa ser uma ofensa, possa ser um desprezo, obviamente a intenção não era, mas não sei (Alex).*

Desses relatos, atentamos ao incômodo das *traceuses* sobre os comentários dos *tracers*. Os comentários e cobranças estão atrelados à representação, discutida anteriormente, sobre o treino das mulheres, no sentido de que elas “não treinam” ou o “treino é mais fraco” ou não são “levadas à sério” (LIM, 2015), o que nos remete à detenção de “saber” dos praticantes e ao referente masculino que se inscreve nas relações da modalidade. Logo, percebemos que tais comentários estão baseados em estereótipos e na falta de compreensão sobre as dificuldades das meninas na modalidade; fundamentados em “ideias preconcebidas que dificultam as coisas para qualquer mulher em qualquer área; que impedem as mulheres de falar, e de serem ouvidas quando ousam falar; que esmagam as mulheres jovens e as reduzem ao silêncio” (SOLNIT, 2017a, p. 15).

Os estereótipos de uma suposta “incompetência” das mulheres ainda persistem (MONTEIRO, 2013; WILDE, 2007). Ao analisar a percepção de estudantes, Monteiro

(2013) verifica que eles/as se referem à atividade física e/ou prática esportiva por parte das mulheres como algo de menor valor. Diante da cobrança dos *tracers*, perspectiva similar foi discutida por Schwartz et al. (2013) sobre a participação das mulheres nas atividades de aventura. As/os autoras/es constataram que os homens costumam cobrar mais das mulheres, em relação à força, velocidade, procurando igualá-las à performance masculina.

Além dos comentários apresentados, termos depreciativos verbalizados pelos *tracers* foram apontados pelas mulheres, como evidenciam esses trechos:

*“Quando eu comecei os meninos estavam num processo de transição, questão de aceitação das meninas no meio. Porque as meninas tavam lá pra (...) **maria mureta**, como dizem. Vai para os treinos **só atrás de homem**” (Iorrana).*

*“Eles chamavam de **maria-mureta né, maria-parede também**” (Hana).*

Os termos mencionados por essa praticante demarcam o estereótipo e rotulam a praticante diante da “descrença” e da “descrédibilidade” de sua participação no *parkour*, eles indicam que a mulher no *parkour* não treina e se insere na modalidade para se relacionar com os homens. Por esses termos, os *tracers* revelam sua **posição de domínio** dentro da modalidade, de modo que até a participação das mulheres foi considerada como meio de interesse sobre eles. A contradição se manifesta quando as *traceuses* denunciam casos de assédio por parte dos meninos dentro da modalidade. Não desconsideramos que o interesse de algumas mulheres na modalidade esteja centrado nos homens, mas pontuamos o incômodo desencadeados por esses termos, os quais circunscrevem e fomentam a maneira estereotipada da presença de mulheres na modalidade. Termos semelhantes também aparecem em outras modalidades esportivas, como a terminologia “maria-chuteira”, que se refere à mulher que acompanha o futebol (por exemplo) com interesse exclusivo nos jogadores, ou mulher-macho que indica a mulher que gosta de futebol e é vista como masculinizada e/ou homossexual (STAHLBERG, 2011).

A cobrança dos meninos em relação à participação das meninas na modalidade, aparece nos primeiros treinos, como destaca o relato a seguir: *Os meninos **matam as meninas de treinar**, colocam elas pra treinar uma coisa bem chata, bem monótona,*

bem repetitiva, as meninas não tem tanta noção de que aquilo é importante no momento. Elas querem aprender os movimentos e elas, no outro dia, ficam completamente doloridas, aí as meninas não voltam mais pro treino (Iorrana). Dessa fala, destacamos que a intensidade da cobrança no treino, para que as meninas compreendam o que é o “treino de verdade” na perspectiva dos meninos, culmina na desmotivação da adesão delas à modalidade. Pela concepção de Iorrana, é possível presumir que outras formas de apresentar o *parkour* às meninas contribuam para que elas retornem nos próximos treinos.

Além desses comentários e cobranças sobre as habilidades das mulheres, as comparações, emitidas por *tracers*, entre as *traceuses*, também foram mencionadas pela maioria das meninas e corroboradas por três praticantes. Verificamos essas atitudes nas seguintes verbalizações:

*“As meninas treinam, treinam, treinam, não conseguem fazer tudo, os meninos olham assim, veem que tem outra menina que também é iniciante e consegue fazer um pouquinho mais, eles falam: ‘**ela consegue e você não consegue**, você tem que treinar pra melhorar’” (Iorrana).*

*“**Você tem que ser a melhor**, você tem que treinar mais, você tem que se esforçar mais, você tem que ser a melhor pessoa daqui e você sabe que essas meninas que você anda, que você treina, não vão te ajudar a evoluir porque elas não treinam e porque elas são ruins” (Iorrana).*

*“Acontece muito isso entre os homens: ‘**você não faz isso igual a fulana**, a fulana climbou e você não, fulana fez isso e você não’. Teve até um vídeo que me chateou muito, que eu até discuti, que foi um menino, ele marcou a gente assim no vídeo, marcou as meninas, e ele disse assim: ‘porque vocês não fazem isso?’” (Elis).*

*“A coisa da cobrança, **de ser forte igual a não sei quem**, então acho que acaba colocando a mulherada muito pra baixo a respeito do próprio desenvolvimento, ela acha que nunca tá bom, mas ela nunca percebe o tanto que ela desenvolveu” (Hana).*

*“Eles querem **mostrar que a outra é melhor** do que você porque ela faz isso ou aquilo e você não faz” (Elis).*

*“Já vi diversas vezes **meninas sendo comparadas a outras meninas** e isso acaba desmotivando muito causando a desistência de muitas” (Bruce).*

*“Ela tá fazendo o treino dela, aí chega um cara que se acha fortão, aí fala: ‘fulana não treina, **ciclana treina mais**, treina melhor!’” (Oliver).*

“A menina não é forte, fulana não treina’. E fulana treina, fulana tem o ritmo dela de treinar” (Oliver).

Nesses relatos, as atitudes de *tracers* ao expressar comparações entre as habilidades das meninas durante o treino incomodam e desmotivam àquelas que são alvos dessas verbalizações. Tais atitudes não reconhecem e desvalorizam a percepção de esforço e desenvolvimento na modalidade por parte das *traceuses*. A desmotivação desencadeada pelos comentários, cobranças e comparações é certificada por dois praticantes, como identificamos a seguir:

*“Eu acho que o que acaba **afastando** um pouco as meninas é essa cobrança” (Oliver).*

*“O que desmotiva (as meninas no *parkour*) eu realmente, eu não consigo entender bem, eu não sei se é o relacionamento delas com a gente. Eu acho que talvez a gente acabe afastando um pouco elas, elas querem treinar sós pra não serem **incomodadas**”. (Alex).*

*“Você tá usando naquele momento o sentimento de fazer o movimento. É um sentimento que você coloca ali que, por uma piadinha, por uma brincadeira, **acaba afetando você**, aquela **sua alegria acaba esvaziando**, diminuindo, acaba afastando” (Jhon).*

Pelas falas das/os praticantes, os comentários, as cobranças e as comparações de *tracers* constituem atitudes presentes e constantes nas relações no *parkour*, assim como se reproduzem nas demais relações sociais no cotidiano. Nesse sentido, uma praticante percebeu que os meninos possuem uma necessidade de externalizar tais condutas: *“Os homens sentem certa **necessidade** em corrigir e ensinar as meninas, além de nos cobrar. Isso faz com que a gente se sinta mais confortáveis treinando entre mulheres. Principalmente no caso de casais, alguns namorados ficam cobrando das namoradas na frente dos outros e isso gera desconforto” (Daphne).*

Desse relato, observamos que a necessidade em demonstrar um “saber” reforça a posição do homem como referente na modalidade, que a eles cabe “aceitar”, “opinar” e dizer “como” e “o quê” as mulheres devem ser e fazer; necessidade advinda da construção sociocultural que os colocam nessa posição e à mulher o silenciamento e a invisibilidade; abre espaço para os homens e fecha o espaço para as mulheres – espaço para falar, para

ser ouvida, para ter direitos, participar, ser respeitada, ser um ser humano pleno e livre (SOLNIT, 2017a).

A historiadora Solnit (2017a) explora a necessidade de falar dos homens. Para a autora, os homens precisam assumir que, independente do assunto, eles possuem mais conhecimento do que as mulheres, insistindo na explicação, quando muitas vezes a mulher tem mais domínio do que o próprio homem. Por esse cenário, Daphne também indica que estar entre outras mulheres possibilita uma sensação de conforto frente à ausência desses “discursos” e “olhares” que promovem constrangimento e retiram sua condição de sujeito político. Essa concepção corrobora com as percepções das praticantes investigadas por Wheaton e Thorpe (2016). Em espaços organizados “por” e “para” as mulheres, a autora percebe que elas se sentem mais confortáveis, diante da ausência da comparação com homens, e mais confiantes para aprender novos exercícios e habilidades, pois nesses espaços não se fazem presentes o julgamento dos homens.

As condutas de comentários, cobranças e comparações foram atribuídas principalmente, àqueles com menor tempo de experiência no *parkour*. Certificamos essa concepção no seguinte trecho: “(Cobranças) *nunca vêm dos praticantes mais antigos. (Oliver)*”. Sob uma avaliação microssocial, podemos sugerir que essas atitudes são decorrentes de iniciantes pelo fato deles não compreenderem ou, ainda, não internalizarem os fundamentos do *parkour* - os quais referem-se ao respeito e altruísmo ao próximo (ANGEL, 2011). Além disto, a superação individual, como objetivo disseminado dessa modalidade, configura-se como parâmetro de desenvolvimento nela, como reforça a fala desse praticante: “*Coisa importante que é sempre bom lembrar assim, tipo o que é ter desempenho no parkour? O que é ter uma movimentação boa? O que é ser bom? Isso são questionamentos que é bom que todos saibam ter. O que é evolução no parkour? Qual a regra pra você que você tá evoluindo ou não?*” (Félix). Embora as cobranças, os comentários e as comparações afetem de forma negativa na participação não só das mulheres, o relato de Félix indica que a percepção de evolução do desempenho na modalidade deve dar-se em uma perspectiva individual diante dos pressupostos de não competitividade e superação individual que circunscrevem a prática.

Frente esse cenário, as praticantes expressaram como **enfrentam** tais atitudes. As falas a seguir manifestam esse “enfrentamento”:

*“Eu **bati de testa** e os meninos pararam de reclamar, pararam de me chamar de fraca porque eu tentava fazer as coisas e comecei a ser tratada de forma igual” (Iorrana).*

*“(Cobranças dos tracers) Parou muito desde o momento que as meninas aqui conquistaram seu lugar, **lutaram para conquistar o seu espaço**” (Sara).*

Das falas depreendemos que “resistir” e “lutar” foi o meio seguido pelas traceuses para modificar esse contexto que as incomodavam e, assim, percebemos que esse enfrentamento contribuiu para reduzir atitudes discriminatórias dos *tracers*. A resistência e a luta verbalizada pelas praticantes nos direcionam à reflexão do “rompimento” do silêncio das mulheres e da não aceitação de sua condição como subalterna. Há muito tempo que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da história (PERROT, 2003). Assim, notamos a luta das mulheres pelo direito de falar, de ter ideias, de ser reconhecida como alguém que está de posse de fatos e de verdades, que tem valor, que é um ser humano.

Para Solnit (2017b), assim como silêncio e a vergonha são contagiosos, a coragem e a fala também. Portanto, a resistência e a luta de uma mulher acabam afetando outras: “quando as mulheres começam a falar de suas experiências, vêm outras em apoio e partilham as suas próprias. Derruba-se um tijolo, depois outro; a represa rompe, as águas de precipitam” (SOLNIT, 2017b, p. 80). No campo das práticas esportivas, essa resistência influencia outras mulheres no sentido de resistir contra atitudes e cultura dominada pelos homens e desafiar as suposições tradicionais sobre feminilidade e masculinidade no cotidiano (LIM, 2015; SHAW, 2001). Nos relatos das *traceuses*, podemos atestar essa resistência.

Além dessa luta por espaço, “voz” e reconhecimento dentro da modalidade verbalizados pelas mulheres, percebemos uma reivindicação pelo espaço em um dos treinos observados. No treino do grupo *Parkour Wings*, em determinado momento, uma das praticantes passa a tentar executar o *monkey* em plinto com maior altura em comparação com o plinto que ela treinava anteriormente. Um menino entrou na sua frente e ela disse: “ô, licença! Eu tô tentando!”. E ela respondeu: “eu também tô!”. Ambos passaram a revezar os movimentos do aparelho. A atitude dessa praticante

remete à demanda não só do espaço, mas de uma equidade, o que, por vezes, é suprimido nas relações entre os/as praticantes de parkour, de modo que a falta de espaço, de “vez e voz” não são reivindicados pelas traceuses. Essas relações entre eles/as no *parkour* também são constituídas por situações de **exclusão** e assédio. A exclusão das mulheres nos treinos é verbalizada pelas traceuses a seguir:

“Eles excluem a menina do treino achando que ela não ia dar conta” (Sara).

“Alguma mulher veio se queixar de um cara que tava colocando ela pra baixo, como se ela não servisse pra fazer o treino” (Henry).

*“O que custa **chamar uma menina pra treinar** e tentar ensinar a ela pelo menos um básico? É tanto que a gente **treinava separado**” (Vivian).*

Nessas verbalizações, percebemos que a exclusão advém, como visto anteriormente, de estereótipos que reforçam uma descrença e descredibilidade à prática de mulheres. Essas situações também foram constatadas por Araújo (2015), em que estudantes comumente identificam e relatam atitudes discriminatórias orientadas por preconceitos. Tahara (2004) também verificou as situações de exclusão das mulheres em atividades de aventura, o que se configura como barreiras para a prática regular de mulheres. Os *tracers* também certificaram essa exclusão, como expressam essas falas:

*“As mulheres **são deixadas um pouco de lado** nos movimentos. Enquanto os meninos estão treinando loucamente num obstáculo, as meninas se afastam” (Jhon).*

*“Tem essa exclusão da pessoa, **não dar essa atenção**” (Bon).*

*“Quando tá aquele grupo mais evoluído e treinando a **gente sempre isola as mulheres**: ‘elas vão treinar sozinha porque a gente quer evoluir e você não consegue’. Sempre rola isso e pra mim isso sempre vai continuar, **isso é inevitável**. Poderia mudar, não tô culpando mulher, **mas poderia mudar, elas buscassem mais**. Muitas delas não têm essa coisa na cabeça de ir até o final” (Jordan).*

*“A pessoa tá treinando aqui algo fácil e sai todo mundo, só que **esquece que ela tá ali** e não vai ter condição de participar em um outro lugar” (Terry).*

*“**Exclui mesmo**, a gente quer evoluir, **ela vai atrapalhar a gente**, ela não vai seguir o nosso ritmo. Deixa ela lá de lado e continua o treino” (Jordan).*

*“Exclusão não, mas, as vezes, as meninas reclamam. Tipo, tá rolando um evento, um encontro, e os meninos talvez não se preocupem tanto, alguns querem só treinar, treinar e aí não percebem que aquele pico, aquele local de prática, **pertence a todos**. Não é uma coisa talvez proposital, mas **negligenciam**” (Max).*

*“Conforme ela tem a tendência de se desenvolver um pouco mais devagar ela acaba **ficando um pouco mais afastada do grupo**. Não por exclusão assim direta, mas meio indireta assim. Não tem essa discriminação, pelo menos tão evidente” (Terry).*

Desses relatos, alguns *tracers* afirmaram a “exclusão” das mulheres como algo “**natural**” e “inevitável”, outros denotam que não há uma **discriminação direta** ou proposital. Também notamos que as mulheres são excluídas por serem “inferiores” aos homens em relação ao desempenho no *parkour* e, conseqüentemente, elas são percebidas como um fator que atrapalharia o treino e a evolução dos meninos. Um dos praticantes ainda culpabiliza a *traceuse* pela exclusão promovida por eles, diante da justificativa da falta de interesse ou determinação por parte delas. Tal justificativa se debruça sobre o desempenho da mulher, o qual é percebido como inferior para se treinar com os homens. Em concepção semelhante, Thorpe (2010) averiguou que, apesar da fluidez dos limites de gênero no *snowboard*, as práticas diárias nas encostas tendem a marginalizar as mulheres – assim como muitos homens – que não realizam manobras desafiadoras e perigosas.

A exclusão das mulheres em atividades mistas é percebida por Carr (2017), em relação à modalidade skate e por Altmann (1998), Damo (2006) e Januário (2015) nas aulas de educação física. Nesse cenário se inscrevem os discursos que influenciam na constituição das representações sociais sobre gênero e passam pelas representações constituídas e constituintes enraizadas e formadas a partir de uma lógica binária, patriarcal e excludente (ARAÚJO, 2015).

Altmann (1998) observou nas aulas de educação física que os meninos não tinham interesse em jogar com as meninas, por considerarem que elas não sabiam jogar e por não representarem um desafio para eles. A autora evidenciou que o motivo de sua exclusão não era apenas o fato de serem mulheres, mas também de serem consideradas mais fracas e menos habilidosas. Connell (1995) sugere que essa superioridade esportiva dos homens tem sido usada pelos homens para excluir as mulheres do campo esportivo e, ao fazê-lo, reforça sua própria masculinidade como

simbolizada em proeza esportiva corporal. A exclusão das mulheres nas práticas mistas também foi percebida pelo fato da participação delas representarem um “ameaça” à esse campo simbólico (ALTMANN, 1998; JANUÁRIO, 2015). Trata-se de um estranhamento considerando que sua participação em massa pode vir a derruir códigos que foram historicamente e culturalmente embutidos nos papéis sexuais.

A exclusão das mulheres existe como uma predisposição inicial diante do preconceito de que “mulher” e “atividade física” não se misturam (MONTEIRO, 2013). Assim, as atividades mistas constituem potencialmente uma forma importante para alterar esse preconceito inicial e histórico, possibilitando uma maior interação entre os gêneros. As atividades mistas também foram apontadas como positivas por outros estudiosos (ALTMANN, AYOUB e AMARAL, 2011; CRUZ e PALMEIRA, 2009; LOUZADA, VOTRE e DEVIDE, 2007). A realização dessas atividades pode melhorar o relacionamento intergênero, desconstruir estereótipos de gênero e relação de dominação, preparar para a vida em sociedade e estimular o respeito mútuo (MONTEIRO, 2013). Por tais aspectos, os/as autores/as apoiam a coeducação. As práticas de aventura, por sua característica “mista”, onde homens e mulheres compartilham os mesmos espaços de treinos, tornam-se potenciais para promover as relações de equidade e outras prerrogativas presumidas pela coeducação.

À essa exclusão das mulheres foi atribuída a **invisibilidade** que circunscreve a participação delas no *parkour*. Identificamos essa concepção nas seguintes falas:

*“Tem a coisa da barreira de **nunca serem vistas**. As mulheres passam **invisíveis** (...). É como se elas nunca tivessem participado” (Hana).*

*“A mulher tá ali, mas **ninguém tá vendo ela**, simplesmente. E aí ela não vai ficar ali, no outro dia não vai voltar” (Cintia).*

*“Eles veem um obstáculo e quer logo passar, mas **esquece que está acompanhado**” (Sara).*

As *traceuses* relataram que, por não serem percebidas, acabam por ser excluídas. Em um dos contextos observados percebemos a demanda de atenção às mulheres, para que elas fossem vistas e “beneficiadas”. Durante o VIII EFPK observamos uma atenção, atribuída por alguns homens, pela demanda de “espaço” e “vez” das mulheres nesse evento, pois ele articulava a ênfase das mulheres no *parkour*.

Foi reclamado para elas o direito de serem as selecionadas/privilegiadas para algumas atividades do evento, como massagem e sorteios, assim como, de poderem ser as primeiras na fila para a alimentação. Poucas meninas reagiram de forma contente com essas “vantagens”. Outras não apresentaram nenhuma reação. Esse tipo de privilégio “concedido” para as mulheres pode ser percebido em outros âmbitos sociais, como em estabelecimentos de lazer e entretenimento (baladas, bares e festas), onde se definem preços menores aos ingressos de mulheres⁵⁹ em relação aos homens; em alguns eventos, elas até recebem bebidas de forma gratuita. Essa cobrança diferenciada disfarçada como um “privilégio” reflete uma não somente uma dinâmica mercadológica e estratégica, mas também como reprodução de discursos culturais com forte herança patriarcal, carregada de estereótipos machistas (CUNHA, ALVES e OLIVEIRA, 2017).

Privilegiar as mulheres em tais circunstâncias remete à sua objetificação, muitas vezes, despercebida por elas. No caso do evento de *parkour*, tais vantagens parecem não implicar na “visibilidade” das mulheres, uma vez que atitudes discriminatórias e estereótipos atravessam a modalidade de forma veemente. Portanto, notamos que privilegiá-las não é produtora se essa “visibilidade” não se estende aos demais treinos e espaços do *parkour*, no sentido de que tal visibilidade não seja diferenciada, tampouco esquecida, mas que perpetue em equidade nas relações entre eles/as na modalidade.

Além da exclusão das mulheres na modalidade, também foram denunciadas atitudes de assédio que perpetuam nas relações entre eles/as. Tais atitudes podem ser percebidas nos relatos a seguir:

*“Os meninos se aproximam das meninas para ensinar com **segundas intenções**” (Daphne).*

*“Uma vez ou outra sempre fica aqueles meninos afoitos, **querendo conhecer**” (Henry).*

*“Tem aqueles que **vão dar em cima**, porque quando eu entrei aconteceu de dar em cima, em querer ficar só perto, ficar tudo em cima” (Elis).*

⁵⁹Em agosto de 2017, entrou em vigor a lei que define a ilegalidade a diferenciação de preços entre homens e mulheres no setor de lazer e entretenimento (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

“A sociedade inteira que você vê **homem sendo bom com mulher pra pegar a mulher**, homem sendo bom com mulher pra ganhar mais moral com a mulher” (Félix).

“Acontece **muito assédio e falta de respeito**, ajudando na desistência delas” (Bruce).

“As meninas estavam fazendo quadrupedal na escada lá de um lugar e os caras ficaram meio que **tentando olhar os peitos** das mulheres e meio que fazendo piadinha” (Félix).

Nesses relatos notamos o “interesse” e a “falta de respeito” dos *tracers*. Carr (2017) aponta que esse “olhar” masculino sexualizado sobre as mulheres no skate acaba por se tornar uma barreira poderosa para a participação das mulheres nesse espaço. Assim como as verbalizações dos praticantes (comentários, cobranças e comparações de *tracers* sobre *trauceuses*), essas atitudes de assédio, foram relacionadas aos iniciantes na modalidade. Essa concepção é verificada nos trechos a seguir:

“Acho que é **mais novato** quando chega, veterano já começa a entender” (Elis).

“Não tanto do pessoal mais antigo, mas de **meninos novos**” (Demi).

“A maioria das vezes que eu vi mesmo foi de novatos assim, **iniciantes**. E a gente sempre repreende” (Oliver).

Para os/as praticantes, as situações de assédio estão relacionadas às roupas usadas pelas *trauceuses*, como observamos nas seguintes falas:

“Já presenciei de meninas chegarem lá, tipo de **legging**, e os **meninos ficam olhando** e já ouvi uns **comentários**. Já vi **meninas se sentirem mal** com isso” (Elis).

“Quando eu comecei a treinar, eu comecei a **treinar de short**. Comentários eu ouvia, inclusive **acho que foi por isso que eu comprei a calça**. Porque bem ou mal o short em alguns movimentos vai aparecer a calcinha tudo (...). Tem dias que tá muito quente e eu queria treinar de top, só que a questão de eu não me sentir bem. Eu gostaria de treinar mais pela questão de calor” (Demi).

“Tu chegou em um grupo, vai treinar com os meninos e **eles vão te assediar porque você tá com uma roupa curta**, tá com uma roupa mais coladinha, então fica todo mundo de olho. Existe e isso acaba também com que elas se afastem. Ninguém vai querer tá num treino sendo olhada o tempo todinho” (Alex).

Dos relatos depreendemos que os “olhares” e as “verbalizações” de *tracers* em decorrência das roupas usadas pelas *traceuses* as incomodavam e desencadeavam situações de desconforto. Na fala de Alex, esse assédio aparece de forma naturalizada mediante as roupas que as meninas escolhem usar para o treino. Tal relato se insere no discurso de culpabilização da mulher nas situações de violência/assédio/estrupe, que, por sua vez, são justificadas pelas roupas (PEIXOTO e NOBRE, 2015).

O incômodo das *traceuses*, inclusive, foi referido em relação às roupas sugeridas para a prática do *parkour*, como expressa essa praticante:

“Você já não pode se vestir como você gostaria, já não se sente bem se vestindo. Pra alguns movimentos, uma cultura geral, se você andar com uma calça *legging* e fizer determinados movimentos o pessoal vai olhar. Até numa academia que tem esse costume, você acha que o pessoal não olha? Óbvio que olha! É uma cultura normal, machista, de todo mundo que você não pode fazer nada” (Demi).

Nesse relato, a praticante manifesta o desconforto em usar as roupas designadas como apropriadas para a prática de *parkour*. Por outro lado, ela reforça um outro desconforto ao usar outros tipos de vestimentas diante do “olhar” dos homens sobre seu corpo. Nesse caso, identificamos que a praticante evita usar roupas que a deixariam mais confortáveis pelo receio de assédio. Esse fato foi evidenciado, em grande escala, na pesquisa da jornalista Karin Huech com 7.769 mulheres, das quais 90% afirmaram ter trocado de roupa em função do medo de sofrer assédio em determinados locais (FARIA, 2013).

As roupas recomendadas – pelos nativos – para o *parkour* são calças e camisetas largas. Geralmente, os praticantes se utilizam de calças moletons que permitem manter o corpo aquecido durante a prática e uma mobilidade maior dos movimentos. Contudo, determinadas condições tornam essas roupas desconfortáveis, como o clima quente (contexto citado por Demi). Assim, roupas mais justas tornam-se adequadas – além disso, é comum ver os meninos treinando sem camisa. Porém, algumas praticantes afirmam o incômodo do olhar do “outro” sobre o seu corpo ao utilizar peças como *legging*, *tops*, *shorts*. Esse olhar que, na maioria das vezes, é atrelado à objetificação do corpo das mulheres, o qual é reduzido a um objeto de consumo. Tal objetificação é fomentada pela publicidade e pelo campo midiático

(FRIZZERA e PAZÓ, 2017). Além disso, se faz presente desde os primórdios da história do esporte e do movimento olímpico, onde as mulheres entregavam as premiações e, como parte do prêmio, seus corpos objetificados (JANUÁRIO, 2015).

Enquanto as *traceuses* receiam expor seus corpos (diante das roupas escolhidas para o treino) em decorrência do “olhar” e do “assédio” do outro, os *tracers* (a maioria deles) não se intimidam em exibí-los, o que nos revela o uso desigual, inclusive, do corpo. Kidder (2013), em observação dos praticantes, analisa que o treino do parkour é uma chance de expor o corpo masculino e afirmar a virilidade deles. A “hora sem camisa”, como denomina o autor, é, comumente, esperado por muitos praticantes.

Mais recentemente, o incômodo sobre a exibição do corpo e o uso de determinadas roupas foram superadas por grande parte das *traceuses* que, cada vez mais, aderem ao uso dessas peças mais justas, e, percebemos uma “aceitação” pela comunidade de que todos/as podem se vestir de acordo com seu conforto. Essa perspectiva é identificada no seguinte relato: “*Antes as meninas se sentiam mais a vontade ficando mais parecidas com os meninos. Hoje em dia eu acho que elas se sentem mais confortáveis em usarem roupas mais leves, mais curtas*” (Daphne).

Nesse relato, dois contextos se fazem presentes: 1) o uso de roupas largas “parecidas com os meninos” para evitar os olhares deles; 2) o uso de roupas de acordo com a preferência das meninas diante da ausência desses “olhares”. No primeiro contexto, além do conforto das meninas, circunscreve-se também uma certa “permissão” da comunidade *parkour* sobre o uso de outras roupas, seja pelo fato de roupas mais justas atraírem os olhares⁶⁰ ou por descaracterizarem a modalidade. Nesse caso, para Perrot (2003), as roupas podem ser consideradas silenciadoras de corpos, pois os mantêm na esfera privada, na qual permanecem ocultos. Por outro lado, as roupas também são denunciadoras dos corpos, uma vez que, ao ser tornado público, ele deve ser exibido de uma determinada maneira.

No contexto investigado, a problematização da vestimenta das mulheres na modalidade reforça esse silêncio do corpo das mulheres – representada, ainda, como frágil, fraca – e a “dominação” dos homens na modalidade. Todavia, verificamos que,

⁶⁰Essa justificativa assenta-se no mesmo sentido que a mulheres são culpabilizadas por instigar o homem, a crimes como o estupro, pelo tipo de roupa que usam (PEIXOTO e NOBRE, 2015).

sob essa dominação, atravessam ações, comportamentos e discursos que transgridem e suplantam as normatividades e representações engessadas sobre “ser mulher” e o “ser mulher no *parkour*”. Em práticas concebidas como “masculinas”, a participação das meninas revela que as pessoas não estão presas a uma identidade de gênero e que estas construções sobre “feminino” e “masculino” são diversificadas (ALTMANN, 1998). Apesar dos valores enraizados, as transformações acontecem, mesmo que de forma lenta.

Diante das narrativas sobre as limitações, barreiras, conquistas e situações desmotivadoras à participação da mulher no *parkour*, denotamos que as relações entre *tracers* e *traceuses* são permeadas por atitudes dos praticantes frente à posição de **saber** e **poder** que eles exercem na modalidade. Mas, essas relações também são atravessadas por um outro “poder” que é exercido pelas mulheres em momentos de **enfrentamento** e **resistência** contra o “domínio” e “saber” deles. A partir desse cenário, verificamos como se estruturam as relações entre os/as praticantes na modalidade e as desigualdades presentes nelas. Na seção seguinte, exploramos como em tais relações as *traceuses* estruturaram espaços de resistência, visibilidade e empoderamento das mulheres no *parkour*, as quais o conceberam como ferramenta de “liberdade” e “cuidado de si”.

8 ENTRE *TRACEUSES* E *TRACERS*: ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO, VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA

“Qualquer liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade” (Judith Butler).

Anteriormente situamos como o *parkour* está demarcado pela predominância do homem e do capital simbólico associado a masculinidade e que, para além disso, há uma dominação masculina produzindo discursos de gênero. Em síntese, as mulheres são vistas como menos habilidosas, sendo essa prática mais um campo esportivo de afirmação da virilidade. Enquanto prática social atravessada por estereótipos e discursos normativos que produzem situações de discriminação, preconceito e exclusão sobre as mulheres, percebemos como se estruturam as relações de poder no *parkour*, poder esse que é exercido por *tracers* e *traceuses* no interior da modalidade. Assim, denotamos que essa modalidade possui algumas características que vislumbram mudanças no cenário, incluindo o protagonismo feminino diante de movimentos de resistência e o empoderamento das mulheres, conforme abordaremos a seguir.

Nesta seção discutimos sobre a dimensão analítica “processos grupais, organização e empoderamento nas práticas corporais” que corresponde à categoria “estratégias de empoderamento das mulheres no *parkour*”. Especificamente abordaremos os grupos de treinos de *parkour* direcionados para as mulheres que emergiram nas cidades de Salvador (BA) e Recife (PE), respectivamente. Consideramos que o desenvolvimento dos grupos de treino revelou-se como um meio de empoderamento das mulheres na modalidade, pois notamos a mobilização delas para instituir um “espaço próprio de mulheres” na modalidade e promover uma “prática de mulheres”.

Assim, apresentaremos os contextos de criação e expansão desses grupos, assim como as percepções das comunidades locais acerca do surgimento deles. Além disso, propomos identificar e demarcar semelhanças e discrepâncias entre os aspectos

metodológicos e relacionais desses grupos. Vale ressaltar que tais treinos, até a data do estudo, tiveram seu término (ou não estão mais acontecendo) nas cidades citadas.

As mulheres, em diferentes tempos e sociedades, empreenderam estratégias em busca de diversos poderes, dentre eles, o de serem reconhecidas como sujeitos políticos, como partícipes da construção da história e da vida humana em suas amplas dimensões (FIGUEIRA, 2008). O esporte, com uma dessas dimensões, fornece não apenas uma fonte de prazer, mas também contribui para um sentimento de identidade e competência para as mulheres (BRYSON, 1994). Para superar as desvantagens percebidas entre os homens, Lord e Hutchison (1993) apontam que as mulheres precisam de uma “força motriz” que proporciona mudanças pessoais ou sociais, o que eles denominam de “uma sensação de empoderamento”, a qual pode ser obtida através do esporte. Por sua vez, Blinde, Taub e Han (2001) salientam que por meio de uma experiência desportiva bem organizada, as mulheres podem obter os atributos de confiança e independência que tradicionalmente lhes faltam.

O “empoderamento” tem suas origens no campo do movimento feminista entre os anos 1970 e 1980 (BIEWENER e BACQUÉ, 2015). Trata-se de um “processo” que se dá por meio da aquisição de informações sobre si mesmo e seu ambiente e da disposição a identificar e trabalhar com os outros para mudar (LORD e HUTCHISON, 1993). O empoderamento das mulheres implica, por sua vez, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SANDENBERG, 2009). Esse processo, para Bradshaw (2002), envolve a capacidade de resistir às pressões para se adequar às noções estereotipadas de gênero sobre apresentação e comportamento.

Das experiências da participação desportiva das mulheres relacionadas ao empoderamento, Lim (2015) indica o “empoderamento pessoal” como a provisão de um espaço seguro, a mudança na percepção corporal, a consciência do preconceito de gênero, a resistência, o vínculo e redes sociais e o fortalecimento social. Tais fatores contribuem para o desenvolvimento de habilidades e atitudes em mulheres, como exemplo, estudo de Blinde et al. (2001) evidenciou que, por meio da aquisição de força física, atletas femininas desenvolveram auto percepções positivas e controle sobre seus corpos.

Ao estruturar e promover espaços exclusivos para mulheres, Wheaton (2015), sugere que pode ser uma estratégia produtiva para desafiar a lógica predominante ou interromper as maneiras pelas quais os homens definem, usam e controlam o espaço. Em relação às atividades de aventura, como o *skate*, a autora percebe que os espaços informais, onde a participação ocorre, podem parecer “neutros” no tocante a e abertos a todos, mas ainda assim são controlados por grupos particulares de homens, tal como percebemos em relação ao *parkour*.

Nas análises discutidas nas subseções anteriores desse estudo, foi possível denotar que a participação da mulher no *parkour* está atravessada por questões como preconceito de gênero, exclusão, sentimentos de vergonha e inferioridade que são decorrentes das relações de poder estabelecidas pelos membros nos grupos investigados. Ademais, evidenciamos algumas diferenças de apropriação e atitudes nos espaços de treinos gerais/mistos que promovem as desigualdades no interior dessas relações. Frente esse cenário, o surgimento dos grupos de treinos para as mulheres configura-se como “estratégia” de “resistência” discutida por Foucault (1979, p. 139), a qual se estrutura como uma certa manipulação das relações de força ou uma intervenção racional e organizada nestas relações, “seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las”.

As relações de gênero, enquanto relações de poder, configuram-se em microlutas, ou seja, em relações de forças de pequenos enfrentamentos, as quais presumem a possibilidade a uma resistência. Por conseguinte, não há relações de poder sem resistências; ela é como ele, múltipla e integrável a estratégias globais (FOUCAULT, 2003). E, “se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado” (FOUCAULT, 2004, p. 277). Foucault, então, percebe a possibilidade da resistência e da liberdade no interior dessas relações. Portanto, compreendemos que os grupos de treinos direcionados desenvolvidos “por” e “para” mulheres constituem a resistência e a liberdade no interior da comunidade *parkour*.

Diante da possibilidade de resistência que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força. Esse poder não é simplesmente sobre a força ou a superioridade, mas sobre a dominação e especificamente, sobre a dominação das mulheres pelos homens, a qual emerge pela ausência da liberdade. Ora, a liberdade é

a condição de existência do poder e do sujeito e ela se torna limitada diante das relações de poder que estão de tal forma fixadas, sendo perpetuadas de modo dissimétrico (FOUCAULT, 2004).

Nesse contexto de dominação, enfrentamento e microlutas, homens e mulheres desenvolveram diferentes relações sociais. Como resultado, Fasting (1987) observa que um sentimento de comunidade cresceu entre as mulheres. Em consonância, mais recentemente é possível perceber a relevância atribuída à “união” das mulheres e da necessidade de elas estarem juntas – denotamos esse incentivo à união das mulheres pelas falas de tracers e traceuses anteriormente. Para ilustrar, nos referimos à Campanha “Mexeu com uma, Mexeu com Todas”, amplamente difundida nas redes sociais do país. Essa campanha foi criada por atrizes da Rede Globo após declaração de assédio de uma das figurinistas da emissora, Suslem Tonani, contra o ator José Mayer (LIMA e GARCIA, 2017).

De acordo com Lane (1984), toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam. É nesse sentido de “união”, de “empatia” e, sobretudo, de luta coletiva que “empoderamento de mulheres” acontece, a fim de transformar a condição de subalterna da mulher, assim como para combater os discursos normativos e situações de opressão.

Essa “reunião” das mulheres no *parkour*, na busca do empoderamento, pode ser verificada no surgimento dos grupos de treinos direcionados para as mulheres. E por configurar-se como resistência e liberdade, esses grupos reforçam o “cuidado de si” na modalidade. Foucault (2003) concebe o cuidado de si como o ponto de resistência preferencial e útil contra o poder político vigente, uma vez que age em busca de novas formas de subjetividade.

Além das experiências discutidas anteriormente e do que estrutura as relações de poder entre homens e mulheres no *parkour*, outros fatores, descritos adiante, subsidiaram o desenvolvimento desses grupos. Discorreremos, a seguir, o contexto de surgimento dos grupos Treino para Mulheres (TPM) e o Projeto Elas no *Parkour*, assim como, os fatores que motivaram as mulheres à criação deles e suas características. Ressaltamos que nessa seção, os nomes das/os praticantes mencionados nas

respostas e nas demais partes do texto correspondem à identidade⁶¹ original das mesmas, a fim de garantir os protagonismos delas nesse cenário.

8.1 O caso do Treino Para Mulheres – TPM

O Treino Para Mulheres, mais conhecido por sua sigla “TPM”, teve iniciativa em Salvador com as praticantes Ana Antar e Desireé, ao identificarem algumas mulheres que gostariam de treinar ou voltar aos treinos de *parkour*, mas elas não queriam treinar junto aos meninos nos treinos gerais devido ao preconceito, à sensação de desconforto, aos comentários e cobranças dos “fiscais de treino”⁶². Esses fatores também foram analisados nas categorias anteriores como desmotivadores da participação das mulheres nessa modalidade. Diante disso, Ana e Desireé sugeriram um treino no domingo de manhã, que correspondia a “*um horário que menino nenhum quer levantar pra ir treinar*” (Iorrana), já que os treinos gerais eram realizados no sábado. A esses treinos nos domingos foram denominados por elas de TPM.

O TPM não ficou restrito a Salvador. Conforme relatos das *traceuses*, algumas meninas do Rio de Janeiro conversaram com Ana Antar e questionaram sobre a permissão de usar o nome do TPM para criar e identificar os treinos de mulheres nessa localidade. De modo semelhante, *traceuses* de Belo Horizonte, Espírito Santo e São Paulo expandiram o TPM.

Para divulgar e expandir sobre esse treino, as meninas criaram uma página aberta no Facebook⁶³ que constavam dias, horários e locais de treinos, assim como, fotos e vídeos dos treinos (Figura 29).

⁶¹A exposição dos nomes identitários das mulheres foram autorizados por elas.

⁶²Termo referente àqueles que costumam “fiscalizar/controlar” os treinos dos/as praticantes. Além de observação, os fiscais de treino verbalizam comentários e cobranças sobre os/as outros/as.

⁶³Página do TPM no *Facebook*: <https://www.facebook.com/tpm.parkour>.



Figura 28 – Página aberta no *Facebook* do Treino Para Mulheres.
Fonte: <https://www.facebook.com/tpm.parkour>.

Alguns treinos do TPM aconteciam simultaneamente em diferentes cidades, como observamos na Figura 30. Os grupos de meninas se organizavam para que o treino acontecesse em uma determinada data do mês.



Figura 29 – Datas e locais do Treino Para Mulheres
Fonte:

<https://www.facebook.com/tpm.parkour/photos/a.868226703300546.1073741828.868039119985971/889185724537977/?type=3&theater>.

Diante das falas das *traceuses*, os TPM funcionavam como mediadores para a inserção das mulheres nos treinos gerais do grupo de Salvador. Denotamos essa concepção nos seguintes trechos:

*“A maioria das meninas que iam para o TPM **apareciam no treino geral** (...). Tiveram algumas meninas que elas apareceram nos TPM e depois foram pros treinos gerais” (Iorrana).*

*“Lá (em Salvador) quando a gente decidiu fazer o TPM, foi muito diferente. Porque muita menina que não ia para os treinos **começou a ir**” (Demi).*

Nesses relatos, percebemos que o TPM viabilizou a inserção das mulheres nos grupos de *parkour* mistos/gerais da cidade. Podemos presumir que os treinos permitem que as mulheres cheguem aos treinos gerais conscientes do tipo de treinamento, dos movimentos e características da modalidade.

Os TPM geralmente aconteciam em espaços abertos nos bairros de Ondina, Rio Vermelho e Costa Azul, o que possibilitava a visibilidade dos treinos por outros/as frequentadores/as desses espaços, principalmente pelas mulheres, como manifestam essas falas:

*“Algumas **mulheres paravam até e perguntavam** o que era que a gente tava fazendo, ou algumas já tinham ouvido falar que era *parkour* e elas colavam assim e perguntavam: ‘posso tentar?’. ‘Poxa, pode! Vem! a gente te ajuda, dá uma olhada no facebook, a gente tem uma página’” (Iorrana).*

*“Acho que exatamente por ter mais meninas acabava **chamando atenção**” (Demi).*

Essa visibilidade de um “coletivo de mulheres”, ao contrário do cenário predominado pelos homens, passa a fomentar uma representatividade e, conseqüentemente, contribui para a adesão das mulheres. Além disso, a presença das mulheres tornam o espaço mais facilmente disponível para outras mulheres (KOSKELA, 1999).

As *traceuses* que participavam dos TPM os qualificam como treinos não excludentes. São menos uma exclusividade para as mulheres e mais um espaço de não-exclusão delas. Apesar de ser um treino direcionado para as mulheres, elas certificam que todos poderiam participar, considerando que a dinâmica e a ênfase do

treino estão orientadas para as mulheres. Essas ideias são destacadas nos trechos a seguir:

*“Você via que **todo mundo conseguia participar**, acho que isso das pessoas conseguir participar motivava” (Demi).*

*“**Não tá excluindo os meninos** (...). E os meninos vão também pro treino feminino e eles percebem que também o foco é o feminino alí. E aí já tem aquela coisa do respeito” (Cintia).*

Em consonância, a maioria dos *tracers* de Salvador expressaram compreensão sobre perspectiva de que os TPM não se configuram em um treino excludente/segregador, mas tem o caráter “direcionador” para as mulheres. Identificamos essa percepção nas seguintes verbalizações:

*“As meninas criaram um treino específico pras meninas **mas não é excludente**, é direcionado, é delas para elas, mas não queira dizer que outras pessoas não possam chegar no pico e treinar também, é livre” (Max).*

*“O TPM foi muito bem recebido tanto que ele se **tornou uma oportunidade a mais de treinar** (...). Acho que foi bem recebido e quando não tem até os homens sentem falta” (Félix).*

As falas dos *tracers* acima revela a percepção sobre os TPM, reconhecendo que tais treinos são permitidos para todos/as, mas com ênfase nas dificuldades apresentadas pelas mulheres na modalidade. Em contrapartida, outros praticantes apontaram, com teor de incredulidade, a oposição e a ideia excludente/separatista desses treinos:

*“Criaram esse **troço**, esse treino, TPM, chamava de TPM, e começaram a falar de TPM nos outros treinos pra todos” (Max).*

*“Vários **não gostaram** e outros **gostaram**. Nos treinos gerais têm as mulheres do TPM, elas, **chegava um homem elas excluía**m o cara. Tanto que quando eu chegava no TPM, a gente só podia se fosse convidado” (Jordan).*

*“Você **acaba separando o crescimento** conjunto que é o que o parkour é, que você vai crescer, é um crescimento seu, único, porém em conjunto” (Jhon).*

Na perspectiva desses outros *tracers*, os TPM excluía os praticantes a exceção daqueles convidados, denotando seu caráter “segregador”. Possivelmente, essa exclusão ocorre diante de atitudes de determinados praticantes nos treinos gerais que culminavam em situações de constrangimento e desconforto às mulheres no espaço de treino. Além disso, Jhon demonstra sua oposição sobre esses treinos com base nos fundamentos da modalidade que é o “coletivo”. As *traceuses* expressaram reconhecer a discordância e a concepção excludente dos treinos representado pelos meninos. Os seguintes trechos revelam essas ideias:

*“Tem gente que já defendeu discurso dizendo que seria **separatista**, porque o parkour prega liberdade, que todo mundo é igual e que a gente tá separando, enquanto que a gente não faz um treino excludente, é **um treino focado**” (Hana).*

*“Meninos diziam: ‘pra quê treino pras meninas se tem o treino geral dia de sábado?’. E aí algumas pessoas **apoiavam**, outras diziam que era **desnecessário**” (Iorrana).*

As concepções de descredibilidade dos *tracers* também foi alegada nas falas das *traceuses*:

*“Dois meninos disseram: ‘poxa, um treino pras meninas, **eu quero ver isso!**’. Meio que na pegada de fiscal mesmo, e ficaram de longe treinando” (Iorrana).*

*“Quando o pessoal viu que eu estava com facilidade pra poder pegar alguns movimentos falaram assim pra mim: ‘você tem que vir mais pro treino geral, que é todo mundo, porque se não, **você não vai aprender se você ficar só indo pro treino feminino**’” (Cintia).*

Desses relatos, percebemos a desvalorização e a contestação que demarcou a posição de alguns *tracers* a respeito desses treinos. É possível verificar que essa posição reforça as representações de que a “mulher não treina”, a ela não pertence o “saber” e o domínio desse poder-saber que eles homens exercem na modalidade. Diante dos posicionamentos favoráveis e contras aos treinos direcionados pelos *tracers*, constatamos, inclusive, a indiferença de outros praticantes. Um deles expressam esse posicionamento pela seguinte fala: *“Não foi **nem de festa ou de desconfiança**. É um treino na semana, resumindo” (Max).*

Conforme esses trechos, os praticantes assentaram suas objeções por considerarem o TPM como um “treino excludente” e “desnecessário”. Na representação de Jhon, os treinos direcionados estariam prejudicando o desenvolvimento do “grupo local”. Tais justificativas estão baseadas nos fundamentos da modalidade que preconizam a cooperação, a comunidade, a inclusão e a igualdade (ANGEL, 2011; THIBAUT, 2013). Entretanto, ao apontar essas questões, os praticantes podem não compreender os motivos que contribuíram para a mobilização desses treinos, os quais emergiram dos desdobramentos das próprias relações entre os membros do grupo - exclusão, preconceito, entre outros – pois de tal modo essas relações já estariam contradizendo esses fundamentos da prática.

As vantagens e desvantagens das atividades separadas são discutidas por pesquisadores/as. Para algumas feministas, nas atividades separadas por “sexo” as meninas teriam mais oportunidades de expressar seus pensamentos e de exercer liderança, além de não serem rotuladas previamente por estereótipos e representações naturalizadas de gênero (LOURO, 2011). Por outro lado, Altmann (1998) reitera que a separação de meninos e meninas nas aulas, por exemplo, estabelece uma divisão polarizada entre os gêneros. Isso consiste em uma genereficação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula. Ademais, torna as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las, retirando, de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados (ALTMANN, 1998). Por essas considerações, identificamos que a realização de treinos direcionados para as mulheres oportunizam elas de vivenciarem a prática de forma diferenciada, com ênfase em suas dificuldades, além de possibilitar mais “voz” e “espaço” a elas, o que, por vezes, é suprimido no *parkour*, como verificamos nas discussões anteriores. Sob outro ponto de vista, esses treinos direcionados, sem a presença dos meninos, inviabiliza o estabelecimento de vínculos entre eles/as enquanto momentos produtores para relações de equidade. Além de que a possibilidade de homens e mulheres treinarem juntos se dá em poucos contextos esportivos e de lazer, e o *parkour* configura-se como um deles. Em função

disso, a participação das mulheres nos treinos direcionados ou gerais provém de uma escolha delas.

Diante desse contexto, os/as praticantes relataram sobre a participação dos *tracers* nos TPM:

*“Os meninos apareciam mas eles nunca interferiam nos treinos, eles faziam treinos separados, porque justamente **a gente queria treinar entre a gente**” (Francine).*

*“Iam muitos caras pra treinar, mas realmente **eles não treinavam com as mulheres**, treinavam a parte, mas tipo iam lá também, **davam um certo volume**, dava uma certa força pro TPM também” (Félix).*

Dessas falas, percebemos que os meninos não participaram efetivamente dos TPM, mas apareciam nos mesmos locais e horários deles. Essa não participação se dava por uma certa segregação entre as mulheres, como anunciou Francine. Mas, também por uma escolha dos meninos em não participar. Possivelmente os *tracers* realizavam o “treino livre”, enquanto que o “treino guiado” realizava-se pelo TPM. Em contrapartida, a participação deles foi declarada por outras *traceuses*, como indicam esses trechos:

*“Alguns meninos são **super participativos**, eles podem até brincar, soltar pra poder ironizar, mas assim vão ao treino e ajudam” (Hana).*

“Muitos meninos iam e gostavam mais do que os treinos de sábado (treinos gerais)” (Demi).

*“Um menino começou a **colar nos treinos** e fazer os mesmos treinos da gente e aí ele começou a apoiar, a treinar com as meninas, a **apoiar bastante** sempre dando força, ele comemorava com a gente quando alguém acertava, isso se tornou legal e ele foi **bem acolhido pelas meninas mesmo**” (Iorrana).*

Nessas falas, as *traceuses* apontam a participação, a afinidade e a colaboração dos meninos nos treinos direcionados. Essa participação também tinha como condição o “respeito” as participantes e a “consciência” de que eram treinos direcionados para as mulheres. Identificamos essas concepções nas verbalizações seguintes:

*“Tinha muito menino que aparecia só pra ver o treino assim e falar mal das meninas e a **gente dava cortada, excluía, isolava**” (Iorrana).*

*“Durante o TPM alguns poucos meninos apareciam e quando apareciam **eles sabiam que os treinos eram pras meninas** e se eles não quisessem com as meninas, fazer o que as meninas estavam fazendo, que eles fossem pra longe pra fazer o treino deles” (Francine).*

Os relatos das praticantes corroboram com a concepção apontada por Jordan, de que os “meninos” eram excluídos desses treinos. Todavia, essa “exclusão” decorre das condutas de *tracers* que incomodavam as meninas, como os comentários contraproducentes, as situações de assédio, entre outros elementos identificados anteriormente. Nesse sentido, o surgimento dos TPM está associado a tais condutas vivenciadas pelas meninas durante os treinos. Além disso, o tipo de treinamento nos treinos gerais também foi referido como fator para o surgimento desses treinos direcionados. As falas das *traceuses* a seguir declaram essa perspectiva:

*“TPM surgiu exatamente por isso pelas **meninas não se sentirem tão a vontade** e acharem que deveria ter um treino mais voltado pra elas, porque o **treino tava muito voltado pros homens**, algumas meninas não se sentiam confortável pra treinar. Então a gente decidiu fazer um treino separado não, mas um treino mais voltado pras meninas em si, não um treino geral” (Demi).*

*“Tinham treinos que teoricamente era pra todo, mas que **era impossível de se fazer**” (Demi).*

*“O treino geral pelo que a gente conhece ele **é mais voltado para o que os homens têm mais facilidade**, já que são a maioria. Então você vê que tem muito treino de braço, que você vê que pra começar é muito mais complicado as vezes” (Francine).*

*“Nos treinos gerais com os meninos eu acho que as vezes eles **focam no que eles sabem** e elas acabam, não sei se ficam com vergonha” (Iorrana).*

Como apontado pelas meninas, os treinos gerais, comumente guiados por homens, acabavam por desencadear sentimentos de vergonha ou frustração pelo fato delas não conseguirem executar a movimentação ou acompanhar o treino – dificuldades/limitações vinculadas pelo histórico de exploração do corpo. As *traceuses* apontam que esses treinos são orientados para as habilidades dos homens, na justificativa de que eles estão em maior número e, por não compartilharem das mesmas habilidades, elas percebem mais dificuldades. Essas dificuldades possivelmente não são identificadas ou compreendidas pelos *tracers* que orientam o treino, o que contribui

para que elas se sintam envergonhadas e frustradas. Por essa razão, o **compartilhar** as mesmas dificuldades e limitações em um grupo foi atribuído como um dos elementos que motivaram a adesão e permanência das mulheres nos grupos de treinos direcionados. Verificamos essa representação nos seguintes relatos:

*“A questão da **empatia**, é isso que mais motiva” (Francine).*

*“Quando você foca nelas, elas se **sentem olhadas** já, ela se sente que alguém tá mirando nelas pra ajudar elas” (Cintia).*

*“Você vai se sentir totalmente à **vontade**, você vai tá entre mulheres, mulheres que pensam ou já pensaram a mesma coisa que você (...). Como eu falei a questão da vergonha, é bem mais fácil você superar essa questão da hesitação e de se importar com o **pensamento e julgamento alheio**, é bem mais fácil superar isso junto com outras meninas que também querem superar isso, do que você superar isso nos treinos gerais” (Francine).*

*“São mulheres que tão lá **que nem** eu daquele jeito” (Cintia).*

*“Quando é nos treinos das meninas e quando uma vê que a outra **não conseguiu também**, a outra também, estimula eu acho” (Vivian).*

*“Aprender a **desenvolver juntas**, porque uma coisa que eu sei, a outra não sabe, aí passa pra outra, se a outra consegue fazer e eu não consigo, ela me passa” (Hana).*

*“O TPM é principalmente pra isso, pra ver que **somos fortes e juntas mais ainda**” (Iorrana).*

*“A gente colocava para as meninas fazerem uma precisão pequena, pra elas tentarem aperfeiçoar. Quando elas chegavam de forma certa, cravaram, **todo mundo aplaudia, todo mundo parabenizava** e isso inspira a gente querer treinar mais, e aí as meninas voltavam para os treinos e isso era bom” (Iorrana).*

Desses relatos identificamos que a empatia, o auxílio mútuo, a união, a comemoração recíproca, o compartilhamento das mesmas dificuldades e habilidades promovem sentimentos de conforto, protagonismo e sensação de competência, o que resultou na adesão de mulheres à esses grupos. Vale ressaltar que nos treinos gerais, as *traceuses* entrevistadas relataram sobre a falta de espaço e a percepção de “invisibilidade” enquanto sujeito, sendo, tais elementos desmotivadores à prática do *parkour*. Corroborando com esses relatos, Wheaton e Thorpe (2016) verificam que nos espaços organizados por e para as mulheres na prática esportiva, elas se sentem mais

confortáveis, seguras e confiantes, pois esses espaços constituem uma oportunidade para as mulheres aprenderem sobre a modalidade longe do olhar e do julgamento dos homens. Ao analisar praticantes de *skate*, Carr (2017) relata que à luz desta cultura “masculina”, muitas mulheres buscam seus próprios pontos de *skate* segregados por gênero, em vez de lidar com as barreiras patriarcais para compartilhar espaços de skate com homens. Além disso, os espaços formais são vistos como essenciais para criar uma cultura mais favorável à mulher na modalidade. Em consonância Loeffler (1997) identificou que, nos ambientes formais, as mulheres tendiam a gostar de aprender habilidades mais do que nos outros espaços onde os homens dominavam.

Scopel e Couto (2013) observaram que no Parque da Juventude (São Paulo) foi criado um horário especificamente para a prática de skate das mulheres. Esse horário surgiu a partir da demanda de uma praticante devido à falta de segurança percebida pelas mulheres, pois os homens não respeitavam a vez de cada um/a nos obstáculos, o que provocava impactos acidentais. Esse fato demonstra que elas não possuíam um espaço, o qual era dominado pelos homens. Assim, criar um espaço “de” e “para” mulheres foi crucial para uma prática segura, reduzindo a desistência e a inibição apresentada pelas praticantes.

Diante dessas evidências empíricas, é possível considerar que esse contexto “organizado” para as mulheres, como os treinos direcionados, pode desencadear maior confiança e melhor intercâmbio de informações (AMARAL e DIAS, 2008), favorecendo a adesão delas.

Além dos sentimentos promovidos pela constituição de uma **coletividade** nesses grupos, as *traceuses* percebem que nos TPM, as mulheres não precisam preocupar-se com o **olhar**, **cobrança** e **julgamento** do outro. Essas percepções são destacadas nesses trechos:

*“Elas **não sentem pressão** a respeito de como ela tem que ser. As meninas estão bem mais soltas, bem mais em casa do que nos treinos gerais” (Hana).*

*“Nos treinos femininos a pessoa não fica perdida, não fica **envergonhada** de chegar. Quando alguém que já passou pela mesma dificuldade de algumas coisas de treinos, a mulher se sente um pouco mais a vontade de não tá conseguindo e ela sabe que **o olhar não vai ser de tipo: ‘nossa não consegue, que fraca, que franga!’**. Essa coisa*

de se sentir mais a vontade, de não ter pressão a respeito de como tá o desenvolvimento de treino, porque **tem que treinar que nem homem**” (Hana).

“É uma outra pessoa que tem um pouco mais de tempo de treino então que já passou pelos mesmos problemas, **não vai julgá-la** naquela coisa de você tem que ser assim ou assado. Na verdade, tem liberdade total de se desenvolver né, de aprender, conseguir aprender junto, não ter o medo de falar a dificuldade que tem em alguma coisa” (Francine).

“Entre as meninas a gente se sentia muito mais confortável, pra conversar, pra errar até enquanto fazia os movimentos, **sem medo de ser reprimida** como acontecia durante os treinos gerais quando os meninos estavam olhando” (Iorrana).

A ausência do julgamento, repressão e cobrança manifestadas pelos homens, em sua posição de “saber” e “dizer” o que as mulheres devem ser e fazer, resultam na percepção de um espaço mais acolhedor e “seguro”. A sensação de conforto também foi expressada em relação às roupas que as praticantes utilizavam nos TPM, como anuncia essa traceuse: *As meninas iam muito mais à vontade pro TPM; tinha menina que treinava de short, tinha menina que treinava de top, de legging* (Demi). Dessa fala, as meninas percebiam-se mais à vontade e seguras para usar o tipo de roupa que desejassem frente à ausência do “olhar” dos meninos que objetificam seu corpo.

Nessa perspectiva, as vantagens de “estar” entre outras mulheres em práticas de aventura e lazer foram investigadas por Anderson (1999), Plate (2007) e Tsai (2010). O estudo de Anderson (1999) também compartilha dessa concepção e atestou que a criação de acampamentos de *snowboard* feminino favorece para que as mulheres se reúnam a fim de um ambiente livre de objetificação e desvalorização. A pesquisa de Tsai (2010) em clubes de lazer identificou perspectivas semelhantes. A promoção de espaços de lazer exclusivos para mulheres, contribuiu para que elas se sentissem mais seguras e receptivas às atividades de lazer. O autor revela que esses espaços eliminam as tendências de marginalização decorrentes da ridicularização e aceitação das expectativas dos homens. Já Plate (2007), ao investigar mulheres praticantes de escalada, denotou a satisfação das praticantes em escalar com outras mulheres, pois elas consideram melhoras no desempenho, mais motivação e a sensação de conforto e liberdade para se expressarem e serem elas mesmas. Essas percepções não foram identificadas entre os homens na prática com outros homens, assim, presumimos que o “estar entre mulheres” torna-se relevante, por permitir que elas suplantem a

normatividade que foi imposta pelos homens. Plate (2007) destaca que esse “coletivo de mulheres” favorece a mudança a própria dinâmica da prática – estruturada, muitas vezes, pelos homens –, reduzindo pressupostos e ampliando a confiança nelas. Atentamos que a empatia, o altruísmo e o sentimento de coletividade no TPM são vistos como um meio de enfrentar as dificuldades e evoluir no *parkour*. Ademais, as relações entre elas no grupo possibilitam sensação de segurança e confiança.

Além de promover sensações de empatia e segurança, os TPM também se configuraram em um meio onde as mulheres experimentaram a “liderança”, como reiteram essas verbalizações:

*“Eu gosto muito dessa iniciativa no TPM, porque é exatamente mulher puxando mulher pra mulher pra treinar, **tomando a frente do treino**” (Hana).*

*“Quem chegar lá vai ter uma **dinâmica preparada pelas mulheres**, elas vão puxar os aquecimentos. É uma forma até também de responsabilidade” (Max).*

A liderança das mulheres nos TPM, enquanto um treino organizado por e para mulheres, fomenta a representatividade das mulheres nesses grupos. Essa liderança, inclusive foi mencionada e reclamada por alguns *tracers*, como ferramenta para atrair as mulheres à modalidade. Concernente aos aspectos motivacionais para a adesão das mulheres aos TPM e as contribuições deles, os praticantes também apontaram alguns elementos. As seguintes falas apresentam essas concepções:

*“O primeiro gatilho é elas sentirem que tá **direcionado** pra elas” (Terry).*

*“Ela vai acabar **motivada** a convidar outras amigas” (Max).*

*“Naturalmente os homens predominam no caso, são a maioria, acabam dando as regras, então quando ela tem alguma coisa **direcionada** ela vai se sentir mais à vontade” (Terry).*

*“Só **mulher** buscando aquele propósito, aquela precisão, aquele objetivo, acho que era isso. Quando é um treino geral, só tem homem, essas paradas que vai muito mais homem, parece que elas se sentiam meio **excluída**” (Jordan).*

*“Mulher com mulher elas vão se entender, vão ter **diálogo**, vão fazer movimentos juntas e tudo mais e não vai ter muito aquele **machismo** que os homens falam de conseguir alguma coisa e a mulher não conseguir” (Jhon).*

*“Todas querem aprender, **todas querem se ajudar**. Tipo eu via muito das vezes muito mais parkour com o TPM do que com os outros treinos” (Félix).*

Os aspectos abordados pelos *tracers* corroboram com as perspectivas manifestadas pelas mulheres. Nos relatos dos praticantes, eles demarcam uma diferença da participação das mulheres nos treinos gerais e nos treinos direcionados em relação à motivação, à sensação de conforto e ao diálogo. Tais fatores são promovidos no “estar entre mulheres”, os quais, de certa forma, não são viabilizados nos treinos gerais em decorrência do domínio nos homens. Eles também perceberam o auxílio e o desenvolvimento recíproco, no tocante aos elementos que constituem como motivação para o desenvolvimento do TPM.

A dinâmica de treinos dos TPM foi relatada nas entrevistas. As *traceuses* descreveram algumas características desses treinos em relação aos treinos gerais/mistos, conforme identificamos a seguir:

*“A gente sempre usava os **mesmos picos** dos treinos gerais” (Francine).*

*“Nos treinos gerais era um treino pra iniciante que quem já era veterano ia treinar sozinho, ia fazer outra coisa e tinha sempre alguém pra guiar quem era novo, então **colocava muita repetição, muita precisão, muito monkey, muito vault** e nos treinos com as meninas a gente colocava **muita brincadeira**, tipo pega-pega de quadrupedal, ou teste de equilíbrio uma empurrando a outra, uma na frente parada sem poder tirar o pé do chão do lugar que a gente tava usando, fazia pequenos flows uma ajudando a outra. Vamos subir no muro, então quem é mais forte sobe primeiro e depois ajuda as outras a subir e era bem legal, a **gente se divertia muito** durante os treinos” (Iorrana).*

*“O TPM puxava muito isso, vamos fazer dinâmica de alongamento, coisas que eu acho que ajudava muito pra algumas coisas. Sempre **tinha muita dinâmica**, vamos fazer determinado tipo de coisa, **de se ajudar**, acho que ajudava e **puxou muito menino inclusive**” (Francine).*

*“A gente pegava e falava assim: ‘**cada um dá ideia de uma coisa da gente fazer**’. Aí a gente fazia várias coisas. Todo mundo colaborava” (Demi).*

Nos relatos, as *traceuses* afirmam que os treinos aconteciam nos mesmos espaços dos treinos gerais e demarcam a dinâmica lúdica dos TPM, assim como a colaboração de todas na construção dele. Esses elementos, diante da fala de Francine, também aproximavam os meninos para esses treinos. Outras características desses treinos são mencionadas a seguir:

“Nos aquecimentos a gente fazia muito quadrupedal, justamente pra forçar os músculos do corpo todo e a **gente focava muito em subida de muro e precisão**, tanto nos treinos gerais quando tem iniciante faz precisão, monkey, vault, subida de muro nunca, **uma vez ou outra**. E nos TPM era todo TPM a gente fazia perna e braço, apoios dos mais diversos, a gente pegava partes dos muros assim e ia andando, segurando, penduradas e isso fortaleceu muito a gente foi maravilhoso” (Iorrana).

“No TPM as mulheres **se permitem fazer repetição**. Pra você melhorar você precisa repetir. Eu sentia falta com a galera nos treinos gerais de treinar essa repetição. A galera tipo: ‘vamo fazer aqui? Conseguiu? Massa, vamos pra outro lugar’. Não teve aquela repetição” (Félix).

“No treino feminino, **todo mundo faz a mesma coisa**, vai fazendo um flow, todo mundo faz o mesmo flow, só que as meninas tão aprendendo, aí tem umas que sabem um pouco mais também, mas aí fica mais naquilo porque se uma tá aprendendo, fica mais naquilo pra poder aprender e todo mundo tem que fazer aquilo. Então, **uma deixa de evoluir um pouco pra que o outro aprenda**, só que se o outro não vier sempre, se dedicar muito sempre, ele vai acabar fazendo com que o outro tenha perdido tempo” (Cintia).

“O cat mesmo **a gente se juntava lá** e fazia assim: ‘vamo todo mundo fazer 10 segundos aqui!’. Depois a gente descia, vamos fazer mais 10” (Demi).

Das falas, verificamos que os TPM articulavam treinos de fortalecimento e das técnicas do *parkour*, o que os diferenciam dos treinos gerais é a intensidade de repetição dos exercícios e a dinâmica coletiva, na qual todas seguiam o mesmo treino/exercício, de tal modo que Cintia relatou que se deixa de evoluir para acompanhar as meninas que apresentam mais dificuldades. Essa “união” mostrou-se recorrente nas falas. Outras diferenças entre os TPM e os treinos gerais/mistos foram indicadas. Dentre elas, destacamos as falas a seguir:

“Os meninos já estão muito tempo fazendo e fazem muitas coisas e quando é no treino das meninas é mais básico, tudo é **mais básico**” (Cintia).

“Nos treinos gerais são pra todo mundo. Os TPM são pra todo mundo, mas são voltados principalmente para as mulheres, logo a movimentação era mais **o básico**, mas tinha muito físico. O físico era igual aos treinos gerais” (Francine).

“O TPM lá em Salvador é **mais físico**, você não vai ver ninguém fazendo monkey, você vai ver as mulheres fazendo flexão, barra. Elas estão lá fortalecendo isso tudo, mas a parte psicológica vai ficar fraca” (Jordan).

*“Por causa do tumulto nos treinos gerais porque era muita gente pra treinar, muita gente pra fazer o mesmo movimento, no mesmo obstáculo. Nos TPM não, era um grupinhos de 6, 7 meninas treinando, no máximo, e **dava pra todo mundo fazer**, dava pra todo mundo fazer várias repetições” (Iorrana).*

Em consonância com relatos anteriores, o TPM aborda uma ênfase nos treinos de fortalecimento e na própria técnica, e estão voltados ao treino mais “básico”. O treino básico é definido em parâmetro com o treino geral⁶⁴, geralmente, efetivado pelos meninos, representado de forma mais “intensa” e “bruta”, como discorrem nos relatos anteriores. Para Jordan, os TPM não articulam possíveis “desafios” que tornam os/as praticantes mais fortes “psicologicamente”, ao enfrentar situações como o medo e o risco. Isto posto, nos inquietamos: O TPM é considerado um treino básico por ser conduzido por mulheres e direcionado para elas? Diante das representações estereotipadas e baseadas nas normatividades naturalizadas de gênero mencionadas pelos/as praticantes, é possível que sim. Pois, para alguns praticantes as mulheres foram referidas como “frágeis”, menos “desenvolvidas muscularmente” e possuem menos “força”.

Nas falas, também verificamos que as meninas se sentiam mais oportunizadas para explorar os obstáculos e espaços de treino nos treinos direcionados em comparação aos treinos gerais/mistos. Outro aspecto discrepante entre os treinos foi atribuído à organização dos mesmos, como as/o praticantes alegam a seguir:

*“Os treinos femininos geralmente são muito **mais organizados**, que é um treino que se faz do início ao fim. A gente se alonga, a gente aquece e assim, os treinos gerais são tipo cada um por si. As pessoas na verdade se juntam num local, não treinam exatamente juntas. Mas no treino feminino não, os treinos femininos ele tem aquela coisa da ajuda, de treinar junto mesmo, de ter um início, um meio de um fim” (Iorrana).*

*“Os treinos gerais em muito **bagunçados** e eu puxava muito deles ter uma organização desses treinos gerais, de incentivar essa organização, porque muitas vezes, o cara que tá iniciando naquele treino ele tá perdido” (Hana).*

⁶⁴Observamos nos relatos que o treino geral, comumente, é definido como o “treino dos meninos”. Já que eles guiam e, como estão em maioria, os movimentos e habilidades são voltadas a eles.

“O TPM como era mais focado, ter um **direcionamento** do treino é importante porque senão você desmotiva, então como no treino você pegava ia desde o básico e ia evoluindo tudo” (Hana).

“No TPM eu vejo que é uma **metodologia**” (Félix).

Dos relatos depreendemos que os TPM são percebidos como mais organizados e estruturados, o que pode se associar à razão de que nos treinos mistos, em parte, ocorrem treinos livres, diferentemente dos TPM que comumente são guiados e todas seguem o mesmo conjunto de exercícios e movimentos. Por essa razão, as *traceuses* mencionaram que não percebem nos treinos gerais a “união” e o auxílio mútuo, como identificamos nos seguintes trechos:

“No treino geral, já fica meio disperso, já é **cada um por si**” (Cintia).

“Nos treinos gerais, apesar dessa mistura meninos e meninas, dessa diversidade, é tudo muito: ‘ok, vamo fazer? Vamo fazer!’. No TPM existe **todo esse cuidado** com as meninas” (Francine).

“É diferente o treino do TPM com o **treino dos meninos** e não tem foco nas meninas, o **foco é todo mundo, lógico**” (Cintia).

Nessas falas percebemos duas concepções a respeito do “coletivo” nos treinos gerais; duas praticantes citaram um caráter individualista no decorrer dos treinos e outra declarou o direcionamento do treino para atender a todos/as, mas acaba favorecendo mais aos meninos. Em função disso, o senso de auxílio mútuo e o direcionamento dado pelo TPM torna-se um aspecto produtor para as *traceuses*. Ademais, as meninas declararam as mudanças no desempenho no *parkour* em decorrência dos TPM. As seguintes falas revelam essas mudanças:

“Foi um dos treinos que **evolui muito**. E vc via que as meninas começavam a evoluir mais. Acho que por tá dentro e tudo, pelo treino ser feminino, vc via que a evolução era muito maior (Demi)”.

“As meninas **evoluíam mais**” (Cintia).

“Pra gente é necessário e a gente **sentia isso mesmo no corpo**, porque o treino geral era sábado e o TPM no domingo, então quem aparecia no treino geral, chegava no TPM acabado e na segunda-feira tava mais acabado ainda e a gente ia sentindo o

corpo **mudar**, ia sentindo a **evolução**, ia sentindo os músculos crescerem, os braços ficarem mais fortes” (Iorrana).

“Eu comecei a fazer **climb** reto pouco depois que começamos o TPM e isso foi uma **realização fantástica** pra mim. Eu acho que se eu tivesse continuado só treino geral, só seguindo o cronograma de treino eu não teria conseguido na velocidade que eu consegui” (Iorrana).

Dos relatos depreendemos a mudança no corpo e a evolução no desempenho no *parkour* devido aos treinos direcionados. Como verbalizado anteriormente, esses treinos foram estruturados para atender às dificuldades e demandas das mulheres na modalidade, além de fornecer estratégias eficazes para auxiliá-las em suas dificuldades. Por vezes os meninos não conseguiam auxiliar no seu desempenho por não compreender suas dificuldades e o contexto que ele advém. Por essa razão, no “estar entre mulheres”, as participantes do grupo compartilham de tais dificuldades/bloqueios/limitações e, juntas, conseguem pensar/desenvolver estratégias para lidar com elas.

Até a data dessa pesquisa, os TPM em Salvador deixaram de acontecer. Eles se enfraqueceram devido a atividades externas, como faculdade e trabalho, que limitavam o tempo livre das meninas que conduziam os treinos. A falta de tempo para o *parkour* foi apontado por algumas praticantes como fatores desmotivadores, por afetarem os treinos e, conseqüentemente, o desempenho delas. Essas percepções podem ser visualizadas nessas falas:

“O que mais me desmotiva são as **obrigações da minha rotina** que engolem meu tempo e me deixam morta de cansada” (Daphne).

“A desmotivação pra mim é **tempo**, porque o que acontece, você tá melhorando numa coisa aí eu começo a ter muita coisa pra fazer, tenho que ir pra faculdade, pra uma reunião, e aí você acaba desevolindo da coisa que você conseguiu. Quando você volta, você sente que desenvolveu, isso é muito triste” (Demi).

Como esses fatores prejudicaram a continuação dos TPM, eles também enfraqueceram devido estarem restritos à realização e condução de duas praticantes. Assim, quando elas não podiam, os treinos não aconteciam, o que resultou em seu término. As praticantes declaram esses motivos a seguir:

*“A Ana geralmente puxava ou ela ou Desireé, quando ela não ia, Desireé ela puxava, pela noção que elas têm mais de aquecimento, de alongamento, de movimentação, então, eu acho que isso não é tão legal porque tipo assim quando uma delas não podia ir, **as outras já meio que recuava**” (Francine).*

*“Hoje em dia não tá tendo, inclusive as meninas perguntam muito no grupo, a gente tem um grupo no whatsapp e direto: ‘vamos voltar pro tpm?’. O pessoal falava que ia, não ia Pra você ter um treino assim sempre tem que ter uma alma, uma pessoa que tá ali, que você sabe que vai todo domingo, **uma pessoa realmente que vai garantir que vai acontecer**” (Demi).*

*“Seria legal **dar oportunidade pra gente fazer** o que a gente sabe fazer, né? Como puxar o treino, faz o que você quiser que eu vou atrás. Mas em contrapartida eu nunca me pronunciei pra poder falar” (Francine).*

Nessas falas, as *traceuses* denunciam a centralidade da condução dos treinos por essas duas praticantes; sem elas, os treinos não aconteciam. Demi, por sua vez, ressalta a necessidade do comprometimento de alguma praticante para divulgar e incentivar esses treinos. Como o TPM se expandiu em outras cidades com outras representantes, esse fato em Salvador parece não ter influenciado as outras regiões, dentre elas no Rio de Janeiro. Uma das praticantes afirmam a ocorrência desses treinos no local mencionado: *“Eu sei que no Rio o TPM tá na ativa há meses, **tá rolando muito**” (Iorrana).* Por estar presentes em outras regiões, os TPM acabam adquirindo uma visibilidade e, conseqüentemente, se apropriam de outras dinâmicas de treinos e funcionamento a depender dos contextos em que eles acontecem.

A partir dessas descrições sobre as representações das relações, dinâmicas e fatores de desenvolvimento dos TPM, direcionamos a discussão para um outro cenário analisado: o grupo de treinos direcionados do Projeto Elas no Parkour.

8.2 O caso do Projeto Elas no Parkour

Diferentemente do TPM, o Elas no *Parkour* consiste em um projeto de incentivo à participação das mulheres que transcende a efetivação de treinos, resultando em disseminação de informações em redes sociais.

Em Recife, por volta de 2015, as *traceuses* começaram a se reunir para treinar no “13 de Maio”, com a intenção de fazer treinos físicos com ênfase em suas dificuldades a fim de fortalecimento físico na perspectiva de “tentar acompanhar” os treinos gerais. Esses treinos estavam direcionados para a resistência, força, alongamento e flexibilidade do corpo. Além disso, esses treinos eram registrados em uma página fechada do *Facebook* nomeada de “Brutalize⁶⁵”. Apesar de não ser mais atualizada desde 2015, a página ainda está ativa para os membros. Em sua descrição, é pontuado sobre a oferta de conteúdos sobre a modalidade para “treinar o corpo e a mente, facilitar a comunicação, unir garotas, brutalizar nos treinos”. Essa página contém desafios com sequências de exercícios a serem efetuados em um determinado período, dicas de treinos e alimentação, horário dos treinos e fotos das experiências de treinos e desafios das *traceuses*.

O projeto *Elas no parkour* é decorrente de um projeto de treino para mulheres, construído por Veron, um praticante de Recife. Esse projeto foi repassado para outra praticante, Rebeca, e se configurou em um *blog*⁶⁶ (Figura 31) em 2015 a fim de divulgar o *parkour* feminino de Recife. Posteriormente, ela repassou para Juliana, também *traceuse* da capital: “Ela pegou e passou pra mim, aí ela disse: ‘olha Ju, você vai ficar responsável por criar um novo projeto do *Elas no parkour* junto com as meninas que estão treinando com você agora, agora você que tem que ficar responsável por disseminar isso, por trazer novas meninas” (Elis).

⁶⁵Página do Brutalize no *Facebook*: <https://www.facebook.com/groups/1601143173463128>.

⁶⁶ Página do *blog* *Elas no Parkour*: <http://elasnoparkour2015.blogspot.com.br>.



Figura 30 – Página do *blog* *Elas no Parkour*
 Fonte: <http://elasnoparkour2015.blogspot.com.br>.

Com o *blog*, as meninas construíram um espaço de visibilidade e incentivo para o *parkour* de mulheres, não só em Recife, como em todo o Brasil. Vale ressaltar que as postagens também eram feitas por meninos. Essa página contemplava experiências, inspirações, sentimentos, dificuldades, desafios de treino, história das praticantes locais. Algumas postagens compreendem uma pergunta de *trapeuses* com respostas de outras praticantes com base em suas experiências. Durante a entrevista, algumas delas remeteram às postagens no *blog*:

*“Vivian **postava muita coisa** sobre nutrição, alimentação. A gente postava os desafios que a gente fazia, que a gente fazia desafio físico aqui na jaqueira” (Elis).*

*“Cada uma falando da sua **vivência do treino no parkour**” (Elis).*

*“(...) a gente **mandava foto, mandava publicação de garotas que treinavam pra mostrar que existem sim e elas são tão boas quanto**, porque não existia essa barreira que as pessoas colocavam” (Vivian).*

Nesses relatos percebemos que as postagens fomentavam um senso de protagonismo pelas meninas; no sentido delas se perceberem como importantes para disseminar informações e suas experiências, pois não somente os homens ocupavam

uma posição de “saber” na modalidade. Além disso, as postagens contribuíam para romper crenças referentes ao desempenho da mulher nessa modalidade.

O projeto do Elas no *parkour* também se estendeu para outras redes sociais mais comuns como *Facebook* e *Instagram* (Figura 32), como afirma essa praticante: “A gente fez vídeo pro elas no parkour, que tinha a publicação no Instagram, no blog, no YouTube a gente tem vídeo lá, a gente fazia de tudo pra chamar a atenção das meninas vir pra cá. E acho que o Elas no Parkour **ganhou mais espaço** e se tornou mais conhecido, principalmente, pelo instagram” (Elis).

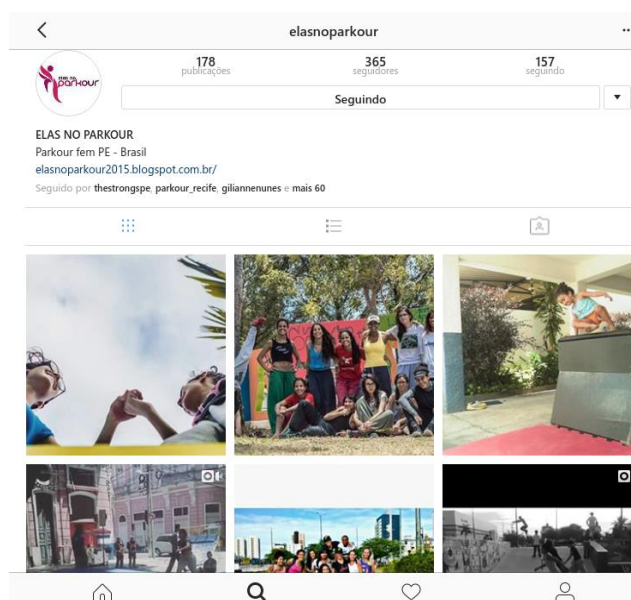


Figura 31 – Página do Projeto Elas no *Parkour* no *Instagram*
Fonte: @elasnoparkour

O *blog* constituiu um espaço de voz que, muitas vezes, não era possibilitado ou negligenciado entre os treinos, como evidencia as *traceuses* nas categorias anteriores. Schwartz et al. (2013) também verificaram que as atletas de esportes de aventura, no seu estudo, apontaram a *internet* como ambiente propício como estratégia para divulgar a própria atuação na modalidade e, para isso, usam *blogs* e *Facebook*. Essas redes sociais, para Pavlidis e Fullagar (2014), configuram-se como meios “vitais” para a promoção e celebração das mulheres e do esporte, bem como revelam oportunidades para elas desafiarem e reescreverem identidades de gênero e esporte. Na análise de campo realizada por essas autoras com mulheres praticantes de *roller derby*, elas verificaram que a internet proporcionou um espaço para que as mulheres compartilhem

informações de forma rápida e fácil, se apoiem mutuamente e permitam que várias vozes estejam envolvidas na constituição dessa prática. Assim, esses espaços virtuais produzem e circula uma “versão” própria dessas práticas corporais pelas mulheres.

A criação dos grupos de treinos direcionados e sua divulgação nas redes sociais constituem como **estratégias de visibilidade** promovidas pelas praticantes de *parkour* de Salvador e Recife. Os grupos direcionados e as redes sociais configuram-se como um espaço onde elas podem “falar”, “decidir” e “se fazer ver” na modalidade. Em razão disso, situamos a dimensão da positividade do poder, considerando-o sempre produtivo (FOUCAULT, 1979).

De forma similar ao que foi discutido sobre os TPM em Salvador, o surgimento dos treinos direcionados do Projeto Elas estão vinculados a vivências das mulheres e as relações entre os/as praticantes nos espaços de treinos no *parkour*. Assim, evidenciamos fatores antecedentes (locais e relacionais) que motivaram a organização de treinos entre as mulheres e a construção *blog*. Esses fatores são relatados nas seguintes falas:

*“As meninas não se sentindo bem **acolhidas**” (Sara).*

*“A gente fazia alongamento aqui na jaqueira e a gente sentia que alguns alongamentos, **os meninos diziam que a gente não ia conseguir** e tal, tinha meninos que ficavam com alguns **deboches**. A gente via que tinha meninas que saía muito rápido e a gente tava muito dispersa e os meninos que tavam, não tavam conseguindo mostrar pras meninas que aqui, e a prática, era um motivo bom pra elas ficarem” (Sara).*

*“Foi escolha da gente treinar, fazer o treino da gente, **a gente não conseguia acompanhar eles direito**. Tudo bem que tem gente que consegue e tal, que consegue fazer 50, 60 marinheiros, não sei quantos abdominal no físico, fazer não sei quantas passada de barra, não sei quantas precisões, mas a gente queria fazer o treino da gente de acordo com o que a gente conseguia fazer” (Vivian).*

Assim como destacamos nas falas das *traceuses* do TPM, as meninas que participam do Projeto Elas também perceberam a falta de **compreensão** e de **adaptação** dos treinos gerais/mistos para todos/as, além de comentários contraproducentes manifestados pelos meninos e da ausência do sentimento de pertencimento das mulheres nesses treinos. Em divergência com a concepção das meninas frente aos treinos, os *tracers* verbalizaram a acessibilidade deles e a não

diferenciação entre homens e mulheres nos treinos. Nos relatos a seguir notamos essas concepções:

*“Se for um treino coletivo em geral **não havia muita desigualdade** até porque o treinamento que a gente passava era pra que todos pudessem fazer” (Henry).*

*“Quando vou puxar um treino **eu não separo se é menino ou se é menina**, passo o treino pra todo mundo junto e tento fazer todo mundo acompanhar, **eu nunca quis a separação**” (Henry).*

*“Entre menino e menina eu **não faço a distinção de treino não**” (Oliver).*

Dos relatos entendemos que, para esses *tracers*, os treinos gerais/mistos atendiam a todos/as. Essa concepção se contrapõe às percepções das meninas que afirmaram que tais treinos são, em maioria, voltados para os meninos, e por essa razão muitas não conseguiam acompanhar e sentiam-se frustradas e desmotivadas. Ademais, como apontaram a não diferenciação entre homens e mulheres, possivelmente essa tentativa de expressar a equidade pode ter contribuído para que àqueles que costumam guiar os treinos não identifiquem as dificuldades individuais dos/as praticantes, favorecendo para que as meninas criassem esses grupos direcionados.

Nesse contexto, o surgimento dos treinos para as mulheres com incentivo do Projeto Elas, representou uma reivindicação sobre as situações que promoviam incômodos/constrangimentos e afetavam negativamente a participação das meninas do *parkour* em Recife. Verificamos essas atitudes nas falas a seguir:

*“A gente **não podia deixar como tava**. As meninas não podiam mais aceitar aquilo ali, tava atrapalhando e tava capaz de uma das antigas desistir e acabar com o *parkour* feminino aqui” (Sara).*

*“Criar as raízes femininas do *parkour*, **pôr moral**, que a gente não vai aceitar mais nenhum comentário” (Elis).*

As falas das *traceuses* revelam a **resistência** frente ao cenário que elas vivenciavam no *parkour*. Conforme Carr (2003), essa consciência crítica das **desigualdades** desempenha um papel importante para o **empoderamento** das mulheres. Essa consciência advém do questionamento da situação subordinadora, na qual a mulher reconhece da mulher a existência de uma ideologia que legitima a

dominação masculina e compreende como isso perpetua a opressão e a desigualdade (BATLIWALA, 1994). Assim, o primeiro passo para o empoderamento é a “conscientização” e por meio dela advém a **liberdade** enquanto experiência que transforma o mundo e a si mesmo pelo encontro com o outro, sendo pensada como positividade, isto é, como poder efetivo de mudar (SAMPAIO, 2011). A liberdade, então, apresenta-se na possibilidade de criação de si e o rompimento com o estabelecido (FOUCAULT, 2003), como demarcado nas falas de Elis e Sara.

Diante da resistência e da liberdade das *traceuses* às atitudes dos *tracers*, os treinos do Projeto Elas articulavam objetivos que reforçavam-nas. Nos relatos a seguir as praticantes declaram tais fins:

*“O fato da gente **se libertar deles**, a gente tinha capacidade de desenvolver só” (Sara).*

*“A gente queria ter **mais um pouco de espaço**, ia ser um lugar da gente” (Elis)*

*“A intenção da gente sempre foi essa de incluir, **mostrar que todo mundo era capaz**, agora cada um no seu tempo, cada um no seu jeito. A intenção do projeto era essa divulgar a parte feminina que existia, porque muita gente talvez não soubesse que tinha meninas treinando e associavam o parkour aos meninos” (Vivian).*

*“Saber que há meninas treinando, que se elas não se sentissem a vontade de treinar com os meninos, treinasse com a gente, essa **visão de inclusão** mesmo, saber que é **possível** a gente também ser assim, não é tao difícil quanto parece ser, a gente se ajudar, vamos nos ajudar nas dificuldades que cada uma tem. Por ser mulher também, eram as mesmas dificuldades” (Elis).*

Nessas falas, denotamos que a busca por **liberdade**, mais **espaço**, **empatia**, e **visibilidade** constituíam objetivos dos treinos direcionados. Além disso, as meninas buscavam romper normatividades que estabeleciam o que as mulheres “podiam” ou “não podiam” e, assim, apresentarem essas possibilidades para outras mulheres. Alguns desses objetivos foram percebidos pelos praticantes, como demonstram os relatos a seguir:

*“Eu achava interessante o projeto também, trazia a abordagem muito sobre o tema, o assunto das mulheres no parkour, incentivava também e depois elas resolveram separar e treinar em outros locais diferentes talvez eu acho que pra **chamar mais atenção** ou abranger outras mulheres também” (Henry).*

*“Surgiu como forma das **meninas se organizarem para fortalecer** a participação das meninas na prática, facilitando e motivando outras meninas a participarem dos treinos” (Bruce).*

*É conquistar **um espaço melhor** pra elas, pra chamar mais atenção, fazer com que outras mulheres vejam, só que ao mesmo tempo isso me gera certa dúvida se é o correto ou não, se isso vai melhorar ou não” (Alex).*

Em consonância com as *traceuses*, os meninos verbalizaram sobre a busca por espaço, visibilidade e fortalecimento da participação das mulheres como fins almejados pelas mulheres nos treinos direcionados. Os *tracers* manifestaram, inclusive, concepções sobre o que motivou o surgimento desses treinos pelas meninas, conforme identificamos nos seguintes trechos:

*“Talvez elas não tenham tido o **espaço** que elas queriam aqui” (Alex).*

*“Se sentirem mais à **vontade**, sem tanta **pressão** e também **assédio** como ocorre em ambientes como homens, mesmo nos locais que haja respeito entre os sexos. Naturalmente e sem perceber homens podem intimidar e encabular meninas apenas olhando” (Bruce).*

*“Acho que elas queriam um **treino mais focado** para as meninas ou talvez tenham **vergonha** de treinar com os meninos” (Alex).*

*“Eu acho que é mais pra elas **não serem incomodadas**, elas querem treinar sozinhas (...)” (Oliver).*

A falta de espaço, as situações de **exclusão**, de **assédio**, o **juízo** e o “olhar” do *tracers* – presentes nas relações de gênero no *parkour* que, no que lhes concerne, promoviam desconforto e incômodo às mulheres – aparecem como fatores que promoveram a busca por treinos “separados” pelas *traceuses*. Esses aspectos também emergiram nas representações das/os praticantes de Recife quanto ao TPM.

Por tais fatores podemos atribuir ao surgimento de espaços “de” e “para” mulheres, não somente no *parkour*, como nas academias para as mulheres que vem aumentando vertiginosamente (FRAZÃO e COELHO FILHO, 2015; NEIVA, GOMES e COSTA, 2006). O fortalecimento dessas academias exclusivas para as mulheres se mostra associado ao fato de o homem ser representado como um elemento **interventor**

negativo no contexto da prática de exercícios físicos em academias de ginástica mistas, especialmente quando provoca, com o olhar (excessivo, invasivo, crítico) direcionado para a mulher, situações inibidoras e/ou constrangedoras (FRAZÃO e COELHO FILHO, 2015), corroborando com o contexto relatado pelos/as praticantes no *parkour*.

Embora reconheçam esses fatores e os objetivos do projeto, alguns praticantes alegaram que o surgimento desses treinos não contribuiu para fomentar o número de mulheres praticantes na modalidade. As verbalizações abaixo expressam essas percepções:

*“Eu não me lembro de ter visto **nenhuma** menina chegar de fora. Eu já vi muito mais meninas chegarem aqui do que no treino separado delas, aí eu não sei se faz muito efeito” (Oliver).*

*“Eu não acredito que vá chamar mais **atenção**” (Henry).*

Nessas falas, percebemos a descrença sobre a produtividade desses treinos em relação à visibilidade da prática de mulheres e, conseqüentemente, ao aumento do número de praticantes. Para alguns deles, esses treinos direcionados possuem um caráter excludente/segregador, como denuncia a fala desse *tracer*. *“Eu não acho certa essa ideia de separar, **acho que tinha que ficar todo mundo junto, todo mundo unido como o parkour sempre foi (...). Parecia uma coisa que não traria benefício, tanto que acho que não trouxe muito, porque elas pararam, acho que quando a gente tá unido a instiga é maior” (Henry).*** Nesse relato, o praticante demonstra sua contestação e incredulidade ao surgimento desses grupos, por não ter proporcionado mudanças no próprio cenário da modalidade e esses treinos acabaram se extinguindo. A fala desse *tracer* também apresenta o posicionamento contrário à “segregação” no *parkour* mediante os valores de inclusão e coletividade que são propagados no interior da modalidade. Concepções similares foram denotadas nas falas dos praticantes sobre os TPM. As *traceuses* também perceberam essas concepções de “segregação” manifestadas pelos meninos do grupo *Parkour Recife*. Identificamos essas ideias nos seguintes trechos:

*“Achou que a gente tava querendo **segregar** os grupos e tá querendo criar um grupo paralelo. Elas no parkour não foi visto como um grupo tipo geral, pra qualquer menina que viesse de fora. Ficou visto como um grupinho de Recife que tá se segregando, que tá querendo criar inimizade” (Sara).*

*“Quando surgiu o Elas ficou aquela história que “não, as meninas querem fazer um negócio **separado**, essas meninas não vão fazer nada, é só pra ter nome”. São esses comentários que não acrescentavam em nada” (Vivian).*

*“Eles pensavam que não ia dar certo, que isso é **invenção**, que a intenção das meninas é **separar** o grupo. Não levaram a sério e não aceitaram muito não” (Elis).*

Por esses relatos, percebemos que o surgimento dos treinos direcionados representou uma tentativa de segregação das mulheres aos treinos gerais/mistos, demonstrando a objeção dos *tracers* aos treinos direcionados. Essa representação diverge das concepções apresentadas por eles sobre os objetivos desses treinos que foram, inclusive, verbalizados por eles. Sob essas representações uma praticante manifestou sua posição sobre elas, conforme o seguinte trecho: *“Em **nenhum momento a gente queria separar** era só fazer com que as pessoas, as meninas no caso se achassem mais aconchegadas porque se fosse pra ficar no meio dos meninos acho que não daria muito certo” (Vivian).* Nesse sentido, os treinos direcionados foram desenvolvidos para promover um espaço para a prática das mulheres no *parkour* e como estratégia de enfrentamento sobre as situações/conduitas que as constroem no interior dos espaços de treinos. Diante dessas representações dos *tracers* sobre esses treinos, dois deles relataram sobre a falta de interesse em participar desses treinos, conforme as falas seguintes

*“Eu ia como expectador, eu **não queria de jeito nenhum fazer parte disso**. Eu só ia porque como era um lugar distante daqui, talvez, fosse uma forma de atrair os outros pra treinar lá também” (Alex).*

*“O treino só com meninas, eu **não fui treinar muito com elas**, eu treinei pouco com elas, o treino separado” (Oliver).*

Nessas falas percebemos a contradição das concepções de segregação manifestada pelos meninos. Percebemos que os treinos do Projeto Elas estavam abertos a participação seja de mulheres e de homens que se interessavam em treinar

nesse grupo. Essa perspectiva inclusiva também foi verbalizada pelas traceuses, conforme destacamos a seguir:

*“Acho que o Elas hoje dia já **está bem mais visto**, porque vem meninas de fora e eles percebem que tá **aberto** a qualquer tipo de menina e não é um grupo fechado” (Sara).*

*“A divulgação da mídia foi a chave pra gente, pra poder **provar que é o contrário**” (Elis).*

Com a divulgação desses grupos, inclusive pela mídia, a concepção segregadora dos treinos direcionados perdeu força de acordo com os relatos das praticantes. Embora alguns *tracers* expressaram a objeção frente a esses treinos, outros, por sua vez, verbalizaram apoio e reconhecimento dos aspectos positivos desses treinos direcionados. As verbalizações abaixo manifestam esses posicionamentos:

*“Os meninos acharam tranquilo, eu **não gostei muito** de início porque eu vi que não ia dar certo. Aí mesmo não sendo de acordo **eu sempre procurava ir lá**” (Alex).*

*“Muitas pessoas apoiaram porque acharam que era atitudes delas, que **seriam melhor reconhecidas**. Eu, em particular, achei que seria **interessante**, uma experiência pra elas, porém ao mesmo tempo **não achei que ia dar muito certo**, por causa da individualidade” (Henry).*

*“O treino delas eu **não acompanhava tão de perto**, mas eu sempre acompanhei o blog lá, as postagens dela, eu gosto de tá **incentivando**” (Oliver).*

*“Houve **surpresa** no início. Pareceu uma forma de separação e segregação. Por um lado, achamos que afastaria as meninas dos meninos. Por outro, **ajudaria na integração de mais meninas nos treinos**” (Bruce).*

Os relatos de alguns *tracers* expressam a descrença na efetividade dos treinos direcionados de forma camuflada sob um posicionamento de apoio e incentivo a esses treinos, de tal modo que alguns revelaram estar presentes nos espaços que acontecem esses treinos, mas não participam deles. Na fala de Bruce apresentam-se duas perspectivas que corroboram com as vantagens e desvantagens dos treinos direcionados: esses treinos oferecem probabilidades maiores das mulheres se inserirem

na modalidade por meio deles, mas, em contrapartida, acaba distanciando as relações entre homens e mulheres, que são particulares no *parkour*.

A “receptividade” dos praticantes ao surgimento dos treinos direcionados revelam o posicionamento de oposição a eles. Logo, as *traceuses* expressaram sobre o incômodo dos meninos ao desenvolvimento desses treinos, como evidenciamos nessas falas:

*“Surgiu um tipo **espantamento** da parte dos meninos quando a gente tomou a parte do projeto; decidimos seguir adiante e, assim, debaixo da asa deles, a gente tava saindo e isso foi um espanto total para os meninos” (Sara).*

*“Eu não sei dizer qual foi o **problema** que eles enxergaram, não sei o que foi que deu na cabeça deles que a gente tinha que treinar com eles, porque era o grupo e tinha que treinar todo mundo junto” (Elis).*

*“Ai a gente se juntava, fazia nosso alongamento e ia treinar por lá, no outro pico. E isso **chateou** um pouco eles” (Vivian).*

Diante desses trechos, os *tracers* demonstravam objeções sobre esses treinos. Como citamos anteriormente, eles percebiam esses treinos como uma ferramenta de separação entre o público no *parkour*, todavia, pelas verbalizações das *traceuses*, essa não foi a intenção do desenvolvimento desses treinos que, por sua vez, objetivavam a inclusão e a ênfase na prática de mulheres. Apesar de alguns *tracers* afirmarem a relevância e necessidade dos treinos direcionados para as mulheres, a maioria apresentavam dúvidas e descrença sobre a efetividade dos treinos direcionados.

Além da oposição ou do apoio dos praticantes, parte deles se mostrou indiferente, como indica essa *traceuse*: *“Algumas pessoas acharam que tava rolando uma tentativa de **segregação**, outras pareceram **indiferentes** e algumas **apoiaram**” (Daphne).* Esses posicionamentos também foram identificados nas representações dos *tracers* do cenário do TPM. A objeção e o incômodo dos meninos sobre os treinos direcionados resultaram em desdobramentos dentro da própria comunidade local e nos grupos de treinos direcionados. Nos relatos a seguir verificamos esses desdobramentos:

*“Teve uma **confusão** danada e eu achei tão chato porque a gente tava tentando ter o espaço da gente. Eles tinham o **grupo deles**, a gente não podia ter o grupo da gente, de mulher praticar parkour?” (Elis).*

*“Eu percebi que algumas **ficaram com medo**, de todo aquele comentário, por medo de ter rejeição do grupo geral, acabaram ficando por aqui (nos treinos gerais) pra evitar problema. Todo sábado tinha o treino geral aqui na jaqueira e não era dia pra colocar outro grupo. Eu até acho que dava pra colocar outro dia mas eu acho que os comentários não iam desaparecer” (Sara).*

A “confusão” e os “comentários” dos meninos sobre o espaço construído pelas meninas resultaram no fim dos treinos direcionados; tais atitudes afastaram elas (com exceção daquelas que lideravam o grupo) desses treinos, enfraquecendo-os. O término deles é manifestado pelas falas a seguir:

*“**Não temos mais** esses treinos nos dias de sábado, a gente voltou a ter os treinos gerais porque teve esses **problemas**” (Sara).*

*“Teve esses **problemas**, que não deu certo, ai eu acabei treinando há algum tempo sozinha, acho que uns três meses, ai depois eu não tava muito afim de vir treinar aqui, nem também não tinha muita menina por aqui, então eu acabei deixando um pouco de lado” (Elis).*

Além da perspectiva do espaço enquanto território geográfico, também o consideramos como uma parte integrante de vida social e, por isso, está sempre aberto à contestação por diferentes indivíduos ou grupos, muitos dos quais tentam questionar e redefinir os significados e limites de espaços particulares (FRANCO GARCÍA, 2004). Pelos desdobramentos mencionados nas falas, percebemos a disputa pelo “espaço”, o qual além de expressar as relações sociais, também reagem contra elas (SOJA, 1999): as meninas dedicando-se a construir seu próprio espaço em reação às situações promovidas pelos meninos; e, os meninos buscando manter o espaço misto, regido pelas relações de dominação e desigualdade.

Pelos relatos das *traceuses*, essa situação dentro da comunidade local interferiu na continuação de algumas meninas no *parkour*, as que possuíam tempo de experiência considerável na modalidade. Tal situação fragilizou a relação entre eles/as na comunidade. E, algumas praticantes ainda se mostraram insatisfeitas com as atitudes dos meninos que provocaram o fim dos treinos direcionados. Além dos conflitos interpessoais na comunidade local diante da oposição dos *tracers* sobre os treinos

direcionados, também foi apontado que atividades externas (trabalho ou estudo) das pessoas que conduziam o treino também influenciaram no seu término: “(...) o *blog* durou um ano, quer dizer, **o grupo durou um ano**. As meninas tiveram que estudar, que trabalhar” (Elis).

Por tais desdobramentos, verificamos que o **domínio** dos homens no parkour atravessou e afetou as estratégias de visibilidade e enfrentamento construídas pelas praticantes que, nesse caso, foram os treinos direcionados para as mulheres; as *traceuses* não tiveram “espaço”, nem “voz” e poder de “decisão” no próprio espaço criado por elas. Como efeito da “liberdade” e da “resistência”, os homens se manifestaram com ainda mais força⁶⁷.

Isto posto, presumimos que os *tracers* em sua posição de “poder-saber” sentiram-se ameaçados frente ao “contra-poder” das *traceuses*, e por isso, interferiram na efetivação dessas estratégias. De acordo com Kleindienst-Cachay e Heckemeyer (2006), essa participação da mulher no esporte constitui uma **ameaça** ao domínio dos homens. De tal modo que eles estabeleceram outras relações de força para não perder sua posição de “saber” e “domínio” que, para Altmann (1998), garantem a eles uma legitimidade nesse campo das práticas corporais.

Em relação às características dos treinos direcionados do projeto Elas, também eram treinos organizados e guiados, exclusivamente, pelas mulheres, assim como os TPM. Tais aspectos são certificados por essas falas:

“Sempre guiado por mulheres” (...) (Sara).

“A gente organizava nossos treinos”(Vivian).

Assim como os TPM, essas falas sugerem que as participantes colaboravam para a realização do treino. E, de forma discrepante, a condução dos treinos não estava centrada na responsabilidade de determinadas praticantes. Por serem protagonistas dos treinos, as meninas sentiam-se responsáveis em pesquisar e estudar exercícios e metodologias para efetivação deles, como relatam essa *traceuses*: **“A gente fez treinos**

⁶⁷Sob um processo agonístico, a liberdade emerge como um imperativo das relações de poder, ainda que, paradoxalmente, estas produzam efeitos que a limite ou a incite (SAMPAIO, 2011).

*físicos, aprendeu, **estudei muito** treinos físicos, fazia muitas movimentações, eu mesma botava a frente pra aprender pra poder ensinar” (Elis).*

Esses treinos eram realizados em picos diferentes dos treinos gerais/mistos, pois ambos eram efetivados no mesmo dia e turno (sábado à tarde), o que constituiu mais um motivo de incômodo entre os *tracers*.

Na percepção das *traceuses* do projeto Elas, os treinos guiados por elas não diferenciavam em metodologia e conteúdo dos treinos gerais/mistos, porém distinguiam as relações interpessoais estabelecidas nesses treinos, as quais representavam fatores motivacionais para o surgimento e a expansão do projeto. Essas concepções são verificadas nos trechos a seguir:

*“Basicamente era a **mesma coisa** que se faziam aqui (nos treinos gerais), só que com as meninas e **do jeito da gente, sem aquela pressão** de ter que terminar logo, de fazer um movimento um monkey assim, tenta todo mundo passar pelo mais alto. No caso do Elas, a gente procurava uma posição que fosse mais **confortável** pra pessoa, mas o objetivo era basicamente o mesmo” (Vivian).*

*“Tinha alongamento, aí mostrava os movimentos básicos do parkour, cada uma **respeitando seu tempo**, coisas que as vezes não tinha aqui (treinos gerais), não tem esse **deboche**, essa competição, talvez isso seja a diferença” (Sara).*

*“Nos gerais não tinha muita relação, no Elas era uma coisa mais **próxima**, uma ajudava a outra, dava aquele toque, no jeito de falar” (Vivian).*

*“Quando tava treinando com mulher eu me sentia mais **confortável** de treinar entre elas. Elas tinham mais interesse em ficar perto da gente do que ficar perto deles” (Elis).*

Nas representações dessas *traceuses*, os treinos direcionados enfatizavam um “respeito” ao tempo e as habilidades das meninas para executar os movimentos, o que não se fazia presente nos treinos gerais/mistos diante da **cobrança** e do **juízo** dos *tracers*. Nesses treinos direcionados percebemos, ainda, a empatia, o auxílio mútuo e sensações de conforto e segurança. Um praticante declarou a dinâmica lúdica desses treinos direcionados, assim como constatamos em relação ao TPM: *“Era um treino com um aspecto mais **descontraído**, com características bem particulares do grupo das meninas. Se sentiam mais à vontade e mais **confiantes**” (Bruce).* Esse caráter lúdico, além de demarcar uma particularidade do treino do projeto Elas, também pode se configurar como um facilitador à adesão das mulheres.

Quanto ao conteúdo dos treinos, identificamos na seguinte fala da traceuse: “A gente fazia alongamento bem legal pro corpo, a gente fazia aquecimento, a gente fazia treino físico, a gente treinava na semana físico e no sábado a gente treinava parkour” (Elis). Denotamos que os treinos direcionados contemplavam treinos físicos com exercícios para condicionamento físico e os treinos com as movimentações do parkour. Os *tracers* manifestaram outras percepções sobre o conteúdo dos treinos direcionados e a forma que era guiados, como desvelamos a seguir:

“O treino isolado, o das mulheres, na época que eu fiz, elas estavam na época mais de físico, **treinando físico** e não era talvez tão **puxado** dos homens” (Henry).

“Elas treinavam mais movimentos entre elas, **geralmente movimentos que todas as meninas tinham dificuldades de fazer**” (Alex).

“A única diferença que eu senti era mais **falta de experiência** mesmo pra guiar o pessoal, porque aqui a gente já tinha Alex, Bruce (...). Então eles já foram ensinando quem tava chegando, depois a puxar um pouquinho, a gente fazia isso com as mesmas. E o que eu senti falta quando eu fui treinar com elas, quando eu fui acompanhar o treino delas, foi mais uma **liderança** assim, uma organização do que vão estar treinando” (Oliver).

Conforme essas falas, inclusive norteadas por concepções naturalizadas dos corpos das mulheres, os treinos não são “intensos” como o dos meninos, possuem ênfase maior no treino físico – assim como foi percebido no TPM nos relatos sobre a “movimentação básica” – e, para um deles, as *traceuses* não possuíam experiência para guiar, assim como, não apresentavam liderança e organização.

Apesar do seu fim, o projeto Elas contribuiu para a demarcação de um espaço “de” e “para” mulheres em uma prática associada aos homens e, de certa forma, pela visibilidade, (re)construiu uma representação de uma modalidade também associada às mulheres em Recife. Como expressa essa *traceuse*: *Muita menina quando viu o Elas no parkour e começou a falar: ‘eu vi que vocês têm um grupo’. A gente compartilhava muito, eu comecei a divulgar, a dizer: ‘eu treino, eu tenho um grupo feminino de parkour’. As meninas olhavam: ‘caramba, feminino, sério mesmo?’. E foi atraindo porque sempre era um grupo geral e as pessoas procuravam, um homem. E agora: ‘vai lá procura tal menina’. Isso já animava mais as meninas*” (Sara).

Corroborando com Figueira (2008), em estudo sobre as *skatistas*, as mulheres, para serem vistas, precisaram se organizar e produzir seus próprios locais de visibilidade. A autora evidenciou que as *skatistas*, ao deslizarem sobre o *skate* nas praças, ruas, campeonatos, revistas, sites, nos programas de televisão, entre outros, exercem o poder de mostrar o que sabem, quem são e de posicionarem-se como sujeitos praticantes de *skate*.

Além disso, a autora verifica que outros espaços de visibilidade e divulgação da prática de mulheres *skatistas* consistiram na criação do *blog* Unidas pelo carrinho e da Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSF) que, por sua vez, representou uma reação ao **silenciamento** sobre a presença delas nas instituições oficiais do *skate* como a Confederação Brasileira de Skate. As *skatistas* também investiram na realização de encontros, tours, campeonatos, circuitos, buscando criar outras paisagens nas quais pudessem existir e ser vistas (FIGUEIRA e GOELLNER, 2013).

Do mesmo modo, as meninas no *parkour* precisaram se organizar e demarcar seu próprio espaço de prática para serem **vistas** dentro da modalidade na cidade, o que configurou como um **espaço de disputa e resistência** diante de uma prática culturalmente considerada de apropriação masculina e das relações de dominação e desigualdade no interior dela.

Os treinos direcionados para as mulheres apresentaram diferenças com os treinos gerais/mistos. Os treinos direcionados foram considerados mais “organizados” por possuírem um planejamento e, na maioria das vezes, contemplar o caráter “guiado”, diferentemente dos treinos gerais/mistos – assumidos comumente como “livres”. Os TPM eram realizados nos mesmos picos dos treinos gerais/mistos, enquanto que os treinos do Projeto Elas ocorriam em espaços distintos, porém no mesmo dia e horário. Ambos eram planejados e guiados pelas mulheres, diferentemente dos treinos gerais/mistos que são direcionados pelos homens. Além disso, foram caracterizados pelo “treino físico” e o exercício de movimentações básicas do *parkour*, ou seja, não apresentavam a espetacularidade e movimentos complexos em obstáculos desafiadores, geralmente, presentes nos treinos gerais/mistos. Por outro lado, eles/as perceberam a possibilidade de maior repetição dos exercícios nesses grupos.

Frente essas discrepâncias com os treinos gerais/mistos, evidenciamos características similares entre o TPM e o projeto Elas em relação: a) ao contexto que contribuiu para a emergência deles; b) aos objetivos; c) as motivações das *traceuses*; d) à dinâmica e metodologia do treino; e) concepções e receptividade dos *tracers*.

Os treinos de *parkour* desenvolvidos “pelos” e “para” as mulheres configuraram-se estratégias de **enfrentamento** (frente às situações constrangedoras e desmotivadoras promovidas pela “dominação” e posição de “poder-saber” ocupada pelos *tracers*), de **visibilidade** (devido à representatividade, ao estabelecimento de um espaço “de” e “para” mulheres e ao fomento da participação delas) e de **empoderamento** (juntas, as mulheres construíram um espaço de “vez” e “voz” para as praticantes, onde elas oportunizaram a “liderança” e o “ser” e “fazer” de acordo com sua vontade, distante dos olhares, julgamentos e cobranças dos *tracers*).

Em suma, eles representaram o questionamento e o rompimento com o estabelecido, ou seja, com o campo delineado “pelos” e “para” os homens. A própria participação delas na modalidade sugere a desconstrução das normatividades. E, isso se intensificou com o surgimento desses grupos por meio do empoderamento delas, no sentido de modificar o estado de dominação, assim como, as relações, as concepções e os papéis assumidos por eles/as no interior da modalidade. Se a “desconstrução é a justiça⁶⁸” (DERRIDA, 1997), então, as disputas e a resistência dessas mulheres são válidas para “recriar” as relações e os espaços no sentido da equidade.

Para que tais grupos “funcionem” como estratégia efetiva de empoderamento e se sustentem no interior da comunidade, torna-se fulcral retirar o parâmetro “homem” (quanto às habilidades, ao saber, ao poder, etc.), que, mesmo nesses espaços, ainda se constituíram como uma “referência” do “saber” e do “poder”. Tais treinos direcionados precisam se configurar como um meio de “reforço” para o treino da modalidade e não como um espaço que fomenta a condição subjugada da mulher. No *parkour*, como apontado por alguns/mas praticantes e presente nos seus princípios, o sentido do treino equivale em conhecer a si e os seus limites, para assim superá-los.

⁶⁸A justiça pressupõe uma recriação da norma, uma recriação da intencionalidade daquela norma (COSTA, 2007).

Portanto, os corpos, sejam de homens ou mulheres, devem ser respeitados, pois o que convém é a “superação” e o “conhecimento de si”.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na emergência das atividades alternativas, como as práticas de aventura, acreditava-se que, além da produção de novas configurações e tipos de gestos esportivos, essas atividades estariam isentas das hierarquias de gênero. Esse estudo, corroborando com outras pesquisas, demonstrou o contrário: tais práticas são circunscritas por relações de poder, as quais centram um capital simbólico associado a masculinidade e ao domínio dos homens sobre os “espaços” e o “saber” dentro das modalidades. As representações presentes na análise da prática *parkour* revelam uma releitura do investimento viril nas atividades de aventura.

Essa pesquisa também identificou o par dialético das relações de poder nessa prática a partir dos movimentos de enfrentamento e resistência produzidos pelas praticantes que, de forma crítica, perceberam as desigualdades. Esses movimentos refletiram na organização e construção de espaços “de” e “para” mulheres no *parkour* diante do desenvolvimento de encontro de mulheres e grupos de treinos direcionados para elas.

Frente a esse cenário, analisamos as relações de gênero no *parkour* e as estratégias de empoderamento desenvolvidas pelas praticantes. Por meio de entrevistas e observações participante adentramos nas relações e nos grupos a fim de compreender as representações sobre a participação da mulher na modalidade; como se estruturam as relações de gênero; e, verificar a emergência dos grupos de treinos para mulheres e o posicionamento da comunidade.

Compreendemos a inserção dos sujeitos entrevistados no campo de pesquisa por meio da trajetória e das experiências dos/as praticantes no *parkour*. A modalidade foi introduzida e mediada por diferentes elementos, como o campo midiático, a influência de amigos, familiares e parceiros (à exceção de um praticante, os demais mencionaram homens que apresentaram a modalidade a eles/as) e o histórico de vivências e brincadeiras que contribuíram para uma identificação com a prática. A receptividade do grupo e a representatividade das mulheres configuraram-se fatores de permanência das praticantes nessa prática. Essa representatividade, inclusive, foi enfatizada por contribuir na “desconstrução” da imagem do *parkour* como uma “prática

de homens”, diante do predomínio deles nos espaços de treino e no campo midiático. Outro fator de motivação à adesão na modalidade, consistiu no aspecto cooperativo e não-competitivo do *parkour*. Esse aspecto é considerado na literatura como positivo à equidade nas relações de gênero.

As trajetórias dos/as entrevistadas apresentaram contribuições da modalidade para os/as praticantes que, por sua vez, foram organizadas em três dimensões: a) física (mudanças na aquisição de “força” e aptidão física), b) psicológica (diferenças na confiança, disciplina, enfrentamento de situações adversas e autoconhecimento), e, c) social (criação e melhoria de vínculos interpessoais e atuação na sociedade por meio da prática). As mudanças na dimensão psicológica demonstraram maiores contribuições em relação às demais.

A percepção das mulheres sobre elas (mudanças) apareceu, por vezes, de modo discrepante em relação ao que é percebido pelos homens, uma vez que os aspectos mencionados por elas estiveram associados ao ser “mulher” e ao contexto social que infere sobre seu corpo, suas habilidades e seus papéis nas práticas sociais. As mudanças percebidas por elas foram vinculadas às barreiras sociais e as possibilidades de desafiar os discursos dominantes em torno delas. As experiências e trajetórias dos/as praticantes revelaram os significados atribuídos ao *parkour*, evidenciando-o enquanto prática/cuidado de si.

Além desses dados, os três cenários observados apresentaram características comuns que demarcam o *parkour*, a saber, a ênfase na não-competitividade, o uso do espaço público, a celebração do/a outro, a vestimenta (roupas largas) e a estruturação de subgrupos para efetivação de movimentações.

Também destacamos as desigualdades de apropriação e uso do espaço por homens e mulheres, assim como, as diferenças entre o tempo de treino e experiência na modalidade. As meninas, geralmente, ocupavam uma pequena área do espaço de treino, enquanto os meninos usufruíam da maior parte dele, além de que “invadiam” as áreas onde as meninas treinavam. Elas, também, apresentaram menor tempo de experiência e duração do treino em comparação com os meninos. Assim, tempo e espaço constituíram categorias generificadas que legitimaram as desigualdades de gênero no *parkour* e influenciaram a) na atuação deles/as frente aos papéis exercidos

na modalidade (como a função de instrutor/facilitador dos movimentos, ocupando uma posição de “saber”), b) no modo de praticá-lo, c) nas diferentes representações atribuídas ao *tracer* e a *traceuse*, e, conseqüentemente, d) no desempenho apresentado por eles/as. Essa ínfima exploração do espaço e a desigualdade de tempo interferiram, inclusive, na pouca mobilidade apresentada por elas que, conseqüentemente, contribuiu para a reprodução da dominação dos homens sobre o espaço-tempo.

Nesses cenários observamos que a apropriação do espaço-tempo, a pouca mobilidade das meninas e as relações entre eles/as na modalidade reforçam as hierarquias de gênero no campo social e reproduzem as expectativas de gênero naturalizadas na sociedade, uma vez que tais papéis e ações atuados por eles e elas nessa relação espaço-temporal afirmam (e reafirmam) a feminilidade e a masculinidade⁶⁹ (BUTLER, 1990).

A predominância e a dominação “dos” e “nos” espaços de treinos pelos meninos contribuíram para representações do *parkour* como uma “prática masculina”. Ademais, essa modalidade articula um conjunto de elementos que promovem essa associação, tal como a “dor”, o “risco”, a “força” e a “brutalidade” percebidos na prática, os quais são características e comportamentos reforçados aos meninos no processo de socialização e, assim, representados como intrínsecos a eles. Esses elementos contribuem para que meninas e mulheres evitem participar da modalidade, o que influencia na quantidade ínfima de mulheres praticantes. Essa dominação “dos” e “nos” espaços de treino pelos meninos mostrou-se como uma tendência geral no *parkour* e, para os/as praticante, ela promove às *traceuses* sensações de desconforto, falta de espaço e frustração. Além disso, afeta a visibilidade e a representatividade de mulheres enquanto fatores produtores para fomentar a participação delas na modalidade.

Quanto às mulheres praticantes, evidenciamos que a maioria dos/as praticantes percebem discrepância nos treinos e movimentações de *tracers* e *traceuses*. Nas observações constatamos, na maior parte dos contextos, diferenças de gênero quanto ao conteúdo dos treinos. Nos relatos, essas diferenças foram justificadas por a)

⁶⁹Consideramos que essas identidades não são estáticas nem totalizantes, mas continuamente renegociadas (KIDDER, 2013).

concepções naturalizadas sobre o corpo; b) tipo de treino “intenso” e “leve” associados a eles e elas; e c) fatores psicológicos de “confiança” e “cautela” intrínsecos a homens e mulheres, respectivamente. Nos treinos também verificamos que os meninos externalizavam mais confiança que as praticantes. Alguns praticantes compreendem que essas diferenças são produtos do processo de socialização no que concerne a exploração do corpo e do espaço público, contribuindo para que meninas e meninos apresentem habilidades, por vezes, distintas.

Esse contexto de socialização de meninos e meninas reproduzem papéis historicamente binarizados que afetam, sobretudo, o corpo (e com ele, a apropriação do espaço-tempo e a posição dos sujeitos no campo social). O incentivo e estímulo deles/as à participação em práticas esportivas é atravessado pela visão binária, dicotômica e fixa a marcação das identidades de gênero. Por sua vez, as habilidades das meninas, (comumente) afetadas diretamente pelo seu histórico limitado de exploração do corpo e vivências de práticas corporais, viabilizam para que elas vivenciem maiores dificuldades ao explorar atividades como o *parkour*.

Nos relatos, os/as praticantes demarcam o binarismo presentes nas atividades e as possibilidades designadas historicamente conforme o “sexo”: ao menino é destinado a bola e a rua; à menina, a boneca e a casa. Essa diferenciação que divide meninos e meninas em brincadeiras e espaços distintos está relacionada com as normas sociais, favorecendo que determinados comportamentos sejam considerados como “naturais” e a designação de determinadas práticas como “adequadas” para eles/as de modo “generificado”. Em vista disso, a participação das mulheres no *parkour* representa uma transgressão à essas normas, portanto, percebemos a modalidade como uma prática de liberdade e cuidado de si que, por sua vez, se constituem nas relações de gênero.

Em contrapartida, a prática delas é atravessada pelas concepções estereotipadas de que o desempenho das mulheres é associado à inferioridade técnica, sendo consideradas como mais “fracas”, realizam um “treino leve” ou não “treinam de verdade”. Essa desvalorização e descrença das mulheres permitiu denotar o quanto esta prática é circunscrita por hierarquias de gênero. Em outro polo, o homem é colocado como referente “do” e “para” o desempenho e o saber no *parkour*. ele é representado como aquele que ele saberá ensinar, direcionar e passar confiança para

realização dos movimentos. Tal contexto contribui para que as diferenças entre eles/as, de naturais, passam a ser culturais e transformadas em desigualdades, uma vez que produz discursos dominantes e normativos e atitudes de discriminação e exclusão.

Sob tais representações, identificamos as vantagens e desvantagens – na percepção dos/as praticantes – de mulheres e homens no *parkour*, as quais situam-se nos âmbitos biológicos, psicológicos e sociais e constituíram-se em argumentos para demarcar, sobretudo, as diferenças entre eles/as na modalidade. Biologicamente, as meninas foram percebidas como menos favorecidas na modalidade devido ao “corpo”, cujos componentes como força e resistência não são tão desenvolvidos nelas como nos homens. No âmbito psicológico, as meninas foram consideradas mais cautelosas do que eles, por outro lado, são mais inseguras. Socialmente, os homens são mais autorizados e fortalecidos para se apropriar e mover-se no espaço-tempo, assim como para externalizar um poder-saber. Além disso, eles possuem maior visibilidade na modalidade e, conseqüentemente, a sociabilidade. Em contrapartida, as meninas apresentam desvantagens quanto à representatividade e à dominação deles, porém, o *parkour* possibilita que elas “resistam”, pois, diante de seu caráter (parcialmente) antidisciplinar, viabiliza o exercício da “liberdade” (se há liberdade é porque há possibilidade de resistir/transformar às relações dominantes).

Por esse contexto, a participação das mulheres nesse campo esportivo reflete em lutas e estratégias de resistência. No *parkour*, as *traceuses* revelaram mudanças e conquistas frente à sua participação na modalidade, as quais se expressaram pelo aumento do número das praticantes, promovendo a percepção de ganho de espaço e o empoderamento das mulheres. A ampliação da participação das mulheres favorece a representatividade e, conseqüentemente, a adesão e estabelecimento de vínculos no *parkour*.

Nesse cenário, verificamos a relevância apontada sobre a reunião de mulheres, mencionada pelo incentivo dos meninos e iniciativa das praticantes. Essa reunião configura-se em um coletivo de mulheres para disseminar a prática (na própria cidade dos grupos e pela internet) pelo olhar e vivências das praticantes e, assim, desconstruir a imagem do *parkour* enquanto campo essencialmente “masculino”. A representatividade e o coletivo de mulheres, além de fortalecer e contribuir para a

prática de mulheres, produziu sentimentos de confiança e conforto nas mulheres nos espaços de treinos.

A relação com os meninos também se configurou como fator de motivação às praticantes no *parkour* diante do apoio e reconhecimento deles sobre a prática de mulheres. Por outro lado, algumas praticantes não perceberam incentivo deles e indicaram a falta de compreensão sobre as dificuldades/limitações das mulheres e o contexto sociocultural que as produzem. Também observamos a ausência do auxílio das meninas aos *tracers*; elas solicitavam apoio, mas eles, quando solicitavam auxílio, era pra outro *tracer*. Esse fato nos remete às relações de poder que se inscrevem no interior da modalidade que, por sua vez, configura-se como um meio simbólico de negociação dos espaços de treino e da inserção das mulheres nessa modalidade, corroborando com a posição de “poder-saber” ocupada por eles. Assim, percebemos que homens e mulheres cooperam e competem entre si no *parkour*.

No âmbito da motivação das *traceuses*, constatamos os fatores de superação e sensação de evolução e liberdade na prática, os quais foram atravessados pela percepção de empoderamento. As potencialidades, competências e a atuação das mulheres no *parkour*, para elas/as, indicam um rompimento das naturalizações atribuídas à mulher e ao seu corpo. A resistência delas, por sua vez, foi identificada nas condutas de “insistir” e “conseguir” superar os obstáculos físicos e sociais (preconceito, por exemplo) no *parkour*. Além disso, ao se colocarem na posição de “saber” e frente à suas potencialidades na modalidade, a presença das *traceuses* representou uma ameaça ao *tracer*, o qual precisa dessa posição de “domínio” e “poder-saber” para legitimar sua masculinidade.

Nos relatos dos/as praticantes notamos que as relações entre eles/as se estruturaram por meio de negociações dos espaços de treinos (sobre quem “domina” e quem “sabe”) e são atravessadas por situações de exclusão, comentários contraproducentes e cobranças dos meninos sobre o treino e as habilidades das meninas. Os comentários e cobranças foram relatados pela maioria das praticantes e estão baseados em concepções naturalizadas de gênero e estereótipos que transmitem a representação de “incompetência” e a desvalorização das mulheres na modalidade.

Tais atitudes não reconhecem e desvalorizam a percepção de esforço e desenvolvimento das mulheres na modalidade, além de produzirem sensações de incômodo e constrangimento, denunciadas com veemência por elas. Nessas relações, “resistir” e “lutar” foi o meio seguido pelas *traceuses* para modificar esse contexto que as incomodavam e, assim, percebemos que esse enfrentamento contribuiu para reduzir atitudes discriminatórias dos *tracers*.

As situações de exclusão no *parkour*, alegadas pelas praticantes nos espaços de treino, foram percebidas como naturais e inevitáveis pelos meninos, sendo justificadas pela diferença de desempenho entre homens e mulheres. À essa exclusão das mulheres também foi atribuída a invisibilidade que circunscreve a participação delas. As situações de assédio, por sua vez, desvelaram-se atreladas ao interesse do *tracer* e, sobretudo, às roupas usadas pelas *traceuses*. Os “olhares” e as “verbalizações” de praticantes incomodavam e desencadeavam situações de desconforto, o que reforça o silêncio do corpo das mulheres.

Nesse contexto, verificamos que as relações entre *tracers* e *traceuses* são permeadas por atitudes dos praticantes frente à posição de saber e poder que eles exercem na modalidade. Por conseguinte, essas relações também são atravessadas por um outro “poder” que é exercido pelas mulheres em momentos de enfrentamento e resistência. Pelos relatos das meninas, percebemos que frente ao cenário de exclusão, julgamento e discriminação, as praticantes decidiram sobre dois caminhos: ou “resistem” e se “empoderam”, criando estratégias de enfrentamento; ou abandonam a modalidade.

O desenvolvimento de grupos de treinos direcionados configurou-se como uma das estratégias de resistência, visibilidade e empoderamento das mulheres no interior do *parkour*. Analisamos dois grupos de treinos direcionados situados em cenários distintos, Salvador e Recife. Ambos apresentaram características comuns concernente ao contexto de desenvolvimento, aos objetivos, à motivação das *traceuses*, as concepções e receptividade dos *tracers* e as dinâmica e metodologia do treino. As situações que incomodavam as praticantes nos espaços de treinos, como a exclusão, discriminação, cobranças, assédio provocados por meninos mobilizaram essas praticantes a organizar um espaço “de” e “para” mulheres, em busca de uma prática com mais conforto e visibilidade.

As praticantes utilizaram da internet e das redes sociais, como estratégia de visibilidade, para divulgar seus treinos e disseminar informações (exercícios para fortalecer o corpo para determinados movimentos, por exemplo) que, por sua vez, contribuíam com a prática de outras mulheres e a afirmação de um “saber” delas. Por essa divulgação, o TPM se expandiu para outras regiões do país, sendo apropriado como um “modelo” de treinos para as mulheres. Por sua vez, o projeto Elas foi disseminado nas redes sociais incentivando a prática, também, por meio de fotos e vídeos das praticantes.

Nesses espaços, elas vivenciaram a empatia, o auxílio mútuo, a comemoração recíproca, a posição de liderança, a percepção de competência e evolução e o compartilhamento das dificuldades/limitações. Esses aspectos foram apontados como “diferenças” – nas relações – dos treinos direcionados com os treinos gerais/misto. A representatividade das mulheres, visibilizada por esses grupos, contribuíram para fomentar a prática de mulheres e, inclusive, mediaram a inserção delas nos treinos gerais/mistos. Ademais, tais espaços estavam ausentes do olhar, julgamento e cobrança dos *tracers* em sua posição de “saber” e “dizer”. Assim, resultavam na percepção de um espaço mais acolhedor e “seguro”.

Em ambos os contextos, os *tracers* apresentaram oposição ao desenvolvimento desses grupos, ao passo que verificamos o apoio, o incentivo e a indiferença de outros. O posicionamento contrário se justificava pelos fundamentos da modalidade que preconizam a cooperação, a comunidade, a inclusão e a igualdade. Logo, os treinos direcionados foram percebidos como “desviantes” desses valores e prejudicavam o desenvolvimento das comunidades locais de *parkour*. Para as *traceuses*, esses treinos não articulavam o caráter “segregador” e acolhiam, inclusive, os meninos. Assim, constatamos a participação dos meninos no grupo TPM, assim como o auxílio deles. No projeto Elas, os meninos apareciam nos espaços de treino, mas não se interessavam em participar. Outros *tracers* apoiaram seus argumentos na dúvida e descrença da efetividade dos grupos. Verificamos que a maioria daqueles que manifestaram objeção, não compreendia os fatores mobilizadores da emergência desses treinos, presentes nas próprias relações de poder na modalidade. Assim, o surgimento deles representava mais uma relação de força no interior do *parkour*.

Os treinos direcionados eram guiados e organizados exclusivamente pelas mulheres, sendo caracterizados por exercícios de fortalecimento, de alongamento, jogos lúdicos e treinamento da técnica dos movimentos do *parkour*. Esses treinos foram demarcados pela intensidade de repetições e maior oportunidade em explorar os obstáculos e espaços de treinos. Os/as praticantes pontuaram, também, a dinâmica lúdica desses treinos que os diferenciavam dos treinos gerais/mistos. Outros/as praticantes ressaltaram sobre a movimentação mais “básica” articulada aos treinos direcionados.

Esses treinos, nos contextos analisados, tiveram o seu término por diferentes razões: no TPM em decorrência de atribuições externas das meninas que lideravam os treinos; nos treinos do projeto Elas devido às atitudes dos *tracers* frente ao incômodo deles aos treinos. Especificamente no projeto Elas, identificamos que o domínio dos homens no *parkour* atravessou e afetou as estratégias de resistência construídas pelas *traceuses*. Frente a esse “contra-poder” das mulheres, percebemos os *tracers* “ameaçados” em sua posição de “poder-saber” na modalidade, os quais interferiram na continuação dos treinos direcionados.

Entre *tracers* e *traceuses* identificamos as relações de força e as transformações promovidas pela resistência das mulheres. Todavia, também evidenciamos que o polo de “poder” dos homens se sobrepõe em determinados contextos interferindo, sobretudo, nas estratégias das mulheres para criar um espaço de “voz” e “vez” à elas. Essa interferência esteve transversa, na maioria das vezes, pelas normatividades culturais de gênero que, tornaram-se naturalizadas nas relações. Portanto, nessas discussões ampliamos, por meio do *parkour*, a compreensão de como se estruturam as relações de gênero, de poder e contra-poder, principalmente em espaços onde homens e mulheres atuam e se apropriam (mutuamente).

Nesse contexto, para além da “dominação”, verificamos que a participação delas na modalidade é atravessada por ações, comportamentos e discursos que transgridem e suplantam as normatividades e representações “engessadas” sobre “ser mulher” e o “ser mulher no *parkour*”. Por isso, a modalidade configura-se como cuidado de si; as *traceuses* constroem suas subjetividades e identidades não somente na similaridade, mas no antagonismo e na diferenciação presentes nas relações de gênero. O *parkour*

para as mulheres é constituir-se pela dor e pelo enfrentamento dos bloqueios e dificuldades; é disputar/negociar o espaço de prática e apropriar-se dele de modo incomum, estabelecendo uma nova relação com ele; é “resistir” e se fazer “ver”; é fortalecer-se com outras mulheres; é conhecer a si e transformar-se; por fim, é desnaturalizar as desigualdades, reconstruir o corpo e redefinir o “estar no mundo”.

Ressaltamos que o *parkour* promove o cuidado de si, pois, diante das relações de gênero, as *traceuses* transformam a si, as normas e criam novos códigos. E, então, tornam-se “fortes” e “empoderadas” para questionar e confrontar o “imposto”⁷⁰ – que legitima as desigualdades, seu silenciamento e a condição de subalterna – e levar outras mulheres a romper as fronteiras que limitam seu “poder” e sua “potencialidade”. Assim, a modalidade investigada produz formas particulares de pensar a mulher e o corpo feminino, contribuindo para transformar concepções hegemônicas de gênero e revelar a possibilidade de recriar e redefinir um espaço propício ao empoderamento das mulheres e à equidade de gênero no campo das práticas sociais.

⁷⁰Nessa frase realizamos uma analogia ao fundamento apropriado pelo parkour “Ser forte para ser útil”. O termo “útil” revela-se em metáfora pelas palavras “questionar” e “confrontar”.

REFERÊNCIAS

ABPK, Associação Brasileira de Parkour. **Sobre ABPK**. 2016. Disponível em: <<http://www.abpk.org.br/sobre>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

ABRANTES, A. A.; MARTINS, L. M. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. **Interface**, v. 11, n. 22, pp. 313-325, 2007.

ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, E. (Org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas/SP: Papirus, 1995, pp. 157-176.

ACTIONAID. **Linha de base campanha**: Cidades seguras para mulheres. Recife/PE: 2014. Disponível em: http://actionaid.org.br/wp-content/files_mf/1498585783Linha_de_Base.pdf. Acesso em 18 jan. 2018.

AITCHISON, C. C. **Sport & gender identities**: masculinities, feminities and sexualities. New York: Routledge, 2007.

AITHAL, V. Empowerment and global action for women: theory and practice. **Working Papers**, University of Tromso, 1999. Disponível em: <<http://pdfind.com/empowerment-and-global-action-of-women/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

ADAPT, Art du Deplacement and Parkour Teaching. **ADAPT Certified Database**. 2017. Disponível em: <<http://adaptqualifications.com/adapt-certified-database>>. Acesso em 10 de Junho de 2017.

ADELMAN, M. Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina?. **Revista Estudos Feministas**, v.11, n. 2, pp. 445-465, 2003.

_____. Mulheres no Esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v.12, n. 01, pp. 11-29, 2006.

_____; MORAES, F. A. de. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, pp. 2-28, 2008.

ALEXANDRINO, D. F. L.; LIMA, C. L.; FERREIRA, M. E. A case study of masculinization of the feminine body and the incessant search for the perfect body. **The FIEP Bulletin**, v. 79, pp. 515-517, 2009.

ALMEIDA, M. Relativismo antropológico e objetividade etnográfica. IV Reunião de Antropologia do Mercosul, **Conferência**, Curitiba, 2001.

ALONSO, L. K. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, A. C. (Org.) **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física**. 1998. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

_____.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar e meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos feministas**, v.19, n. 2, p. 491-501, 2011.

AMARAL, A. V.; DIAS, C. A. G. Da praia para o mar: adesão à adesão e à prática do surfe. **Licere**, v. 11, n. 3, pp. 1-22, 2008.

AMEEL, L.; TANI, S. Parkour: creating loose spaces? **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 94, n. 1, pp. 17–30, 2012a.

AMEEL, L.; TANI, S. Everyday aesthetics in action: Parkour eyes and the beauty of concrete walls. *Emotion, space and society*, v. 5, n. 3, pp. 164-173, 2012b.

AMERICAN PARKOUR. **APK College Affiliate Program**. 2014. Disponível em: <<http://americanparkour.com/apk-u>>. Acesso em 10 de Junho de 2017.

_____. **Women’s Community**. 2016. Disponível em: <<http://americanparkour.com/women>>. Acesso em 10 de Junho de 2017.

ANDERSON, K. L. Snowboarding: the construction of gender in an emerging sport. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 23, n. 1, pp. 55-79, 1999.

ANDRADE JUNIOR, C. D.; SANTOS, G. N. P.; FERREIRA, A. C.; RIBAS, M. R.; BASSAN, J. C. Parkour: mensuração do metabolismo energético e morfofisiológico de seus praticantes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 22, n. 1, pp. 35-39, 2016.

ANDRADE, L. I.; CUNHA, F. P. **Esportes Urbanos em João Pessoa**. Relatório Final (Projeto de extensão do curso de Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2009.

ANDRADE, M. A. A. A identidade como representação e a representação de identidade. In: MOREIRA, A. S.P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000, pp.

ANGEL, J. M. **Cine Parkour: a cinematic and theoretical contribution to the understanding of the practice of parkour**. 2011. 235f. Tesis (Doctor of Philosophy) - Brunel University, Brighton/UK, 2011.

_____. **Breaking the Jump: the secret story of Parkour's high flying rebellion**. Reino Unido: Aurum Press, 2016.

ARAÚJO, K. T. **Representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres**: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade. 2015. 218p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BANDEIRA, M. M.; RUBIO, K. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 1, pp. 97-110, 2011.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, v. 6, n. 1, pp.173-187, 2012.

BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A.; SCHNEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, n. 16, pp. 89-99, 2013.

BERKELEY RESERACH. Judith Butler. **Berkeley Research**, University of California, 2018. Disponível em: <<https://vcresearch.berkeley.edu/faculty/judith-butler>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003, pp. 157-202.

BIEWENER, C.; BACQUÉ, M. Feminism and the Politics of Empowerment in International Development. **Air & Space Power Journal**, v. 1, pp. 1-18, 2015.

BIRKE, L. I. A.; VINES, G. A sporting chance: the anatomy of destiny? **Women's Studies**, v. 10, n. 4, pp. 337-347, 1987.

BLINDE, E. M.; TAUB, D. E.; HAN, L. Sport participation and women's personal empowerment: experiences of the college athlete. In: YIANNAKIS, A; MELNICK, M. J. (Orgs.). **Contemporary issues in sociology of sport**. Champaign/IL: Human Kinetics, 2001, pp. 159–168.

BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (Orgs.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1994, pp.127-138.

BRASIL. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília/DF: Ministério do Esporte, 2015.

BRADSHAW, A. Empowerment and sport feminism: a critical analysis. **International Sports Studies**, v. 24, n. 1, pp. 5-31, 2002.

BRAMBLE, D. M.; LIEBERMAN, D. E. Endurance running and the evolution of Homo. **Nature**, v. 432, pp. 345-352, 2004.

BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Revista Movimento**, v. 21, n. 2, pp. 521-532, 2015.

BRYSON, L. Sport and the maintenance of masculine hegemony. In: BIRREL, S.; COLE, C. L. **Women, sport and culture**. USA: Human Kinetics, 1994, pp. 47-64.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Making human beings human**: bioecological perspectives on human development. California: Sage Publications, 2005.

BUTLER, J. P. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York/EUA: Routledge, 1990.

_____. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAHN, S. K. **Coming on strong**: gender and sexuality in twentieth-century women's sports. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, pp. 513-518, 2013.

CAPUANO, C. A. A cidade da aventura. **Revista Família Aventura**, n. 17, pp. 24-45, 2000.

CARDOSO, F. L.; MARINHO, A. PIMENTEL, G. G. A. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 24, n. 4, pp. 597-608, 2013.

CARR, E. S. Rethinking empowerment theory using a feminist lens: the importance of process. **Affilia**, v. 18, n. 1, pp. 8–20, 2003.

CARR, J. N. Skateboarding in dude space: the roles of space and sport in constructing gender among adult skateboarders. **Sociology of Sport Journal**, v. 34, pp. 25-34, 2017.

CARVALO, A. C. G.; PAULA, K. C. de; AZEVEDO, T. M. C.; NÓBREGA, A. C. L. Relação entre flexibilidade e força muscular em adultos jovens de ambos os sexos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 4, n. 1, pp. 2-8, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas/SP: Papyrus, 1988.

CAVE, J. B.; RYAN, C. Gender in backpacking and adventure tourism. In: Symposium Consumer Psychology of Tourism, Hospitality and Leisure, 4., Montreal/Canadá, 2005. **Anais...** Montreal/Canada: 2005.

CHANG, H. H. Gender differences in leisure involvement and flow experience in professional extreme sport activities. **World Leisure Journal**, v. 59, n. 2, pp. 124-139, 2017.

CLEGG, J. L.; BUTRYN, T. M. An existential phenomenological examination of parkour and freerunning. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 4, n. 3, pp. 320-340, 2012.

COIMBRA, D. R.; BARA FILHO, M.; ANDRADE, A.; MIRANDA, R. Habilidades psicológicas de coping em atletas brasileiros. **Motricidade**, v. 9, n. 1, pp. 94-105, 2013.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, pp. 185-206, 1995.

_____. **Der gemachte mann:** konstruktion und krise von männlichkeiten. Opladen: Leske & Budrich, 1999.

CORTEZ, M. B., SOUZA, L. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, n. 2, pp. 171-180, 2008.

COSTA, A. A. Direito, Desconstrução e Justiça: reflexões sobre o texto Força de Lei, de Jacques Derrida. **Revista de Filosofia Jurídica e Teoria Constitucional**, v. 1, pp. 1-10, 2007.

COSTA, A. A. A. **As donas no poder:** mulher e política na Bahia. Salvador/BA: NEIM/UFBa - Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.

COSTA, A. M. N.; DIAS, D. R.; LUCCIO, F. Uso de entrevistas on-line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 1, pp. 36-43, 2009.

COSTA, R. G. C.; MADEIRA, M. Z. A.; SILVEIRA, C. M. H. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In: Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17., João Pessoa/PB. **Anais...** João Pessoa/PB: 2012.

COTTMAN, M. Fearless Women. **Essence**, v. 56, 2002.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na educação física escolar. **Motriz**, v. 15, n. 1, pp. 116-131, 2009.

CUNHA, S.; ALVES, A.; OLIVEIRA, E. Por que mulher não paga entrada de festa? Dialogando com Femvertising e a igualdade de gênero. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., Curitiba, 2017. **Anais...** Curitiba, 2017.

DERRIDA, J. **Adieu à Emmanuel Lévinas**. Paris: Galilée, 1997.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In.: ROMERO, E. (Org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas/SP: Papyrus, 1995, pp.

DAMO, A. S. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 39-72.

EDWARDS, D. **The Parkour and Freerunning handbook**. New York: HarperCollins, 2009.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FALCIANO, F. T. Geometria, espaço-tempo e gravitação: conexão entre conceitos da relatividade geral. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 4, pp. 01-10, 2009.

FARIA, J. Chega de Fiu Fiu: resultado da pesquisa. **A Olga**, 09 set. 2013. Disponível em: <http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>. Acesso em: 19 dez. 2017.

FASSHEBER, J. R. M. **Etno-Deposto Indígena**: a antropologia social e o campo entre os Kaingang. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FASTING, K. Sports and women's culture. **Women's Studies**, v. 10, n. 4, pp. 361-368, 1987.

FERNANDES, A. V.; GALVÃO, L. K. S. Parkour e valores morais: ser forte para ser útil. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, pp. 226-240, 2016.

FERNANDES, V. L. F. P. **Mulheres de ouro**: trajetória e representações de atletas de lutas. 2014. 188f. Dissertação (Mestrado em Movimento Humano e Cultura) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 03, 2013, p. 103-124.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 26, n. 1, pp. 21-29, 2015.

FERREIRA, L. F. S. **Corridas de Aventura**: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza. 2003. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FERREIRA, M.; BÖHME, M. T. S. Diferenças sexuais no desempenho motor de crianças: influência da adiposidade corporal. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 12, n. 2, pp. 181-92, 1998.

FERRO, L. Trajetórias, representações e contextos do parkour na cidade de Lisboa. In: Encontro Anual da ANPOCS, 31, Caxambu/MG, 2007. **Anais...** Caxambu/MG: 2007.

FIG, Fédération Internationale de Gymnastique. Official news: summary of decisions from the FIG Executive Committee. **FIG**, 24 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=1738>>. Acesso em 23 nov. 2017.

FIGUEIRA, M. L. M. **Skate para Meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2008. 247f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 41, pp. 239-264, 2013.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**, Dossiê: Educação Infantil e Gênero, v. 14, n. 42, pp. 89-102, 2003.

FLEURI, R. M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação e sociedade**, v. 27, n. 95, pp. 495-520, 2006.

FRANCO GARCÍA, M. **A luta pela terra sob enfoque de gênero**: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. 2004. 216 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2004.

FRAZÃO, D. P.; COELHO FILHO, C. A. A. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, v. 29, n. 1, pp. 149-158, 2015.

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra originalmente publicada em 1921).

FRIZZERA, M. P.; PAZÓ, C. G. Erotismo e beleza do corpo feminino objetificado: a publicidade de lingerie na construção das identidades das mulheres na história. In: Simpósio Nacional de História, 29, Brasília/DF, 2017. **Anais...** Brasília/DF: UNB, 2017.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault** - Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 231-249.

- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979.
- _____. **Vigiar e Punir**. 27 Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11 Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1993.
- _____. **Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 223-240.
- _____. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp. 234-239.
- _____. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FULL PARKOUR. Figures Techniques. **Full Parkour**, 2017. Disponível em: <<http://www.full-parkour.fr/pratique/>>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIUBERTI, A. C.; MENEZES-FILHO, N. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, v. 9, n. 3, pp. 369-384, 2005.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, pp. 85-100, 2005.
- _____. "Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness". **Estudos Feministas**, v. 10, pp. 6-15, 2006.
- _____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v.13, n. 02, pp. 171-196, 2007.
- _____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 28-40.
- _____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, pp. 71-83, 2010.
- _____; JAEGER, A. A.; FIGUEIRA, M. L. M. Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e do fisiculturismo no brasil. **Ex aequo**, n. 24, pp. 135-148, 2011.
- _____; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L.; FIGUEIRA, M. L. M. **Gênero e raça**: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do Esporte, 2009.

GOMES, E. M. P. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro/RJ: FAPERJ, 2008.

_____.; MOURÃO, L. A participação da mulher na administração do esporte nos países sul-americanos: o lugar da (in) exclusão social? **The FIEP Bulletin**, v. 75, pp. 138-142, 2005.

GONÇALVES, M. P.; BELO, R. P. Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. **PsicoUSF**, v. 12, n. 2, pp. 301-307, 2007.

GONZÁLEZ, F. J; FRAGA, A. B, **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim/RS: Edelbra, 2012

GOUVEIA, D. G. M. S. **Perfil e motivação dos turistas praticantes de surf na escolha do destino Algarve**. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Marketing Turístico) – Universidade do Algarve, Portugal, 2013.

GREENBERG, E. **How parkour coaches learn to coach: an exploration of parkour coach learning and development**. 2017. 153f. Dissertação (Master of Arts) – University of Ottawa, Canadá, 2017.

GUSS, N. Parkour and the multitude: politics of a dangerous art. **French Cultural Studies**, v. 22, n. 1, pp. 73–85, 2011.

HARGREAVES, J. Where's the virtue? Where's the grace? A discussion of the social production of gender relations in and through sport. **Theory, Culture & Society**, v. 3, pp. 109-121, 1986.

_____. **Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports**. London: Routledge, 1994.

_____. Women's boxing and related activities: introducing images and meanings. **Body & Society**, v. 3, n. 4, pp. 33-49, 1997.

HARRIS, J. **Diga-me com quem anda...** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HECKEMEYER, K. Soziale Anerkennung und persönlicher Gewinn im Fraueneishockey. **Zeitschrift des Interdisziplinären Zentrums für Frauen und Geschlechterforschung**, v. 22, n. 29, pp. 24-35, 2005.

HERRIGER, N. **Empowerment in der sozialen arbeit**. Alemanha: Eine Einfuhrung, 1997.

HILLE, K. "Gendered Exclusions": women's fear of violence and changing relations to space. **Geografiska Annaler**, v. 81, n. 2, pp. 111–124, 1999.

HUMAN DEVELOPMENT REPORT. Nova Iorque: United Nations Development Programme, 2016.

HUMBERSTONE, B. The 'outdoor industry' as social and educational phenomena: gender and outdoor adventure/education. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 1, n. 1, pp. 21-35, 2007.

JACQUES, M. Worshipping the body at alter of sport. **The Observer**, n. 13, pp. 18-19, 1997.

JAEGER, A. A; CANFIELD, M. S. Representação corporal das crianças e adolescentes em situação de rua. **Kinesis**, n. 24, pp. 11-34, 1984.

JANUÁRIO, S. B. Modos de Ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., Rio de Janeiro, 2015. **Anais...** Rio de Janeiro: 2015.

KIDDER, J. L. Parkour, masculinity, and the city. **Sociology of Sport Journal**, n. 30, pp. 1-23, 2013.

_____. **Parkour and the city: risk, masculinity, and meaning in a postmodern sport**. United Kingdom: Rutgers University Press, 2017.

KIMMEL, M. S. **The gendered story**. New York: Oxford University Press, 2008

KLEINDIENST-CACHAY, C; HECKEMEYER, K. Women in Male Domains of Sport. International. **Journal of Eastern Sports & Physical Education**, v. 4, n. 1, pp. 1-10, 2006.

KOSKELA, H. 'Gendered exclusions': women's fear of violence and changing relations to space. **Geografiska Annaler**, n. 2, pp.111-124, 1999.

KREIN, K.; WEAVING, C. Alternative chicks: examining women freeskiers and empowerment. **Revista de Filosofia, Ética y Derecho del Deporte**, v. 3, n. 2, pp. 1-23, 2015.

LAHLOU, S. Text mining methods: an answer to Chartier and Meunier. **Papers on Social Representations**, v. 20, n. 30, pp. 1-38, 2012.

LAMB, M. D. **Tracing the path of power through the fluidity of freedom: the art of parkour in challenging the relationship of architecture and the body and rethinking the discursive limits of the city**. 2011. 266f. Thesis (Doctor of Philosophy) - Bowling Green State University, Estados Unidos, 2017.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. Codo (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento** (pp. 10-19). São Paulo, SP: Brasiliense, 1984, pp. 78-98.

LAVOURA, T. N.; BOTURA, H. M. L.; MACHADO, A. A. Estudo da ansiedade e as diferenças entre gêneros em um esporte de aventura competitivo. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 3, pp. 74-81, 2006.

LAURENDEAU, J.; SHARARA, N. "Women could be every bit as good as guys": reproductive and resistant agency in two "action" sports. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 32, n. 1, 2008.

LESSA, P. A representação social da atleta e dos esportes sob o olhar lesbiano. **Revista Ártemis**, v. 4, pp. 1-13, 2006.

LIM, S. Y. **Examining women's experience of sport participation and (dis)empowerment**. 2015. 120f. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Faculty of the Graduate School, University of Texas, Austin, 2015.

LIMA, S.; GARCIA, S. Mexeu com uma, Mexeu com Todas. **Revista Época**, 13 abr. 2017. Disponível em: <http://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/04/mexeu-com-uma-mexeu-com-todas.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

LIU, L.; YIN, K.; PANNE, M.; GUO, B. Terrain runner: control, parameterization, composition, and planning for highly dynamic motions. **ACM Transactions on Graphics**, v. 31, n. 6, pp. 1-9, 2012.

LITTLE, D. E. Women and adventure recreation: reconstructing leisure constraints and adventure experiences to negotiate continuing participation. **Journal of Leisure Research**, v. 34, n. 2, pp. 157-178, 2002.

LOEFFLER, T. A. **Factors that influence women's career development in outdoor leadership**. Thesis (Ph.D) - University of Minnesota, Minneapolis, 1995.

_____. Assisting women in developing a sense of competence in outdoor programs. **Journal of Experiential Education**, v. 20, n. 3, pp. 119-123, 1997.

LOIS, J. Gender and emotion management in the stages of edgework. In: LYNG, S. (org). **Edgework: The sociology of risk taking**. New York, Routledge, pp. 117-152.

LOPES, F. H. Possibilidades de conexão Michel Foucault, relações de gênero e estudos queer. **Bagoas**, v. 11, n. 16, pp. 163-196, 2017.

LORD, J; HUTCHISON, P. The process of empowerment: Implication for theory and practice. **Canadian Journal of Community Mental Health**, v. 12, n. 1, pp. 5-22, 1993.

LORDÊLLO, A. F. **Abordagem histórico-crítica do parkour, seu processo de expansão e realidade na cidade de Salvador/BA**. 2011. 58f. Monografia

(Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2011.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. et al. (Org.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 07-18.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

LOUZADA, M.; VOTRE, S.; DEVIDE, F. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 28, n. 2, pp. 55-68, 2007.

LUCCHINI, M. L. Diferença e desigualdade: a influência do gênero nas brincadeiras escolares. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 13, n. 2, pp. 119-129, 2008.

MACCOBY, E. E.; JACKLIN, C. N. **The psychology of sex differences**. Califórnia: Sanford University Press, 1974.

MACHADO, F. H. **A criatividade produtiva e as ressonâncias emocionais das atividades físicas de aventura na natureza**. 2004. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2004.

MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAGAGNIN, R. C.; SILVA, A. N. R. A percepção do especialista sobre o tema mobilidade urbana. **Revista Transportes**, v. 16, n. 1, 2008.

MARINHO, A. Natureza, tecnologia e esporte: novos rumos. **Conexões**, v. 1, n. 3, pp. 33-41, 1999.

_____. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, v. 14, n. 2, pp. 181-206, 2008.

MARQUES, R. A. **Cidade Lúdica**: um estudo antropológico sobre as práticas de parkour em São Paulo. 2010. 96f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2003, pp.

MASCARENHAS, L. P. G.; SALGUEIROSA, F. M.; NUNES, G. F.; MARTINS, P. A.; NETO, A. S.; CAMPOS, W. de. Relação entre diferentes índices de atividade física e preditores de adiposidade em adolescentes de ambos os sexos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 4, pp. 214-218, 2005.

MCCLUNG, L.; BLINDE, E. Sensitivity to gender issues: Accounts of women intercollegiate athletes. **International Sports Journal**, pp. 117-133, 2002

MENDES, R. S.; VAZ, B. J. O.; CARVALHO A. F. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Gênero e Direito**, n. 3, pp. 88-99, 2015.

MIDOL, N.; BROYER, G. Towards an anthropological analysis of new sport cultures: the case of whiz sports in France. **Sociology of Sport Journal**, v. 12, pp. 204-212, 1995.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica nº 2/2017/GAB-DPDC/DPDC/SENACON**. Brasília/DF: 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/nota-tecnica-homem-mulher.pdf>. Acesso em 15 dez. 2017.

MIRANDA, J. Actividades físicas em la naturalesa: um objecto a investigar. dimensões científicas. **Apunts Educación Física y Deportes**, v. 41, pp. 53-59, 1995.

MODROÑO, C.; GUILLÉN, F. Anxiety characteristics of competitive windsurfers: relationships with age, gender, and performance outcomes. **Journal of Sport Behavior**, v. 34, n. 3, pp. 281-294, 2011.

MONTEIRO, M. V. P. **Educação física escolar e significados de gênero: uma pesquisa em uma escola estadual da cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro**. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. A construção identitária nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, v. 22, n. 69, pp. 339-359, 2017 .

MOSEDALE, S. Towards a framework for assessing empowerment. In: *New Directions in Impact Assessment for Development: Methods and Practice*, Manchester, 2003. **Conference...** Manchester: 2003.

MOURA, P. V.; SILVA, E. A. P. C.; SILVA, P. P. C.; FREITAS, C. M. S. M.; CAMINHA, I. O. O significado da dor física na prática do esporte de rendimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 4, pp. 1005-1019, 2013.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, n. 13, pp. 5-18, 2000,

NAZARIO, P. F.; CARUZZO, N. M.; LIMA, F. E. B.; SANTOS, V. A. P. S.; VIEIRA, J. L. L.; CONTREIRA, A. R. Níveis de motivação em nadadores: uma comparação em relação a auto eficácia, sexo e categorias da modalidade. **Revista Biomotriz**, v. 7, n. 1, pp. 29-41, 2013.

NEIRA, M. G. Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da educação física. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 9, n. 18, pp. 299-316, 2014.

NEIVA, G.; GOMES, E. M. P.; COSTA, J. S. Academias de ginástica só para mulheres: inovação ou tradição? In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15., Pernambuco, 2012. **Anais...** Pernambuco: 2007.

NEVES, I. C. O. A. Garotas nas aulas de Educação Física: suas atitudes e preferências. In: Fazendo Gênero: corpo, violência e poder, São Paulo, 2008. **Simpósio temático: Gênero e sexualidade nas práticas escolares**. São Paulo: UNESP, 2008.

OLIVEIRA, A. M. H. Indicadores da segregação ocupacional por sexo no Brasil. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 11., Minas Gerais, 1998. **Anais...** Minas Gerais: 1998.

OLIVEIRA, F. P. Inserção da mulher no ambiente desportivo. **Arquivos em movimento**, v. 2, n. 1, pp. 114-122, 2006.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, pp. 170-182, 2017.

_____; KOWALSKI, M. Fatores intervenientes à prática do mountain bike junto à natureza. **Estudos de Psicologia**, v. 30, n. 4, pp. 561-568, 2013.

PARKOUR FEMININO. Galeria. **Parkour Feminino Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://feminino.parkour.com.br/search/label/Galeria>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

PARKOUR GENERATIONS. **Parkour Generations**. 2017. Disponível em: <<http://parkourgenerations.com>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

_____. **Shirley Darlington-Rowat**. 2016. Disponível em: <<http://parkourgenerations.com/?team=shirley-darlington-rowat>>. Acesso em 07 de Novembro de 2016.

PAVLIDIS, A; FULLAGAR, S. The pain and pleasure of roller derby: Thinking through affect and subjectification. **International Journal of Cultural Studies**, v. 18, n. 5, pp. 01-27, 2014.

_____; _____. Women, sport and new media technologies: derby grrrls online. In: BENNETT, A; ROBARDS, B. (Orgs.). **Mediated youth cultures: the internet, belonging and new cultural configurations**. London: Palgrave MacMillan, 2014, pp.164-181.

PEREIRA, P. G. P. Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. **Estudos Feministas**, v. 17, n. 2, pp. 485-505, 2009.

PEREIRA NETO, G. P.; ABREU, E. S.; NASCIMENTO, J. F.; OLIVEIRA, B. N.; MACHADON, A. A. N. Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. **Licere**, v. 20, n.1, pp. 115-139, 2017.

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais. **Movimento**, v. 9, n. 2, pp. 11-35, 2003.

PEIXOTO, A. F.; NOBRE, B. P. R. A responsabilização da mulher vítima de estupro. **Revista Transgressões**, v. 3, n.1, pp. 227-239, 2015.

PERRIÈRE, C.; BELLE, D. **Des origine à la pratique Parkour**. França: Amphora, 2014.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003, pp.13-27.

PIMENTEL, G. G. A. Esporte na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, pp. 687-700, 2013.

PINHEIRO, R. S.; VIACAVAL, F.; TRAVASSOS, C.; BRITO, A. S. Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, pp. 687-707, 2002.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, pp. 15-23, 2010.

PISCITELLI, A. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. M. (Org.). **A Prática Feminista e o Conceito de Gênero**. Campinas/SP: IFCH/Unicamp, 2002.

PLATE, K. R. Rock climbing is a masculine sport? understanding the complex gendered subculture of rock climbing. In: ROBINSON, V. (Org.). **Special issue of sheffield online papers in social research, gender and extreme sports: The case of climbing**, n. 10, 2007, pp. 1-14.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. de. (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo/SP: Estação Liberdade, 1995.

POLLOCK, M. L.; WILMORE, J. K. **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação**. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 19, n. 3., pp. 205-214, 2014.

RAI, S. **Gender and the political economy of development: from nationalism to globalization**. Massachusetts: Polity Press, 2002.

REIS, M. L. Uma análise feminista da produção do espaço. **Espaço e Cultura**, n. 38, pp. 11-34, 2015.

REIS, V. Prefeitura inaugura primeiro centro de esportes radicais de SP neste sábado. **G1**, São Paulo, 26 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/prefeitura-inaugura-primeiro-centro-de-esportes-radicaais-de-sp-neste-sabado.html>>. Acesso em 21 nov. 2017.

REHBEIN, I. F. S. **Proposta metodológica para ensino de parkour**. 47f. 2013. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2013.

RINGER, T. M. **Group action: the dynamic of groups in therapeutic, educational and corporate settings**. London: Jessica Kingsley, 2002.

SABINO, C. Lógica da diferença e androlatria: o caso das mulheres das academias de musculação. **Enfoques**, v. 2, n. 1, pp. 02-28, 2003.

_____; LUZ, M. T. Ritos da forma: a construção da identidade fisiculturista em academias de musculação na cidade do rio de janeiro. **Arquivos em movimento**, v. 3, n. 1, pp. 51-68, 2007.

SARDENBERG, C. M. B. Liberal vs Liberating Empowerment: Conceptualising Women's Empowerment from a Latin American Feminist Perspective. **Pathways of Women's Empowerment**, Pathways Working Paper 7, 2009.

SAMPAIO, S. S. A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault. **Revista Katálysis**, v. 14, n. 2, pp. 222-229, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. (Org). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, pp.

SANTOS, A. K.; DIAS, A. M. Comportamentos lúdicos entre crianças do nordeste do Brasil: categorização de brincadeiras. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 4, pp. 585-594, 2010.

SANTOS, E. S. S.; LEIRO, A. C. R. **Políticas Públicas de esporte e lazer: diálogos**. Petrolina/PE: UNIFASV, 2015.

SARDENBERG, C. M. B. Conceituando "empoderamento" na perspectiva feminista. In: Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 1., Salvador, 2006. **Anais...** Salvador: NEIM/UFBA, 2006.

SAVILLE, S. J. Playing with fear: parkour and the mobility of emotion. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 8, pp. 891-914, 2008.

SCHOUTEN, J.; ALEXANDER, J. Subcultures of consumption: an ethnography of the new bikers. **Journal of Consumer Research**, v. 22, n. 1, pp. 43-61, 1995.

SCHMALZ, D.; KERSTETTER, D. Girlie girls and manly men: Children's stigma consciousness of gender in sports and physical activities. **Journal of Leisure Research**, v. 38, n. 4, pp. 536-557, 2006.

SCHWARTZ, G. M.; FIGUEIREDO, J. P.; PEREIRA, L. M.; CHRISTOFOLETTI, D. A.; DIAS, V. K. Preconceito e esportes de aventura: a (não) presença feminina. **Motricidade** v. 9, n. 1, pp. 57-68, 2013.

_____; KAWAGUTI, C. N.; TAVARES, G. H.; TEODORO, A. P. E. G.; TREVISAN, P. R. T. C. Gênero e atividades de aventura Em Periódicos internacionais de ciências humanas. **Impulso**, v. 20, n. 50, pp. 63-72, 2010.

SCOPEL, A. J. S. G; COUTO, A. C. P. Usos e apropriações do espaço: um estudo do skate no Parque da Juventude. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), 25., Ouro Preto/MG, 2013. **Anais...** Ouro Preto/MG: 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n. 2, pp. 05-22, 1990.

SEE & DO. About. **See & Do**. 2017. Disponível em: <<http://www.see-do.com/about>>. Acesso em 15 de Julho de 2017.

SILVA, T. M. B., COSTA, A. M.; CARVALHO, J. L. F. Resistência ao consumo em um circuito urbano de Parkour. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 8, n. 22, pp. 119-146, 2011.

SILVA, R. L.; MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 10, n. 84, pp. 01-07, 2005.

SIMÕES, A. C. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte**: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003.

SHAW, S. M. Conceptualizing resistance: women's leisure as political practice. **Journal of Leisure Research**, v. 33, n. 2, pp. 186-201, 2001.

SMITH, N. **Geografia, diferencia y políticas de escala**. São Paulo: AGB, 2002.

SOARES, C. L. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, pp. 21-39, 2003.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Editora Cultrix, 2017a.

_____. **A mãe todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras. 2017b.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos cedes**, v. 19, n. 48, pp. 52-68, 1999.

SOUZA, G. S.; DUARTE, M. F. S. Estágios de mudança de comportamento relacionados à atividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 5, 2005.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, pp. 35-48, 2007.

SOUZA, M. J. L. A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial. **Revista Território**, v. 1, n. 1, pp. 5-22, 1996.

STAPLETON, S.; TERRIO, S. Le Parkour: urban street culture and the commoditization of male youth expression. **International Migration**, v. 50, n. 6, p. 18-27, 2012.

STAGI, L. Crossing the symbolic boundaries: parkour, gender and urban spaces in Genoa. **Modern Italy**, v. 20, n. 3, pp. 295-305, 2015.

STAHLBERG, L. T. Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2011.

STEBBINS, R. A. **The Idea of Leisure**: first principles. New Jersey: Transaction, 2012.

STERNBERG, R. J.; KOLLIGIAN, J. **Competence considered**. New Haven: Yale University Press, 1990.

STRAMANDINOLI, A. L. M.; REMONTE, J. G.; MARCHETTI, P. H. Parkour: história e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, pp. 13-25, 2012.

STROMQUIST, N. P. Education as a means for empowering women. In: PARPAT, J.; RAI, S.; STAUDT, K. (Orgs.). **Rethinking empowerment**: gender and development in a global/local world. London: Routledge, 2002, pp.22-38.

STODDART, M. C. Constructing masculinized sportscares: skiing, gender and nature in British Columbia, Canada. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 1, 2011.

STOLZ, S. A ordem do discurso e suas relações com o poder: vertigem e quebra de certezas. **JURIS**, v. 13, pp. 159-176, 2008.

SUMMERFIELD, L. M. Women and physical recreation: a brief summary of research. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 61, n. 1, pp. 57-59, 1990.

TAHARA, A. K. **A aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer**. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

_____; CARNICELLI FILHO, S. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática. **Movimento**, v. 15, n. 3, pp. 187-208, 2009.

TENÓRIO, M. C. **Atividades físicas e comportamentos sedentários em adolescentes**: estudo transversal com estudantes da rede pública de Pernambuco. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Camaragibe, 2005.

_____; TASSIANO, R. M.; BEZERRA, J. Atividade física e adolescentes. In: BARROS, M. V. G.; CATTUZO, M. T. (Orgs.). **Atualização em atividade física e saúde**. Recife: EDUPE, 2009, pp. 211-232.

THEBERGE, N. Sport and Women's Empowerment. **Women's Studies**, v. 10, n. 4, pp. 387-393, 1987.

THIBAUT, V. **Parkour and the art du déplacement**: strength, dignity, community. Montréal/CAN: Baraka Books, 2014.

THIEF, S. **Intro to Parkour**: guide compilation. 2012. Disponível em: <<http://nightops.net>>. Acesso em 20 de Outubro de 2016.

THOMAS, E; BIANCO, A.; MANCUSO, E.P.; PATTI, A.; TABACCHI, G.; PAOLI, A.; MESSINA, G.; PALMA, A. The effects of a calisthenics training intervention on posture, strength and body composition. **Isokinetics and Exercise Science**, v. 25, n. 3, pp. 215-222, 2017.

THORNE, B. **Gender play**: girls and boys in school. New Jersey/USA: Rutgers University Press, 1993.

THORPE, H. Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: a case of masculinities in the snowboarding field. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 34, n. 2, pp. 176-214, 2010.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos pagu**, n. 24, pp.127-152, 2005.

TORRES, I. C. A perspectiva de poder em Foucault e suas conexidades com as relações de gênero. **Pensamento e realidade**, n. 9, pp. 77-88, 2001.

TRACER. Equipe. **Tracer**, 20 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.tracer.com.br/equipe/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

TRAVASSOS, C. VIACAVA, F.; PINHEIRO, R.; BRITO, A. Utilização dos serviços de saúde no Brasil: gênero, características familiares e condição social. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 11, n. 5/6, pp. 365-373, 2002.

TSAI, C. T. L. The power game: cultural influences on gender and leisure. **World Leisure Journal**, v. 52, n. 2, pp. 148-156, 2010.

UVINHA, R. R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo. Manole, 2001.

VAGO, T. M. **Das escrituras à escola pública**: a educação física nas séries iniciais do 1º grau. 1993. 252f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

VÁGULA, S.; SOUZA, V. F. M.; PIASECKI, F.; MAIA, M. A. C.; PEREIRA, V. R. Análise comparativa da motivação entre atletas de voleibol de um município do noroeste do Paraná. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 7, pp. 94-99, 2008.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, pp. 265-283, 2009.

VINTÉM, J. M. Inquéritos Nacionais de Saúde: auto-percepção do estado de saúde: uma análise em torno da questão de gênero e da escolaridade. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 26, n. 2, pp. 05-16, 2008.

VLASTUIN, J. **As “donas da quadra”**: leitura sociológica das unidades geracionais olímpicas do voleibol feminino no Brasil (1980-2008). 2013. 217f. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2013.

WEINECK, J. **Manual de Treinamento Esportivo**. São Paulo: Editora Manole, 2003.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 4 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WFPP, World Freerunning and Parkour Federation. **Lady WFPP**. 2016. Disponível em: <<http://www.wfpp.com/lady-wfpp>>. Acesso em 07 de Novembro de 2016.

_____. **WFPP Affiliate Database**. 2017. Disponível em: <<http://www.wfpp.com/affiliate-database>>. Acesso em 10 de Junho de 2017.

WHEATON, B. **Consumption, lifestyle and gendered identities in post-modern sports**: the case of windsurfing. Thesis (Ph.D.) - University of Brighton, Inglaterra, 1997.

_____. Parkour, gendered power and the politics of identity. In: THORPE, H.; OLIVE, R. **Women in Action Sport Cultures**. Londres: Palgrave Macmillan, pp. 111-132, 2016.

_____; THORPE, H. **Youth perceptions of the Olympic Games**: attitudes towards action sports at the YOG and Olympic Games. Nova Zelândia: University of Waikato, 2016.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 35-82.

WHITE, R. W. **Lives in progress**: a study of the natural growth of personality. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

WILDE, K. Women in Sport: Gender Stereotypes in the Past and Present. **Women's & Gender Studies**, pp. 1-10, 2007.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap** 2015. 2015. Disponível em <<http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2015/economies/#economy=BRA>>. Acesso em 20 de Maio de 2016.

XIMENES, J. J.; MATOS, R. S. Concepção dos conceitos de tempo e espaço nas visões clássica e moderna da Física. **Estação Científica** (UNIFAP), v.3, n. 1, pp. 47-54, 2013.

YOUNG, I. M. The exclusion of women from sport: conceptual and existential dimensions. In: DAVIS, P.; WEAVING, C. (Orgs.). **Philosophical perspectives on gender in sport and physical activity**. London: Routledge, 2010, pp. 13-21.

APÊNDICES



APENDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – COPEP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **Transpondo muros socioculturais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no parkour**, que faz parte do curso de Pós-Graduação em Educação Física e é orientada pelo Prof. Giuliano Gomes de Assis Pimentel da Universidade Estadual de Maringá.

O objetivo da pesquisa é investigar a participação da mulher no *parkour*, as representações da mulher na modalidade e os grupos de treinos direcionados para as mulheres. Para isto, a sua participação é muito importante, e ela se dará por meio de uma entrevista com questões subjetivas sobre sua vivência no *parkour*. Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos como constrangimento ou timidez. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. A entrevista será gravada em gravador de áudio e você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Esse estudo pretende contribuir com a modalidade e com a visibilidade das *trapeuses*.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode contatar no endereço abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____, declaro que fui informado (a) sobre o estudo “Transpondo muros socioculturais: a participação da mulher no *parkour*” e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Local: _____. Data: ____/____/_____.

Assinatura do Colaborador/a

Eu, Alessandra Vieira Fernandes, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Assinatura do Pesquisador/a

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:
COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

APENDICE B: Roteiro de entrevista semiestruturada para *traceuses*.

Roteiro de entrevista semiestruturada para *traceuses*

1. Como e por que você começou a treinar *parkour*?
2. O *parkour* te proporciona mudanças físicas, psicológicas e sociais?
3. Você percebe diferença entre as habilidades de homens e mulheres no *parkour*?
4. Há diferenças na forma de se relacionarem no grupo?
5. Como você foi recebida pelo grupo?
6. Quais os fatores que te motivam na prática? E os que te desmotivam?
7. Você se sente “incentivada” ou “valorizada” pelo grupo o qual você treina?
8. Você já vivenciou ou presenciou atitudes de exclusão ou preconceito dentro do *parkour* em relação às mulheres?
9. O que você atribui como causas da pouca participação feminina no *parkour*?
10. Você acha necessário o incentivo da participação feminina no *parkour*?
O que você sugere para incentivar essa participação?
11. Você treina ou conhece algum grupo de treino direcionado para as mulheres?
OBS: Se não, vá para a questão 14:
12. Como e por que surgiram esses grupos?
13. Como o/a(s) praticantes de *parkour* local “reagem” e “percebem” esses grupos?
14. O que motiva as mulheres para treinar nesses grupos?
15. Existem diferenças no tipo de treino nesses grupos e nos grupos comuns “mistos”/treinos gerais? E nas relações entre os praticantes?

Outras perguntas realizadas:

- Porque as habilidades entre os homens e as mulheres são diferentes?
- Porque você não se sente incentivada pelo grupo?
- O que seria necessário para ampliar a participação das mulheres no *parkour*?
- Quem guiava os treinos direcionados?
- Como se dava a dinâmica dos treinos direcionados?
- Quem participava desses treinos?
- Porque os meninos não aprovavam o desenvolvimento dos treinos direcionados?
- Quais atitudes deles interferiram nos treinos direcionados?

APENDICE C: Roteiro de entrevista semiestruturada para *tracers*.

Roteiro de entrevista semiestruturada para *tracer*

1. Como e por que você começou a treinar *parkour*?
2. O *parkour* te proporciona mudanças físicas, psicológicas e sociais?
3. Você percebe diferenças entre as habilidades de homens e mulheres no *parkour*?
4. Há diferenças na forma de se relacionarem no grupo?
5. Quais os fatores que motivam a participação e a permanência das mulheres no *parkour*? E os fatores que desmotivam?
6. Como o grupo “recebe” as mulheres que se interessam pelo *parkour*?
7. Você percebe se existe incentivo do seu grupo em relação às praticantes?
8. O que você atribui como causas da pouca participação feminina no *parkour*?
9. Você já agiu, presenciou ou acredita que existem atitudes de exclusão ou preconceito dentro do próprio grupo em relação às mulheres?
10. Você acha necessário o incentivo da participação feminina no *parkour*? O que você sugere para incentivar essa participação?
11. Você treina/treinou ou conhece algum grupo de treino direcionado para as mulheres?
OBS: Se não, vá para a questão 14:
12. Como e por que surgiram esses grupos?
13. O que motiva as mulheres para treinar nesses grupos?
14. Existem diferenças no tipo de treino nesses grupos e nos grupos comuns “mistos”/treinos gerais? E nas relações entre os praticantes?

Outras perguntas realizadas:

- Por que as habilidades entre os homens e as mulheres são diferentes?
- Como você percebe a reação das mulheres frente essas atitudes de exclusão ou preconceito?
- De que forma você ajudava as meninas?
- Existe uma forma de ensinar *parkour* às meninas e outra de ensinar aos meninos?
- Todos poderiam participar dos treinos direcionados?
- Por que você não se interessou em participar desses treinos direcionados?
- Por que você não aprovava o desenvolvimento dos treinos direcionados?
- Você sabe como se dava a dinâmica dos treinos direcionados?

APENDICE D: Roteiro de observação de campo.

Observação			
1. CARACTERIZAÇÃO			
c) Local:		b) Data:	Início às até
d) Treino misto ()	Treino direcionado para as mulheres ()		
e) Total de praticantes:	Faixa etária:		Sexo:
f) Facilitador do treino:			
ASPECTOS GERAIS - CARACTERIZAÇÃO DOS PRATICANTES			
Vestimenta	Linguagem	Comportamento	Interação
2. TREINO			
PARTE INICIAL			
Conteúdo	Estratégia metodológica	Recursos	Interação e atitudes entre os/as praticantes
PARTE PRINCIPAL/TÉCNICA			
Conteúdo	Estratégia metodológica	Recursos	Interação e atitudes entre os/as praticantes
PARTE FINAL			
Conteúdo	Estratégia metodológica	Recursos	Interação e atitudes entre os/as praticantes
OBSERVAÇÕES DE INTECORRÊNCIAS:			